



Universidade de Brasília
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-Graduação em Literatura

Janderson Silva Santos

**A POÉTICA SOCIAL DE ADEMAR BOGO: DIALÉTICA ENTRE PRODUÇÃO
LITERÁRIA E MILITÂNCIA POLÍTICA**

Brasília – DF

2019



Janderson Silva Santos

**A POÉTICA SOCIAL DE ADEMAR BOGO: DIALÉTICA ENTRE PRODUÇÃO
LITERÁRIA E MILITÂNCIA POLÍTICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Teorias Literárias e Literatura – Poslit – TEL, como forma de cumprimento das exigências para obtenção do título de Doutor em Literatura e práticas sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Simões Pilati

Brasília – DF

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SSA237p SANTOS, Janderson Silva
A POÉTICA SOCIAL DE ADEMAR BOGO: DIALÉTICA ENTRE PRODUÇÃO
LITERÁRIA E MILITÂNCIA POLÍTICA / Janderson Silva SANTOS;
orientador Alexandre Simões PILATI. -- Brasília, 2019.
p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Literatura Brasileira. . 2. Poesia social. . 3.
Estética. . 4. Política.. 5. Utopia.. I. PILATI, Alexandre
Simões, orient. II. Título.

TESE INTITULADA: **“A POÉTICA SOCIAL DE ADEMAR BOGO: DIALÉTICA ENTRE PRODUÇÃO LITERÁRIA E MILITÂNCIA POLÍTICA”** DE AUTORIA DE JANDERSON SILVA SANTOS, APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA DO DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR, APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA CONSTITUÍDA PELOS SEGUINTESS PROFESSORES:

Prof. Dr. Alexandre Simões Pilati (orientador)

Prof.^a Dr.^a Ana Laura dos Reis Corrêa (Membro Interno)

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas (Membro Externo)

Prof. Dr. Fabiano Costa Vale (Membro Externo)

Prof. Dr. Bernard Herman Hess (Suplente)

Brasília – DF
2019

*Aos meus pais: **Joaquim e Detinha** pelo amor irrestrito;
A meu irmão **Nilson** pelo amor fraterno;
E a **Anabela** pelo amor companheiro.*

AGRADECIMENTOS

À classe trabalhadora, que nas longas caminhadas luta pela emancipação;

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra por nos mostrar a força de um povo organizado;

Aos professores do Campus – X, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em especial aos que organizaram e atuaram na consolidação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA que permitiu a realização do curso de Licenciatura Letras da Terra, por onde principia nossas pesquisas pelo universo literário;

À Universidade de Brasília que foi parceira na socialização do conhecimento;

A todos os professores e professoras da Linha de pesquisa Crítica Literária Dialética, que se empenharam na socialização e produção do saber histórico.

*Se o mundo ficar pesado
Eu vou pedir emprestado
A palavra **POESIA***

*Se o mundo emburrecer
Eu vou rezar pra chover
A palavra **SABEDORIA***

*Se o mundo andar pra trás
Vou escrever num cartaz
A palavra **REBELDIA***

*Se a gente desanimar
Eu vou colher no pomar
A palavra **TEIMOSIA***

*Se acontecer afinal
De entrar em nosso quintal
A palavra **tirania***

*Pegue o tambor e o ganza
Vamos pra rua gritar
A palavra **UTOPIA***

Jonathan Silva

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a problematização da arte literária como força de crítica social e projeção de possibilidades futuras mediadas pela luta política. Serão estudados os livros de Ademar Bogo: *O vigor da mística* (2002), *Identidade e luta de classes* (2008), *Organização política e Política de quadros* (2011); e seus poemas: “Sábio comunista” “Terra sertaneja”, “Profeta da dialética” “Hino do MST”, entre outros. Analisaremos também os poemas “Operário ao Mar” e “Morte do Leiteiro” de Drummond; *Morte e vida Severina* de Cabral; “O açúcar” de Gullar para debatermos tradição da poesia engajada brasileira a partir desses autores e obras. Os objetivos da tese são: fazer um estudo sobre a configuração da lírica na poesia social de Bogo, abarcando ações éticas, políticas e estéticas dentro de um marco histórico do sistema literário brasileiro a partir de elementos modernistas e contemporâneos; compreender a atualidade do conceito de poesia engajada/participante; analisar em que medida a poesia participante e encomiástica elaborada por Ademar Bogo pode estabelecer um diálogo com outros extratos sociais e cumprir com sua função estética; situar o poeta como intelectual que contribuiu no debate acerca da organização da cultura no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST de onde partem a sua postura crítica em relação à forma social capitalista e a defesa da retomada da luta popular pela forma social comunista como processo de emancipação humana. O estudo busca identificar em que medida o elemento sociocultural e filosófico se estabelece na estruturação poética de Bogo e quais são as mediações entre elaboração estética e participação política na problematização, interpretação e figuração estética da realidade nacional. Para isso, serão discutidos também aspectos do pensamento de Bogo e a atualidade da concepção dialética de Utopia e de Mística como categorias críticas inseridas na produção artística e filosófica do objeto da pesquisa. Para isso, o referencial teórico metodológico é o Materialismo Histórico Dialético. Nessa perspectiva crítica, as categorias precisam emergir das determinações da própria obra de arte, apresentadas e condensadas na vida humana e referidas às ações cotidianas. Os principais teóricos estudados são Marx/Engels (2010) e Lukács (2010), Antonio Candido (1996), Celso Frederico (1997) entre outros. Nossa hipótese é que a questão estética quase sempre precede a questão política, no entanto, no caso de Ademar, a configuração filosófica é determinante para ordenar a forma estética. Assim, no primeiro capítulo apresentaremos a elaboração filosófica de Ademar Bogo como um ponto de partida para a interpretação de sua poesia, sua visão de mundo e atuação política figurada na relação da voz lírica com as personagens populares. No segundo capítulo, será discutida a atualidade da concepção da mística e da utopia crítica como categoria de análise na configuração dos poemas. No terceiro capítulo, discutiremos a tradição da poesia participante/engajada problematizando a questão da alienação do trabalho, a propriedade privada e a produção de mercadorias figuradas nas obras poéticas. No quarto capítulo, retomaremos a organização da poesia participante em Ademar Bogo tendo como eixo estrutural o discurso político, a práxis filosófica e a criação literária.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Poesia social. Estética. Política e Utopia.

ABSTRACT

The present work has as its theme the problematization of literary art as a force of social criticism and projection of future possibilities mediated by the political struggle. Will be studied the books of Ademar Bogo: *The vigor of the mystic* (2002), *Identity and class struggle* (2008), *Political organization and Policy of cadres* (2011); and his poems: "Communist sage" "Terra sertaneja", "Prophet of the dialectic" "Hymn of the MST", among others. We will also analyze the poems "Worker to the Sea" and "Death of the Milkman" by Drummond; *Death and life Severina de Cabral*; "The sugar" of Gullar to discuss tradition of the Brazilian engaged poetry from these authors and works. The objectives of the thesis are: to study the configuration of the lyric in the social poetry of Bogo, including ethical, political and aesthetic actions within a historical frame of the Brazilian literary system from modernist and contemporary elements; understand the current relevance of the concept of engaged / participant poetry; to analyze the extent to which participant and praxistic poetry by Ademar Bogo can establish a dialogue with other social extracts and fulfill their aesthetic function; to situate the poet as an intellectual who contributed to the debate about the organization of culture in the Landless Workers' Movement (MST), from which their critical position in relation to the capitalist social form and the defense of the resumption of the popular struggle for the communist social form as a process of human emancipation. The study seeks to identify the extent to which the sociocultural and philosophical element is established in the poetic structure of Bogo and what are the mediations between aesthetic elaboration and political participation in the problematization, interpretation and aesthetic figuration of the national reality. To this end, aspects of Bogo's thought and the actuality of the dialectical conception of Utopia and Mysticism as critical categories inserted in the artistic and philosophical production of the object of the research will also be discussed. For this, the methodological theoretical reference is the Historical Materialism Dialectic. In this critical perspective, categories need to emerge from the determinations of the work of art, presented and condensed in human life and referred to daily actions. The main theorists studied are Marx / Engels (2010) and Lukács (2010), Antonio Candido (1996), Celso Frederico (1997) and others. Our hypothesis is that the aesthetic question almost always precedes the political question, however, in the case of Ademar, the philosophical configuration is determinant to order the aesthetic form. Thus, in the first chapter we present the philosophical elaboration of Ademar Bogo as a starting point for the interpretation of his poetry, his vision of the world and political action figured in the relationship of the lyrical voice with the popular characters. In the second chapter, we will discuss the actuality of the conception of the mystic and the critical utopia as a category of analysis in the configuration of the poems. In the third chapter, we will discuss the tradition of participant / engaged poetry by problematizing the issue of the alienation of labor, private property and the production of commodities figured in poetic works. In the fourth chapter, we will return to the organization of poetry that participates in Ademar Bogo, having as its structural axis political discourse, philosophical praxis and literary creation.

Keywords: Brazilian Literature. Social poetry. Aesthetics. Politics and Utopia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	20
1. ADEMAR BOGO – ENTRE A TEORIA E A ARTE – UMA INTERPRETAÇÃO DAS LUTAS E SUAS CLASSES	20
1.1 Consciência estética e política na formação da identidade de classe	20
1.1.1 Engajamento político e arte na luta de classes	29
1.1.2 Alienação e consciência na práxis política e artística	34
1.1.3 A arte na luta de classes: Propaganda política ou Criação estética?	38
1.1.4 A ação política no século XXI	50
1.1.5 Consciência política e estética na formação dos Movimentos populares	59
1.1.6 Luta política e emancipação	68
1.1.7 Configuração filosófica na criação poética de Ademar Bogo: um elemento de interpretação da luta popular.....	70
1.2 Elaboração teórica e poética em Ademar Bogo: Um elemento de interpretação crítica.....	73
CAPÍTULO 2	78
2. MÍSTICA E ESTÉTICA: O POEMA COMO REPRESENTAÇÃO UTÓPICA	78
2.1 Ensaio para uma cultura socialista: A práxis da mística	78
2.2 A Utopia crítica moderna como expressão do Socialismo científico crítico ..	82
2.3 Três partes constitutivas da mística como elemento histórico	100
2.4 Interpretação e projeção da luta de classes na criação poética	111
2.4.1 Transfiguração do instrumento de luta em força estética	113
2.4.2 Transfiguração estética do indivíduo ao sujeito coletivo no poema.....	126

2.4.3	Organização política e educação dos sentidos na constituição do poema.	131
2.5	A mística como forma estética e a arte como conteúdo da utopia	135
CAPÍTULO 3		141
3. ADEMAR BOGO E A TRADIÇÃO POÉTICA: MEDIAÇÕES ENTRE INTERVENÇÃO POLÍTICA E CRIAÇÃO ESTÉTICA		141
3.1	Entre a história e a política: Crítica e construção estética	142
3.2	Suspensão do diálogo em Drummond	150
3.3	Severinos: Entre substância e adjetivação, uma consciência dilacerada	158
3.4	Engajamento: Um processo político no estético	174
3.5	Configuração política da estética: Um poema de Ademar Bogo	182
3.6	Configuração da voz lírica e dos personagens populares	196
CAPÍTULO 4		198
4. ARTE E VIDA COTIDIANA NA POESIA DE ADEMAR BOGO		198
4.1	Consciência estética como princípio de organização política	199
4.2	A transfiguração da morte em símbolo da ética revolucionária	210
4.3	Ação ética na poesia de Ademar Bogo	218
4.4	Imagem e ideologia	230
4.5	Ambiente sociocultural e figuração poética	238
4.6	Figuração estética da organização e luta popular	247
CONSIDERAÇÕES FINAIS		250
REFERÊNCIAS		260
APÊNDICE A – Poemas de Ademar Bogo		263
APÊNDICE B – Entrevista com Ademar Bogo		309

INTRODUÇÃO

***Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular.
Ademar Bogo***

O presente trabalho nasce da inquietação acerca da militância política de Ademar Bogo em relação a sua produção estética. Ademar Bogo é filósofo, poeta e Doutor em filosofia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Foi por décadas um importante pensador orgânico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Participou da criação do MST na década de 1980 e teve a tarefa de pensar e elaborar formas que compõem a estrutura organizacional do Movimento. Foi também responsável por grande parte da sistematização do conceito de Cultura¹ e de Mística, pela qual a Organização, no início de sua formação, se constituía.

O interesse pela poética de Bogo surge com os estudos no Grupo de Pesquisa de Literatura e Modernidade Periférica, onde pude observar a partir das leituras dos críticos literários a relação entre particularidade e totalidade inserida no conjunto da obra como forma organizadora de representação e interpretação de uma visão social.

Com isso, comecei a questionar a relação entre consciência política e produção artística e como a configuração política é estruturada como eixo condutor de uma obra em termos de forma estética e literária.

Desses questionamentos nasceu a ideia de produzir a tese pensando em compreender as relações entre luta popular e estética. Essa perspectiva não é nova na tradição brasileira, mas, no caso do nosso sujeito da pesquisa e de sua obra, não encontramos atualmente fortuna crítica que possa ser referendada pela crítica dialética.

¹ Ao longo do anos, muitos pesquisadores e escritores continuaram abordando questões de cultura e arte dentro da organização do MST, tais como: Roseli Caldart e Rafael Litvin Villas Bôas.

Nossa proposta foi compreender o conceito de engajamento participante da poesia na atualidade, buscando apresentar, na configuração das obras, a mediação entre estética e política que represente e interprete a ordenação formal dos poemas.

Escolhemos alguns poemas de Ademar Bogo para direcionar nossos estudos. Partimos do princípio de que a organização estética precede a questão política, o que, em Ademar Bogo, fica mais complicado de se comprovar, pois o poeta é um militante político e sua temática primeira é a luta de classes.

Tentamos apresentar no trabalho vários aspectos, não de modo progressivo-linear, mas sim buscando apresentar como sendo mais ou menos autônomas as relações entre poema e poeta, conteúdo e forma, estética e política, filósofo e poeta.

Assim, enveredamos pelas complexas artimanhas da arte poética e da crítica literária inseridas na realidade da luta popular. Uma categoria que estará presente em nossas análises é a Utopia da emancipação humana que perpassam a interpretação de como os poetas antecipam uma realidade que, para ser universal, exige tanto o compromisso estético quanto o político.

Com o processo de luta pela redemocratização do Brasil, depois de 20 anos de uma ditadura civil militar, foi ressurgindo no país, a partir da década de 80 do século XX, uma reorganização consistente das organizações de esquerda. Como exemplo disso, temos o Partido dos Trabalhadores – PT, atuando no campo político partidário e disputando eleições diretas; a Central Única dos Trabalhadores – CUT organizando principalmente os trabalhadores urbanos e unificando os sindicatos; e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST², colocando em pauta a luta pela Reforma Agrária e pelas transformações sociais.

Falaremos com mais destaque deste último que, com uma concepção mais ampla sobre a luta social, busca organizar a classe trabalhadora do campo numa perspectiva que vai além da luta imediata pela conquista da terra, configurando uma

² O MST entra em nossa tese como referência de organização e atuação política em que Ademar Bogo, enquanto militante que ajudou em sua fundação, pode sistematizar uma considerável elaboração teórica acerca da formação filosófica, política, cultural e artística. Nosso objeto principal é a obra poética e a concepção teórica de Ademar Bogo, por isso não adentraremos em outros teóricos que abordam questões similares dentro da Organização.

organização social que tenta radicalizar o modo peculiar de organicidade interna e de concepção política e cultural.

Ao longo de mais de três décadas, a partir de sua formação, o MST se constituiu como um dos maiores Movimentos Sociais do mundo, por estabelecer como pilares centrais de sua organização a luta de classes e a reorganização cultural dos trabalhadores pelo enfrentamento das estruturas latifundiárias do campo brasileiro configuradas, na atualidade, pela propriedade privada da terra e pelo Capital financeiro do agronegócio.

É neste terreno social, político e cultural que se forma o poeta, filósofo e militante popular Ademar Bogo, o qual herda das Comunidades Eclesiais de Base – CEB's ligadas à Igreja Católica uma vasta experiência de organização popular que irá reverberar na sua construção filosófica e poética. Bogo, assim, vai se destacando como um dos principais pensadores orgânicos do MST e da Classe Trabalhadora.

Ademar Bogo possui dezenas de livros publicados, entre eles: *Gerações: coletânea de poesias* (2002) lançada pelo Caderno de Cultura nº 1 – MST; *O Vigor da Mística* (2002) publicado pela ANCA/SP; o romance *Arquitetos de sonhos* (2003) e o livro filosófico *Identidade e Luta de Classes* (2011), todos publicados pela editora Expressão Popular. Bogo também possui uma coletânea de cartas filosóficas reunidas no livro *Cartas de Amor* (2004), publicadas pelo ITERRA. Bogo escreveu ainda *A linguagem das Mercadorias em Marx* (2015), publicado pela Editora Consequência e *Marx e a superação do Estado* (2018), lançado pela Expressão Popular.

Este é o ponto de partida de nossa investigação sobre a criação poética de Ademar Bogo. Tentamos entender como a poesia participante, elaborada pelo poeta com objetivos políticos e intrinsecamente envolvida com a luta popular, pode, ao mesmo tempo, dialogar com outros extratos sociais e atingir a função estética que uma obra de arte literária exige.

Ademar Bogo tem como princípio ético-político que a participação deve acontecer em todas as atividades desenvolvidas pela organização. Para isso, cada

militante é corresponsável pela formação individual e coletiva, que deve abranger todas as áreas do conhecimento humano.

Para analisar a obra poética de Ademar Bogo, consideraremos, inicialmente, o elemento temático dos poemas. Assim, dividiremos sua produção em dois grandes grupos, encomiástica e participante. A primeira reúne poemas que homenageiam os lutadores que dedicaram suas vidas em prol da luta social e da emancipação humana. A segunda é construída com objetivos estéticos políticos mais imediatos, para contribuir na formação política dos trabalhadores. Portanto, em ambos os grupos temáticos, o lugar de classe do poeta é indiscutível e claramente delineado nos poemas. Nossa principal preocupação é estabelecer uma crítica que aponte a tensão dialética entre política e estética na produção poética de Bogo, relacionado-a com a tradição literária nacional.

Em princípio, identificamos que a estrutura social configurada nos poemas encomiásticos não trata exclusivamente de mera homenagem ou de exaltação individual. Mas o que nos parece é que a centralidade da homenagem está na relação entre a ação ética do indivíduo em prol de uma coletividade social: uma tensão entre a subjetividade e a objetividade dos sujeitos mediadas pela luta popular.

Acerca da poesia encomiástica³, ao longo da história ela vem sendo produzida com diferentes formatos, mas é relativamente pouco estudada, em sua concepção formal, pela crítica literária. Encontramos a poesia encomiástica desde a Grécia antiga, passando pela república romana e chegando ao Movimento literário do Barroco português.

No Brasil, temos em Gregório de Matos algumas produções famosas desse gênero. O poeta, porém, priorizou a sátira, pois a poesia encomiástica é vista quase sempre como sendo simplesmente uma exaltação a determinados indivíduos com

³“Encomiásticos” são os poemas feitos para homenagear pessoas vivas ou que faleceram. No caso específico de Ademar Bogo, sua poesia faz homenagem aos lutadores que em vida tiveram uma atuação em defesa da dignidade humana, lutando contra as formas de injustiças. Muitos dos seus poemas não apresentam em seu conteúdo o nome do sujeito falecido. (utilizarem o termo homenagem para designar as poesias encomiásticas por achar mais adequada a nossa linguagem e ao nosso tempo histórico).

enorme importância política, considerada frequentemente inferior em relação aos outros gêneros ou modos poéticos.

Aristóteles foi um dos precursores do pensamento crítico sobre este tipo particular de poética, à qual denominava gênero epidítico. Ao tratar desse tema na obra *Retórica*, o autor apresenta quatro virtudes essenciais que uma pessoa deve possuir para que seja digna de homenagem, são elas: Justiça, Coragem, Temperança e Sabedoria.

Talvez um dos motivos para o abandono crítico da poesia de homenagem esteja no seu caráter temático de exaltação e glorificação dos homens que possuíam o poder político, em geral, reis, imperadores e nobres. Penso que a pouca fortuna crítica se apegou mais à temática desse gênero do que à análise dialética do seu conteúdo histórico condensado em forma poética.

Em relação à poesia empenhada no Brasil, usando um termo de Antonio Candido, está intrinsecamente ligada com a formação do sistema literário brasileiro, pois a literatura brasileira corresponde aos anseios de uma comunidade que deseja completar o seu projeto de nação, no qual a literatura tem uma participação ativa e fundamental.

Em cada contexto histórico, a forma estética representa um conteúdo do ideário nacional. No entanto, a literatura empenhada é criada com mais ênfase a partir do segundo período modernista brasileiro (década de 1930) e início da fase contemporânea (década de 1970), momentos de reconfiguração do capitalismo internacional e reestruturação das bases econômicas e políticas no Brasil atendendo aos interesses do capital financeiro.

Neste contexto sócio político de transformações e reconfigurações, a poesia empenhada buscava dar conta das contradições de classes na sociedade brasileira e os poetas iam se inserindo neste processo tentando, a partir da produção artística, contribuir para a reflexão sobre um tempo histórico a partir de um ponto de vista crítico e de classe.

Três poetas exemplares deste contexto que se estende do moderno ao contemporâneo são Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e

Ferreira Gullar. A eles iremos nos referir ao falar da tradição da poesia participante e sua configuração na poética de Bogo.

Com estas observações, buscaremos entender como a poesia de homenagem e empenhada criada por Ademar Bogo se insere na tradição literária brasileira e qual a reflexão gravada em suas obras sobre o atual contexto sócio político e estéticos do Brasil contemporâneo.

Sendo a obra uma particularidade artística, iniciaremos o caminho da crítica pelos elementos internos, buscando identificar no objeto estético sua centralidade, estrutura e seus elos com as contradições da humanidade.

Neste sentido, a arte se apresenta como reflexo da realidade, constituindo-se um todo em movimento de transfiguração, um mundo em si mesmo, ou seja, a obra literária mantém uma articulação recíproca com a realidade factual, com uma totalidade refletida por conexões singulares e universais em que se integram dialeticamente apontando elementos contraditórios pertinentes ao objeto estético, deixando ver, em termos luckácsiano, o núcleo da vida e sua crítica, possibilitando, assim, uma progressão reflexiva do movimento da vida cotidiana no que se encontra aparentemente estático artisticamente.

Nesta perspectiva de ação contraditória entre o mundo factual histórico, obra de arte e criador estético percorreremos o caminho da poesia, tentando demonstrar que a estética é essencialmente reveladora das nuances da vida cotidiana e das visões de mundo construídas pelos meios sociais e pela luta de classes.

Com isto, essa pesquisa pretende amparar-se na concepção complexa de estruturação da arte como mediadora das relações humanas existentes no modo de produção da vida social. Tais relações sociais são, por sua vez, mediadas, no sistema capitalista, pela mercadoria. Daí a dificuldade adicional da tarefa da crítica literária contemporânea de encontrar as categorias determinantes desse objeto estético que possam nos revelar as conexões que, na vida cotidiana, estão ofuscadas por relações reificadas

Neste contexto, esperamos apresentar, com a análise rigorosa dos textos de Ademar Bogo, a atualidade crítica da poesia de homenagem e engajada. Nesse

sentido, buscaremos dar ênfase , no âmago da estrutura artística, um núcleo estrutural que possibilite revelar ações humanas transfiguradas artisticamente a partir de uma posição de classe, vinculada as camadas populares e constituídas por determinações sócio históricas.

Será possível que os poemas de Ademar Bogo, com essas determinações que até aqui expusemos, nos confrontem com o “nervo histórico” de nosso presente? Será possível à crítica literária deslindar esse nervo estético envolvido pela postura ideológica de classe nos poemas? Essas são algumas indagações que esperamos poder responder nesta tese.

Marx (2010) nos apresenta um caminho propício para entendermos a arte como conhecimento e intensificação dos sentidos humanos, e é sob este parâmetro que buscaremos penetrar no conjunto poético de Ademar Bogo. A arte como objetivação dos sentidos humanos, ou seja, como práxis ontológica, mas também, como representação de possibilidades objetivas e subjetivas. É com esta compreensão de que os sentidos humanos e a vida social são mediações históricas dos seres humanos com a natureza que buscaremos analisar os poemas de Ademar Bogo, tendo em vista as especificidades políticas e estéticas de sua produção.

Nosso referencial é o Materialismo Histórico Dialético, pelo qual compreendemos que a arte enreda uma organização dos sentidos humanos e uma intensificação no processo de nossa humanização. Neste sentido, o papel do crítico é perceber o movimento estético que as “leis da beleza” condicionam na luta popular e estabelecer qual o grau de sua objetivação artística.

Sendo a arte um reflexo crítico e humanizador da vida humana, a realidade objetiva sociocultural estrutura a lógica de apresentação e representação na consciência, proporcionada pela obra artística e suas relações sociais.

A arte como conhecimento e projeção da realidade. Esse será um referencial de pesquisa, pois poderemos identificar as conexões da produção artística nas suas características históricas e entender como o artista pôde, pela organização estética de sua subjetividade, ponderar acerca de uma concepção de mundo. Desse modo

abrimos espaço para explorarmos os elementos contraditórios das vidas humanas com seus limites e possibilidades na produção cultural.

Como diz Marx (1844), os sentidos humanos são construções históricas. Com isso, podemos inferir que as relações sociais compõe o esboço da consciência social. A poesia, como construção histórica, aponta os elementos sensoriais de uma objetividade histórica. Como construção subjetiva, pode perpassar o tempo histórico por causa da configuração estética e nos permitir conhecer a vida humana em sua totalidade nas relações entre o singular e o universal.

Uma das características que buscaremos compreender nos poemas de Ademar Bogo é a sua vinculação social e histórica com o universo da classe trabalhadora, em especial, os camponeses.

É com uma perspectiva dialética histórica que abordaremos os poemas de Ademar Bogo, buscando compreender as mediações de sua construção poética e os nexos na formação dos sentidos e da ação política. Para isso, organizamos a tese em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, **ADEMAR BOGO – ENTRE A TEORIA E A ARTE – UMA INTERPRETAÇÃO DA LUTA E SUAS CLASSES**, será apresentada a elaboração teórica de Ademar Bogo, em especial, a partir de dois livros: *Identidade e Luta de Classes* (2008) e *Organização Política e Política de Quadros* (2011) para entendermos o universo intelectual na formação crítica desse autor. Buscaremos apontar elementos sobre arte e política intrínsecas na vida humana e na luta de classes, tentando evidenciar, nas estruturas teóricas, a relação com a estética no âmbito do processo de criação poética.

No segundo capítulo, **MÍSTICA E ESTÉTICA: O POEMA COMO REPRESENTAÇÃO UTÓPICA**, será apresentada a contextualização filosófica e estética de Ademar Bogo mediada pela configuração da Mística e da Utopia como categorias dialéticas e históricas inerentes à Luta social. Para isso, iremos analisar a produção teórica do livro *Vigor da Mística* (2002) para refletirmos sobre o conceito de Mística. Além disso, trabalharemos com o conceito de Utopia na tradição marxista e sua atualidade histórica. Em seguida estudaremos a criação lírica de três poemas:

“Marchar e vencer”; “Fidel: comandante da solidariedade” e “Somos este Movimento”, apresentando o que, a nosso ver, compõe, nas estruturas estéticas desses poemas, os elementos formativos do que poderia ser a força motriz da constituição dos sentidos da luta de classes e o desejo de sua superação na perspectiva da emancipação humana.

No terceiro capítulo, **ADEMAR BOGO E A TRADIÇÃO POÉTICA: MEDIAÇÕES ENTRE INTERVENÇÃO POLÍTICA E CRIAÇÃO ESTÉTICA**, serão apresentados aspectos da tradição crítica acerca da poesia participante da literatura brasileira a partir de dois momentos importantes da nossa formação literária, o movimento modernista e o contemporâneo. Elencamos poemas de Carlos Drummond de Andrade “Operário do mar” e “Morte do leiteiro”, João Cabral de Melo Neto *Morte e vida Severina*, Ferreira Gullar “Açúcar” e Ademar Bogo “Terra sertaneja”, para analisar as configurações sociais que dão forma estética contidas nas respectivas obras de caráter ideológico-político, buscando entender a relação entre a posição política e a consciência social dos poetas e a consistência estética dos poemas, configurados no âmbito do progresso contraditório brasileiro.

Por fim, no quarto capítulo, **ARTE E VIDA COTIDIANA NA POESIA DE ADEMAR BOGO**, será apresentado um exercício crítico acerca de alguns poemas de Ademar Bogo: “O hino do MST”, “A morte” e “A vida que vale a pena”, entre outros. Discorreremos sobre o universo composicional dos poemas e tentaremos explicitar os nexos entre discurso político, práxis filosófica e criação estética.

Pretendemos entender como o conjunto de produção poética de Ademar Bogo pode se caracterizar como um todo artístico. Primeiro, pela organização estética tendo a Utopia crítica como eixo estrutural. Depois, pela reorganização da ação ética como princípio formador da luta popular apresentando-se às vezes problemática e quase sempre esperançosa.

A tese apresenta ainda dois apêndices. No primeiro, estão apresentados ao leitor os poemas de Ademar Bogo. Isso foi necessário devido à inexistência de publicação que reúna sua poética. Os poemas foram retirados de sítios, jornais e publicações individuais em livros e coletâneas. Assim, por uma questão

organizacional, os poemas citados no corpo da tese serão referidos pela página que se encontram no apêndice.

O outro apêndice é a entrevista concedida pelo poeta ao autor da tese em abril de 2018.

CAPÍTULO 1

1. ADEMAR BOGO – ENTRE A TEORIA E A ARTE – UMA INTERPRETAÇÃO DAS LUTAS E SUAS CLASSES

*Enquanto dormiam as consciências
Nós nos levantamos
E dissemos com os passos
Que era possível vencer [...]
Ademar Bogo.*

Neste capítulo apresentaremos, sob nossa perspectiva, a elaboração teórica de Ademar Bogo, em especial, a partir de dois livros que pensamos serem fundamentais para entender a formação crítica desse autor, são eles: *Identidade e Luta de Classes* (2008) e *Organização Política e Política de Quadros* (2011). Buscaremos apontar elementos constitutivos do ponto de vista do autor sobre a arte e a política que são intrínsecas na vida cotidiana e tensionadas na luta de classes. Para isso, dividiremos o capítulo em subtópicos, expondo os livros e algumas de suas temáticas como alienação e ação política, além de evidenciar, nessas estruturas teóricas, a relação com a estética no processo de criação poética. Para isso analisaremos um trecho da canção “Luz da América” e os poemas: “Sábio Comunista”, “Água da Razão”, “Profeta da Dialética”, “Arte de gerar” e “Companheiro de Guevara”. Desejamos demonstrar que a orientação filosófica pode ser uma chave interpretativa de sua criação poética. Não é uma aplicação do pensamento teórico de Bogo na análise da obra poética e sim um elemento que pode ajudar na interpretação, mas não determinante da interpretação. Essa será nossa primeira abordagem para compreender como a concepção de classe, de um poeta engajado nas lutas políticas, pode influenciar na criação estética de seus poemas. Em seguida, buscaremos entender como a obra responde a essa concepção de classe.

1.1 Consciência estética e política na formação da identidade de classe

Antes de adentrarmos discussão dos livros, vamos ler o trecho final da canção “Luz da América”, composição de Ademar Bogo.

[...] Mesmo que demonstrem ser muito sabidos
Os imperialistas um dia vão chorar

Porque a vitória é de quem faz história
Ficarão por fora vendo o trem passar.
Nosso continente será diferente
A não ser que não se tente o caminho fazer
E esperar que a burguesia nos dê de presente
Quinhentos anos de história com as mãos no poder
Não haverá o amanhã se não lutarmos hoje
Nem haverá novas Cubas se a gente parar
Somos os coveiros do imperialismo
Mesmo que a gente não queira tem que cavoucar. (BOGO, Apêndice A, p. 305).

A canção traz uma reflexão sobre a práxis política e sua dimensão estética, a defesa pelo socialismo e o desejo de sua universalização. O compositor lança um olhar no presente e busca projetar o futuro, mas as mediações que compõe a vida social precisam ser transformadas pela luta política entre as classes antagônicas.

O eu lírico da canção figura o filósofo que propõe uma alternativa a partir da particularidade de uma experiência concreta. Essa será a direção teórica que norteará tanto o elemento político quanto o estético na elevação da consciência de classe. Referência pela qual Ademar Bogo busca construir suas obras.

No entanto, percebemos uma contradição entre o desejo do filósofo e a organização conceitual do poema. Uma limitação que é pertinente com a referência da luta imediata. Na canção, temos a impressão que a classe antagônica à classe trabalhadora não faz história, nem está em luta. O desejo do poeta em inserir os trabalhadores na luta popular deixa despercebida a luta hegemônica imposta pela elite dominante, pois se exalta com mais ênfase a convocação para a luta revolucionária.

Analisando os aspectos de forma e conteúdo, chegamos à conclusão de que a organização sonora apresenta-se, na canção, como um ordenamento discursivo que é construído pelo desejo da utopia socialista numa relação de causa e efeito. A metonímia entre as partes que geram a natureza e a vida social (Cuba x Continente América) é mediada pela necessidade da luta política.

O ponto de referência, na canção, é a especificidade de uma conquista com perspectiva socialista. Cuba é o marco inicial, mas o desejo do eu lírico é a construção de uma experiência universal, ou seja: ampliar a obra socialista pelo continente numa clara oposição ao imperialismo.

O trecho da canção, como ponto inicial de nossa discussão, aponta em seu cerne para a questão da consciência e da luta de classes no seio da vida cotidiana, mas também pode revelar as limitações que a própria luta popular impõe ao ordenamento estético. São dois projetos que cotidianamente estão apresentados, mas não visíveis, nas relações sociais e culturais da contemporaneidade. Isso também está inserido na criação artística.

É nessa perspectiva que o filósofo vai construir a multiplicidade das identidades sociais e apresentar suas especificidades no conjunto da luta de classes. A conjuntura histórica nos ajuda a entender os condicionantes da ação política e suas consequências na organização das forças populares. O que também se refletirá na tensão subjetiva entre a criação dos poemas e o conteúdo filosófico que buscará ordenar de forma estética.

Dito isso, vamos adentrar nas contribuições filosóficas de Ademar Bogo para avançarmos nas discussões acerca das mediações entre estética e política no arcabouço teórico e na criação poética desse autor.

Identidade e Luta de Classes foi lançado em 2008 pela Editora Expressão Popular. Nele o autor trabalha com o conceito de cultura ao longo da história e suas contradições. Bogo destaca a formação da identidade social, em especial, a camponesa, inserindo o quesito da luta de classes na formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

São 260 páginas divididas em 09 capítulos, refletindo sobre cultura, formação da identidade, luta de classes, organização política, arte, mística, ideologia e utopia. O autor do livro vai trabalhar o conceito de **Identidade** como processo histórico dialético. A Identidade, como um fator das relações sociais, é heterogênea e constituída em última instância pela luta de classes. Relacionada não só com aspectos objetivos da vida cotidiana, mas também com a consciência dos indivíduos sociais. Isso possibilita um movimento dialético entre afirmação e negação de identidades numa determinada sociabilidade.

Ademar Bogo expõe, com maior detalhamento, a questão da identidade e da consciência na sociedade capitalista, para isso ele trabalha com categorias do

materialismo histórico dialético, trazendo para reflexão as relações materiais de produção da vida social. Em destaque, estão temas como a Mercadoria, o Estado, o Capital e o trabalho. Em particular, o autor realça como tais elementos afetam as comunidades rurais e a vida da natureza.

A formação da cultura e da consciência é um elemento chave na reflexão sobre a luta de classes e, conseqüentemente, sobre a organização dos trabalhadores no enfrentamento das contradições inerentes do mundo do Capital, que transforma todas as relações e a natureza em mercadorias, alienando os seres humanos, reificando estes e fetichizando aquelas como se a vida não tivesse outro sentido além do consumo de mercadorias.

A questão das 'contradições' é apresentada no livro como categoria inerente ao movimento dialético nas relações sociais, por isso constituinte de uma cultura calcada numa determinação histórica. Nesse sentido o germe de uma nova forma social já está presente na forma atual. Assim a identidade é classificada como elemento das contradições nos desenvolvimentos sociais e culturais. Como Bogo afirma:

A identidade para além da cultura centra-se no ser das coisas e nas perspectivas que apontam as mudanças para frente. As coisas são o que são mais aquilo que virão a ser, delineado pelo movimento de suas contradições internas, pois ao se fazerem, antecipam em si as características daquilo que serão. É a ação consciente do ser humano através do trabalho ou de outra atividade cultural, como a arte, a educação e a pesquisa, que nos permite passar de seres biológicos para seres sociais. Negamos o estado de natureza pura para nos tornarmos, por meio do trabalho com base da formação da cultura sem deixarmos de ser totalmente natureza. (BOGO, 2008, p.27).

Ademar Bogo tem uma posição teórica politicamente alinhada à defesa dos trabalhadores enquanto classe e teoricamente aponta elementos que refletem a possibilidade de superação do mundo capitalista. Do mesmo modo, busca também analisar os mecanismos históricos de exploração utilizados pela classe dominante para intensificar a alienação e a fetichização no mundo burguês.

Para Bogo (2008) é preciso elevar a consciência crítica dos trabalhadores. Para isso, segundo ele, é preciso compreender a lógica de funcionamento da forma social burguesa tanto no que diz respeito à infraestrutura, que é o modo como se

produzem os bens sociais, como na superestrutura, que é o modo como as relações sociais são permeadas pela consciência ideológica. Esse é o fio condutor das análises de Bogo: conhecer as categorias históricas e fazer o enfrentamento político e estético. Para o autor:

A força do capital, que se nega a pensar no humano, produz a identidade da alienação. Numa sociedade subordinada à lógica do capital, produção e deformação são duas faces da mesma moeda. Os seres excedentes para o capital são abandonados ou entregues ao Estado, obrigando-o a criar mecanismos de assistência, vigilância e punição para evitar a perturbação da “ordem de direito”. (BOGO, 2008, p. 45).

“Ordem de direito” é uma análise que está relacionada com a crítica aos grupos populares que desistiram da luta pela revolução comunista e encontraram, pela via da administração do Estado, a possibilidade de fazer pequenas reformas sociais sem que com isso se infrinja uma derrota estrutural ao Capital. Desse modo, a luta esbarra no âmbito do “Estado democrático de Direitos”.

No fim do livro *“Identidade e Luta de classes”* Bogo apresenta a questão da Utopia⁴ e da Mística⁵ como categorias importantes para imaginarmos a criação de outra sociabilidade, em que as classes possam ser superadas e em que a humanidade tenha plena consciência de suas potencialidades, construindo relações sociais e naturais em harmonia com o progresso civilizatório. Contudo, essas categorias não podem ser abstrações subjetivas, precisam estar vinculadas com a luta popular e ir tecendo novas relações calcadas na consciência de classe e na solidariedade em meio à alienação capitalista.

Bogo, como intelectual e militante, atuou por mais de 30 anos na práxis política do MST, elaborando estratégias, princípios e objetivos que orientaram a luta pela terra, pela reforma agrária e pela transformação radical das bases estruturais da sociedade brasileira.

⁴ Bogo vai trabalhar o conceito de Utopia com uma proposição positiva, ao contrário de Engels que a conceitua como negativa e faz uma crítica sobre a concepção de socialismo utópico no livro “Socialismo científico”.

⁵ Analisaremos o conceito de Mística e Utopia como categoria histórico dialético e sua relação com estética no capítulo II.

Com o desenvolvimento territorial e político do MST, a partir de meados da década de 1980 do século XX, surge à necessidade de consolidar o Movimento em todo o país e também de construir laços de solidariedade internacional com diversos Movimentos Populares, principalmente na América Latina e África para troca de experiências e unidade das organizações.

É por isso que, para o autor de *Identidade e Luta de Classes*, a formação intelectual e de classe é fundamental para conduzir a luta comunista em cada circunstância histórica. Mais do que conhecer a realidade objetiva do campo que se disputa é preciso ter estratégias para avançar sobre as contradições impostas pelos enfrentamentos políticos e projetar no imaginário popular e na convivência dos grupos valores de sociabilidades solidários.

É com essa convicção que Bogo (2008) afirma que:

Formar significa preparar as pessoas para que se sintam habilitadas no momento em que estejam na condução dos programas, tarefas e ações de todos os tipos. A formação, portanto, deve estar voltada para preparar os quadros para resolver os desafios da organização e da classe. É importante que a política de formação seja eficiente e esteja centrada na multiplicação de quadros em grande quantidade e na elevação do nível de consciência das massas. (BOGO, 2008, p.206).

Vimos que a Organização é sempre o ponto de partida para o enfrentamento político, contudo, não significa que, por pertencer ao Movimento popular, o militante já tenha consciência de classe. Para o autor, é preciso uma constante formação crítica em todos os aspectos da vida humana e principalmente uma orientação que demonstre os limites da sociabilidade capitalista e que tenha a revolução socialista como horizonte da possibilidade concreta da luta.

O elemento da revolução socialista é aspecto para o qual Bogo mais chama atenção acerca da desmobilização das organizações, em especial no nosso século. Para ele, sem objetivos programáticos para transformar radicalmente a sociedade, a luta fica apenas economicista e no campo eleitoral, disputando melhores condições de trabalho ou parte da gerência do Estado, mas sem grandes avanços em direção a sua superação.

Sendo o Estado um apêndice das relações capitalistas, assumir a administração estatal não dá a garantia de que a estrutura e a produção do capital serão desmontadas e reorganizadas de forma, a qual Marx (1848) chama de “associação do livres produtores”.

Karl Marx (1982), em sua análise sobre a questão judaica, apontava que o Estado, no máximo, poderia promover a emancipação política, mas não a emancipação humana, justamente por ser um mediador entre os seres humanos e sua liberdade plena. Em relação à organização e à configuração do Estado, Marx faz a seguinte proposição:

A anulação política da propriedade privada não apenas não destrói a está última, mas, também, longe disso, a pressupõe. O Estado anula, a seu modo, as diferenças de nascimento, de *status social*, a de cultura e a de ocupação, ao declarar o nascimento, o *status social*, a cultura e a ocupação do Homem, como diferenças não-políticas, ao proclamar todo membro do povo, sem atender a tais diferenças, como participante em base de igualdade da soberania popular, ao tratar a todos os elementos da vida real do povo do ponto de vista do Estado. Não obstante, o Estado deixa que a propriedade privada, a cultura e a ocupação atuem a seu modo, ou seja, como propriedade privada, como cultura e como ocupação, e que façam valer a natureza especial. Bem longe de acabar com as diferença de fato, o Estado só existe sobre essas premissas, só se sente como Estado político e só faz valer a sua generalidade em oposição a esses elementos. (MARX, 1982, p.186).

Pensando assim, a contradição existente na vida cotidiana não pode ser resolvida pelo Estado, pelo simples fato de que este não pode resolver suas próprias contradições sem entrar em conflito com o seu modo peculiar e mediador genérico das relações sociais. Além de não resolver uma das contradições fundamentais do modo de produção capitalista, a propriedade privada dos meios de produção e apropriação da mais-valor.

Nesse sentido, podemos entender o porquê de Bogo questionar tanto as organizações populares, no Brasil e no mundo, que aderiram, a partir do fim do século XX, à reestruturação da luta, majoritariamente, pela via institucional e eleitoral.

Ademar Bogo, atualmente, faz duras críticas ao MST, pois considera que o Movimento, devido a circunstâncias históricas, mudou seus objetivos estratégicos e,

com isso, rebaixou seu potencial formativo de quadros revolucionários. Nas palavras de Bogo:

O MST cumpriu com a sua função enquanto buscava através da luta pela terra, transformar a estrutura agrária e, por meio dela ir de encontro à transformação da sociedade e do socialismo. No entanto, ao somar-se ao projeto que não queria transformar a sociedade, mas apenas governá-la e foi vitorioso junto com todas as forças, esqueceu-se dos fins e passou a utilizar os meios como forma de sustentação. Ao perder os princípios, perdeu a causa e com as duas perdas perdeu também a força. Consequências: não pode voltar um passo atrás porque as gerações mais velhas não influem mais, e as gerações novas não têm as mesmas intenções e nem é as mesmas as circunstâncias que comportam esse passo; o agronegócio é o motor dinamizador do processo produtivo que suplanta as velhas práticas agrícolas. Seguir em frente também não pode mais, porque as massas novas para serem conquistadas são diminutas e, por outro lado não tem capacidade propositiva para elevar novamente o olhar ao topo da montanha de onde despencou o horizonte. (BOGO, Apêndice B, p. 319).

Essas duras críticas ao MST mostram a insistência teórica de Bogo em relação aos objetivos e as ações políticas que orientam grupos populares na luta política. Demonstrando ainda que a construção e formação das Organizações são históricas e circunstanciais.

Com isso, podemos perceber que a identidade de classe, apresentada por Bogo, é construída por processos em que a dimensão humana se apresenta em disputa com a dimensão reificada. Por isso, a formação de quadros para a luta da emancipação é tão importante, e que na perspectiva do autor, um ponto fundamental é o projeto de revolução socialista como horizonte a ser conquistado. Esta é uma tarefa para a qual as ações da militância política devem se orientar, assim:

Esta parece ser a lógica da construção dos quadros, pela qual, ao mesmo tempo em que estes fazem a revolução, fazem-se a si próprios como revolucionários num permanente crescimento combinado entre quantidade e qualidade. Diante de cada um está colocado o propósito da mudança particular para se tornar comportamento coletivo. Esta talvez seja uma das principais tarefas da formação, apresentar aos militantes referências possíveis de serem alcançadas, porque foram desenvolvidas por seres humanos, por meio de exemplos de coerência, resistência, rebeldia, honestidade e compromisso. A prática de valores, no seio da luta de classes, levará à mudança nas ideias equivocadas e à construção de uma nova moral de conteúdo revolucionário. (BOGO, 2008, p.207).

Pensando assim, aqui entra um elemento importante: o conhecimento histórico das lutas populares. Desse modo a pesquisa será fundamental para

reconhecer os valores que foram substanciais nas lutas do passado, mas que não perderam sua vitalidade. Ou seja, não basta conhecer os fatos históricos é preciso investigar as subjetividades que tornaram os fatos objetivos. Nesse aspecto, a arte pode promover o reencontro entre história, subjetividade e objetividade.

Ademar Bogo é um dos primeiros organizadores e pensadores da estrutura orgânica do MST, buscava pensar na totalidade da vida social e na interação entre os membros da organização e propôs a divisão de tarefas alternadas para que todos tivessem acesso às mais variadas áreas de conhecimento científico e artístico. O que parece é que, ao longo dos anos, as estratégias mudaram, devido as circunstâncias históricas e políticas que influenciaram o processo de luta pela terra no Brasil, e os objetivos centrais de aumentar a participação de todos os membros da Organização ficou parcialmente prejudicados, em especial, nos assentamentos.

Para Bogo, fazer-se como novo ser é uma condição histórica, e a organização é o modelo orientador. Assim, se os princípios e objetivos de uma organização mudam ao longo do tempo, suas estratégias e táticas também mudam e, com isso, a qualidade do novo pode ser comprometida dependendo dos novos objetivos. O rebaixamento do horizonte comunista seria, portanto, a decadência de qualquer organização que deseja lutar contra o capitalismo. Isso porque vai permanecer na arena das lutas imediatas, por vezes conseguindo algumas vitórias, mas não enxergando o Capital e o Estado como inimigo a ser destruído, e com isso, a consciência não ultrapassa o reformismo. Segundo Bogo:

Em nosso tempo, os instrumentos organizativos tradicionais, por causa do enfraquecimento do movimento socialista, perderam a força e a sensibilidade para perceberem a originalidade da imaginação popular, abrindo uma grande lacuna entre as forças partidárias e as forças sociais desde o início do século. (BOGO, 2008, p. 151).

Podemos perceber, portanto, que, para o autor, a luta revolucionária precisa captar os elementos sensíveis do cotidiano e transformá-los em força motriz que avance o processo das contradições fundamentais do Capital, mas mais que isso, tem um elemento que é preciso levar em conta, pois só com a elaboração teórica não é possível mobilizar as massas de trabalhadores para superar a sociabilidade mercantil, e isso o capitalista aprendeu cedo, pois seduz cotidianamente o imaginário popular com falsas realizações que apequenam a dignidade humana.

Talvez falte agregar à luta política, a formação dos sentidos, numa perspectiva mais ampla, ou seja, a formação estética como intensificador da humanidade, como potência da experiência singular e universal no processo de autoconhecimento da generalidade humana. É isso que Bogo tentará condensar na sua produção poética.

1.1.1 Engajamento político e arte na luta de classes

Organização política e política de quadros é um livro lançado em 2011 pela Editora Expressão Popular. Nele Bogo busca resgatar as experiências de lutas socialistas que abalaram o século XX. O livro está dividido em sete capítulos, nos quais Bogo apresenta os elementos organizativos de cada grupo social que desencadearam revoluções socialistas; as consequências dos processos revolucionários; a formação de quadros antes e depois dos triunfos socialistas; as organizações estatais pós-revolução e a Mística como práxis na formação de quadros.

Por certo, o que Bogo busca retomar, apresentando as experiências socialistas, é a necessidade da organização revolucionária na perspectiva comunista. Para isso, a análise fundamental é entender como os grupos populares se organizam no século XXI, principalmente em relação ao Estado, sem perder de vista os ensinamentos de experiências passadas.

Para Bogo (2011), no momento atual, o não reconhecimento que o Estado, em sua diversidade, não promove a ruptura revolucionária, e que para as organizações populares, permanecer atrelado na institucionalização, principalmente eleitoral, é perder de vista à luta revolucionária e ficar no campo do 'direito', o que mantém a ordem capitalista substancialmente inalterada. Pois:

A propaganda enganosa do exercício da democracia da ordem, que arrasta para os processos eleitorais (desligados de outras formas de luta) as forças de esquerda e, atrás de si, as massas populares a cada pleito, induz a pensar que o poder de decisão e de realização das mudanças está unicamente na articulação dos três poderes que constituem a ordem republicana: Executivo, Legislativo e Judiciário. (BOGO, 2011, p. 14).

Ao analisar as experiências históricas do século XX, Ademar Bogo acredita que a organização popular precisa avançar para uma nova práxis política, que abranja elementos da vida cotidiana para além do Estado para colocar em cheque as relações de exploração do sistema capitalista na sua totalidade. Segundo ele, é preciso desequilibrar a ordem estabelecida.

Por ora, temos visto que os confrontos com o sistema capitalista, por parte dos partidos de vanguarda, precisam avançar na permanência das vitórias, tendo em vista o horizonte comunista. A mudança de estratégia pode levar a manter as regras do jogo nos moldes capitalistas e assim não avançam nas transformações estruturais para uma nova sociabilidade.

Acerca disso, Lukács (1975), citando Marx, faz o seguinte comentário:

Marx extrai todas as consequências do desenvolvimento histórico. Descobre que os homens se autocriaram como homens através do trabalho, mas que a sua história até hoje foi apenas a pré-história da humanidade. A história autêntica poderá começar apenas com o comunismo, com o estágio superior do socialismo. **Portanto, o comunismo não é para Marx uma antecipação utópico-ideal de um estado de perfeição imaginada à qual se deve chegar; ao contrário, é o início real da explicitação das energias autenticamente humanas**⁶ que o desenvolvimento ocorrido até hoje suscitou, reproduziu, elevou contraditoriamente a níveis superiores, enquanto importantes realizações da humanização. Tudo isso é resultado dos próprios homens, resultado da atividade deles. (Lukács, 1975, p.16).

Nesse sentido, lutar pela “livre associação dos produtores” nada mais é do que buscar a real experimentação da plenitude humana, sem as amarras da alienação, da propriedade privada e do Estado.

Da União Soviética, passando por Vietnã, China, e America Latina, Bogo (2011) vai demonstrando que mais difícil do que chegar ao poder por meio do Estado é transformar o poder, ou desburocratizá-lo em outra perspectiva e continuar revolucionando as estruturas de poder. Isso porque são os modos de produção da riqueza social que determina as relações sociais e também a organização do Estado.

⁶ Grifo nosso.

Ao lermos os escritos de Marx acerca do Estado moderno percebemos que este funciona como mediador entre o indivíduo político e privado, mas isso não altera a lógica alienante produzida pelo Capital. Para Marx:

O Estado político acabado ou perfeito, por sua essência, é a vida genérica do Homem por oposição à sua vida material. Todas as premissas dessa vida egoísta permanecem de pé à margem da esfera do Estado, na sociedade civil, mas como qualidade desta. Ali onde o Estado político alcançou o seu verdadeiro desenvolvimento, o homem leva uma dupla vida, não só no plano do pensamento, da consciência, como também da realidade, da vida: uma vida celestial e outra terrena; a vida na comunidade política, na qual se considera como ser coletivo, e a vida na sociedade civil, na qual atua como particular; considera os outros homens como meio, degrada a si mesmo como meio e se converte em juguete de poderes estranho. [...] O Homem, em sua realidade imediata, na sociedade civil, é um ser profano. Aqui, onde passa diante de si mesmo e diante dos outros por um indivíduo real, é uma manifestação carente de verdade. No Estado, ao contrário, onde o Homem é considerado como um ser genérico, ele é o membro imaginário de uma soberania imaginária, acha-se despojado de sua vida individual real e dotado de uma generalidade irreal. (MARX, 1982, p.187).

Pela passagem acima, podemos observar que existe uma cisão entre a vida social e a vida política mediada pela organização (idealização) de um Estado que deseja ser redentor da vida em comunidade; o que para Marx é pura alienação. Portanto, o Estado, além de não poder promover a generalidade real dos seres humanos, intensifica a divisão social entre o privado e o público de modo ilusório.

Por isso Bogo (2011), ao retomar as experiências socialistas, alerta-nos sobre as armadilhas inerentes a forma de poder estatal. Explica-nos também que existem algumas lições que precisam ser apreendidas com as experiências passadas, três são fundamentais: Consciência de Classe, Direção coletiva, vínculo com o povo. Sem isso, qualquer iniciativa de luta entra na rede ilusória do sistema e os ganhos são apenas paliativos e temporários.

As estruturas sociais mudam, se desenvolvem, ficam mais complexas e exigem dos novos agentes uma sensibilidade que ultrapasse os enfiamentos diretos, como ocorria no passado. Neste século XXI, é preciso entender a nova dinâmica do Capital para combatê-lo com mais eficácia.

A título de exemplo, Bogo (2011) aponta um debate interessante acerca de espontaneidade e consciência. Debate este que perpassa os Bolcheviques

soviéticos e a socialdemocracia alemã. O debate gira em torno da perspectiva das ações que põem em movimento as contradições do capital.

O espontaneísmo ocorre quando as massas, meio que por impulso do momento, buscam reivindicar do capital uma parte dos seus ganhos, melhorar as condições de vida, reivindicar questões éticas, sociais, políticas, etc., podendo, assim, ir se formando politicamente e através das lutas espontâneas chegarem a uma organização consciente que transforme as estruturas do poder.

Os que defendem a consciência de classe como princípio da organização política não descartam o espontâneo, mas argumentam que é preciso uma Organização central que conduza as massas para defesa e luta da superação das batalhas imediatas, essa consciência precisa está ligada com a estratégia da superação da classe antagônica, o que somente a espontaneidade não é capaz de fazer.

Bogo (2011) nos esclarece que os debates entre quem vem primeiro, se o espontâneo ou a consciência não representam o cerne da questão. Ambas fazem parte de um processo, e, como tal, precisam ser avaliadas e qualificadas constantemente, para que a vitória de hoje não seja a derrota de amanhã.

Quando o campo socialista sofre uma derrota, o estigma se entranha por gerações, tornando a luta muito mais árdua, reforçando a ideia de que a luta precisar de uma qualificação que faça a mediação entre a estratégia principal e as lutas imediatas. Isso é função da organização política, contudo, a história nos mostra que se a vanguarda perder o horizonte da revolução radical e permanente, todas as vitórias se convertem em aspectos imediatos e o acúmulo de forças não rompe com os mecanismos que mantêm a coisificação humana.

Contudo, o debate acerca da consciência política e consciência de classes ou consciência em si e consciência para si são importantes para que os grupos populares avancem na organização do povo, tornando possível a mudança do *status quo*.

Os dois livros de Ademar Bogo até aqui comentados nos dão uma noção do universo teórico que envolve a postura de classe do autor. De um lado temos a

formação da identidade individual e coletiva, do outro a perspectiva da organização popular com estratégia que direcionam à luta política e à luta comunista.

Em nossa perspectiva, a questão da ação política e da consciência de classe tem relação direta com a cultura. O modo de organização política está atrelado a uma concepção de mundo que perpassa a forma social moldada historicamente, e que apresenta também as suas contradições, por isso a luta também deve ser orientada pela perspectiva cultural.

Isso vai se refletir na configuração subjetiva da luta de classes, pois, mesmo que as condições materiais sejam favoráveis às transformações sociais, não significa que as forças políticas conseguirão entender as ações necessárias para sua realização.

Assim, a formação da consciência, como elemento objetivo na compreensão da luta de classes, vincula-se à forma subjetiva de conhecimento, à realidade a qual pretende transformar, além de antecipar o movimento que suas ações poderão determinar.

A arte, nesse contexto, concilia os sentidos da luta e organiza a cultura em duas dimensões: primeiro pelo seu vínculo histórico cultural intensifica a ordenação da realidade substanciada, depois pela reelaboração de novas perspectivas apresentando outras possibilidades de organização social.

A arte como substância da cultura se insere na luta política pela sua dimensão estética e possibilita a compreensão da realidade cotidiana e sua dinâmica de organização social.

Nesse sentido, a arte é parte constitutiva da identidade sócio-histórica e nos possibilita compreender os elementos objetivos da realidade cultural de determinados grupos sociais. Assim, entre a elaboração filosófica e a criação poética, temos uma visão de mundo e uma defesa da integridade humana alinhada com uma utopia crítica consorciada com a organização da luta pela superação de um mundo estruturado na forma social do Capital.

Contudo, existem especificidades formais que separam o modo como se configura a obra de arte em relação aos elementos filosóficos. Essa nuance do pensamento filosófico estará presente na configuração dos poemas de Ademar Bogo.

1.1.2 Alienação e consciência na práxis política e artística

Após a leitura de alguns aspectos do pensamento de Ademar Bogo, percebemos que um dos conceitos centrais em torno dos quais gira a sua reflexão é o da alienação. Por isso, neste momento, passaremos a um conjunto de reflexões um pouco mais detalhadas acerca do conceito de alienação. Tentaremos entender como a categoria da alienação pode contribuir para a análise dos poemas que iremos estudar.

O modo de produção da riqueza social na forma capitalista cria a alienação. Essa categoria contém elementos objetivos e subjetivos na vida cotidiana e seu mecanismo de funcionamento impede a realização da apropriação tanto individual quanto coletiva dos bens criados pelo trabalho humano para grande parte da humanidade.

Precisamos entender que a alienação é um modo operante sócio-histórico que compõe especificidades nas relações capitalistas. Partiremos das reflexões marxistas para adentrarmos nas consequências desumanizadoras provocadas na vida social pela objetividade da produção alienada.

O primeiro elemento a esclarecer sobre a alienação é que ela é uma substância concreta criada por relações de produção, em particular, no modo de produção capitalista, conseqüentemente, estabelecendo relações abstratas no plano teórico e também artístico.

No modo de produção capitalista, alienação está calcada em três pilares que se inter-relacionam provocando uma separação entre os seres humanos consigo mesmo e com a natureza. São as relações entre trabalho (divisão social do trabalho); Capital (Produção de Mais-valor) e propriedade privada que constituem as mediações sócio-históricas das formas alienadas da vida humana moderna.

O trabalho, reconhecido como categoria fundante do ser social, ganha uma dimensão diferente no modo capitalista. A relação da atividade humana de intercâmbio com a natureza na divisão social do trabalho de forma assalariada e com apropriação privada da riqueza produzida é o que constitui a fundamentação da alienação como característica social.

Acerca disso, Mészáros, em seu livro *A teoria da alienação em Marx* (2006) traz a seguinte formulação:

O ponto de convergência dos aspectos heterogêneos da alienação é a noção de "trabalho" (*Arbeit*). Nos Manuscritos de 1844, o trabalho é considerado tanto em sua acepção geral - como "atividade produtiva": a determinação ontológica fundamental da "humanidade" ("*menschliches Dasein*", isto é, o modo realmente humano de existência) - como em sua acepção particular, na forma da "divisão do trabalho" capitalista. É nesta última forma - a atividade estruturada em moldes capitalistas - que o "trabalho" é à base de toda a alienação. (MÉSZÁROS, 2006, p. 78).

É a partir do trabalho, na forma capitalista, que a sociedade vai se estruturar pela divisão social do trabalho, pela propriedade privada e pelo intercâmbio com a natureza. São essas mediações objetivas que vão direcionar a prática social de maneira alienada.

Então, podemos dizer que a alienação é a manifestação dessa separação entre o indivíduo, sua particularidade; com o gênero social, sua universalidade. São as mediações secundárias, citadas acima, que provocam a alienação, essas são o cerne da crítica marxista no que constitui a sociedade capitalista.

Nas suas reflexões Mészáros (2006, p.80) afirma que: "A atividade produtiva é então a fonte da consciência, e a 'consciência alienada' é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da auto-alienação do trabalho". Essa é a base para compreendermos as consequências da formação das consciências alienadas. Suas constituições partem de estruturas objetivas, por isso sua superação pressupõe ações objetivas nas práticas sociais. Nas palavras do autor:

Como resultado da alienação do trabalho, o "corpo inorgânico do homem" aparece como meramente externo a ele e, portanto, pode ser transformado em uma mercadoria. Tudo é "reificado", e as relações ontológicas fundamentais são viradas de cabeça para baixo. O indivíduo é confrontado com meros objetos (*coisas, mercadorias*), uma vez que seu "corpo inorgânico" - "natureza trabalhada" e capacidade produtiva externalizada - foi dele alienado. Ele não tem consciência de ser um "ser genérico". (*Um*

Gattungswesen - isto é, um ser que tem consciência da espécie a que pertence, ou, dito de outro modo, um ser cuja essência não coincide diretamente com sua individualidade. O homem é o único ser que pode ter uma tal "consciência da espécie" - tanto subjetivamente, em sua percepção consciente da espécie a que pertence, como nas formas objetivadas dessa "consciência da espécie", da indústria e às instituições e às obras de arte - e assim ele é o único "ser genérico!") (MÉSZÁROS, 2006, p.80).

Um elemento importante a se mencionar é a relação entre indivíduo e sociedade sob a perspectiva marxista. Existe aí uma especificidade que os separa, uma característica da particularidade do sujeito social, mas que, ao mesmo tempo, os unifica pela pertença ao gênero humano.

A crítica marxista consiste em que a alienação separa não só o ser social de sua individualidade como também de sua totalidade genérica. Na atualidade, o indivíduo torna-se mero consumidor de mercadoria, isso reifica suas potencialidades humanas.

Estas estruturas sociais de produção vão impactar diretamente a elaboração teórica e a criação artística, uma vez que a sociabilidade separada da individualidade faz com que fique muito difícil escapar das artimanhas do Capital sem uma profunda reflexão sobre seu modo operante nas relações de classe e suas especificidades na lógica capitalista.

Isso não quer dizer que o conhecimento sobre as mediações que produzem alienação modificam a alienação objetiva. Para isso é preciso superar as mediações objetivas de tal alienação, ou seja, transformar radicalmente as formas de trabalho assalariado, de Capital e de propriedade privada.

Em relação à arte, a alienação se manifesta de três maneiras complementares: no artista, no público e na obra (tema-assunto). Na sociabilidade capitalista, o elemento de utilidade, características aprofundadas no século XXI, tornou-se a marca da criação artística. Escapar dos artifícios da mercantilização artística é uma luta constante e de raríssimas exceções que envolvem a relação do artista com seu público. Ambos sob a influência das mediações que produzem alienação.

O capital busca associar à arte a utilidade mercantil e com a objetivação de lucros transforma a produção estética num campo industrial, e como tal, o artista é submetido às mesmas regulamentações do trabalhador assalariado na divisão do trabalho e na apropriação privada do objeto artístico. Mészáros faz uma observação importante acerca da concepção de Marx sobre a arte:

A criação artística, em circunstâncias adequadas, é considerada por Marx como uma atividade livre, como uma realização adequada do ser humano em toda a sua riqueza. Só em relação a um ser natural pode a questão da liberdade ser levantada como uma realização que está em harmonia com a determinação interior desse ser, e somente nessa relação pode a liberdade ser definida em termos positivos.

A arte, nesse sentido, é um "fim em si mesmo" e não um meio para um fim que lhe é exterior. Mas a arte, concebida nesses termos, não é uma das especialidades entre as muitas, preservadas para os poucos afortunados, e sim uma dimensão essencial da vida humana em geral. Na forma em que a conhecemos, a arte é profundamente afetada pela alienação, porque a "concentração exclusiva do talento artístico em alguns" está inseparavelmente ligada a "sua supressão nas massas como resultado da divisão do trabalho". (MÉSZÁROS, 2006, p.191).

Assim, a arte é inerente às necessidades humanas, uma objetivação que reflete as circunstâncias sócio-históricas de produção e apropriação. A sua fragmentação, na divisão hierárquica do trabalho, reduz o potencial criador da humanidade em poucos privilegiados.

Em contraponto a essa tendência, o poeta Ademar Bogo busca, através de suas criações, romper com a dicotomia entre autor e público. Seus poemas tentam estabelecer um diálogo entre a necessidade estética e a ação política. Busca também quebrar com a mediação do dinheiro, pois seus poemas não entram nos moldes comerciais, são produzidos, de certa forma, para uma militância pertencente a organizações políticas da classe trabalhadora.

Isso pode até parecer que o poeta dá à arte uma função utilitarista, por direcioná-la a um grupo específico, no entanto, veremos que a questão ideológica é inerente à criação artística e isso não é um problema em si. O que temos de interpretar é a ordenação formal estética dessa ideologia. Até porque, uma vez criada a obra, esta ganha autonomia de seu criador e é lançada como objeto que pertence ao mundo social podendo ser acessível a um grupo oposto ao desejado em princípio pelo artista.

Nessa perspectiva, percebemos, no poeta, o desejo de humanização dos valores produzidos pela luta popular, que busca romper com a expropriação das riquezas humanas. Nesse sentido, vemos nas obras um potencial de humanização nas relações estabelecidas entre obra, público e artista. A isso Marx usa a expressão “obra realista”. O que Mészáros, falando de Marx, escreve:

Na obra de arte realista, todo objeto representado, natural ou feito pelo homem, deve ser humanizado, isto é, a atenção deve ser focalizada sobre a sua significação humana, de um ponto de vista histórica e socialmente específico. [...] O realismo, em relação aos seus meios, métodos, elementos formais e estilísticos, está necessariamente sujeito a mudanças, porque reflete uma realidade em constante transformação, e não estática. (MÉSZÁROS, 2006, pp.177-178).

É por esse ponto de vista que avaliamos, no contexto do fim do século XX e início do XXI, um aprofundamento das mediações que provocam alienação em contraste com a crescente possibilidade de sua superação. A arte sofre com uma intensa produção comercial de falsas elaborações artísticas, mas em meio ao pântano enganoso da alienação, surgem criações estéticas que reconfiguram a força da vida social e suas potencialidades dentro da generalidade humana sem perder sua especificidade na particularidade individual, num processo de prática social de enfrentamento e tentativa de superar as mediações alienadas.

1.1.3 A arte na luta de classes: Propaganda política ou Criação estética?

O fazer artístico é uma construção histórica e contínua, que contém em sua essência uma relação entre a particularidade e a totalidade. A primeira traz uma configuração específica da visão de mundo do criador estético a partir das relações vividas e de sua consciência em cada momento da história. A segunda é condensação e elevação da primeira ao patamar da representação de toda humanidade em sua generalidade. É quando, por suas estruturas internas, se expressam ao mesmo tempo as questões da singularidade e da universalidade da vida humana. Isso pode possibilitar que arte ganhe vitalidade nos tempos e espaços históricos.

Assim cada tempo histórico cria as condições materiais e formais em que o criador artístico comporá a sua obra. No caso de Ademar Bogo, o tempo histórico é o final do século XX e início do século XXI. Defensor do socialismo, percebeu que as tentativas de organização dessa forma social foram derrotadas, primeiro, pelas contradições inerentes aos processos e contextos políticos que estruturaram a organização partidária e estatal, segundo, pelas forças opositoras e contrarrevolucionárias que impediram o avanço das transformações sociais.

Contudo, a forma social capitalista não resolveu as desigualdades sociais, pelo contrário, intensificou-as e aumentou a expropriação e a acumulação privada não mãos de pouquíssimas corporações com o passar do tempo. Isso justifica a pertinência histórica da Utopia comunista. É desse terreno de conflitos antagônicos e de luta popular que Ademar Bogo cria sua particularidade poética.

No poema “Sábio Comunista” em homenagem a Miguel Urbano, um velho comunista português, falecido em 2018, percebemos a relação entre o horizonte comunista como a grande obra humana a ser construída e a necessidade de organização e construção do caminho socialista como transição que perpassa inclusive pela palavra escrita.

Vejamos o poema:

De longe o fado sonolento,
 Avisa-nos que o sábio adormeceu...
 Tal qual o operário ao fim do dia
 Deixa o cansaço nas mãos da utopia
 E sai somente com o saber que é seu.
 Deixa nas letras as marcas de seus feitos
 Na sua luta contra os preconceitos
 Que passaram por dentro de suas vistas...
 Mas não tiveram uma só condescendência
 Foram golpeados pela força da consciência
 Edificada no sábio comunista.
 (Sua escrita, não dita!
 Grita, agita e faz que se reflita
 Sobre a maldita exploração.
 É fogo que queima
 É paixão que teima
 Mudar a ideia e o coração).
 Deixa, é verdade, a planta da obra ainda por fazer
 Não é a obra apenas do poder
 Dos cravos florescidos e não colhidos...
 Das conquistas parciais e arremedos;
 Das Repúblicas do terror e do medo
 Nem dos frágeis governos de amizade.

Mas a obra que eleva a humanidade
 Ao mais alto grau do espírito comunista;
 Onde o valor de troca é a solidariedade
 E a propriedade, internacionalista.
 Suas ideias como as imigrações
 Seguirão forçando as forças e as fronteiras.
 Em cada porto rompendo uma barreira
 Abrindo portas nas mentes e corações.
 E, no futuro, a História quando olhar
 Verá o passado no presente ainda a instigar
 Em meio aos textos, poesias e canções...
 A permanência das revoluções. (BOGO, Apêndice A, p.300).

A dor do eu lírico ao se despedir do sábio comunista revela a natureza humana de uma experiência de vida que transpassa o tempo individual. Essa perda deixou feridas que ainda não cicatrizaram. Entre elas a dor de quem não viu a Utopia ser realizada. O alento do eu lírico é perceber a riqueza da tradição, das experiências vividas e da convicção organizada pela planta que fica como herança e esperança de vê-la construída.

O poema estrutura-se de maneira que a partir do eufemismo dos dois primeiros versos: *De longe o fado sonolento,/ Avisa-nos que o sábio adormeceu...* Começa organizar, através das metonímias, uma reconfiguração das ações do “sábio comunista”. Utopia, letra e consciência personificam-se como sujeitos que conduzirão as ações que o homenageado não poderá mais conduzir. *Deixa o cansaço nas mãos da utopia / Foram golpeados pela força da consciência. / Sua escrita, não dita! Grita, agita e faz que se reflita.*

O eixo figurativo que organiza o poema em torno do legado crítico de um militante popular está condensado na escrita que é um trabalho transformador. Não são meras ideias soltas ao vento. A figuração das letras se dá pelo fato de elas assumirem-se como objeto que transforma as consciências e transforma a realidade e o sentimento: *É fogo que queima / É paixão que teima / Mudar a ideia e o coração.*

A cadência das rimas é organizada como se fosse a última realização do homenageado, a qual o eu lírico repete, personificando as ideias e as escritas que desejam ser refletidas. “utopia, preconceito, consciência, comunista, exploração, humanidade, solidariedade, internacionalista”. São palavras que desejam ser organizadas semanticamente pelo viés de classe.

O eu lírico busca, na constituição da obra, intensificar a singularidade humana de um ser que viveu para além dele mesmo. Além do elemento político, podemos perceber o elemento estético do processo comunista. O poema estrutura-se numa metalinguagem estética para generalizar os valores comunistas defendidos pelo homenageado.

Entre esses valores, temos a igualdade e a solidariedade como formação humana. Ao colocar o sábio no mesmo patamar do operário, o eu lírico revela o destino da escrita e o construtor da obra planejada. O sábio não poderá construir uma obra tão grandiosa sem a ajuda do trabalhador.

Assim, o eu lírico apresenta a utopia do sábio não apenas como força intelectual, mas como desejo de união entre as forças do operário para que, com a partilha dos saberes, a grande obra comunista pudesse ser realizada.

O eu lírico se despede do sábio comunista configurando a sua permanência no futuro através da arte. A especificidade de uma experiência tornada universal pelo caráter humanizador de suas ações num tempo caótico. Mas que também é de lutas. Lutas que se complementam na construção de uma sociedade que supere as formas burguesas refletidas pela filosofia, pela arte e pelo trabalho.

A primeira vista, temos a impressão de que Ademar defende a criação artística como processo de engajamento político que tende a contrapor a lógica capitalista, caso contrário seria uma arte desinteressada e a serviço do Capital.

No entanto, percebemos, com uma leitura mais atenta, que, na organização dos poemas, o poeta não só usa o discurso para exaltar a utopia comunista, mas antes de tudo, deseja que se eleve a consciência de classe e, por isso, o indivíduo é sempre o sujeito pelo qual se principia a valorização da humanidade sem as mediações alienadas e alienantes.

Nesse sentido é que a arte precisa ser organizada de maneira artística para ter uma eficácia estética e é essa eficácia que colocará a arte como reflexo crítico da realidade histórica de nosso tempo.

Além disso, Bogo (Apêndice B, p. 319), em entrevista dada ao autor desta tese, afirma que toda arte é ideológica porque é o ponto de vista do artista sobre a sua realidade histórica. Nas suas palavras: “É sempre ideológica principalmente porque não há criação sem intenção. É claro que nem toda intenção tem o mesmo sentido, há aquelas expressões que visam à alienação e outras a conscientização”.

No caso da criação poética de Bogo, é preciso entender que a sua conjuntura social de formação política e filosófica está vinculada com a trajetória de lutas e a consolidação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. É dessa perspectiva que ele vai estabelecer a identidade como elemento social da coletividade e da luta pela emancipação.

É claro que não podemos ler os poemas apenas pela referência do poeta, mas isso é um elemento a mais para situarmos o terreno ideológico que inicia o ponto de vista do criador poético. Não é uma aplicação mecânica do pensamento filosófico do autor nas análises dos poemas. É uma perspectiva que possibilita uma maior intimidade com o autor.

Essa é uma singularidade que principia o elemento ideológico nos poemas. Porém, a tensão entre a crítica da realidade e projeção imagética de outra forma social condiciona a ordenação entre estética e política na consolidação do poema e seu desejo é o de ultrapassar aquela particularidade que compõe o terreno da luta no contexto da vida social.

Essas referências vão se refletir na sua produção poética, enveredada na ação do fazer-se como novo ser, na qual uma nova sociabilidade depende da educação dos sentidos como elementos que possibilitam a elevação da consciência numa perspectiva humanista, mas que também precisa do indivíduo como agente transformador da coletividade.

Este trecho do poema citado acima é bem expressivo, pois o eu lírico insiste na continuidade coletiva do que era a visão de mundo na perspectiva da consciência de classe do homenageado.

E, no futuro, a História quando olhar
Verá o passado no presente ainda a instigar
Em meio aos textos, poesias e canções...

A permanência das revoluções.⁷

O eu lírico busca sempre apontar para o horizonte, como se estivesse tentando fazer com que as pessoas levantassem a cabeça e olhassem para além das circunstâncias cotidianas e alienantes.

A literatura, entre outras funções, pode nos revelar uma tendência acerca do processo revolucionário e em seu cerne pode ser desvelada o ofuscamento fetichista da vida privada. A possibilidade de reconhecer, pela arte, o núcleo crítico da vida é o desejo utópico que o poeta usa como força transformadora na organização das palavras e das ações na luta de classes. A utopia é núcleo porque, ao elaborar uma projeção imagética, traz em si também um questionamento da realidade atual.

Por isso a arte, em tempos de crise histórica, ganha especial importância, pois agora, aparentemente, a questão econômica não impulsiona permanentes mobilizações e muitas vezes podem ser dissimulá-la através das redes sociais virtuais.

Assim, a arte como potência de humanidade, pela ação estética revolucionária, pode contribuir na disputa pelo sentimento humano, em que o sentir seja um elemento de reflexão sobre a realidade histórica e de integralidade humana.

Nesta lógica, Bogo (2008) faz a seguinte observação:

Nas questões culturais, o militante deve saber como enfrentar os profundos desequilíbrios impostos pela ideologia da classe dominante, que falsifica o verdadeiro sentido de suas intenções; a destruição do conteúdo dos valores históricos, sustentáculos dos gestos de cooperação e solidariedade entre os seres humanos; a velha esquerda, como organização, era “espectadora artística”. O século atual exige que a militância assuma a tarefa de politizar, mas também de animar as massas. **A arte é patrimônio da classe trabalhadora, por isso tem um sentido revolucionário e deve-se recorrer a ela para melhorar a prática**⁸. O militante de nosso tempo precisa aprender a lidar com as emoções, não apenas de revolta, como era no passado, mas no sentido de descobrir que um ser humano tem a razão e o coração interligados. As ideias não nascem nem sobrevivem sem os sentimentos que devem alimentá-los e transportá-los. (BOGO, 2008, p. 189).

⁷ *Ibidem*, p. 300.

⁸ Grifo nosso.

Aqui, o autor coloca como tarefa a necessidade de apropriação da arte pela classe trabalhadora. Isso é louvável, no entanto devemos admitir a ideia de que a arte não pode ser vista apenas pelo crivo de patrimônio da classe trabalhadora, mesmo sabendo que essa classe é a mais desprovida de acesso e conhecimento estético.

A arte pertence aos seres humanos porque intensifica a humanidade, e é revolucionária porque permite ao ser social um autoconhecimento de si e do mundo, podendo assim contribuir na transformação de ambos.

As relações capitalistas têm como centralidade a apropriação dos objetos e não sua contemplação. Com isso tanto a classe trabalhadora como a classe burguesa são alienadas dos potenciais estéticos e humanizadores que a arte pode provocar. Assim sendo, a hostilidade do capital com a arte perpassa pela transfiguração feita entre o valor de uso e o valor de troca também nas relações artísticas.

Dito isso, concordo que a superação histórica do sistema capitalista, numa perspectiva comunista, é tarefa de todos os trabalhadores e a arte tem uma função que ultrapassa as classes, pois, parafraseando Lukács (2011), a grande arte é sempre desfeticizadora porque revela o núcleo da vida e potencializa suas contradições de maneira crítica, ou seja, reveladora da essência histórica e humana, além de potencializar uma ação transformadora na vida cotidiana.

A hostilidade ao ser humano pela perversa lógica social é devida, entre outras coisas, a propriedade privada dos meios de produção e à divisão social do trabalho, por isso a classe trabalhadora é a primeira a ser expulsa da vivência artística, pois esta é rebaixada à fruição mercadológica, alienada da experiência humana para aquém do mundo do trabalho.

Nesse sentido, Lukács (2011, p.98) conceitua que a arte, também hostilizada no mundo capitalista, sofre a mesma divisão do trabalho, “a hostilidade à arte e a cultura, própria do sistema capitalista, comporta o fracionamento da totalidade concreta do homem em especializações abstratas”.

Isso implica dizer que o artista vive uma relação de conflito na mediação da criação e o resultado do seu trabalho artístico. O objeto artístico pode aparecer no fim do processo como uma mercadoria consumível ou como uma obra de arte que condensa uma experiência humana. Isso vai depender, entre outras coisas, do grau de consciência, de liberdade e de espaço que o artista ocupa na divisão social do trabalho.

Bogo (2018), em entrevista dada ao autor desta tese, chama a atenção para o fato de que a crise civilizatória do capital reverbera também na criação artística. Para ele:

Em geral todas as produções decaíram de qualidade. As crises estruturais refletem sempre um conjunto de crises particulares. [...] A poesia é muito caprichosa para se fazer presente em festas de pouco brilho ou em períodos de desmoroamento do mundo. Sem motivos ela não aparece e se aparece não é vista e, se for vista, não é compreendida. A poesia atual, principalmente aquela que passa ser musicada, não tem profundidade porque traz em seu sentimento uma força maior que é o valor de troca; ela é feita com o objetivo de ser vendida e não guardada para que amadureça ou entregue a pessoa a quem se direciona. Não chega ser uma carta de intenções, muito pelo contrário é feita para acobertar os tropeços de sua própria construção. A juventude que compõe ou escreve poesias é filha de um tempo de inspirações acovardadas. É uma juventude que aprendeu a sonhar no sono do consumismo, por isso não tem o tempero do aço nem o corte da navalha para furar e retalhar a mão que a molda e amordaça. É uma juventude que não teme a censura porque vive para alegrar os ouvidos do sistema que a manipula. (BOGO, Apêndice B, p.312).

Apesar de fazer uma generalização, em relação a produção poética de nosso tempo, na qual discordamos em parte com autor. Se por um lado uma grande produção artística está vinculada a estrutura mercantil do capital, não significa que obras expressivas não estão sendo construídas e que coloque em evidência a própria contradição do mundo capitalista. Bogo tem razão quando destaca o domínio do Capital sobre a lógica cultural, pois percebemos uma pasteurização na produção e na propaganda de determinados segmentos artísticos com finalidades extremamente comerciais. Tanto o artista quanto o público são envolvidos num processo de alienação e a lógica mercantil atua como mediadora da fruição pseudoestética. Os poucos artistas que escapam dessas condições enfrentam grandes dificuldades para terem seus trabalhos reconhecidos.

Em relação à criação artística, a tradição exige um maior cuidado, a arte não funciona como as ciências exatas em que uma nova descoberta deixa a anterior obsoleta, na arte a tradição serve para o aprimoramento estético, exige-se do artista superação e conservação ao mesmo tempo, por isso a temporalidade da arte pode ultrapassar o tempo histórico de sua construção, o tratamento estético precisa de maturação para sua plena realização.

O processo artístico, inserido no campo da luta revolucionária, exige três movimentos simultâneos - o acesso pela classe trabalhadora de toda produção artística criada pela humanidade como herança histórica - e para isso é preciso quebrar velhos preconceitos acerca da arte produzida no tempo burguês; educação dos sentidos - como parte fundamental para formar uma subjetividade que supere a lógica mercantil - e superação da divisão social e hierárquica do trabalho artístico como privilégio de classe e indivíduos.

Para Ademar Bogo:

A arte é uma parte do fazer na luta. Ainda quando era entendida como técnica estava presa às habilidades dos “artesãos”, não deixa de ainda ter o mesmo significado, porém agora associada à arte é portadora da estética ou do sentir. Na luta de classes há que ter habilidades, estas são qualificadas pelas diferentes áreas do conhecimento e dos treinamentos. A experiência é a medida deste aprendizado. Mas, não se usa as habilidades sem beleza. (BOGO, Apêndice B, p.316).

Ao compararmos a criação estética de Ademar Bogo com sua elaboração teórica percebemos uma similaridade entre as linguagens. A racionalidade é um dos elementos que compõe a configuração criativa do poeta e na totalidade aglutina sentimentos e ações éticas em defesa da natureza e do humano. Em determinados momentos, quando a teoria hermenêutica parecer tomar conta de sua produção, o autor faz uma quebra no núcleo duro da palavra e nos faz sentir o valores da sensibilidade, da ordenação do pensar também pelos sentidos.

No caso dos poemas, o poeta inverte a lógica comentada acima, pois o que direciona inicialmente os versos é a ordenação dos sentidos e em seu núcleo aparece a configuração da racionalidade interpretativa e a defesa de uma determinada visão de mundo.

Vamos tentar entender isso a partir do poema “Água da razão”. Vejamos:

Há lágrima chorada
 Que nunca diz nada...
 É lágrima só, De pena ou dó...
 Lágrima chorada
 Em qualquer idade,
 Pode ser falsidade...
 Pode ser de amizade...
 Ou felicidade.
 Lágrima chorada
 No olhar da criança,
 É sempre esperança.
 Lágrima chorada
 Nos olhos do idoso,
 É esperançoso...
 É também perigoso
 Porque é amoroso,
 E traz confiança.
 Choro a contragosto
 É o coração exposto!
 É a ideia no rosto!
 É o protesto ao imposto!
 É a voz da razão.
 É a água sem mágoa!
 É a dor que deságua!
 Desde o coração.
 Se o choro é divino
 Cada gota é um hino
 Tocado no sino
 Da convocação.
 É a força! A verdade!
 O protesto! A piedade!
 É a dor na emoção.
 Mas a lágrima quente
 É quem rega a semente
 Da libertação.
 Solidário de novo
 Pelas palmas do povo
 Tens a gratidão.
 Com olhos aflitos
 Digamos: Malditos!!
 Os que fazem chorar
 Por querer distanciar
 Um abraço entre irmãos. (BOGO, Apêndice A, p.277).

O poema é formado por 44 versos organizados em três partes. São versos curtos com uma cadência que soa como lamento na forma, mas que, pelo conteúdo, representa uma elaboração crítica ordenada pela elevação do significado do “choro”, que pelo próprio título já é apresentado resignificado como “Água da razão”.

No poema, podemos perceber a dimensão cotidiana e interpretativa do choro. Contudo, o eu lírico traz uma oposição ao próprio choro: o “Choro chorado” e o “Choro a contragosto”. No primeiro caso, muitos significados podem motivar o choro,

que é, em certo sentido, individual. No segundo é a revolta consciente, a racionalidade que determina e configura a solidariedade e a partilha do choro.

Podemos observar que o eu lírico interpreta a primeira parte do choro, que vai até o décimo sétimo verso, como objetivações físicas e emocionais. A partir daí, até o vigésimo quinto verso, há uma elevação, do ponto de vista do eu lírico, acerca do sentimento e a razão é quem reorganiza os sentidos humanos como processo de conhecimento cotidiano, conceituando o choro como crítica social.

Na terceira e última parte do poema, o eu lírico organiza uma direção para a revolta e canaliza a dor para a solidariedade. O choro passa a ser o dinamizador da razão, e a crítica é inserida como ponto de partida para uma transformação nas relações sociais. O poema parte de um elemento popular e vai se inserindo numa postura crítica acerca da expropriação da vida humana.

Essa relação híbrida entre teoria e sentimento é uma característica da produção de Ademar Bogo, ao lermos suas produções teóricas, em diversos momentos, podem ser percebidas digressões permeadas por anedotas, contos e causos. Esses recursos são utilizados como mediação entre o racional e o emocional, estabelecendo uma conexão da totalidade dos sentidos.

Assim, o autor, tanto quando escreve textos filosóficos quando escreve literatura, busca relaciona-los como um reflexo do cotidiano da vida popular, seja para criticá-la seja para valorizá-la.

Percebemos, nos escritos de Bogo (2008), que existe uma preocupação em estabelecer as conexões entre a cultura popular, em seu sentido amplo, e a produção material da vida do trabalhador mediado pela luta de classes num esforço de superação dos entraves da alienação. Ele busca apresentar uma percepção da totalidade objetiva e subjetiva, uma relação intrínseca entre imaginação e realidade.

Isso significa que a cultura e a arte estão colocadas como energias fundamentais na disputa de classe, talvez pelo fato de que os elementos da superestrutura disseminam, em cada momento histórico, como diz Marx, “as ideias dominantes”, mas também suas contradições estruturais. Isso, na concepção de

Bogo (2008), pode ajudar na elevação da consciência e da identidade social em prol da emancipação humana. Já que:

A identidade, por sua vez, manifesta-se pela unicidade entre natureza e cultura em oposição à outra identidade. A existência física é reconhecida por certas características próprias de cada ser, forjadas pelo movimento da matéria e, no caso dos seres humanos, pela capacidade de ação e imaginação. (BOGO, 2008, p. 36).

A imaginação ganha uma importância significativa nas elaborações teóricas de Bogo (2008), pois para ele a identidade se identifica com a consciência de classe e a luta pela emancipação precisa ser compreendida para além das conquistas imediatas que os movimentos e partidos estão engajados. Assim, na concepção do autor é preciso fomentar uma nova prática de valores que não só apontem as contradições alienantes da vida social capitalista, mas que faça com que essas lutas apontem novas possibilidades de sociabilidade.

Para isso, são fundamentais a criatividade e a imaginação, pois possibilita promover a Mística e a Utopia como formas da consciência de classe e para além da classe. A imaginação ajuda a promover uma ação que permita superar as visões imediatas, busca não só apresentar as contradições, mas elevar a consciência numa perspectiva de superá-las socialmente. No entanto, o que se encontra como estrutura do capital é a desintegração do ser, e em consequência, sua força criativa é alienada pelas relações de produção e expropriação do trabalho nos moldes do mercado consumidor.

As relações capitalistas têm uma força alienante que ao mesmo tempo em que excluem um contingente enorme de seres humanos da produção e do consumo conseguem conduzir uma lógica consumista que desestimula a criatividade e a potencialidade de uma vida plena.

A resistência e a luta pela superação das relações reificadas precisam de agentes humanos e é na prática sócio-histórica que os problemas humanos são resolvidos, com isso novas possibilidades e contradições aparecerem numa outra perspectiva. Contudo, a prática social não acontece sem o vislumbrar de narrativas utópicas. Reconhecê-las em meio ao ofuscamento estético promovido pela indústria

do entretenimento alienante é uma tarefa a mais na luta pela superação da reificação da vida humana.

1.1.4 A ação política no século XXI

A luta de classes em cada tempo histórico tem suas especificidades. A ação política no século XXI está vinculada à elevação da sensibilidade humana como força mobilizadora, contudo, retomara direção revolucionária comunista é uma tarefa de imensas complexidades no atual contexto histórico.

Embora os avanços tecnológicos e científicos tenham colocado a humanidade em outro patamar na evolução histórica, ainda vivemos uma profunda desigualdade social. Isso exige um esforço teórico e muita mobilização popular para reverter à lógica predatória da natureza e o aprofundamento da barbárie nas relações humanas.

Mais do que nunca, os Movimentos populares precisam compreender a dinâmica da vida social e as engrenagens do modo capitalista de produção. Sem dúvidas, não basta compreender essa dinâmica, pois elementos teóricos dão conta de explicar alguns fenômenos estruturais da nossa sociabilidade. O que está em jogo também é o domínio das narrativas de mobilização e ruptura do sistema em que vivemos.

O Estado é o gerenciador das crises do capital, mas é também o responsável pela organização do modelo societário em cada comunidade histórica, a inoperância do Estado em transformar a lógica imposta pelo Capital, principalmente no quesito propriedade privada dos meios de produção, está na ordenação ideológica dos servidores públicos, que na sua orientação política são aliciados pela concepção mercadológica do sistema.

Karl Marx (2005), ao debater a questão judaica com o teórico Bruno Bauer, fez uma proposição sobre o caráter das lutas que disputam apenas a gerência do Estado e não enxergam suas contradições e nexos com o todo da sociedade. Assim diz Marx:

A antítese entre o Estado representativo democrático e a sociedade burguesa é o apogeu da antítese clássica entre a comunidade pública e a escravidão. No mundo moderno, cada qual é a um só tempo escravo e membro da comunidade. É precisamente a escravidão da sociedade burguesa, na aparência, a sua maior liberdade. E isto ocorre por ser aparentemente perfeita a independência do indivíduo, que torna o movimento desenfreado dos elementos alienados de sua vida – inteiramente desvinculados quer dos nexos gerais, quer do homem, por exemplo, o movimento da propriedade, da indústria, da religião etc. – por sua própria liberdade, quando se trata justamente de sua sujeição e de sua falta de humanidade acabadas. O privilégio é substituído aqui pelo, direito. (MARX, 2005, pp. 83-84).

Quer dizer, a lógica alienante da sociedade moderna enaltece ao grau máximo a meritocracia individualista tanto na esfera pública quanto privada. O indivíduo não reconhece as mediações do espaço público, Estado e sociedade civil, como elo da sociabilidade e que estabelece certas concepções de vida divididas entre privilégios e direitos para poucas pessoas e uma massa de expropriados das riquezas sociais.

Nessa lógica, existe uma disputa que aparece, na atualidade, e que ofusca as questões de base econômica, social, cultural, e também estética. A disputa pelo exibicionismo individualista, e isso causa uma ilusão de pertencimento ao mesmo ciclo social, pois qualquer um é espelho para realização do outro ‘eu’, ou seja, a minha imagem tem que provocar o desejo do outro ser ‘eu’, e pior, todos os modelos precisam aparecer como realizados econômica e socialmente, exacerbando uma alienação sem precedentes.

Existe uma mudança de paradigma na ação política do século XXI, as principais demandas do século passado giravam em torno do mundo do trabalho produtivo industrial. A precarização do mundo do trabalho e suas relações sociais provocavam os principais conflitos entre as classes dos proprietários do meio de produção e os vendedores de força de trabalho.

Na atualidade, as demandas mais evidenciadas giram em torno das lutas corporativas reivindicando determinados direitos, ou seja, questões como as lutas identitárias são mais constantes e diversas. Essas lutas apresentam características comuns, apesar das especificidades de cada grupo, estão dentro dos marcos do “Estado Democrático de Direito”. Podemos constatar isso nas diferentes lutas sociais, a exemplo: a luta dos movimentos negros por mais acesso as políticas

compensatórias, as das feministas por mais proteção e inclusão contra a cultura do machismo; a dos grupos religiosos, pela defesa da família monogâmica tradicional conservadora, etc.

Essas disputas apresentam suas contradições e suas oposições dentro do marco do direito, e que às vezes são capitalizadas pelas relações de produção e inseridas no mercado consumidor, colocando a contradição antagônica entre capital e trabalho em segundo plano ou longe do horizonte de luta. A reivindicação é justamente para garantir, ampliar ou até mesmo retirar direitos de outros grupos, mas no geral giram na mesma tendência de querer entrar nos moldes de trabalho e consumo do sistema capitalista.

As dinâmicas das lutas identitárias, em nosso tempo, apresentam o elemento da disputa ideológica, com novas substâncias e com ênfase no quesito das emoções, do sentir e do desejar. O capitalismo ao mesmo tempo em que individualiza, enrijece e virtualiza as relações humanas, coloca a subjetividade efêmera como centro das realizações ideais, o individual passa a ser desejado, mesmo inserido num determinado grupo social. O desejo é pela individualização, isso é uma renovação do narcisismo com uma dimensão universal e mais egocêntrica do 'eu' que deseja a aceitação do outro, mas que no fundo é para glorificar a si mesmo.

O Estado tem uma função no processo conflitivo dos espaços públicos e privados que busca a conciliação e subserviências entre classes, mas parte da premissa de que a elite dominante e proprietária tenham supremacia diante dos vendedores de força de trabalho. Nessa linha de pensamento, não basta gerenciar o Estado para ter igualdades de direitos, pois a estrutura do Estado funciona para manter os privilégios da classe dominante.

Qualquer tentativa de romper com os privilégios exclusivamente pela gerência do Estado vai criar uma tensão entre os setores mais conservadores e os progressistas. Isso pode desaguar num caos sociais ou a reconfiguração dos privilégios em outras condições.

Acerca disso, Lenin (2010) faz a seguinte observação:

Os democratas pequenos-burgueses, esses pseudossocialistas que substituíram a luta de classes por suas fantasias de harmonia entre as classes, fizeram da transformação socialista uma espécie de sonho: para eles, não se trata de derrubar a dominação da classe exploradora, mas de submeter paulatinamente à maioria consciente do seu papel. O único resultado dessa utopia pequeno-burguesa, indissolúvelmente ligada a ideia de um Estado por cima das classes, foi a traição dos interesses das classes trabalhadoras, como o provou a história das revoluções francesas de 1848 e de 1871, como o provou a experiência da participação “socialista” nos ministérios burgueses da Inglaterra, da França, da Itália e de outros países, no fim do século 19 e começo do 20. (LENIN, 2010, p.45).

Isso pode ser relacionado com nossa realidade atual, pois as forças partidárias de esquerda atuam nessa crença de que é possível adocicar o Capital paulatinamente por dentro do Estado. Quando a luta social fica no campo das reivindicações e não aponta estratégias para a ruptura e superação das classes, o jogo tende a ficar na disputa do Estado.

Acerca disso, Lenin (2010, p. 27), ao estudar sobre a questão do Estado, faz uma citação de Marx que diz: “O Estado é um órgão de dominação de classe, um órgão de submissão de uma classe por outra; é a criação de uma ‘ordem’ que legalize e consolide essa submissão, amortecendo a colisão das classes”.

Pensando nisso e sobre as análises que Ademar Bogo faz acerca das Organizações populares e das estratégias para a superação do Estado encontramos um fator importante que está relacionado com o elemento da cultura.

Bogo (2008) toma como ponto de partida a classe trabalhadora do campo. É esse universo sociológico que estrutura sua perspectiva política, no entanto, o escritor tem a consciência que o camponês está inserido na totalidade da vida social e isso possibilita que ele parta de uma realidade objetiva concreta para construir um arcabouço teórico e estético ligado a sua consciência de classe e em defesa da imaginável superação das estruturas sociais do capital, uma vez que:

Os camponeses não constituem uma sociedade à parte, uma classe arredia ou um modo de produção próprio; geralmente são vítimas das inovações e das transformações que mexem com seu modo de produzir a existência. Eles fazem parte do mesmo modo de produção em vigor e buscam, por meio das formas variadas de produção, maneiras de resistirem às transformações forçadas por elementos externos. (BOGO, 2008, p.91).

Um componente novo nas relações camponesas, que Bogo (2008) destaca é a luta organizada em movimentos populares, isso modifica a forma social dos camponeses, mas também, da sociedade como um todo, isso porque a luta interfere no modo cultural de promover a ligação entre trabalho, imaginação e consciência. Bogo (2008) também destaca as potencialidades e as limitações de um conjunto social inserido na totalidade alienante da vida capitalista, para ele:

A resposta à dissolução histórica é a organização social. Os problemas sociais provocam as mobilizações e estas se estruturam em movimentos de lutas que dão forma à classe social. É a história que aparece com um novo conteúdo. Os avanços na formação da consciência impedem de cair no corporativismo de que “cada um se basta a si próprio” e de que a organização política mais ampla não é necessária. A partir de meados da década de 1980, inaugurou-se no Brasil a fase da formação dos movimentos sociais do campo: de estrutura e princípios semelhantes, táticas combinadas por meio das diferentes formas de lutas, direção coletiva, autonomia política e ideologia própria. Esses movimentos sociais abrangem todas as diferenciações de trabalhadores ou comunidades indígenas, comunidades quilombolas, direitos dos pequenos agricultores, quebradeiras de coco de babaçu, ribeirinhos, extrativistas, cizaleiros etc. (BOGO, 2008, p.100).

Os movimentos populares podem ajudar a promover a elevação da consciência de classe, assim como também estudar as contradições do desenvolvimento social, além de olhar para o futuro e buscar as transformações sociais de um novo tipo e pode ainda ajudar a esclarecer um passado que também foi contraditório.

A consciência política e estética ajuda a perceber como foram organizadas as culturas dos antepassados e como elas influenciaram na concepção do mundo atual, contudo, fica cada vez mais claro, que sem programa e constantes esforços, as lutas organizadas podem cair nas armadilhas das institucionalizações e burocratizações, perdendo a força criativa e sua capacidade de mobilização e politização das massas para além das reivindicações no campo do direito.

A propositiva do filósofo Bogo é a construção de uma reflexão política que tenha como base a consciência de classe. Inserido nos movimentos sociais, busca desenvolver mecanismos formativos que auxiliam na práxis revolucionária no qual todos os sujeitos sejam responsáveis pela elaboração e implantação dos projetos sociais. Esse reconhecimento da totalidade histórica da vida humana é fundamental para criar novas possibilidades e superar culturas que segregam a vida social.

Foi nessa perspectiva que surgiu a forma organizativa do MST⁹, com núcleos familiares, setores, coordenações, brigadas e direções. Houve um esforço para inserir na condução do Movimento todos os membros dessa organização, pois cada um deveria assumir uma função na composição orgânica, isso tinha como finalidade eliminar a figura de poder individualista e corporativista.

A forma como cada grupo social se organiza também constitui a ideia de identidade, mas para além da identidade, a práxis cultural e de luta cria a concepção política e o método de ação que corresponde a cada momento e situação histórica. Isso porque para o filósofo a formação política é um dos métodos organizativos que auxiliam no processo de luta popular.

Nesse sentido é que a transformação das estruturas sociais capitalistas só poderá se efetivar pela luta política consciente e para isso é preciso praticar valores coletivos que elevem a consciência e direcionem para a luta revolucionária, assim a identidade individual passa a servir como mediação entre a particularidade e a universalidade nos anseios coletivos na luta pela superação das classes. Desse modo, para Bogo:

A identidade de classe se forma quando há reações concretas de lutas para não aceitar passivamente aquilo que está estabelecido por força da classe dominante. Frente a isto ocorre, então, o surgimento do que podemos chamar, num primeiro momento, de “identidade consciente”. Trata-se de compreender o que de fato é a realidade em que vivemos. Em segundo lugar, esta identidade eleva-se para a “autoconsciência”, que nos permite saber o que de fato queremos fazer de nós mesmos enquanto classe. Assim, na coletividade buscamos produzir a auto identidade que se enraíza na autoestima e, então, os passos dados deixam de ser aleatórios e em vão. (BOGO, 2008, p.118).

Para Bogo (2008) sem ter no horizonte estratégico a dimensão socialista, todas as tentativas de transformação social ficarão a margem do imediatismo e do corporativismo, mantendo a estrutura capitalista. Segundo ele, é preciso um partido revolucionário que tenha como função a intensificação das lutas de classes. Preparar a revolução exige um amplo conhecimento da realidade, mas também uma

⁹ Ver Normas Gerais e Princípios organizativos do MST. Cartilha publicada pela Secretaria Nacional do MST. 2016.

grande dose de imaginação para que possam modificar não só a estrutura política econômica, mas principalmente, a estrutura cultural e estética.

Essa consciência de classe não nasce espontaneamente apenas participando da luta. É preciso preparação, estudo, organização e formação estética e filosófica. Assim, compreendendo as dimensões da vida humana burguesa é que se pode propor outra sociabilidade. Esse é o horizonte que os escritos de Bogo nos apresentam, seja na questão teórica seja na forma poética.

No âmbito da poética de Ademar Bogo, podemos observar essa inquietude do poeta na condensação que organiza a consciência do sujeito histórico com o seu meio social e a visão crítica do mundo.

Observemos, por exemplo, o poema “Profeta da dialética” como força organizadora de um sentimento estético na formulação da crítica social.

Como o som no ouvido penetrado,
Avisa a caça antes que seja abatida;
Quer espantá-la e salvar-lhe a vida
Com a mudança de postura em seu estado.
Toca-lhe a pele com um grito humanizado...
De quem a morte já sente por inteiro...
Quer que escape renegando o próprio cheiro;
De um mofo azedo no corpo deslavado.

Se não se importa, a morte virá cedo!
Se se importar, deve fazer mudanças!
Alçar as forças bem mais que as esperanças
E beijar a boca fétida do medo.
Furar a alma usando o próprio dedo,
Para extrair o mal do próprio peito
E dar um novo predicado ao sujeito
Que o retire do estado de degedo.

Vai Leandro, profeta da dialética!
Que viverá arranhando o atraso escrito;
Como o guarda que alerta com o apito
Sem fazer parte da cena mais patética.
Com as ideias e a rima bem poética
Fará apenas dizer o que não cabe
E o fará porque compreende e sabe
Que a esperança se sustenta com a ética. (BOGO, Apêndice A, p.288).

Esse talvez seja o poema mais hermético e doloroso que Ademar Bogo criou. É uma despedida que não se despede, é um confronto entre ideias, escritas e ações que autorrefletem a condição do fazer filosófico em primeiro plano. Em segundo

plano, resta a impossibilidade do poeta de transformar a dor em luta concreta. O poema é dividido em três estrofes com oito versos cada, a métrica é livre, porém obedece a disposição de rimas intercaladas ao esquema “ABBA ACCA”, na primeira estrofe; “DEED DFFD”, na segunda; e “GFFG GHHG” na terceira estrofe.

As estrofes concentram núcleos de figuração que se complementam, mas que também carregam certa autonomia. A primeira parte apresenta o elemento de oposição entre o pensar criticamente de forma filosófica e a ordenação na consciência do sujeito que se apropria do conhecimento.

O eu lírico reflete sobre a impossibilidade das ideias se transformarem em ações conscientes em defesa da integridade humana: *Como o som no ouvido penetrado,/ Avisa a caça antes que seja abatida.* O primeiro verso do poema inicia-se com um elemento de comparação e serve como introdução ao eufemismo que compõe toda a estrofe pela suavidade em transmitir a dor lírica que se efetivará na terceira estrofe. *Quer espantá-la e salvar-lhe a vida / Com a mudança de postura em seu estado.* (primeira estrofe) *Vai Leandro, profeta da dialética! / Que viverá arranhando o atraso escrito* (terceira estrofe).

Na segunda estrofe, temos como núcleo de figuração a força transformadora do conhecimento na consciência. As ideias não estão soltas no ar, como na primeira estrofe. Agora em contato com o saber filosófico, o ser precisa reagir metamorfoseando-se por completo. O elemento constitutivo dessa estrofe é a mistura de hipérbole com sinestesia. *Alçar as forças bem mais que as esperanças / E beijar a boca fétida do medo./ Furar a alma usando o próprio dedo.*

Finalmente, na terceira estrofe, a configuração da dor lírica apresenta o silêncio da voz filosófica que fazia crítica em defesa da integridade humana. Nessa estrofe, temos a quebra da transformação objetiva que era provocada pelas ideias na consciência. Por um lado, se a voz filosófica perdeu sua referência, temos na voz lírica a tentativa de restabelecer, pela forma poética, o discurso teórico. Contudo, na forma poética se mistura o desejo de permanência e luto pela morte física de seu principal expoente.

O eixo organizativo da estrofe é a comparação que centraliza a perspectiva do eu lírico em transfigura o homenageado como referência filosófica. A metáfora estabelecida nas três estrofes envolve as figuras de pensamento dando forma estética ao desejo do eu lírico em manter o som do profeta ecoando nas consciências através da força literária. *Com as ideias e a rima bem poética / Fará apenas dizer o que não cabe / E o fará porque compreende e sabe / Que a esperança se sustenta com a ética.*

Numa outra perspectiva, o eu lírico busca demonstrar que o homenageado alertou os companheiros dos desvios sectários. Mesmo assim, e talvez por causa disso, não pode ver a solidariedade humana se realizar.

A escrita, fundamentada na ética comunista, não é apenas o registro de um pensamento crítico, é a organização dos sentidos que analisa um processo histórico e que percebe pelas ações atuais, elementos que antecipam possíveis desdobramentos futuros. O que para o eu lírico expõe uma profunda dor ao criticar os desvios tomados no caminho em busca da emancipação.

A poesia é refúgio para o eu lírico, que a coloca como resistência e organização ética. Ali está condensada a crítica e a antecipação do que poderia vir a ser de outra maneira. A esperança torna-se sinônimo de Utopia.

O “Profeta da dialética” antecipa e alerta sobre a luta dos contrários que põe em movimento a realidade da história. Elevar a consciência estética parece uma maneira de contrapor aos erros das ações políticas que conduzem a luta para o campo do revisionismo.

Em outro momento, Bogo (2008) reflete sobre a posição do indivíduo na transformação social. Tem como proposição que é o sujeito histórico quem faz as modificações de seu tempo. Por outro lado, esse sujeito está permeado pelas ideias dominantes e contraditórias da sua realidade. Por isso, a cultura não é neutra e precisa ser compreendida em seus aspectos objetivos e subjetivos. Dessa maneira, os sujeitos poderão perceber que a formação de uma identidade de classe é perpassada por conflitos e superações no âmbito individual e coletivo. Pois:

O que move o ser humano e a sociedade são as necessidades concretas que dependem do processo de objetivação para serem atendidas, ou seja, a necessidade obriga o ser humano a imaginar soluções concretas aos problemas colocados. (BOGO, 2008, p. 43).

As referências e análises filosóficas são partes constitutivas da criação literária e essa totalidade criativa é fundamental para a elevação da consciência crítica e de classe que propõe o poeta. Não é apenas um anexo teórico, é parte intrínseca na formulação poética de Bogo. Ao escrever, envolve todos os sentimentos e o leitor ao adentrar em suas leituras acaba envolto numa simbiose teórica e estética e dificilmente sairá o mesmo depois dessa experiência.

1.1.5 Consciência política e estética na formação dos Movimentos populares

Ademar Bogo, em suas publicações, em especial, no livro *Organização política e Política de quadros* (2011), vem observando que muitos partidos de vanguarda, com perspectivas comunistas, a exemplo do Partido Comunista da União Soviética e que tinham no horizonte a estratégia revolucionária, resguardadas as especificidades históricas, ao chegar ao poder após a vitória inicial, para manter o domínio político, retrocedem a ação política da transformação radical, buscando manter as estruturas de poder conquistadas e com isso perdeu-se o horizonte revolucionário. O que os levava à conquista tornara-se um entrave posteriormente, pois não conseguiram manter o constante processo de transição para superar a lógica capitalista, por vezes, transformando a organização em meros administradores da lógica de exploração.

Uma conclusão possível é que o movimento revolucionário deve ser ininterrupto para que a consciência de classe chegue a sua radicalidade, contudo, é necessário sempre uma análise teórica tanto dos processos passados quanto do que está em andamento. Como diz Marx:

A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas. A teoria é capaz de se apoderar das massas tão logo demonstra *ad hominem*, e demonstra *ad hominem* tão logo se torna radical. Ser radical é agarrar a coisa pela raiz. Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem. (MARX, 2010, p.151).

A luta revolucionária não acaba enquanto a humanidade não se emancipar por completo e em todos os sentidos, mesmo assim, A revolução não extingue as contradições, ela gera novas, a emancipação não é um processo com fim previsto, é um processo permanente, mediado pelo trabalho humano. O movimento histórico da humanidade sempre exigirá novas transformações, aperfeiçoamentos e superações.

Segundo Bogo (2011), as experiências históricas nos ensinam que é preciso uma Vanguarda Revolucionária para canalizar as forças dos diferentes Movimentos populares para o enfrentamento de classes, superando a dicotomia político-econômica e seguindo em direção a uma nova sociabilidade emancipada.

Por isso, a formação de quadros, ou seja, de dirigentes altamente qualificados, que conheçam a realidade histórica e o movimento das forças antagônicas é fundamental para a unificação das lutas e o salto qualitativo da “consciência em si a consciência para si”. Dessa forma, a heterogeneidade das Organizações políticas pode potencializar a luta em diversas frentes, possibilitando uma vitória mais consistente, desde que não perca do horizonte a estratégia de superação das classes.

Porém, quando falamos de organização popular, quase sempre, temos a impressão que a luta é puramente econômica, e em geral, esse é o fio condutor. Contudo, no século XXI, apresenta-se uma carência cultural que, não desvinculada da luta econômica, torna-se um grande desafio para os movimentos e partidos populares.

Antonio Candido, no artigo *Direito a Literatura*, apresenta a literatura e arte de maneira geral, como um bem essencial para a formação e integridade da vida humana. Nas palavras dele:

A luta Pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 1988, p. 191).

Pensando assim, é fundamental que as organizações populares incorporem, nas suas ações políticas, a questão da arte como princípio formador da dignidade humana.

Alguns Movimentos populares, como o MST, reconhecem a arte como elemento místico e a inserem constantemente em suas ações, contudo, ainda priorizam com maior intensidade as suas próprias produções. Isso não é um problema em si, mas é preciso ficar atento para não perder as criações de outras dimensões da sociedade, assim como defende Candido, para que a luta por justiça também esteja contemplada pelas experiências humanas universais que a arte proporciona. Nesse sentido, a experiência estética deve ser um elemento incorporado na formação das organizações populares. Assim a questão econômica terá uma substância proporcional à elevação da consciência e defesa da reorganização da sociabilidade humana com novas características sociais.

A formação de quadros está diretamente ligada com os objetivos de cada Organização. Se o objetivo for apenas chegar ao poder estatal e por lá fazer as reformas necessárias, não se avançará muito, no sentido que não se propõe a reestruturação das bases de exploração do Capital. Caso o objetivo seja superar o capital, exigirá uma luta mais qualificada ainda, pois deverá ser construídas táticas que fomentem a supressão da exploração humana. De tal modo que para Bogo:

As perguntas atuais, sem deixar de observar os conceitos e as experiências anteriores, devem ser respondidas por sujeitos atuais, com táticas e instrumentos atualizados. A mudança de conteúdo na composição das forças sociais exige a criatividade para reinventar as formas organizativas. (BOGO, 2011, p. 219-220).

Nesse sentido, ganha força um elemento, que muitas vezes, passa despercebido nos Movimentos populares: a questão da estética como força formadora dos sentidos humanos, incluídos nele o sentimento político e revolucionário.

Além disso, diferente das experiências de organização políticas e lutas revolucionárias do passado – nas quais, hoje, podemos analisar e questionar algumas ações que não correspondiam à Utopia comunista – a arte, ao contrário,

como tradição estética mantém uma força educativa que liga o passado ao presente mostrando tendências que as vezes passavam despercebidas nas análises políticas.

Na atualidade, as experiências estéticas não podem refutar a tradição sem correr o risco de inviabilizar o conhecimento de sua vitalidade e permanência na formação dos sentidos humanos, além da possibilidade de interpretação das ações humanas em determinadas épocas históricas.

Bogo (2011) vai trabalhar com a categoria da Mística como formação dos sentidos humanos que reflete, analisa e transforma tradições e valores em luta permanente para reordenação da vida social e cultural.

A estética como política é uma preocupação do poeta, mas não significa que o poema deva apresentar necessariamente uma propaganda das ideias políticas. O elemento político está na constituição das mediações entre forma e conteúdo.

Vejamos um trecho do poema “A arte de gerar”. Nele podemos perceber que é a sensibilidade que eleva a racionalidade. O eu lírico descobre o mundo e a realidade que o cerca primeiro pela contemplação e pelos sentidos e a sua fruição não é um devaneio ilusório. Eis o poema:

[...] É o coração quem alerta o caminhante dizendo que:
 Há uma flor desabrochando
 há uma árvore dormindo
 há uma montanha gritando.
 há nuvens e arco-íris
 há ternura e paixão
 há fome, gente morrendo
 há dor dentro da canção.
 há lábio aberto sorrindo
 há povos em procissão
 há guerras no tempo indo
 há luar cá no sertão.
 há seresteiros cantando
 há casais de bicho amando
 há sonhos no coração...
 [...] (BOGO, Apêndice A, p.273).

Podemos observar que o devaneio do eu lírico não perde de vista as questões sociais. A ideia da contemplação na diversidade humana organiza o pensamento e o sentido do caminho. O primeiro verso expõe a questão central do poema: “Qual a razão de lutar?” E quem tem essa resposta é o coração, ou seja,

nem sempre é a racionalidade que impulsiona as ações humanas, em muitas ocasiões é o *Pathos* que primeiro nos mobiliza a fazer algo que desejamos.

Em seguida, temos catorze versos, todos figurados por anáforas iniciadas com a conjugação do verbo haver, mostram a diversidade da vida social e natural que justificam as razões encontradas pelo caminhante. A existência da cotidianidade como objetividade externa que vai ser refletida pela subjetividade do eu lírico.

O “Há” soa como força impulsionadora, sua retomada anafórica dá sentido ao caminho, mas nos faz perceber como algumas coisas estão em desacordo com a harmonia da vida. Não é só a beleza que nos impulsiona, existem coisas que devem ser mudadas pela força humana.

Mais uma vez, a metáfora do “caminho” é o que nos faz refletir sobre a ação política como estrutura da organização da vida social, sem perder de vista que no processo esta dicotomia entre o ser social e a natureza precisa ser superada.

O poema não resolve essa separação, mas o caminhante nutre uma esperança que coloca a questão da arte como centro organizador da luta em que tanto a política como a estética forma uma totalidade na construção de outra sociabilidade.

Isso nos remete pensar sobre a organização da forma capitalista, nesse início de século, como grande dinamizadora de paixões fetichistas, tendo como principal catalisador o dinheiro.

O eu lírico deseja ser outro dinamizador de paixões que se contraponha à lógica da mercadoria e retoma a questão da fruição da arte que não seja pelo consumo. Contudo, o poeta corre o risco de ter criado apenas um discurso utilitário/ideológico e também não servir para purgar os sentimentos numa perspectiva humana.

A reorganização da forma burguesa exige não só a reorganização da forma social dos trabalhadores, mas também a forma da própria luta popular. A arte não pode servir apenas como elemento utilitarista para inserir uma outra discussão ou

outro propósito, pois assim corre-se o risco de criar algo acessório e contingente, algo que não é efetivamente constituinte do processo de emancipação.

Assim, o poema figura a relação dos sentidos e das ações como forma de consciência individual e coletiva, o que pode possibilitar contrapor as paixões apenas individualistas da lógica do capital.

A análise que a configuração da massa trabalhadora vem se modificando e se fragmentando ao longo das décadas demonstra que as forças econômicas continuam tendo centralidade nas modificações estruturais do capitalismo, porém, outros elementos culturais precisam estar na configuração de mobilização e luta dos trabalhadores.

Acerca disso, Bogo faz a seguinte observação:

Os grandes contingentes de massas concentrados nas grandes metrópoles e centros urbanos necessitam saber quais são as suas funções sociais. Não se trata de desqualificar a classe, mas sim, de fazer com que se some a ela, agora, não mais pela possibilidade da identidade profissional, mas pela posição de classe que articula as coletividades para o cumprimento das mesmas funções políticas locais e continentais. (BOGO, 2011, p. 31).

A reestruturação do Capital em fins do século XX e início do XXI aumentou ainda mais o aglomerado de trabalhadores desempregados, segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho – OIT/ONU¹⁰, o número de desempregados no Brasil deve chegar a média de 7,5 %, ou seja quase 15 milhões de pessoas dispersas. Isso significa que a organização da classe como unidade coesa se dispersou e que os sindicatos tiveram uma baixa significativa de associados, pois a evolução da nanotecnologia aperfeiçoou ainda mais a robotização no processo produtivo, além do aumento do capital financeiro nas especulações das bolsas de valores, onde o lucro fictício apequenou o setor produtivo.

A consequência imediata da diminuição do acesso do trabalhador ao emprego formal de carteira assinada é o aumento da instabilidade econômica, com o

¹⁰ Dados retirados do sitio OIT/ONU Brasil em <https://nacoesunidas.org/oit-desemprego-no-brasil-deve-ficar-em-75-ao-ano-ate-2019/> acessado em 08/04/2018.

consumo impedido, o Capital tende a viver em crise. Entretanto, observamos que o aglomerado das massas não reage como classe, mas sim como indivíduos em disputa. A pauta é pela sobrevivência e não pelo enfrentamento do modelo social que causa o empobrecimento generalizado.

E a arte, aonde entra nesta questão? Ao ofuscar a arte como potência humanizadora, o capitalista a estabelece como mero objeto de prazer e consumo, tornando-a sua reprodutividade ao gosto do mercado, com isso a possibilidade de educação estética é reduzida a ostentação, o sentir artístico é diminuído ao ter artístico. Essa lógica está imposta para todas as camadas sociais, pois a produção artística vive o contexto histórico de sua comunidade.

Por isso, Marx vai falar da formação dos sentidos como um longo processo histórico e da relação com os objetos que as sociedades se relacionam. A esse respeito, Mészáros, referenciado em Marx, faz a seguinte observação acerca dos sentidos humanos:

Os sentidos humanos são, portanto, de uma imensa variedade e riqueza. Eles são inumeráveis: seu número corresponde à riqueza infinita dos objetos com os quais os sentidos humanos se relacionam. Exemplos como "ouvido musical", "senso mineralógico", indicam o caráter múltiplo dos objetos a que se referem. O mesmo objeto apresenta muitas características - por exemplo, a beleza do mineral em contraste com as suas propriedades físicas comercialmente exploráveis ou seu valor mercantil - que só se tornam reais para o indivíduo se este possuir a sensibilidade (isto é, o "sentido mineralógico", o "ouvido musical" etc.) para percebê-las. (MÉSZÁROS, 2006, p. 183).

São as relações sociais entre o sujeito e o objeto que vão direcionar o sentido do objeto para o indivíduo e revelar uma determinada visão de mundo e de sociedade que estão colocadas na estrutura social.

Por outro lado, esse modelo social também produz suas próprias contradições, o que abre possibilidade de enfrentamentos, de resistências, de organização de trincheiras, enfim, de luta popular. Agora, é preciso que o elemento estético esteja intrínseco na estratégia de luta, retomar a Utopia como orientação para continuarmos caminhando em busca da superação do capitalismo.

Conhecer a realidade social e reorganizar os trabalhadores dispersos com uma nova e criativa forma de luta. Se o capital mudou as ferramentas de exploração

dos seres humanos e da natureza, devemos também inventar novas formas de educação estética e política para evidenciar o cerne da vida e fazer a crítica pertinente para avançar na desfetichização da mercadoria e conseqüentemente a descoisificação humana, pois:

Estamos vivendo uma época em que as inovações do capital não permitem imitações ou suposições de formas organizativas para enfrentá-lo. O momento presente exige capacidade criativa para descobrir quais são os sinais antecipados do que poderá ser o futuro e, com isso, buscar a formulação de mediações que possam ligar o sujeito político ao objetivo histórico a ser alcançado. (BOGO, 2011, p. 33).

Nessa lógica, a capacidade criativa deve ser pensada não só como discurso de uma nova sociabilidade, mas também como antecipação prática, ou seja, reorganização de relações e objetos que vislumbre elementos dessa nova comunidade. Colocar em descrença esta velha sociedade incorporando o elemento estético como ação permanente e tática de formação dos sentimentos humanos. Dessa maneira, a tradição ganha importância fundamental porque contrapõe o efêmero especulativo do presente como única construção necessária.

Os métodos organizativos devem ser inovados para que se coloque em pauta a luta revolucionária. Para Bogo (2011), as massas possuem grande poder criador, por isso o vínculo entre o grupo dirigente e a base deve ser tão comprometido que um não tome decisões sem aprovação do outro. Isso só poderá acontecer se o corpo de vanguarda conviver com as classes trabalhadoras, sentir seus dramas e alegrias, aprender com ela e com isso poder aperfeiçoar as massas numa mesma identidade política. Como Bogo (2011, p.93) diz: “A organização revolucionária é a capacidade de as forças apresentarem soluções profundas dos problemas sociais para a classe e para as massas populares que ela representa”.

Avançar na luta para além do “Estado Democrático de Direito” e sua ordenação jurídica. Reconfigurar os quadros dirigentes vinculados com as massas populares e fomentar no imaginário popular uma perspectiva de superação do Estado capitalista e contrapor as regras de civilidade imposta pelas relações mercantis são os grandes desafios das forças revolucionárias do século XXI. Nesse pensamento, Bogo faz a seguinte afirmação:

Os partidos de esquerda e de oposição em vários países tornaram-se reféns da situação quando entraram para as administrações públicas dentro dos marcos da ordem burguesa. Além de se tornarem serviçais da ordem, não se propõem a fazer qualquer mudança, pois temem as críticas e as reações das forças contrárias. (BOGO, 2011, p. 104).

Por isso vivemos um momento delicado nas últimas décadas, principalmente depois que ditadura civil-militar teve sua derrocada, pois as forças de esquerda, por ter sofrido grandes percas com a truculência dos regimes autoritários, buscaram reformular suas estratégias e decidiram lutar por dentro da ordem burocrata do Estado e por lá foram fazendo mudanças e reformas que não alteraram a estrutura do Capital.

Não deu certo, pois a estrutura do capital não se modifica apenas com eleições, principalmente quando as massas dispersas não têm sua consciência elevada ao desejo de uma nova sociedade sem classes. As massas por si só não vão tornar-se conscientes, muito menos revolucionárias apenas melhorando o seu acesso ao mercado consumidor.

No processo de criação revolucionária, a força dirigente deve orientar o caminho e o momento propício para a ruptura definitiva com o modelo capitalista. Não fará isso sem que a massa enxergue nela uma representação universal da vontade coletiva e individual.

Acerca disso, Bogo faz a seguinte colocação:

Embora a revolução deva ser feita pelas forças sociais e muitas coisas em seu processo sejam imprevisíveis, ela se torna impossível sem uma força dirigente organizada para conduzir a construção do poder. Se é fato que sem ação não há organização, sem organização não há revolução. É a força dirigente, como guardião de consciência de classe, que desvenda quando a sociedade vive um momento revolucionário e aproveita para associar as demais forças em movimento para acelerar a derrota da classe dominante. (BOGO, 2011, p. 98).

Bogo (2011) também nos chama atenção para a continuidade do processo revolucionário: não basta derrotar a classe antagônica para se instalar uma nova forma política, as forças revolucionárias precisam transformar a cultura burocrática dos processos que entravam a continuidade da emancipação.

O século XX nos encheu de esperança, pois mostrou que o capitalismo pode não ser eterno, nos ensinou as contradições da propriedade, da mercadoria, do trabalho e do Estado, como também, nos ensinou que é preciso ir além da tomada do poder para reestruturar a vida social numa nova perspectiva. Como diz Bogo:

Entendemos que a revolução não pode libertar para depois asfixiar-se a si própria: ela deve continuar a ser sempre revolução, principalmente no que se refere à liberação da capacidade criativa. Uma sociedade que nada cria está doente. A liberdade de criação está na distribuição das responsabilidades com as forças que venceram a batalha do poder e que não podem deixar de executar as suas tarefas, sejam elas produtivas, políticas, sociais ou culturais. (BOGO, 2011, p. 107).

A nova sociedade será uma grande criação humana, mas não nascerá do nada, serão a superação de todas as formas societárias anteriores, a tradição não se perderá, mas será reorientada através da práxis que possibilitará o conhecimento da realidade e de suas contradições, mas sempre avançando na superação das desigualdades.

Os conhecimentos da vida social nos aspectos econômicos, filosóficos, culturais e artísticos devem estar ligados a um profundo desejo de socialização das riquezas humanas e naturais. A força criativa intensificará uma humanidade mais plena, que foi impedida de se realizar na forma capitalista.

1.1.6 Luta política e emancipação

A questão central da produção intelectual de Bogo está marcada pela perspectiva da emancipação, tal como Marx a conceituou em suas obras, pelo viés da superação das mediações que separam os seres humanos das riquezas produzidas, que são: a propriedade privada, o trabalho assalariado e o Estado.

Por isso a luta revolucionária precisa estar na ordem do dia, as contradições do Capital exigem a tomada de uma posição que quebre com as mediações secundárias do intercâmbio humano e natural. Para Bogo:

Somente quando a revolução tiver capacidade de destruir o Estado terá, de fato, criado as condições para a emancipação. **Emancipar**, portanto, não é algo abstrato ou um ato de magia, mas sim, a criação de uma situação em que as relações de produção e sociais modificam sua ordem e natureza; é a eliminação das mediações que se colocam entre a opressão vivida e a liberdade a ser conquistada. (BOGO, 2011, p. 122).

Penso que assim, podemos dizer que, para Ademar Bogo, a luta social deve ser permanente, a organização altamente qualificada com quadros e dirigentes vinculada com a base e tendo a consciência que o enfrentamento político deve ter como objetivo estratégico a revolução comunista em prol da humanidade.

Essas convicções não são originárias de Bogo, mas sim oriundas dos estudos do pensamento de Karl Marx e das tentativas históricas que os partidos comunistas e organizações de vanguarda buscaram desenvolver em muitos países como União Soviética, China, Cuba, Alemanha, entre outras.

Ademar Bogo foi, por mais de 30 anos, um importante pensador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Sua convicção de que a Organização deveria ter como objetivo a luta pela terra, a reforma agrária e transformação social é a primeira tentativa de colocar no horizonte da luta popular os mecanismos de superação das forças do Capital.

Isso porque o processo da revolução comunista se faz pela práxis em três frentes indissociáveis – mobilização das massas para a luta imediata e econômica, elevação política por reformas dentro do sistema, e a principal delas, a formação de quadros e militância com consciência revolucionária – vinculada com a base para qualificar a luta revolucionária para além do Estado, rompendo com a contradição ontológica entre Trabalho e Capital.

Marx (1998, p.41), no Manifesto Comunista de 1848, fala sobre a superação do Capital, nas palavras dele, “A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações de propriedade tradicionais. Não surpreende que seu desenvolvimento envolva a ruptura mais radical com as ideias tradicionais”.

Ao perdermos de vista esse horizonte, ficamos apenas no terreno das conquistas imediatas, que não são permanentes e que nem por si só podem nos leva a ruptura definitiva do modelo Burguês de produção da vida social.

Essa é a lição que Bogo, insistentemente, busca colocar na ordem do dia, as experiências de lutas passadas podem nos ensinar a avançar nos processos de luta

atual, retomar o horizonte teórico da luta comunista na construção da generalidade humana, na elevação da consciência de classe e na organização popular.

1.1.7 Configuração filosófica na criação poética de Ademar Bogo: um elemento de interpretação da luta popular

Uma questão estruturante e que norteia a criação poética de Ademar Bogo é a presença da arte, sua fruição e os sentimentos partícipes do universo estético. Isto é, Bogo toma a arte como potência de formação humana, como elemento esclarecedor e intensificador das consciências.

Além disso, o poeta se preocupa em estabelecer uma relação entre a composição artística e a luta popular nas transformações materiais necessárias às mudanças e ao acesso às superestruturas socioculturais.

As imagens construídas sobre a ação política e a criação estética possibilitam a compreensão das transfigurações propostas pelo “eu lírico” em estabelecer uma relação entre o trabalho; à propriedade privada, em especial a terra; e a utopia comunista.

As possibilidades de realização estética na relação entre indivíduo, mundo natural, mundo social e transformação coletiva são mediações dos mecanismos de luta popular e elaboração teórica que compõe o universo imagético do poeta, esses elementos são estruturantes na composição formal dos poemas estudados de Ademar Bogo.

O poeta busca eliminar os entraves entre sua subjetividade e a subjetividade do outro, tenta uma comunicação acessível, o que nem sempre é possível, tendo em vista que o outro nem sempre pertence ao mesmo universo ideológico. Outro desafio é o do acesso à arte, o poeta fala e estabelece valores universais que deseja ser entendido pelo outro. O problema é que sem mudar as estruturas materiais da vida social, a sua luta e sua poesia correm sérios riscos de serem em vão.

Por mais que o poeta deseje estabelecer uma ligação direta com a classe trabalhadora, nem sempre isso é possível, pois a forma de alienação material e cultural também fragmenta a organização dos trabalhadores. Embora os poemas

apontem uma superação do indivíduo egoísta, ainda é o indivíduo que prevalece, mesmo ele sendo um exemplo de que é possível a superação da consciência para si, elevando-a em consciência em si, ainda assim, a formação dos sujeitos históricos é um fator importante para a compreensão política e estética de suas criações.

O que os poemas de Ademar Bogo, ao menos os analisados, nos mostram é que existe um longo caminho a ser percorrido e que as conquistas estéticas estão no mesmo patamar das conquistas materiais.

A construção poética de Ademar Bogo segue uma trajetória conflituosa na busca da identidade de classe e o desejo de superá-la através da elevação dos sentidos pertinente à estética. Acerca da identidade, o poeta a apresenta como uma construção que deve ir além da cultura, pois somos seres em constante transformação e essa transformação precisa ter como processo a superação dos elementos alienadores. Assim diz ele:

A identidade para além da cultura centra-se no ser das coisas e nas perspectivas que apontam as mudanças para frente. As coisas são o que são mais aquilo que virão a ser, delineado pelo movimento de suas contradições internas, pois ao se fazerem, antecipam em si as características daquilo que serão. É a ação consciente do ser humano através do trabalho ou de outra atividade cultural, como a arte, a educação e a pesquisa, que nos permite passar de seres biológicos para seres sociais. Negamos o estado de natureza pura para nos tornarmos humanos, por meio do trabalho como base da formação da cultura sem deixarmos de ser totalmente natureza. (BOGO, 2008, p.27).

Podemos, assim, inferir que Ademar Bogo (2008) acredita que os dois elementos centrais no desenvolvimento humano caracterizam-se pelo trabalho e pela cultura. Primeiro, o trabalho, categoria fundante do ser social, e através desse surge a cultura, responsável por modelar a identidade do sujeito em cada contexto histórico, pois são as ações dos indivíduos em suas comunidades que estabelecem as relações sociais e suas contradições no tempo e no espaço histórico, configurando as determinações e potencialidades da vida em sociedade.

O trabalho foi determinante para a ampliação do ser biológico em ser humano, mas a cultura, e nela incluímos as artes, teve um papel importante na intensificação das potencialidades humanas. A modificação da natureza, feita pela ação humana, busca atender às necessidades que surgem no quesito econômico,

cultural e político das atividades produtivas as quais determinam as relações sociais em cada período histórico.

O atual modelo de sociedade impõe uma cruel divisão do trabalho e a nossa humanidade vai se coisificando cada vez mais na medida em que se separaram os bens produzidos dos seus produtores, ou seja, a divisão entre a produção de bens, pelos trabalhadores, e sua apropriação, pelos donos do capital, causa impactos também nos elementos culturais e artísticos, pois essa divisão não permite o desenvolvimento das potencialidades humanas com plena liberdade.

Tendo em vista, essas questões, Ademar Bogo possui uma compreensão do coletivo como determinante de uma nova sociabilidade, por isso, sua poética aponta sempre uma perspectiva de ação cultural que apresente a coletividade como fim último das ações individuais. Apesar de vivemos numa sociedade em que a disputa individual e a segregação são elevadas como valores supremos, o que Bogo evidencia são, diante da vida alienante, exemplos de ações que potencializam a coletividade.

A convivência motiva a consciência, e a consciência direciona sua prática objetiva. É preciso, então, que a coletividade esteja no horizonte social da imaginação. Isso faz com que o poeta estabeleça como critério artístico, condensar ações em que as contradições da vida, cotidiana e coisificada, sejam enfrentadas por uma consciência de classe que mescla dialeticamente ações que conectam sujeitos e comunidade numa perspectiva futura, mas que são realizadas por indivíduos sociais no presente, como exercício do que poderá vir-a-ser.

Pensando assim:

Todo ser social é um ser cultural incompleto. Vive em sociedade e nela desempenha funções pré-estabelecidas ou criadas por ele, através de sua imaginação e ação. O seu comportamento é a expressão da consciência social que adquiriu nessa convivência, mas esse existir não se dá desligado do concreto, como se ele pudesse estar desligado do meio em que vive. Até o século 20, os filósofos acreditavam que a função do homem era conhecer a natureza para domina-la. Em outros termos, a natureza era apenas a base para a viabilização da imaginação humana. Hoje, em muitos aspectos, a natureza foi exaurida e, agora, é necessário continuar conhecendo-a, não mais para dominá-la, mas para preservá-la, de modo a poder preservar a própria humanidade. É nessa relação entre o natural e o social que o ser humano deverá encontrar formas de lidar com as contradições para garantir o desenvolvimento de cultura e a da consciência. (BOGO, 2008, p.58).

Por isso, Bogo (2008) tem como princípio que as ações culturais precisam de determinações políticas, as relações de classe precisam estar no horizonte das manifestações culturais e artísticas. Sem a consciência das relações de poder, para Bogo, não é possível modificar as estruturais sociais que sustentam a sociedade capitalista, nem elevar a consciência crítica dos sujeitos em luta.

Portanto, a arte tem consciência interna, imaginativa e proativa, que não só estabelece a conexão do ser com sua humanidade, mas também com a consciência dessa humanidade, o que deve possibilitar a compreensão do mundo social, tendo em vista a superação das barreiras que impedem a organização social em uma nova forma.

A imaginação, portanto, tem um papel importante na análise do mundo atual. Não basta criticar: é preciso perceber, ou imaginar as potencialidades que uma possível superação do mundo capitalista pode trazer para humanidade. Assim explica Bogo:

A imaginação é um dos momentos da consciência humana; é por ela que nascem nossas fantasias e se tornam utópicas quando não conseguimos realizá-las. De todo modo, cumprem seu papel de nos estimular na busca de melhores condições de vida. (BOGO, 2008, pp.84-85).

O fim último das reflexões de Ademar Bogo é contribuir para a formação de uma nova cultura popular, que supere a cultura capitalista, e, para isso, seus esforços filosóficos e poéticos se inserem no universo da sociedade civil camponesa e operária, alicerça seu arcabouço dialético com as experiências clássicas, sem perder de vista a realidade contemporânea e as contradições internas dos próprios movimentos populares que lutam reivindicando direitos dentro da lógica capitalista.

1.2 Elaboração teórica e poética em Ademar Bogo: Um elemento de interpretação crítica

Apresentamos até aqui alguns conceitos teóricos e estéticos, no qual Ademar Bogo estabelece como horizonte a luta revolucionária como práxis de valores

culturais e artísticos na produção de narrativas e da tentativa de recolocar na ordem do dia a questão da luta de classes e a Utopia comunista.

Percorremos pela concepção filosófica do poeta em questões sobre política, emancipação, engajamento, identidade de classes e movimentos populares. Ao analisar esses conceitos percebemos a tentativa de Ademar Bogo em estabelecer uma trajetória crítica entre os movimentos revolucionários do passado e do presente na constituição da identidade coletiva e das lutas populares como processo de enfrentamento das contradições que envolvem as lutas de classe.

Essas trajetórias de elaboração crítica teórica vão compor o universo de criação poética de Ademar Bogo e isso será um ponto de partida para a interpretação dos poemas que estudamos na tese. Não é uma proposição mecanicista de teoria e crítica literária, mas serve para nos situarmos quanto a perspectiva intelectual e militante do autor.

Existe uma ordenação filosófica na criação poética de Ademar Bogo. Isto é, em nossa perspectiva, a ordenação temática dos poemas oscila entre a propagação ideológica de classe, em que o militante político está inserido, e o desejo do poeta de figurar esteticamente os anseios de parcela da classe trabalhadora organizada politicamente.

Veremos que isso não será tão simples separar, pois filosofia e estética compõe o mesmo campo de atuação política do poeta, mas entender o universo filosófico e crítico de sua produção foi o primeiro passo para adentrarmos no universo dos poemas.

. Nessa perspectiva, a mística de uma nova sociedade é fomentada e organizada na concepção estética do poeta. A capacidade de imaginar, a partir da realidade concreta da luta, outro modo de produzir as relações sociais está intrínseco no processo dialético da luta de classes. Como diz Bogo:

A luta revolucionária não é movida por “forças superiores”, mas, sim, por sentimentos superiores. São valores que se externalizam na prática e revelações de sinais de seres humanos diferenciados dos demais seres sociais, pelo alto espírito de doação, dedicação e contribuição voluntária; são seres sociais que não disputam nem vivem da “pequena política” e, ao contrário, pensam sempre em algo maior a fazer. (BOGO, 2011, p. 127).

Foi isso que tentamos demonstrar neste capítulo: os sentimentos humanos constroem nossas identidades e contribuem para a formação de quadros na tentativa de manter acesa a chama e o horizonte do comunismo no processo de enfrentamento e elevação das consciências.

A representação do singular na luta de classes deve alcançar os desejos do universal. Reorganizar o que está disperso é um desafio para as organizações tradicionais e talvez seja a hora de novos agentes superarem os velhos partidos e criarem novas táticas de enfrentamento e novos modelos de organização sem perder de vista as heranças históricas das criações estéticas e políticas.

Para finalizar este capítulo, e fechar esse primeiro ciclo de nossa discussão, gostaríamos de apresentar a canção “Companheiros de Guevara”, que era muito cantada nos encontros e mobilizações do MST/BA. Buscaremos abordar apenas a questão poética da canção e não sua composição musical. Vejamos:

Se não houver o amanhã
brindaremos o ontem
E saberemos então
onde está o horizonte.
Aí cantaremos segredos
E todos os medos
serão alegrias, veremos,
que o passo só cansa
quando não alcança
sua rebeldia
E na sombra da verdade
estará a liberdade
que a gente queria
Então ouviremos da história
o grito de glória
da nossa utopia.
E quem ficou sem chegar
sem poder andar
estará presente
Grande será nosso espanto
ao ver o encanto
do bom comandante
chegando na hora certa
com a voz desperta
nossa rebeldia
companheiros de Guevara
trilhando a estrada
por um novo dia. (BOGO, Apêndice A, p. 305).

A canção¹¹, que servia como elemento de formação e animação, busca figurar a trajetória entre o passado, de luta e rebeldia, e o futuro ainda desconhecido, mas cheio de esperança e expectativas. A construção de uma nova sociabilidade perpassa pelo reconhecimento da tradição de lutas e derrotas que os comunistas atravessam ao longo da história.

De novo, temos o “caminho” como processo de ordenação estética. O eu lírico da canção figura o horizonte utópico como referencia a ser seguida. A antítese em “amanha” e o “ontem” estabelece o propósito do “presente”. O conhecimento histórico e a luta fazem o caminho que, para o eu lírico, será “um novo dia” que superará o “velho”, que não tem forma na canção, e transformar medos em alegrias.

A metonímia: *Então ouviremos da história / o grito de glória / da nossa utopia*, configura-se como grande referência que a luta popular deve buscar para compreender as condições e os desafios que são impostos no campo em disputa. Sem analisar as heranças históricas, dificilmente compreenderemos a totalidade dos antagonismos que estamos inseridos nas lutas do presente.

É esse movimento das contradições que pudemos estabelecer como estrutura celular na ordenação teórica de Ademar Bogo. Semelhantemente, suas proposições poéticas sempre compõem e restabelecem uma Utopia dialética. O desejo íntimo do eu lírico é desanuviar o horizonte revolucionário sem perder de vista a tradição e as consequências de um presente de lutas antagônicas.

Assim pudemos percorrer, neste capítulo, a trajetória de formação intelectual e de classe de Ademar Bogo e em paralelo dar uma olhada na sua composição estética e perceber o ambiente sociocultural e político que principia sua composição poética.

Entendemos que existe uma linha tênue na sua elaboração política e estética que o deixa, muitas vezes, transparecer que a arte é um elemento acessório da luta de classes, no entanto, percebemos que a luta para colocar a bandeira da

¹¹ A canção é uma forma específica que tem desenvolvimento histórico intensificado a partir da Revolução Francesa e no Brasil se manifesta muito fortemente enquanto tradição musical no século XX. NO MST há estudos sobre a poesia e a canção, o pioneiro é o Sem Terra com poesia, de Roseli Caldart, de 1987, republicado em 2017.

superação da forma social capitalista na agenda do dia é o grande esteio que permeia toda a vitalidade das obras poéticas e teóricas.

Assim, a literatura ganha centralidade pelo modo de interpretar, criticar e vislumbrar novas mediações sociais em que o ser reificado, nos moldes capitalista, seja integralmente restabelecido na sua humanidade como ser singular e universal.

CAPÍTULO 2

2. MÍSTICA E ESTÉTICA: O POEMA COMO REPRESENTAÇÃO UTÓPICA

*[...] A terra se fez conhecimento
E no sopro da vontade de pari-lo
Se transformou em canto
Para sentir o dia de nos ver acontecer [...]
Ademar Bogo*

Neste capítulo, pretendemos apresentar algumas concepções filosóficas e estéticas de Ademar Bogo em relação à configuração da Mística e da Luta social. Estes elementos compõem o universo simbólico de produção artística e utópica do poeta. Para isso, iremos percorrer a produção teórica do livro *Vigor da Mística* (2002) para refletirmos sobre o conceito de Mística. Além disso, trabalharemos com o conceito de Utopia na tradição marxista e sua atualidade histórica.

Ademais, iremos examinar a construção lírica de quatro poemas: “Marchar e Vencer”; “Fidel: Comandante da Solidariedade”, “Somos este Movimento” e “A humanidade Agradecida”, que, a nosso ver, contem fortes elementos de uma tradição marcada pela ideologia da Revolução Cultural, pois traz em sua estrutura estética os elementos formativos do que poderia ser a força motriz da constituição dos sentidos da luta de classes e o desejo de sua superação na perspectiva da emancipação humana.

2.1 Ensaio para uma cultura socialista: A práxis da mística

Ademar Bogo não apresenta a epistemologia acerca da Mística como algo dogmático ou conceitual, mas sim como uma práxis inserida num contexto histórico e que, por isso, é ordenada a partir de uma reflexão dialética sobre as relações sociais do passado e do presente, mas também sobre o que poderíamos vir a ser em outra sociabilidade.

A Mística é concebida como processo de conhecimento, visão crítica de mundo e elevação da consciência de classe. Dependendo das relações sociais estabelecidas em seu desenvolvimento pode ter variáveis formas. Assim, ela está diretamente ligada com a cultura.

Pensando a Mística como um elemento da cultura, Ademar Bogo vai refletir a sua prática dentro do MST e perceber que ela acontece (ou deveria acontecer) em duas frentes que se complementam: uma envolve a formação da consciência revolucionária, ou seja, mediações nas relações da objetividade e subjetividade que direcionam a luta política. A outra é na manifestação artística, que estabelece uma crítica a determinados problemas sociais e uma projeção de novas relações ou resoluções dos problemas. A Mística no MST é uma construção histórica. Nasce das experiências das Comissões Eclesiais de Base (CEB's) e ganha uma configuração política utópica na Organização pelo seu duplo caráter político e ideológico. Indivíduos em processo de formação e elevação da consciência transformam-se em sujeitos críticos da realidade capitalista e apontam mecanismos de crítica e superação das classes.

A título de exemplo, na cartilha de normas e princípios organizativos do MST publicado pela Secretaria Nacional do MST (2016), podemos elencar alguns princípios e valores do MST que buscam direcionar sua organização social, tais como: direção coletiva, vínculo com a base, estudo, divisão de tarefas, solidariedade com outras organizações populares e o cuidado com o ser humano e com a natureza. Isso tudo nasceu como processos e necessidades que constituem a identidade “Sem Terra” ao longo dos anos e que foram sendo organizadas na medida em que a luta possibilitava a inserção de novos agentes sociais na luta e no fortalecimento da Organização.

A outra frente, talvez a mais visível dentro da organização, é o ato místico que acontece diariamente nos encontros, reuniões e mobilizações do MST. Trata-se de uma reflexão acerca de um tema que é apresentado através de uma intervenção que, em geral, envolve símbolos da luta, músicas e poemas. Essa representação às vezes envolve crítica da sociedade atual e/ou antecipação do que poderia ser outra sociabilidade. Essas duas frentes dependem do meio social em que estão inseridas para poderem ser mais ou menos objetivadas. Como uma reordenação da cultura, elas dependem do grau de envolvimento e de consciência de classe dos sujeitos envolvidos no processo da Organização.

Acerca da formação e elevação da consciência, o professor Mauro Iasi explica que:

A consciência é gerada a partir e pelas relações concretas entre os seres humanos, e desse com a natureza, e o processo pelo qual, em nível individual, são capazes de interiorizar relações formando uma representação mental delas. A questão se torna complexa, na medida em que essa representação não é simples reflexo da materialidade externa que se busca representar na mente, mas, antes, a captação de um concreto aparente, limitado, uma parte do todo e do movimento de sua entificação¹². (IASI, 2007, p.14).

Com esta análise, percebemos que existe uma relação entre os elementos objetivos da vida cotidiana e a dimensão subjetiva, na ordenação da consciência. Isso porque o modo de organização e produção social determina uma visão de mundo empírica, sendo necessário um aprofundamento teórico nas determinações que estão além do “concreto aparente” para se ter a dimensão da totalidade real da sociedade em suas contradições e possibilidades.

A formação da consciência crítica que reflita sobre a estrutura da sociedade dividida em classes é um desafio para as organizações populares. Além disso, organizar os trabalhadores na luta pela superação do atual modelo societário como tarefa revolucionária exige um esforço estratégico que impõe um deslocamento da luta para além do “Estado democrático de direito”.

É nessa linha de interpretação da realidade que se materializa o alicerce filosófico e estético que compõe o universo da elaboração sobre a Mística e suas manifestações no mundo político e poético de Ademar Bogo.

Em virtude disso, identificamos que Ademar Bogo articula como projeto estético uma metáfora central: “O Caminho”. Essa metáfora vai fazer as mediações entre a crítica social e as projeções imagísticas tanto nos poemas encomiásticos quanto nos engajados.

O caminho tem no horizonte a utopia, que, em sua essência, é o “reino da liberdade”; o caminhar é a práxis da “Mística”, que mantém viva a luta e a consciência de que é possível superar o modo de vida capitalista e reorganizar uma sociedade sem classes antagônicas; o ser humano é o arquiteto e o construtor que, ao longo da história, vem organizando o modo de vida social. De tempos em

¹² Entificação: é o termo filosófico que designa o processo de algo torna-se o que é.

tempos, rupturas estruturais modificam radicalmente o trajeto e novas possibilidades são inseridas.

A referência a Utopia está relacionada com a possibilidade histórica de organizar as sociedades de maneira em que prevaleça “a livre associação do produtores”. Contudo, com o conhecimento histórico e científico, hoje, deixa evidente que o comunismo como experiência universal, necessariamente deverá ter muitas e diversas particularidades.

Isso porque as elaborações teóricas que conceituavam a Utopia e o socialismo no início do desenvolvimento capitalista ainda não vislumbravam todas as potencialidades do progresso contraditório do Capital.

Em síntese, Bogo apresenta a Utopia e seu desenvolvimento histórico com a seguinte proposição:

A utopia nos moldes vistos por Thomas Morus é a busca de “um não lugar” para estabelecer e realizar os objetivos do presente. É uma forma de motivação para dizer que jamais alcançaremos tudo aquilo que pretendemos, mas que valerá a pena fazer pelo menos uma parte. Posteriormente vieram os socialistas utópicos e fizeram os seus experimentos comunitários. A relação com a metafísica os levaram a particularizar as soluções quando elas deveriam prever transformar a totalidade, por isso que sobre esta proposta colocou-se o socialismo científico, que, por estar distante também é utópico e, principalmente porque não há um modelo para todos os países. O que há, são algumas leis forjadas pelo próprio capitalismo, no mais, são medidas políticas a serem decididas em cada situação. (BOGO, Apêndice B, p.321).

Assim, podemos afirmar que a Mística e a Utopia, como princípios simbólicos da luta de classe, está na elaboração de Bogo como dinâmica da particularidade de uma revolução socialista no Brasil. A perspectiva do autor é que essas características peculiares se somarão com as experiências e lutas de outros países para formar a totalidade universal da sociabilidade comunista.

Nesse sentido, podemos inferir que a Mística tem o mesmo princípio do “socialismo utópico” citado por Bogo, na medida em que busca, dentro da realidade capitalista, demonstrar práticas e valores que integrem os seres humanos para além das relações mercadológicas.

2.2 A Utopia crítica moderna como expressão do Socialismo científico crítico

A Utopia é uma categoria importante na construção poética e teórica de Bogo. O autor, constantemente, usa a questão da “utopia” em sua produção teórica e literária para descrever uma visão de futuro para a sociedade humana. Ao ser questionado sobre o que constituiria tal utopia no momento atual, ele é enfático ao afirmar que:

A utopia ganha uma carga de sustentação materialista. Ser utópicos não significa ser idealistas, mas disponibilizar-se a fazer parte de algo ainda não concretizado. Algo que ainda virá a ser. Esse assunto tem os mesmos fundamentos que a mística, vista como mistério e, portanto com toda a possibilidade de ser uma concepção metafísica. No entanto, o conteúdo do conceito tomado pela cultura e pela filosofia nos fez diferenciá-lo da forma como a igreja vê o “mistério” e as ciências políticas veem o “carisma”. A mística e a utopia visam atingir a subjetividade individual que no passado fora ignorado. O sujeito para ser militante político deveria despir-se das emoções, dos sonhos e das imaginações. Diríamos que era o formato de ter homens sem coração. Hoje vemos que isto não é mais possível. Um sujeito que luta é um sujeito que pensa, que sente, que ama. O concreto e o abstrato agora se somam no mesmo corpo físico, ele é enquanto se entende e se realiza. (BOGO, Apêndice B, p. 321).

Nessa lógica, o conteúdo da utopia e da mística determina a forma que compõe a crítica da sociedade atual e a projeção da sociedade futura. Por isso, iremos abordar a categoria da Utopia para além do caráter imaginativo de um lugar ainda inexistente e a Mística para além do caráter de crítica da sociedade capitalista, buscaremos entendê-las pela dialética que compõe as duas esferas categóricas no seu conteúdo e na sua forma social, na projeção e crítica, na subjetividade e objetividade estética e política.

Acerca disso, Bogo conceitua a Utopia, na modernidade, acentuando-a como expressão crítica tendo como referência a concepção do Materialismo Dialético e do socialismo científico defendido por Friedrich Engels e Karl Marx no “Manifesto Comunista” (1848) e no livro “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico” (1880).

No livro “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico” Engels aponta as limitações incipientes do que ele classifica como sendo socialismo utópico

correspondente aos teóricos: Charles Fourier, Saint Simon e Robert Owen. Teoria que continuou a influenciar intelectuais e militantes da classe operária no século XIX.

Esses teóricos formularam suas concepções utópicas no início da ordenação da sociedade burguesa. No entanto, Engels as classificava como experiências particulares que, devido às circunstâncias históricas, não compreenderam a totalidade da dinâmica social em seus tempos.

Os socialistas utópicos acreditavam, de maneira geral, que a superação das desigualdades e a precariedade dos operários na recente sociedade burguesa estava no campo da razão e que o progresso da sociedade capitalista e suas relações de exploração poderiam ser resolvidos pela racionalidade das reformas e da justiça social. Cada qual à sua maneira elaboraram os fundamentos teóricos e práticos do socialismo no fim do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, quando as revoluções burguesas instauravam as novas relações sociais e de produção capitalista.

Segundo Engels, a radicalidade do pensamento teórico do socialismo ainda não poderia se efetivar porque faltava serem implementadas e desenvolvidas, de modo universal, a grande indústria moderna e a classe proletária, bases materiais que sustentam o modo de produção capitalista e seu antagonismo.

Engels vai contrapor as teorias do chamado socialismo utópico com a elaboração do que ele chamou de socialismo científico com base no Materialismo Histórico Dialético.

Para Engels, os teóricos que abordaram a questão da exploração de classe no início da consolidação da sociedade burguesa estavam alicerçados pelas teorias iluministas e metafísicas que dominavam o cenário cultural. Isso não os permitia avançar para outras reflexões, pois ainda não era predominante o antagonismo entre a classe burguesa e o proletariado. Nas palavras do filósofo:

Sublevações revolucionárias de uma classe incipiente são acompanhadas, por sua vez, pelas correspondentes manifestações teóricas: nos séculos XVI e XVII aparecem as descrições utópicas de um regime ideal da sociedade; no século XVIII, teorias já abertamente comunistas, como as de

Morelly e Mably¹³. A reivindicação da igualdade não se limitava aos direitos políticos, mas estendia-se às condições sociais de vida de cada indivíduo; já não se tratava de abolir os privilégios de classe, mas de destruir as próprias diferenças de classe. Um comunismo ascético à maneira espartana, que renunciava a todos os gozos da vida, tal foi a primeira forma de manifestação da nova teoria. Mais tarde vieram os três grandes utopistas: Saint-Símon, cuja tendência continua ainda a afirmar-se, até certo ponto, junto à tendência proletária; Fourier e Owen, este último num país onde a produção capitalista estava mais desenvolvida e sob a pressão engendrada por ela, expondo de forma sistemática uma série de medidas orientadas no sentido de abolir as diferenças de classe, em relação direta com o materialismo francês. Traço comum aos três é que não atuavam como representantes dos interesses do proletariado, que, entretanto surgira como um produto histórico. (Engels, 1999, pp. 57-60).

Assim, identificamos uma relação entre o contexto histórico e a tentativa de entender teoricamente a realidade social apresentada pelas críticas diante das relações de exploração no começo do sistema capitalista. Isso ocorre principalmente devido às grandes transformações que vieram na transição do modo feudal para o modo burguês de organização da sociedade.

Essas eram as bases que sustentavam teoricamente os pensadores do socialismo, contudo, as bases sociais do modo capitalista ainda não estavam desenvolvidas o suficiente para uma crítica mais radical da forma social burguesa no sentido de uma transformação universal com direção socialista. Tal processo veio a acontecer, em termos teóricos, somente com o Materialismo Histórico Dialético formulado por Karl Marx.

O próprio Marx, no manifesto comunista (1848), apresentou os limites e os avanços dos primeiros representantes do socialismo utópico. Fato necessário para recolocar a Utopia como força impulsionadora da luta revolucionária na modernidade. Assim diz o filósofo:

O estado subdesenvolvido da luta de classes, como também, seu próprio ambiente leva os socialistas deste tipo a considerar-se muito superiores a todos os antagonismos de classe. Eles querem melhorar a condição de todo o membro da sociedade, até a do mais favorecido. Por isso, normalmente, apela para a sociedade como um todo, sem distinção de classe; mais

¹³ Pensador francês do séc. XVIII. Filósofo materialista, Morelly via na propriedade privada o mal do mundo e pregava para resolver esse mal a propriedade coletiva do solo. Gabriel Bonnot de Mably (1709-1785) foi um comunista utópico. Mably foi um dos homens mais cultos do seu tempo e não se limitou, nos seus escritos, a criticar o regime social francês, mas toda a ordem feudal assente na propriedade privada. A propriedade privada era para Mably a fonte da desigualdade social.

ainda, de preferência, à classe governante. Basta compreender seu sistema para reconhecer nele o melhor plano possível para a melhor sociedade. Por isso, rejeitam toda ação política e, especialmente, toda ação revolucionária. Desejam alcançar seus objetivos por meios pacíficos e procurar, através de pequenos experimentos, necessariamente condenados ao fracasso, e pela força do exemplo, pavimentar o caminho para o novo evangelho social. Tais quadros fantásticos da sociedade futura, pintados em uma época em que o proletariado ainda está em um estado muito subdesenvolvido, têm só uma concepção fantástica de sua própria posição, que se assemelha aos primeiros anseios dessa classe por uma reconstrução geral da sociedade. Mas estas publicações socialistas e comunistas contêm também um elemento crítico. Atacam todos os princípios da sociedade existente. Por isso, são repletas dos materiais mais valiosos para o esclarecimento da classe trabalhadora. As medidas práticas propostas, tais como a abolição da distinção entre cidade e país, da família, do lucro privado e do sistema de salários; a proclamação da harmonia social; a conversão das funções do Estado em mera superintendência de produção; todas estas propostas apontam somente para o fim dos antagonismos de classe, que estavam, naquela época, surgindo e que, nestas publicações, são reconhecidos somente em suas formas indistintas e indefinidas. Estas propostas, portanto, são de um caráter puramente utópico. (MARX e ENGELS, 1998, pp. 58-59).

Assim podemos entender porque, para Engels, o sentido da utopia socialista defendida por aqueles teóricos era prejudicial para a luta do proletariado, pois era uma expressão incipiente da tarefa histórica mais abrangente que caberia aos trabalhadores.

Por outro lado, Marx vai apontar o duplo caráter da Utopia: crítica e projeção imaginativa. Para o teórico, essa relação entre crítica e imaginação contém uma substância de interdependência, pois uma está condicionada pela outra para que possa ter uma crítica radical e consistente das questões do presente e das projeções do futuro.

Com o avanço das forças produtivas e das relações sociais capitalistas atingindo a totalidade das sociedades do planeta é possível, com referência no Materialismo Histórico Dialético, não só fazer a crítica a atual sociedade como estabelecer as diretrizes para sua superação e assim antecipar um projeto imaginativo mais alicerçado com a realidade sociocultural que deseja os Utópicos críticos.

Nildo Viana (2016) realiza um estudo sobre o conceito de Utopia a partir da concepção de Karl Marx. Ele apresenta o conceito de Utopia em uma relação dialética entre crítica e fabulação, negatividade e positividade, senso comum e

teoria. Para o professor “O significado da utopia é o de um pensamento (ficcional ou real) que realiza a crítica da sociedade presente e apresenta um projeto ou proposta de sociedade futura” (VIANA, 2016, p.73).

Viana (2016) vai contrapor-se aos teóricos que defendem que Marx renegou a Utopia. Para ele, o que Marx fez foi apontar os limites históricos do utopismo na recente sociedade burguesa, mas que conservou o cerne da Utopia como elemento dialético de crítica da sociedade capitalista e projeção de sua superação.

O professor explica ainda que, para Marx, as proposições das teorias críticas precisavam ter como referência central a questão da luta de classes, além de reconhecer a sua dinâmica na realidade histórica. Assim poderiam compreender a dinâmica social e o papel do proletariado na luta revolucionária. Viana afirma:

A ideia central de Marx é que a história das sociedades de classes é a da luta de classes e a compreensão do seu pensamento político só pode ser efetivada tendo em vista essa concepção basilar e bem distinta da dos pseudomarxistas e diversos intérpretes do seu pensamento, incluindo aqueles que trocam luta de classes por luta de partidos e coisas semelhantes. Assim, da socialdemocracia ao bolchevismo, se repete os mesmos erros dos socialistas utópicos (VIANA, 2016, p.77).

Ao criticar o “Socialismo Utópico”, Marx não estava negando a Utopia, pelo contrário, estava demarcando sua limitação histórica por não perceberem o contexto da luta de classes e a necessidade de uma crítica radical da organização capitalista e seu antagonismo entre trabalhadores e burgueses. Assim explica o professor Nildo Viana:

O socialismo utópico é limitado pela condição histórica do proletariado, o que gera o substitucionismo de classe (os filantropos substituem o proletariado), de imaginação (a luta operária é substituída pelos planos imaginativos), de luta (a luta revolucionária é substituída por apelo geral para toda a sociedade, meios pacíficos e pequenas experiências e a força do exemplo). Desta forma, a crítica ao socialismo utópico não é por causa da utopia em si e sim por causa do utopismo, caracterizado pelo substitucionismo, cuja fonte é uma suposta “ciência social” e criação de “sistemas utópicos” ao invés da análise da realidade concreta e da força social capaz de efetivar a revolução social, o proletariado. (VIANA, 2016, p.78).

Pensando dessa forma, a retomada e afirmação da Utopia crítica, no século XXI, por Ademar Bogo, tem como fundamento o princípio dialético apontado pelo professor Nildo Viana e que Marx concebeu como crítica a tendência do utopismo

dentro dos partidos que buscava uma solução reformista por dentro do Estado, o que é bem característico de nossa realidade atual. A afirmação da Utopia Crítica é a reapresentação da necessidade de ampliação da luta de classes para além do “Estado Democrático de Direito”.

A Utopia está na ordem do dia, na medida em que faz uma crítica radical do Capital, no seu enraizamento histórico social, e aponta o projeto de uma nova sociabilidade, tendo como protagonista a classe trabalhadora, em sua configuração socioeconômica tão fragmentada na atualidade.

Ao juntar a Utopia com os fundamentos da Mística, de forma histórica dialética, Ademar Bogo propõe a retomada da questão central da luta de classes que é a sua superação tendo como objetivo a construção da sociedade comunista. Uma vez que para isso é preciso avançar para além das lutas institucionais que se dão por meio do Estado.

De modo semelhante ao que se percebe no pensamento de Engels, Bogo afirma que a centralidade do socialismo está na ordem do dia, porém, sabe que antes de vislumbrar uma nova sociedade ou fazer críticas vãs é preciso compreender a dinâmica estrutural do modo capitalista e seus avanços na super e infraestrutura. Bogo, entretanto, diferencia-se de Engels em sua concepção utópica, nos termos em que o avanço universal do capital também se deu na subjetividade social e a Utopia acrescida do elemento materialista histórico dialético pode estabelecer bases para uma revolução sociocultural.

Lembrando que Engels fez sua crítica acerca do socialismo utópico no século XIX, tendo em vista as soluções teóricas e práticas formuladas pelos socialistas utópicos, isso porque as soluções se voltavam mais para a questão das condições de trabalho do que da forma social capitalista. Para Engels havia equívocos que prejudicavam a compreensão da realidade histórica e das lutas que se desencadeavam naquele momento. A reflexão ganha síntese no seguinte trecho:

O socialismo já não aparecia como a descoberta casual dum ou outro intelecto genial, mas como o produto necessário da luta entre as duas classes formadas historicamente: o proletariado e a burguesia. A sua missão já não era elaborar um sistema o mais perfeito possível da sociedade, mas investigar o processo histórico econômico de que, forçosamente, tinham que resultar essas classes e o seu conflito,

descobrir os meios para a solução desse conflito na situação econômica assim criada. Mas o socialismo tradicional era incompatível com essa nova concepção materialista da história, tanto quanto a concepção da natureza do materialismo francês não podia ajustar-se à dialética e às novas ciências naturais. Com efeito, o socialismo anterior criticava o modo de produção capitalista existente e as suas consequências, mas não conseguia explicá-lo nem podia, portanto, destruí-lo ideologicamente; nada mais lhe restava senão repudiá-lo, pura e simplesmente, como mal. Quanto mais violentamente clamava contra a exploração da classe operária, inseparável desse modo de produção, menos estava em condições de indicar claramente em que consistia e como nascia essa exploração. (ENGELS, 1999, pp.92-93).

Era nisso que consistiam os elementos utópicos para imaginar uma sociedade sem exploração. Contudo, faltava entender as relações sociais de produção como elemento histórico e suas estruturas de funcionamento. Nesse caso, Bogo atualiza o sentido utópico da imaginação, dos sentimentos e da racionalidade sem perder de vista o sentido histórico e dialético do avanço do Capital de modo particular e universal, principalmente seus efeitos na sociedade brasileira em pleno século XXI.

Para Ademar Bogo (2002, p.16): “Enquanto existir alguém que busca a utopia, o esforço para semear a libertação não será em vão”. Este é o desafio do século XXI: manter viva a criação das utopias. Isso vai ser um elemento fundamental na sua criação estética.

Bogo apresenta uma reflexão em que a práxis da mística é a necessidade de reafirmar os valores utópicos que fazem os serem humanos se criarem como serem superiores constantemente e acrescenta ainda a possibilidade histórica da emancipação como estratégia de organização e mobilização.

Segundo Bogo (2002, p.18): “A nossa tarefa, como lutadores voluntários e conscientes, é despertar este vigor que teima em adormecer dentro de cada um que não consegue *imaginar*¹⁴ o que vem depois da linha do horizonte.”

Vejamos agora como essa dimensão da utopia é tocada nos versos do poema “A humanidade agradecida”, em que o eu lírico apresenta o movimento histórico da luta tendo como centralidade dois movimentos: a crítica da realidade e a projeção imaginativa de superação da realidade criticada.

¹⁴ Grifo nosso.

A Mística e a Utopia condensam o desejo do eu lírico de ver a vida humana emancipada. Contudo, a mística da homenagem e o reconhecimento do que foi possível ser construído pela dignidade humana e indica a necessidade da continuidade da história e, nas contradições do cotidiano da vida, aparecem as possibilidades da realização utópica. Eis o poema:

Uma breve pausa e seguimos;
Que a revolução bolivariana não descansa
Se ela despertou-nos a esperança
Também nos manterá em movimento.

Com duros golpes e enfrentamentos
Forjou o povo o destino e a consciência
Com seu líder, passo a passo e com paciência
Criou o socialismo à sua maneira;

Se hoje chora a cordilheira
É porque muito já foi feito;
Na história, sabe o povo que para ter respeito
Precisa impor a própria autoridade,
Fazer com ela um sonho de liberdade
E cultivar a confiança dia após dia;

Mas se a morte nos rouba alegria;
A esperança alenta os corações,
De que a herança das futuras gerações
Planta-se com as mãos do próprio povo;
Se não faz bem, desmancha e faz de novo

Mas os plantios nunca negam suas colheitas
E em cada ciclo de experiências feitas
Reproduzem as sementes do futuro:
Elas germinam com o escuro
E crescem com a claridade;
Crescidas distribuem a autoridade
Porque a autoridade por elas foi criada
E pode ser agora partilhada
Desde a Cordilheira até o Mar.

Vai, comandante descansar!
A tua parte heroicamente foi cumprida
A humanidade se sente agradecida
Por tê-lo tido como companheiro;
Serás lembrado no futuro o tempo inteiro
Pela sua enérgica teimosia;

Se com lágrimas tecemos a homenagem
Te garantimos que não nos faltará coragem
De seguirmos construindo a utopia.

Vai comandante a teu descanso!
Cultivaremos cada passo, cada avanço...
Com toda força da Via Campesina.
De teus exemplos, seremos seguidores:
Nunca servir aos impérios e aos senhores
E libertar toda a América Latina.

Se com Bolívar aprendestes a lutar
 Contigo aprendemos a sonhar
 E a construir nossa dignidade.
 Vivo estarás em cada reação
 Nos sentiremos levados pela mão
 Para voar contigo nas asas da liberdade. (BOGO, Apêndice A, p. 281).

A consciência do poeta enfrentará sempre o desafio de organizar uma reflexão estética que seja fiel ao contexto da realidade histórica, ao mesmo tempo em que eleve a experiência de sua visão de mundo a um patamar de realização humana universal.

Esse desafio está presente no poema “A humanidade agradecida”, vamos analisá-lo e buscar entender a configuração de uma homenagem que, ao mesmo tempo, seja um reflexo estético e uma experiência de nossa realidade social.

O poema possui 49 versos organizados em 09 estrofes. O tema principal é a homenagem feita ao presidente da Venezuela Hugo Chávez, por ocasião de sua morte em 2013. Porém, no poema esta referência aparece com o epíteto “líder da revolução bolivariana”.

O título do poema “A humanidade agradecida” vai ser justificado ao longo do poema, pois o eu lírico, apesar da dor sentida pela morte do homenageado, estabelece a relação entre o líder e o povo na construção da liberdade.

A hipérbole figurada no título do texto pode ser concebida de duas maneiras: uma, pela via da utopia, uma fé absoluta que a história recordará e contará os feitos das lideranças que dedicam uma vida em prol da libertação do seu povo. A outra possibilidade é a de que o eu lírico se deixa levar pelo carisma do líder e não percebe suas limitações dentro de um processo em disputa e nem que o próprio povo é uma categoria muito genérica para se referenciar no líder e assumir o posto vago pela morte do comandante. Esse poema está estruturado pela figura da metonímia e pela antropomorfização: *A revolução bolivariana não descansa; Se hoje chora a cordilheira.*

No que se refere à camada sonora, apresenta-se o predomínio da assonância: *Com duros golpes e enfrentamentos / Forjou o povo o destino e a*

consciência / Com seu líder, passo a passo e com paciência / Criou o socialismo à sua maneira. O poema organiza-se sintaticamente pela reiterada utilização de polissíndeto, às vezes de forma constante, principalmente do conectivo “e” e da partícula “se”.

Percebe-se ainda a constância da assonância e da rima que se apresentam numa organização sonora com vogais tônicas consoantes de qualidade rica, intercalando substantivações e adjetivos, às vezes verbos. *Vai comandante descansar! / A tua parte heroicamente foi cumprida / A humanidade se sente agradecida / Por tê-lo tido como companheiro; / Serás lembrado no futuro o tempo inteiro / Pela sua enérgica teimosia.* Apesar de ser composto por uma métrica livre, o poema oscila entre versos octossílabos e alexandrinos.

Esses elementos figurativos da linguagem estabelecida no poema compõe o desejo utópico da homenagem em que a vanguarda revolucionária esteja em sintonia com os anseios do povo. Contudo, ao figurar o líder como exemplo de valor, ao enriquecer a subjetividade da liderança, não pudemos ver na sua condição mais humana de incertezas sobre a própria condição do “*socialismo a sua maneira*”. Sem a referência do líder, como poderá o povo conduzir por suas próprias lutas um projeto socialista. Isso retoma a importância da Vanguarda na mediação das lutas revolucionárias e as necessidades imediatas do povo. Será que a voz lírica deseja substituir o líder, apresentando suas virtudes mais elevadas ou deseja que o povo se autoproclame condutor de seus destinos.

O desejo absoluto do eu lírico de que o povo assumirá a tarefa do comandante é o limite da própria formação de quadros. Por isso a homenagem é o reconhecimento de que o indivíduo buscou qualificar a si mesmo como defensor da humanidade e o poeta enaltece isso como referência de valores que devem ser compartilhados. *Vai, comandante descansar! / A tua parte heroicamente foi cumprida.*

No título, temos um substantivo de sentido coletivo e uma forma nominal do verbo agradecer. Parece faltar um complemento, o que nos remete às perguntas: “a que? a quem?”. O poema vai tecendo uma louvação pela qual, até a natureza rende

homenagens ao ser, quase ao estilo nacionalista da segunda geração romântica. Contudo, o poema amplia a categoria nacional e insere a América Latina.

O eu lírico institui um diálogo entre os sentimentos do povo e os exemplos construídos pelo seu líder. A subjetividade é exaltada no poema para que se faça uma avaliação dos avanços e dos limites atingidos pelo comandante. Esses limites também estão no poema, pois o “Líder” apresenta-se como uma construção que o diferencia do povo, apesar da tentativa do eu lírico de reaproximá-lo pelo exemplo da solidariedade.

Cada estrofe aponta sutilmente que o socialismo daquele país ainda está em processo, por isso a esperança é a condutora da Utopia e os valores da dignidade humana são colocados como legados da experiência objetiva.

O poema demonstra uma energia estética que combina dois elementos teóricos estudados anteriormente: a Utopia e o socialismo. O eu lírico apresenta a particularidade de um povo e de seu líder que busca, a partir de uma singularidade concreta, estabelecer o socialismo como fundamento da organização social. A realidade concreta coloca obstáculos e desafios que precisam ser superados.

A reconciliação da luta com a Utopia socialista é o eixo central da homenagem. O poema exalta as qualidades da liderança que se desafia a construir uma nova cultura com novas bases materiais e sociais, em que o povo não só tenha dignidade, mas que ajude a construí-la.

Por isso, ela é o sujeito da ação e da homenagem. *Uma breve pausa e seguimos; / Que a revolução bolivariana não descansa / Se ela despertou-nos a esperança / Também nos manterá em movimento.*

Aqui apresenta-se um limite, que não é só do poeta, mas que está na ordem do dia, como o indivíduo tem sua humanidade reconhecida, como representar a mediação entre a sua ação individual e sua alienação no mundo contemporâneo. Será que o poeta ao vislumbrar a possibilidade de transformação da realidade concreta em prol do universal, esquece-se da singularidade desse processo que é o indivíduo em sua particularidade.

Um dos elementos utilizados pelo poeta na criação artística é a ideia de movimento dialético, ou seja, ao ler os poemas de homenagem temos a sensação de partir de um ponto de vista, de uma determinada situação (a perda de um militante), mas, no fundo, parece que temos a sensação de que a luta socialista é o que ganha centralidade e a contradição do indivíduo em sua trajetória é amenizada em prol de algo maior que é a revolução.

Essa é uma limitação do poema ou é uma elaboração que tem a ver com a postura filosófica do poeta que vai reverberar na construção do poema. Se olharmos a obra em si, tenderemos a pensar que é limitação do próprio poema, que apresenta um conteúdo centralizado na ação política, portanto tende a apresentar uma crítica mais velada em relação ao indivíduo e exaltar mais o aspecto imaginativo da característica utópica.

No processo de transfiguração literária, as ações confirmam os valores lapidados. Então, vai se apurando o que de fato é fundamental na homenagem e o que fica como exemplo são os atos, as ações éticas, a vida social em prol da humanidade.

Então, o eu lírico metamorfoseia sua dor, que é uma dor consciente dos limites da vida, em esperança, em Utopia, ou como diz o poema *Com duros golpes e enfrentamentos / Forjou o povo o destino e a consciência / Com seu líder, passo a passo e com paciência / Criou o socialismo à sua maneira.*

O poema não é uma pura alegoria de uma filosofia da ética, é uma reflexão crítica sobre a necessidade de construir uma ética social concreta, essa é a tarefa histórica da classe trabalhadora. Mas, enquanto a superação não se coloca no horizonte do dia, forças antagônicas se enfrentam e, nesse enfrentamento, ações éticas são colocadas em evidência e sujeitos sociais tornam-se referências e portadores de valores que servem à condução de atos justos.

Em Aristóteles, encontramos a explicação de que justiça é uma questão de agir e que, portanto, a ética justa é aquela que age com justiça, isso quer dizer que as virtudes individuais e sociais precisam estar alicerçadas pela justiça. Para ele, o critério de justiça está ligado a distribuição conforme as condições concretas, sociais

e econômicas. Daí podemos inferir que a lógica de distribuição é oposta à lógica de apropriação, que é à base das estruturas jurídicas das relações capitalistas. Dessa forma,

A justiça é uma espécie de meio-termo, porém não no mesmo sentido que as outras virtudes, e sim porque se relaciona com uma quantia ou quantidade intermediária, enquanto a injustiça se relaciona com os extremos. E justiça é aquilo em virtude do qual se diz que o homem justo pratica, por escolha própria, o que é justo, e que distribui, seja entre si mesmo e um outro, seja entre dois outros, não de maneira a dar mais do que convém a si mesmo e menos ao seu próximo (e inversamente no relativo ao que não convém), mas de maneira a dar o que é igual de acordo com a proporção; e da mesma forma quando se trata de distribuir entre duas outras pessoas. A injustiça, por outro lado, guarda uma relação semelhante para com o injusto, que é excesso e deficiência, contrários à proporção, do útil ou do nocivo. (ARISTÓTELES, 1957, p.109).

A reflexão que devemos fazer sobre as ações de nosso tempo devem estar alicerçadas em uma ética crítica, na qual se questionem as razões da estruturação da sociedade que está referendada de maneira mercadológica.

Na concepção marxista sobre ética podemos apontar quatro aspectos que sustentam a ação ética: crítica do existente; projeto alternativo de emancipação; conhecimento da realidade e vocação prática. O que Adolfo Sánchez Vázquez (2006) qualifica como filosofia da práxis. Para o filósofo é a unidade indissolúvel desses elementos que apontam para a possibilidade histórica de superação capitalista e as bases fundantes de uma nova sociabilidade.

Esta é a avaliação de Vázquez:

A ética marxista distingue-se das éticas individualistas, formais ou especulativas que pretendem explicar a moral à margem da história e da sociedade, ou dos interesses dos grupos ou classes sociais. Todavia, a moral não só entra no marxismo como objeto a ser explicado, mas também em um sentido normativo como moral (socialista) de uma nova sociedade, justificando sua necessidade, desejabilidade e possibilidade, após a crítica da moral dominante sob o capitalismo. Há, então, lugar no marxismo tanto para uma Ética que tente explicar a moral realmente existente, como para uma ética normativa que postule uma nova moral, necessária, desejável e possível quando se derem as bases econômicas e sociais necessárias para construir a nova sociedade na qual essa moral há de prevalecer. Finalmente, se o marxismo como “filosofia da práxis” caracteriza-se fundamentalmente por sua vocação prática, e, particularmente, por sua vinculação com a prática política necessária para transformar o mundo presente em uma direção emancipadora, é necessário esclarecer o lugar da moral nessa prática na qual se conjugam indissolúvelmente os fins e valores que persegue e aspira realizar com os meios necessários e adequados para alcança-los. (VÁZQUEZ, 2006, pp.294-295).

No poema em análise, o caráter do homenageado é apresentado em correlação a ações coletivas. Ele é responsável por coordenar, mas não impõe. Isso faz dele um líder que contribui com a tarefa revolucionária. No entanto, quem nos diz sobre a qualidade do líder é o eu lírico e não o próprio líder. Mais uma vez, não é o líder somente que é o sujeito da ação, mas também o povo. Isso segundo a compreensão do eu lírico.

Ao pensar sobre a “ética marxista” na citação de Vázquez (2006) e depois de termos analisado o universo teórico filosófico do poeta podemos questionar qual ética proposta pelo poeta? Não estaria ele reduzindo-a aos anseios normativos de um socialismo de Estado? À primeira vista tendemos a sempre julgar o poema via poeta, não que não exista uma relação, mas se conseguirmos afastar essa primeira via e olharmos para o poema, veremos os limites impostos no próprio desejo do eu lírico em meio a um conflito entre a ética burguesa e a ética socialista.

A realidade objetiva do poema está em organizar, no plano subjetivo, a unidade e a contrariedade de se formar uma ética universal que defenda valores humanistas em meio ao processo de luta e morte que podem separar a vanguarda política do povo. O limite do poeta, do eu lírico e do homenageado está figurado na exaltação do líder como referencia da moral socialista. A hipérbole do poema esconde as contradições que, vez e outra, separam as lideranças e o povo na construção da emancipação. O exagero é parte constitutiva no processo de persuasão, que poderia deprimir a força estética do poema.

Nesse sentido, o poeta utiliza a preposição ‘Com’, em diversos versos, *Com duros golpes e enfrentamentos / Com seu líder / com paciência/ com as mãos / com o escuro / com a claridade/ com lagrimas / com toda força / com Bolívar aprendeste/ contigo aprendemos*. Isso dá ênfase e reforça o sentimento e a força de suas relações, as quais apontam para transições paulatinas relacionadas à elevação poética do homenageado, além de nos apresentar exemplos de valores e desafios que foram construídos, mas que precisarão ser retomados para que as esperanças continuem convertendo-se em ações éticas e socialistas.

A relação do poema “A humanidade agradecida” com a luta social da América Latina é explícita, por isso nota-se um caráter parcialmente universal, no sentido de que seu tema fala para além das trincheiras nacionais. Primeiro, porque o sentimento lapidado no poema é o de reconhecimento das ações feitas, dos valores cultivados em um processo que ainda não se encerrou.

Segundo, o próprio poema evidencia que houve um processo histórico anterior, que culminou no momento atual, que, por sua vez, abre possibilidades para outras ações que deem corpo a outra realidade. *Se hoje chora a cordilheira / É porque muito já foi feito; / Na história, sabe o povo que para ter respeito / Precisa impor a própria autoridade, / Fazer com ela um sonho de liberdade / E cultivar a confiança dia após dia.*

Ao considerarmos que as éticas e as práticas sociais são distintas histórica e estruturalmente, devemos atuar de forma política. Isso significa que são passíveis de serem mudadas historicamente, por isso as ações éticas precisam do referencial distributivo que nos oriente o caminho e nos conduza à plenitude social. Assim, como diz Aristóteles (1957, p. 90): “O conhecimento exaure-se na história daquilo que já aconteceu no passado; a ação, ao invés, tem por objeto o futuro, o que ainda não existe e depende da vontade do homem fazer existir”.

Para mudar a ética da sociedade contemporânea é preciso que as práticas materiais estejam cada vez mais voltadas para a superação do mundo das mercadorias. A virtude social, necessariamente, deve passar pela distribuição das riquezas sociais conforme as necessidades concretas e econômicas de cada realidade.

Para isso, vemos atitudes éticas que apontam para tal possibilidade: indivíduos que enfrentam a lógica da apropriação burguesa e lutam pela distribuição ética na vida humana, colocando suas próprias vidas como elemento distributivo de valores, além de ações éticas que contribuem para a superação das estruturas jurídicas e éticas do mundo em que se produz reificação social.

A partir disso é que o eu lírico, do poema em análise, age como se estivesse em duas situações ou como se estivesse ora conversando de maneira genérica e

discursando para multidões ora se volta diretamente para o homenageado, como se estivesse em sua presença, e amorosamente se despede. *Vai, comandante descansar! / A tua parte heroicamente foi cumprida / A humanidade se sente agradecida / Por tê-lo tido como companheiro; / Serás lembrado no futuro o tempo inteiro / Pela sua enérgica teimosia.*

Contudo, se pensarmos no leitor do poema, teremos uma inversão de papéis, ou, ao estilo militar, uma troca de posto, de posição. O poema é uma convocação a assumir o posto deixado pelo líder que despertou a esperança. *Se com lágrimas tecemos a homenagem / Te garantimos que não nos faltará coragem / De seguirmos construindo a utopia.*

O poema, ao mesmo tempo em que agradece ao líder, busca reforçar que a Utopia é algo possível e que a caminhada precisa seguir seu rumo levando os exemplos, mas também cultivando e forjando novas rupturas na construção da liberdade. *Vai comandante a teu descanso! / Cultivaremos cada passo, cada avanço... / Com toda força da Via Campesina. / De teus exemplos, seremos seguidores: / Nunca servir aos impérios e aos senhores / E libertar toda a América Latina.*

No poema “A humanidade agradecida” o eu lírico leva o leitor a participar de uma caminhada, na qual ambos são envolvidos por uma reflexão sobre a qualidade da perda de um militante social, no entanto, a caminhada serve como redistribuição de tarefas que antes era executada pelo homenageado, e agora deve ser partilhada com os caminhantes.

O movimento que se constrói é o da ruptura de um ciclo, conservando-o em um novo processo que se inicia: *Uma breve pausa e seguimos; / Que a revolução bolivariana não descansa / Se hoje chora a cordilheira / É porque muito já foi feito.*

A caminhada proposta pelo poema é uma longa jornada histórica, por isso, o eu lírico faz alusões às sementes, como ciclos, cultivadas por várias mãos que têm como legado um longo acúmulo de experiências em que, às vezes, são interrompidas por fatalidades no trajeto em construção. O tom de esperança

proposto pelo eu lírico é que deve animar os caminhantes a continuar o movimento, que é inevitável.

Mas não basta caminhar, o que o eu lírico promete está além de suas forças individuais, por isso, sua convocação e sua insistência na conjugação verbal no plural e a substantivação dos pronomes como elemento de força organizadora para a superação das contradições históricas.

O leitor, assim, é envolvido em uma rede construída pelo eu lírico e, na medida em que vai seguindo os passos dados pelo poema, vai assumindo as tarefas redistribuídas e se configurando também como sujeito no novo ciclo que se inicia depois da morte do militante. Na esperança está o compromisso de participação política. *E em cada ciclo de experiências feitas / Reproduzem as sementes do futuro: / Elas germinam com o escuro / E crescem com a claridade.*

Nessa perspectiva, Vázquez (2006) aponta, como um dos aspectos de ação ética marxista, o conhecimento da realidade. Nesses termos, ele faz a seguinte afirmação acerca do marxismo:

É conhecimento da realidade (capitalista) a transformar e das possibilidades de transformação inscritas nela, assim como das condições necessárias, das forças sociais e dos meios adequados para levar a cabo essa transformação. Ainda que o conhecimento por si não garanta que esta se cumpra, garante-se – ao inserir-se no correspondente processo prático – que o projeto não se converta em um simples sonho, impossível de realizar, ou em uma aventura, condenada ao fracasso. (VÁZQUEZ, 2006, p.293).

Portanto, analisando o poema, o sujeito é indefinido porque se trata de uma construção coletiva de apropriação do saber e da luta histórica. Contudo, a perspectiva é sempre da posição de classe, da superação de uma lógica mercantil de um tempo em que os seres humanos são cada vez mais reificados e a natureza tem os seus ciclos comprometidos geneticamente em proveito do lucro.

O poeta, ao criar “A humanidade agradecida”, condensa um momento ímpar de nossa história recente, com o fim da URSS, a retomada de lutas sociais na perspectiva socialista sob uma nova configuração política. O poema busca envolver o leitor nesse processo de reconhecimento de classe, que culmina na luta pela liberdade de todos os povos.

Por isso, a homenagem aos lutadores que buscam em suas práticas experimentar a ética como ação de superação da condição de expropriados é convergente com a justiça. E, recuperando Aristóteles, o louvor é pertinente à virtude, pois exemplifica ações concretas feitas por seres humanos concretos. Para ele:

O louvor é apropriado à virtude, pois graças a ela os homens tendem a praticar ações nobres, mas os encômios se dirigem aos atos, quer do corpo, quer da alma. No entanto, talvez a sutileza nestes assuntos seja mais própria dos que fizeram um estudo dos encômios; para nós, o que se disse acima deixa bastante claro que a felicidade pertence ao número das coisas estimadas e perfeitas. E também parece ser assim pelo fato de ser ela um primeiro princípio; pois é tendo-a em vista que fazemos tudo que fazemos, e o primeiro princípio e causa dos bens é, afirmamos nós, algo de estimado e de divino. (ARISTÓTELES, 1957, p.26).

Partindo desse princípio, reafirmamos que os sujeitos históricos assumem tarefas históricas. Tê-los como referências é a proposição estética em que a ação ética seja a da superação do modelo social de apropriação e passe a ser distributivo, conforme a necessidade social concreta e de uma nova sociabilidade.

Assim, o poema funciona como uma Mística que liga um presente de lutas ao horizonte socialista através da Utopia. Mas a Utopia aqui não é “algo irrealizável”, é um lugar possível, pois as conquistas do presente oferece a possibilidade real de construção dessa grande pátria humana.

Logo, no cerne do poema, temos o desejo do eu lírico para que essa onda de otimismo e de despertar da consciência possa irradiar os valores e a luta para uma experiência universal. Isso nos leva a pensar sobre a questão da emancipação.

Sobre emancipação, Mauro Iasi, estudando os conceitos marxianos, apresenta a seguinte elaboração:

Podemos afirmar que a emancipação humana – tal como pensada por Marx, como a restituição do mundo e das relações humanas aos próprios seres humanos – exige a superação de três mediações essenciais: **da Mercadoria, do Capital e do Estado**¹⁵. Isso porque Marx era otimista e imaginava que a própria ordem do capital e da emancipação política através do Estado burguês já havia dado os passos fundamentais para a superação da religião. No entanto, diferente de Bauer e outros, Marx não trata a

¹⁵ Grifo Nosso.

emancipação da religião à parte da emancipação humana. Para ele, essa emancipação particular se insere no esforço geral da emancipação humana. (IASI, 2007, pp. 56-57).

Bogo, além de compartilhar esse pensamento, vem, ao longo de seus escritos, afirmando a necessidade de se restabelecer os objetivos da luta política numa perspectiva comunista, pautada na superação das mediações que sustentam a forma social capitalista.

Com o princípio da luta comunista, Bogo vai enveredar pela formação da mística e da poética como fundamentos da compreensão histórica do mundo tendo como desafio a luta pela superação das mediações que impedem que a emancipação seja uma realidade social.

Portanto, ao rerepresentar a Utopia e a Mística como categorias dialéticas inseridas nos processos históricos da luta popular, Bogo busca restabelecer, no plano teórico e literário, a unidade entre a razão e os sentidos na construção da forma social dos “livres produtores”.

Contudo, no século XXI, fica cada vez mais evidente que as formas de luta política calcadas no campo eleitoral, via administração do Estado Capitalista, não atendem às necessidades e à amplitude da luta pela emancipação.

A afirmação de Marx de que os trabalhadores precisam assumir conscientemente a condução da história e suplantar as classes antagônicas ainda tem sua validade. E isso exige que a criatividade esteja inserida na luta popular, não basta criticar a organização da sociedade atual ou brigar por mais direitos, é preciso projetar novas sociabilidades. Por isso, a Mística e a Utopia mantêm sua relevância histórica e são fundamentais para mantermos viva a esperança de mundo emancipado.

2.3 Três partes constitutivas da mística como elemento histórico

O livro *Vigor da mística*, publicado em 2002 pelo MST, faz parte dos *cadernos de cultura* que são produzidos para formação política dos membros da Organização.

Este livro possui três capítulos em que Ademar Bogo reflete e apresenta os elementos filosóficos e práticos do que constitui a 'Mística'¹⁶ no conjunto do MST.

Na apresentação do livro, Adelar João Pizetta, militante do MST, diz que a elaboração teórica de Bogo busca vincular a prática militante, ligada à tradição cultural do campo, ao projeto de construção de novos sujeitos sócio históricos, formados pela luta política e na práxis da mística. Ou seja, a mística tem um duplo caráter, reconhecer a dinâmica da realidade social e elevar a consciência individual e coletiva para uma nova sociabilidade.

No livro, o autor estabelece três elementos essenciais para a compreensão da Mística como categoria de formação crítica: sentimentos, ações e conteúdo político. Esses elementos compõem as experiências de luta política e de organização da cultura nos grupos populares. Com tais elementos, Bogo vai conceituar a mística como expressão da ação revolucionária.

Bogo vai apresentar a mística como manifestação cultural que perpassa a história, mas que, inserida de forma consciente na luta de classes, tem a função de promover a crítica social e reorganizar a convivência cotidiana dos grupos populares numa nova perspectiva de sociabilidade.

As três partes que constituem o livro serão divididas da seguinte forma: primeiro como "Companheira", depois como "Sustentáculo" e, por fim, como "Participação". Essas três partes são interdependentes e demonstram a preocupação do autor em trazer para o campo da luta popular o conjunto das sensibilidades humanas. Isso porque, na luta revolucionária, não se pode separar, de maneira estanque, a razão e os sentimentos. Por isso o livro serve, como diz o autor, para "manter acesa a chama da rebeldia e tornar a luta mais **encantadora**" (p. 19).

No primeiro capítulo, "A Mística companheira eterna da existência", Bogo faz uma reflexão acerca do desenvolvimento da humanidade, relacionando cultura e

¹⁶ Existe, na atualidade, uma gama de teóricos com teses e dissertações que pesquisam a questão da cultura e da mística no MST. Não citamos nem contrastamos com os estudos de Bogo para não desviarmos nosso foco do objeto de pesquisa dessa tese acerca da poesia de Ademar Bogo.

mística como elementos constitutivos da convivência e da formação de grupos sociais.

Nesse primeiro capítulo, Bogo apresenta a 'Mística' como elemento que está na essência da criação humana. O ser social, de geração em geração, busca não só através da razão, mas das experiências, dos sentimentos e da imaginação criar o que ainda não existe. O autor diz que o processo histórico vai além dos fatos narrados e sequenciais e que o futuro não está deslocado nem do presente nem do passado.

Para Bogo (2002), assim também ocorre a luta pela transformação das relações sociais. A mística e a cultura fazem parte do processo histórico que constitui nossas ações e nossas consciências, ora revolucionárias ora contrarrevolucionárias. Nas palavras dele:

Ao produzir objetos, nos produzimos enquanto seres humanos. Por isso é que não somos nem só matéria, nem só razão; somos uma mistura de forças que nos dão identidade e forjam a realidade. Qualquer movimento depende de vontade, gosto e determinação para que se realize. A mística, portanto, se manifesta com essas características. A vontade se transforma em força que entusiasma e move o fazedor. Mas há o fazer criativo, que depende da força da imaginação, da ousadia e do empenho, que a mística precisa transformar em consciência. (BOGO, 2002, pp. 26-27).

Com essa convicção, Bogo apresenta a mística como constituinte do ser social, algo que impulsiona a criação humana em construir o novo. A consciência social dos seus atos é que estabelece as contradições e as transformações que os seres, no processo histórico, colocam como horizonte da própria vida.

No segundo capítulo, "Sustentáculos da Mística", o mais longo dos três, trata-se do aprofundamento da mística como elemento da criação humana histórica e social. Ordenadas em torno de certas necessidades e princípios como a dignidade e a solidariedade, no entanto, elas às vezes podem se afigurar de forma cruel e destruidora. Para Bogo:

A mística acompanhou o desenvolvimento da humanidade nos bons e maus momentos, se faz presente sempre que houver curiosidade em descobrir o que ainda está envolto pelas dúvidas ou pelo tempo. É o vir a ser que move e alimenta a mística. Ela está presente na vontade e no gosto de fazer. Na organização estética daquilo que está sendo feito. Na razão pela qual se busca o que ainda não está feito. Nas emoções, sentimentos e gestos de

generosidade que se extrai das relações estabelecidas para fazer o acontecimento. (BOGO, 2002, p.46).

Vemos que, para Bogo, a mística é uma práxis que direciona o caminho a ser percorrido para realizar o imaginário, e isso pode ser para o bem ou para o mal da humanidade. Contudo, nesse segundo capítulo, Bogo vai apresentar a “mística numa perspectiva ética revolucionária” para que o leitor possa perceber nela a possibilidade das transformações sociais, considerando, para o processo, o horizonte comunista.

Para isso, Bogo subdivide o capítulo em pequenos temas e subtemas que vão ajudar o leitor a entender a mística como “ética revolucionária”. Por exemplo, ao falar da “causa e os sonhos”, ele vai dizer que a causa orienta os lutadores a terem objetivos e princípios ao planejar as ações e os métodos para realiza-los, entretanto, quando a luta perde o encanto e as derrotas frustram os lutadores, alguns podem se alienar do processo organizativo e se acomodar na subserviência da classe dominante. Isso porque a formação da consciência individual tem avanços e retrocessos.

Segundo o professor Mauro Iasi (2007, p.33) “O processo de consciência não é linear, pode, muitas vezes, regredir a etapas anteriores”. Bogo vai explorar essa questão ao tratar da consciência e de suas formas de manifestação. Para ele, a consciência é constituída pelo conhecimento que as pessoas possuem sobre determinada área e, por consequência, seu agir cotidiano, ocasionando sabedoria sobre determinado aspecto da realidade e ignorância sobre outros.

A mística se manifesta no desenvolvimento das formas de consciência através dos conteúdos que cada tema pode possibilitar. No livro, Ademar Bogo apresenta três formas: Histórica; Ecológica e Jurídica. Ele as desenvolve dizendo que, quanto mais formas nos apropriarmos, mais poderemos conhecer a nossa realidade e assim, contribuir para a revolução.

Ademais, Mauro Iasi (2007) nos lembra de que:

A transformação das consciências não está além da luta política e da materialidade onde esta se insere. É ao mesmo tempo um produto da transformação material da sociedade e um meio político de alcançar tal transformação. (IASI, 2007, p. 43).

Por isso a necessidade de o sujeito ampliar sua visão de mundo, compreendendo a dinâmica social que a humanidade atravessou em sua longa caminhada pelo planeta Terra e perceber o movimento contraditório que perpassa as rupturas sociais e abre caminho para o historicamente novo.

Assim, o conhecimento histórico vai potencializar a luta como mística da dignidade em que os sujeitos elevam-se como seres humanos, percebendo as possibilidades históricas de organização e luta social, além de conhecer o patrimônio cultural e a diversidade humana ao longo do tempo.

Na questão da consciência ecológica, há uma ligação entre a convivência e o cuidado dos seres sociais com a natureza. A mística atua como organizadora das relações entre o desenvolvimento e a preservação quando o ser social compreende-se como parte orgânica do cosmo; assim os hábitos do cuidado se transformam em conhecimento da totalidade humana e natural.

Em relação ao conhecimento jurídico, o objetivo é estabelecer a consciência da justiça. A mística promove a sabedoria para diferenciar justiça de leis e motivar as lutas pela plena realização da justiça, mesmo quando as leis dizem o contrário e atentam contra a dignidade do povo. A desobediência é estabelecida como valor em defesa dos direitos humanos à vida plena. A mística é motivadora da justiça, pois reconhece que as leis e os direitos na luta pela emancipação são mecanismos que, em si, apresentam contradições, pois são históricos e regulados numa sociedade dividida entre privilegiados e expropriados.

Com isso, as formas de consciência são elementos interdependentes e precisam ser estudadas e socializadas cotidianamente para que a luta alcance uma eficácia ética revolucionária.

Bogo (2002) também disserta sobre ética e moral como valores históricos e sociais, que ganham forma segundo a convivência dos grupos sociais. A mística desenvolvida por esses valores deve ser motivada por princípios que servem para o bem maior da humanidade, como a dignidade e a emancipação.

Acerca dos princípios, Bogo (2002) apresenta três deles como fundamentais para a ética revolucionária e o enfrentamento de suas contradições: o Poder popular; o Movimento revolucionário e a Coerência.

Bogo (2002) argumenta que, quando o princípio muda de conteúdo e é rebaixado pela condição do poder individual e não coletivo, cria-se uma hierarquia e a mística perde a qualidade de motivar para a transformação e apenas esbarra-se na passividade, esperando as ordens de quem dirige para agir. Assim, os Movimentos sociais que não cuidam da organização popular sofrem pela inatividade ou passividade de grande parte de seus membros.

Ademar Bogo expõe seu argumento dando o exemplo da relação entre acampamento e assentamento:

A mística da ocupação é diferente da mística do assentamento. O primeiro se organiza para a ação, o segundo para a passividade. Para fazer o acampamento, todos os sem terra se envolvem de uma forma ou de outra; para funcionar um assentamento e uma cooperativa, dependendo do sistema que se adota, só as lideranças se envolvem e, por isso, a grande massa que impulsionou a transformação do latifúndio em terra repartida adormece à espera de que os dirigentes desenhem seus sonhos. (BOGO, 2002, p. 82).

Por isso a necessidade de motivar a luta revolucionária e a mística serve como alimento da utopia. Entretanto, faz-se necessário o estudo das experiências passadas para que a construção dos novos edifícios sociais seja feita com mais segurança e solidariedade.

Isso remete ao princípio da coerência, para que o militante revolucionário tenha a sabedoria de que a teoria e a prática precisam estar em harmonia, além de ter o cuidado para que a divisão de tarefas não se torne privilégio de poucos. Bogo chama a atenção para que a organização tome cuidado com a divisão de tarefas e as atividades desenvolvidas não sejam exclusivas de um militante nem que sejam comparadas em grau de importância. Por exemplo, valorizar mais o palestrante do que o cozinheiro num encontro de militantes. Assim fazendo, estarão agindo moralmente de forma incoerente e aí a mística é destruída pelo poder individual.

Em seguida, Bogo (2002) vai apresentar a simbologia e suas relações com o MST e a vida camponesa. Para Bogo os símbolos são a materialização da mística e

da utopia, a tentativa de dar forma ao imaginário ainda não realizado. Assim é possível estabelecer o sentimento de pertença a um grupo popular e ao mesmo tempo apresentar o horizonte comunista. Os símbolos vão estabelecer relações entre a luta política e o desenvolvimento cultural na construção das utopias.

Bogo também vai apresenta a arte como consciência estética e sua função no MST. Nas palavras dele:

Arte, para os sem terra, significa “p-artes” que se juntam para formar uma nova realidade. Eis o conceito que formulamos pela experiência do caminhar político que deu rumo a nosso destino. **A arte é a interpretação do mundo em que vivemos e a projeção do mundo que queremos**¹⁷. É uma mistura de realidade com intuição, de um futuro que almeja vir e ser. Artistas são aqueles que sempre estão a frente na interpretação e aceitação dos desafios que, enfrentados, movem a história. Desta maneira, sem terra ultrapassa a condição social para torna-se realidade sócio-artística, que cava na consciência de cada um, o aterra para edificar a nova história cheia de belezas. Sem ela a luta não vinga, pois não atrai energia para alimentar-se e fortalecer-se. (BOGO, 2002, pp.138-139).

Esta lógica socioartística torna-se ser um problema quando um grupo torna-se hegemônico na representação e apresentação da maioria, não abrindo espaço nem formando outros grupos. Cria-se com isso os “Superstar” da militância de um lado e os acomodados do outro. Acontece que, nos Movimentos populares, a acomodação sempre é um retrocesso para a mística, que deve ser uma manifestação individual e coletiva da cultural e não uma oportunidade de construção para hierarquizar dirigentes, artistas e militantes.

No terceiro e último capítulo, “A participação”, Bogo vai expor a ideia da necessidade do sujeito se compromissar com a luta popular e os desafios da construção da nova sociabilidade.

A análise feita por ele sobre a ‘participação’ tem como princípio a integração de todos os membros de uma organização em assumir uma tarefa, a rotatividade dessas tarefas, além da formação permanente como fundamental para elevação da consciência de classe e o conhecimento da realidade social.

¹⁷ Grifo nosso.

Ao exemplificar esses princípios, o autor especifica o assentamento e a questão da reforma agrária em nosso país. Nessa referência, ele vem mostrando contradições e desafios que o MST enfrenta na sua estrutura orgânica com a acomodação individual e a burocratização das relações estabelecidas no processo de conquista da terra.

Para Bogo (2002) é fundamental a participação dos jovens e das mulheres na direção coletiva da organização, para isso é preciso estar atento aos métodos e a formação da consciência em que estrutura o Movimento. O autor explica como poderia ampliar a direção coletiva e envolver mais pessoas no processo de luta e enfrentar a burocratização existente no assentamento e no MST. Pois, para ele, o enfraquecimento de uma Organização popular está na falta de criatividade e formação de novos quadros, assim:

A rotina e a falta de criatividade levam quem coordena ou dirige a organização a pensar que só existe um jeito de fazer as coisas; isso pelo temor de, nas inovações, ficar de fora. Quem se apega demais aos cargos e tem medo de ser substituídos é porque aprendeu a fazer de um jeito apenas. Não vê que uma organização é muito mais que as instâncias de poder e que o poder não vem dos cargos, mas sim da capacidade de liderança e de direção que cada um tem. A participação de todas as pessoas que estão nas áreas de reforma agrária confronta-se com os limites que estabelece a estrutura organizativa. Dependendo de como ela funciona, envolve mais ou menos gente. (BOGO, 2002, p. 159).

Para combater esses limites, Bogo (2002) propõe algumas tarefas que exigem o combate a ideologias do mercado, que individualizam as pessoas e as hierarquizam; a formação da consciência moral numa perspectiva de superação das classes; engajamento na luta e a criação de fenômenos de encanto pela causa da emancipação.

Na conclusão, Bogo retoma a questão da mística a partir de uma carta escrita por João Pedro Stédile ao visitar os companheiros camponeses numa cidadezinha do interior do Pará. Na ocasião os companheiros estavam presos após um despejo feito pela polícia militar. Stédile notou as condições precárias da carceragem, da forma que eram tratados os companheiros e viu que alguns não tinham sequer sandálias. Isso lhe causou uma comoção e indignação que registrou em carta aberta.

A explicação de Bogo, ao analisar a carta, demonstra como a mística, em sua composição ética revolucionária, organiza os sentidos numa totalidade e que se apresenta como conhecimento e consciência de que é necessária e urgente a luta pela revolução comunista, corroborando com a causa de que a dignidade humana não pode ser despida pela lógica da propriedade privada e da mercadoria.

Nesse sentido, quem não conhece o MST com certo aprofundamento pensa que a mística se encerra no ato místico como uma pequena apresentação teatral. Com a função de ser um ensaio, por um lado de crítica das relações mercantis do Capital e por outro de fabulação de relações socialistas, mesmo o ato místico compondo-se de elementos teatrais, poéticos, musicais, trabalhando na organização e formação dos sentidos, não se pode defini-lo apenas em sua aparência mais factual.

Os Sem Terra foram percebendo que a mística possui um potencial de organização dos sentidos humanos e isso ajuda na elevação da consciência estética e política do ser. A mística seria o ensaio de uma nova cultura, que tenha como valor a dignidade humana, porém também possui contradições e, como elemento histórico, sofre as consequências de seu tempo e reflete a consciência de seus participantes, que, por vezes, reforçam estereótipos burgueses contrários a humanização.

A mística é uma força estética concreta que alimenta a criatividade e dela se alimenta, além de possuir formas e modos que se modificam ao logo do tempo. Para Bogo:

A mística é a força do ânimo que oscila no tempo, no entanto, ela se transmuta para outro formato. É como dois olhares em épocas diferentes sobre o mesmo símbolo, ou duas leituras sobre o mesmo texto em épocas diferentes, sempre há algo de diferenciador. A mística teorizada ou não, entendemos que é o ânimo que cada um carrega dentro de si para justificar-se e envolver-se em atividades sociais ou mesmo particulares. No entanto, o teor desse vigor já não é mais aquele que os livros falam. A mística sustenta-se por três dimensões: a) a causa b) a cultura e c) a consciência. Neste momento, a causa já não é mais a mesma. A mística passada foi construída sobre o conteúdo da transformação social. Cada militante sentia-se um condutor do processo. Agora, isto tudo foi alterado, a busca tornou-se tão reduzida que não passa da próxima eleição. Assim também ocorre com a cultura e o desejo de fortalecê-la bem como com o rebaixamento da consciência. Os cursos de formação, o incentivo à leitura etc., enfraqueceram e o discurso rebaixou as ideias, de modo que o olhar já não toca o horizonte, no máximo toca os pés da montanha, por isso o sujeito ao invés de andar se prostra em adoração; nada vê de distanciado para ser alcançado, é um vulto de cabeça baixa. (BOGO, Apêndice B, p.314).

Bogo se apresenta, na atualidade, bem cético quanto à organização da mística dentro do MST, especialmente nos últimos anos. Contudo, isso não significa que a categoria Mística em sua relação dialética com a realidade perdeu sua capacidade de crítica e imaginação. Por isso, devemos pensar a mística para além das apresentações formais, ela se caracteriza pela ação subjetiva que ajuda na práxis da formação humanista.

É nesse sentido que o arcabouço estético e político na produção poética de Bogo se liga ao desejo íntimo do poeta de representar a Utopia comunista como horizonte a ser construído por sujeitos históricos com consciência de classe.

O ponto central, ao refletir sobre a mística como construção histórica e dialética é a sua característica de elevação das consciências em prol da luta pela emancipação. Acerca disso Bogo (2008) faz a seguinte apresentação:

Há três maneiras diferentes de ver o tema da mística: a) pela teologia [...]; b) pelas ciências políticas [...]; c) pela filosofia, onde se relaciona a cultura nos seus três aspectos: do pensar, fazer e sentir. Liga-se com os valores (solidariedade, disciplina, companheirismo etc.) a estética, a arte, o cuidado, o trabalho produtivo e voluntário, a educação e a formação humana e a luta de classes. (BOGO, 2008, p.211).

Nessa perspectiva, a mística é sempre uma tentativa de educação estética e política dentro do processo da práxis revolucionária. Pensando nisso, podemos fazer uma analogia da mística com a questão da agroecologia, um modelo de produção que contrapõe a lógica destrutiva do agronegócio. A produção agroecológica é um fazer místico, pois temos em sua base um princípio de diversidade e defesa da vida humana e da natureza em sua totalidade.

Assim, podemos dizer que a mística é como a agroecologia, um modo de cultivar a vida transformando-a e desfeticizando as amarras do consumismo e do egoísmo individualista. Esse é um princípio básico da mística: realizar-se utopicamente propondo uma alternativa que humanize as relações entre natureza e sociedade, crítica ao modelo capitalista de produção material da vida social e elevação da consciência da classe trabalhadora para exercer sua função histórica de conduzir a humanidade a outro patamar civilizatório.

Contudo, quando a mística aprisiona-se num modelo estanque, numa forma pré-estabelecida e com objetivo fechado em si mesmo, tende a perder sua eficácia estética. Quando é reduzida a um momento do dia e não a convivência social tende a ficar no campo das abstrações e pode não atingir a educação dos sentidos, ficando quase sempre na tentativa de reflexão crítica do mundo social.

Por isso, para Bogo, a mística não pode ser vista como um procedimento, ele a sintetiza nesse aspecto:

Chamamos de mística esta energia, este encanto e dedicação que cada ser social manifesta em sua participação na vida social e política ao longo de sua vida. Queremos aqui tratar da mística como expressão coletiva, que nasce e se alimenta na luta do povo, que se articula através de interesses comuns e busca (naquilo que às vezes parece ingenuidade) razões para não desistir. (BOGO, 2011, p.197).

Assim, a mística não é uma fórmula que se aplica indiscriminadamente a qualquer situação, ela precisa ser desenvolvida a partir da realidade objetiva, estar conectada com a vida e com a luta para poder ser cultivada. Por isso não se finaliza num momento específico e determinado, mas sim, é uma atitude diante da vida, fomentada pelo cultivo de valores de solidariedade com os povos, cuidando da natureza, dos seres humanos e da beleza.

Nessa lógica, para Bogo, a Mística ultrapassa a lógica da apresentação, mesmo esta tendo uma importância significativa, não pode ser reduzida a ela. Bogo diz que:

A mística também não é um momento, é uma continuidade. É a satisfação que sentimos ao construir o caminho da felicidade, para outros e para nós. Vamos realizando e contemplando a obra feita. Assim, deciframos e ciframos novamente o futuro. (BOGO, 2008, p.219).

Mesmo quando se reduz a uma apresentação, deve-se observar que o ato místico envolve os princípios da organização: direção coletiva; vínculo com a base; decisão coletiva e divisão de tarefas.

Nesse sentido, a mística, por princípio, não pode ter uma idealização individual. Deve ser uma ação coletiva que envolva na sua elaboração e execução: reflexão, crítica e sentimentos. É uma atividade criativa da práxis revolucionária,

mas, dependendo das consciências, pode tornar-se uma mera reprodução acrítica da realidade.

2.4 Interpretação e projeção da luta de classes na criação poética

Podemos dizer que nos poemas, o poeta busca reviver e estabelecer uma ação mística seja ela na marcha, na Organização popular ou na formação do indivíduo como centro estruturante de sua poética. É essa ordenação estética e política composta pelas categorias da Mística e da Utopia que buscaremos demonstrar na poética de Ademar Bogo.

Pensando assim, o poema é a tentativa de interpretar os elementos místicos que compõem a luta de classes na organização dos movimentos populares. Com isso, analisaremos alguns poemas a partir da proposição que o próprio poeta estabelece em relação à Mística, mas sem perder de vista o caráter dialético dessa categoria:

(A mística na relação social e política) É uma relação entre o abstrato e o concreto. O abstrato é um pensamento transformado em desejo de ver o concreto realizado. Antecipa aquilo que deverá vir – a - ser ao mesmo tempo que está sendo. A matéria ou ação cumprem o papel de abrigar o desejo e de revelar a ideia que, no acontecer, se confunde com energia, ânimo, vigor, paixão, carinho ou sentimento de descontentamento. (BOGO, 2008, pp.219-220).

Assim sendo, a ética revolucionária, defendida por Bogo, perpassa o caminho da educação estética, pois os sentidos vão se lapidando na medida em que a consciência da generalidade humana vai adquirido conteúdo social que busca a transformação da realidade cotidiana.

Vamos agora enveredar pelos poemas e tentaremos apresentar a estrutura estética que compõe a representação da Mística e da Utopia configuradas na luta revolucionária condensadas nos poemas.

Iremos apresentar a seguir três poemas: “Marchar e Vencer”; “Fidel: comandante da solidariedade” e “Somos este Movimento”. Tentaremos exemplificar a partir desses poemas a concepção de que a Mística e a Utopia, proposta por

Ademar Bogo, contém uma atualização que reorganiza a poética de engajamento no contexto da luta popular e que tem uma potência estética como centro estruturante.

Olharemos os poemas pelo prisma da reflexão subjetiva de um poeta que vivenciou e observou a práxis da mística utópica em três situações específicas e que concentravam particularidades intrínsecas da luta de classes.

Essa produção literária sofre a influência e ganha as marcas das lutas populares e, por isso, é influenciada pela Utopia crítica. Porém, mais do que interpretação da realidade concreta, teremos também a antecipação, não sem problemas, das possibilidades de reconhecer e projetar a solidariedade das relações sociais na construção do bem comum. O poeta reflete sobre a produção literária com a seguinte proposição:

A expressão literária é expressão motivada para alguma finalidade. A finalidade traz consigo as razões que se sustenta em uma causa maior. De modo que, a finalidade da literatura é alimentar as razões da militância para que se empenhem em realizar a causa definitiva da emancipação, social e humana. (BOGO, Apêndice B, p. 303).

Assim, apresentaremos cada poema com suas respectivas análises, tentando entender as configurações estéticas e utópicas que organizam a lírica numa perspectiva de classe.

Ao longo da história, as experiências dos grupos de trabalhadores, que, de certa forma, se organizaram, se revoltaram ou simplesmente se rebelaram, nos mostram que nos atos de rebeldia existe um potencial formador, educacional e libertador. Não que todas as revoltas saíssem vitoriosas, mas ficaram evidenciadas as contradições de determinados períodos históricos, que, de algum modo, compõem na história presente.

É neste sentido que apresentaremos agora um poema de Ademar Bogo que busca sintetizar esse potencial formador, transformando uma atividade organizada, que é a mobilização da classe trabalhadora numa experiência estética.

2.4.1 Transfiguração do instrumento de luta em força estética

O poema “Marchar e Vencer” possui em sua estruturação a mobilização como instrumento de luta. Cada grupo popular tem seus objetivos e dispõe dos meios necessários para alcançá-los: greves, marchas, ocupações, etc. Vamos ao poema e depois desdobraremos os efeitos estéticos dessa estruturação.

Abriu-se para nós
Nesta fresta de tempo ao fim do século
A possibilidade de dizer:
Que fome, miséria e tirania não são heranças.

Heranças são as obras, são os feitos, são os sonhos
Desenhados pelos pés dos velhos caminhantes
Que plantaram na história sementes de esperança
E nos legaram a tarefa de fazer
Através da luta, o caminho de vencer.
Marchar é mais do que andar
É traçar com os passos
roteiro que nos leva à dignidade sem lamentos.
As fileiras como cordões humanos
Mostram os sinais dos rastros perfilados
Dizendo em seu silêncio
Que é preciso despertar
E colocar em movimento
Milhões de pés sofridos, humilhados em todo o tempo
Sem temer tecer a liberdade.
E nessas marcas de bravos lutadores
Iniciamos a edificação de novos seres construtores
De um projeto que nos levará à nova sociedade.
Marchamos por saber que em cada coração há uma esperança
Há uma chama despertada em cada peito
E a mesma luz é que nos faz seguir em frente
E tecer a história assim de nosso jeito.
A dor, a fome, a miséria e a opressão não são eternas.
Eternos são os sonhos, a beleza e a solidariedade
Por estarem ao longo do caminho de quem anda
Em busca da utopia nas asas da liberdade.
As marchas alimentam grandes ideais
Porque grande é o sonho de cada caminhante
Que faz nascer do pranto a alegria
Da ignorância a sabedoria
E das derrotas vitórias triunfantes.
Venham todos! – Dizem nossas bandeiras
Que se balançam como chamas nas fogueiras
E queimam as consciências de nossos inimigos
Que fazem da pátria galhos onde se aninham
Abutres que comem:
Das fábricas os empregos,
Dos hospitais os remédios e a saúde
Das escolas as letras que educariam a juventude,
E da terra o direito de viver a liberdade.
Assim a pátria passa ser de propriedade
Privada, escravizada e obrigada
A entregar aos filhos logo ao nascer

A incerteza de passar o dia e não ver o anoitecer.
Marchar se faz necessário
Para espantar os abutres desta estrada
E construir sem medo o amanhecer.
Pois, se eternos são os sonhos
Eterna também é a certeza de vencer. (BOGO, Apêndice A, p. 264).

Começemos nossa análise pelo título do poema “Marchar e Vencer”. Esta proposição estará presente no arcabouço místico e utópico da poética de Ademar Bogo, entretanto, o vencer ainda não está dado, pois primeiro devemos marchar e isso é o mais significativo na criação estética desse poema.

A marcha simboliza todo um processo histórico que vai muito além de caminhar em grupo, e o poema deixará isso claro. O poeta apresenta a Marcha como metáfora de um processo de luta. O eu lírico busca envolver o pensar e o sentir dos leitores para imaginarem no horizonte a possibilidade dos sujeitos sociais construírem vitórias coletivas e humanas.

Vencer então passa a ser elemento de construção coletiva e social, está no horizonte, mas precisa ser definida, conceituada e organizada com outras características que não a da lógica capitalista, em que vencer é ter propriedades privadas, consumir mercadorias e ter privilégios.

Não podemos esquecer o conectivo ‘e’ que estabelece uma separação entre os dois verbos, cada verbo tem sua força própria, mas, ao mesmo tempo, ganha interdependência por causa do conectivo que os apresenta como contradição e possibilidade.

O poeta nos sugere a necessidade de criar uma nova mística social em que a vida humana seja desalienada das riquezas socialmente produzidas. “Marchar e Vencer” é um convite a vivenciarmos o desejo e a crença do eu lírico de que o processo de luta possibilita elevar a consciência de classe e fortalecer os sentidos da luta numa perspectiva humanista.

As estrofes são divididas em quatro momentos complementares: Primeiro, da possibilidade histórica de conhecimento da realidade social e natural; Segundo, da possibilidade da luta como instrumento de superação das contradições do capital e as relações sociais; Terceiro, da possibilidade utópica da transformação radical das

bases sociais numa perspectiva comunista; Quarto, da possibilidade de reconhecer o algoz da classe trabalhadora e os mecanismos de alienação da vida social.

A configuração do poema é organizada contendo 53 versos pelo tropo da metonímia: *Desenhados pelos pés dos velhos caminantes / Que plantaram na história sementes de esperança / Milhões de pés sofridos, humilhados em todo o tempo / Sem temer tecer a liberdade.*

Possui ainda figuras de pensamento, comparação e personificação. Respectivamente: *As fileiras como cordões humanos / Que se balançam como chamas nas fogueiras; As marchas alimentam grandes ideais / Venham todos! – Dizem nossas bandeiras.*

Nas figuras de harmonia tem-se a aliteração: *Nesta fresta de tempo ao fim do século / Heranças são as obras, são os feitos, são os sonhos / Assim a pátria passa ser de propriedade / Privada, escravizada e obrigada.* E a assonância em: *A possibilidade de dizer / Desenhados pelos pés dos velhos caminantes.* Nas figuras de sintaxe: com o polissendo, o poema inicia com o conectivo “E” em 13 versos, também temos a repetição do verbo ser: *Heranças são as obras, são os feitos, são os sonhos.*

Na composição sonora, o poema possui característica melódica, a subjetividade ideológica do poeta em processos metonímicos, construídos como etapas discursivas de consciência. A rima desse poema é estabelecida por elementos internos, estrutura sem composição de rimas tônicas nos versos finais, e busca relacionar a sonoridade vocabular de maneira interna, quanto à disposição, está organizada de maneira aleatória, com maior frequência de rimas toantes, mas com uma porção considerável de rimas consoantes, os versos são livres, com composição métrica moderna, oscila entre versos curtos e longos.

Nos primeiros versos, o poeta apresenta o tempo histórico em que vivemos. A passagem de um século a outro: *Abriu-se para nós / Nesta fresta de tempo ao fim do século / A possibilidade de dizer: / Que fome, miséria e tirania não são heranças.* Esta “fresta de tempo” condiciona uma realidade que é possível de ser reconhecida na sua dinâmica social e histórica, bem como estabelecer escolhas para o novo

tempo que se aproxima. Contudo, temos as experiências do passado que também fazem parte do processo de luta e não pode deixar de serem conhecidas e avaliadas.

O sujeito lírico reflete sobre o passado histórico, mas reconhece que a sociedade capitalista atual chegou num patamar de desenvolvimento que já aponta em suas contradições um entrave civilizatório que precisa ser superado por outra forma social. A sociedade produziu os instrumentos necessários não só para conhecer a realidade social como para transformá-la radicalmente.

Sob o mesmo ponto de vista as experiências no campo socialista, no século passado, nos ensinaram que a marcha histórica da luta comunista não pode ficar apenas na tomada do poder do Estado, mas precisa avançar em sua superação no quesito socioeconômico e na construção de uma nova cultura.

O desejo que o eu lírico, no poema “Marchar e Vencer”, busca apresentar é o processo de tomada de consciência das desigualdades sociais e a perspectiva da ação política. A tomada de posição em relação à classe trabalhadora coloca o eu lírico em movimento, primeiro reconhecendo um passado de contradições e justificativas sobre desigualdades, depois a marcha serve como processo de reconhecimento e elevação da consciência de classe.

A luta é instrumento de ação que potencializa romper a lógica histórica de injustiças, contudo é necessária a consciência política para que a causa avance na perspectiva de superação das desigualdades. *Abriu-se para nós / Nesta fresta de tempo ao fim do século / A possibilidade de dizer: /Que fome, miséria e tirania não são heranças.*

O poeta organiza a forma do poema de maneira em que o ritmo e a melodia estabeleçam conexões. O poema age, de certa forma, como a própria mobilização dos trabalhadores, à medida que avança, deseja elevar a visão crítica do mundo que o circunda.

O poema se estrutura pela lógica da herança como legado histórico construído pela humanidade. O eu lírico em terceira pessoa apresenta uma

percepção coletiva do conhecimento. É como se poeta apresentasse uma síntese das possibilidades sociopolíticas a partir de um ponto de vista coletivo.

O reconhecimento da injustiça, por si só, não muda a condição dos injustiçados, porém, a direção apontada pelo “nós-líricos” não é fácil nem fatalista. Mas possível. A marcha coagula simbolicamente a ação política, como dizia Marx (2010) que os filósofos interpretaram o mundo de diferentes maneiras, mas que era preciso ir além da interpretação, era preciso transformá-lo radicalmente.

A posição do sujeito lírico não é a de um intelectual que está acima de sua classe e traz uma solução para a ação, o eu lírico se apresenta também em processo de formação e busca traduzir a compreensão filosófica por uma linguagem em que a classe trabalhadora do campo se reconheça e se entenda, mas que não se restringe a ela, pois num país de herança agrária, o universo simbólico utilizado pelo poeta proporciona o leitor a fazer uma volta no passado para interpreta-lo, reconhecer-se como herdeiro dos feitos humanos e fazer escolhas que impactarão as futuras gerações, no entanto, essa volta e essas escolhas não são individuais, nem as possibilidades futuras serão.

Transformar o mundo não é apenas uma questão de escolhas, mas sim de ações coletivas. Por isso, a marcha só será vitoriosa se a interpretação elevar a consciência política. *Heranças são as obras, são os feitos, são os sonhos / Desenhados pelos pés dos velhos caminhantes / Que plantaram na história sementes de esperança / E nos legaram a tarefa de fazer / Através da luta, o caminho de vencer.*

Por isso, a arte, verdadeiramente íntegra se constitui como crítica da vida e núcleo da vida, ou seja, a partir do reflexo estético, mostra-nos as contradições da vida social em sua dimensão histórica, e mostra possibilidades de superação e desenvolvimento da humanidade, afirmando com isso, a potencialidade da arte numa dimensão desfetichizadora, ao mesmo tempo em que denuncia esteticamente a reificação humana, recusa com a mesma força estética, o mundo da alienação.

Ao olharmos detidamente para o poema, observamos que o eu lírico busca transformar sua consciência individual numa consciência coletiva. Isso faz

lembrarmos da concepção de arte em Lukács, arte como experiência humana que coloca o ser singular em contato com o ser gênero pelo fenômeno catártico.

A este respeito Celso Frederico, recorrendo a Lukács, faz a seguinte colocação:

A força evocativa, segundo Lukács, deve-se ao fato de que na arte o passado é feito presente. Este passado atualizado não diz respeito somente à vida anterior de cada indivíduo. O que é posto em relevo é o *caráter social da personalidade humana*. O indivíduo, perante a figuração estética, pode se generalizar e, assim confrontar a sua existência pessoal com a epopeia do gênero humano, retratada num momento determinado de sua evolução pela arte. Ocorre, assim, uma elevação da subjetividade ao campo concreto da particularidade, a um momento determinado do autodesenvolvimento do gênero humano retratado pela arte. E isto torna possível graças ao fenômeno próprio da grande arte realista: *a catarse*. (FREDERICO, 1997, pp. 64-65).

Pensando assim, podemos dizer que a arte, em conjunto com o trabalho, desenvolve as potencialidades de intensificar nossa humanidade, contudo, possui uma especificidade que a diferencia do trabalho científico. Ela está ligada a vida cotidiana, mas, a supera para poder, em primeiro plano, intensificar elementos sociais que podem revelar ações contraditórias e alienantes que estão presente na vida social, o artista pode, ainda, deixar emergir, pelo viés estético, perspectivas e possibilidades de ações futuras.

Assim, uma arte autêntica, ao mesmo tempo em que propicia fruições artísticas, eleva a consciência humana sobre sua própria realidade, faz crítica à vida e aponta possibilidades futuras. Por isso, a arte possui suas próprias regras, para, com isso, poder falar do mundo, ao apresentar-se subjetivamente falando de si mesmo, objetivamente vai apresentando o núcleo da vida humana no mundo social. Em segundo plano, a arte apresenta outra visão da humanidade, tomando uma posição diante da vida, tornando-se desfetichizadora.

Diante disso, a arte, entre outras coisas, no estágio correspondente ao nosso tempo histórico, pode evidenciar os limites estruturais do capitalismo, desmascarando-os nas relações da vida cotidiana fetichizada, superando, mas não anulando a singularidade da vida social e sutilmente revelar de maneira universal um mundo humano, assim, também, colocar em evidência os limites históricos, apontando novas possibilidades para uma vida não reificada. Isso é o que seria

considerada por Lukács como uma arte realista, pois apresenta os nexos entre singular e universal da vida nos limites estruturais e espirituais do desenvolvimento humano.

Com a reflexão apresentada acima, podemos apontar outro elemento que estrutura a construção do poema “Marchar e Vencer” e que parece estar no universo poético e filosófico do poeta, a “Pátria”, ou melhor: a questão não resolvida, ou mal resolvida, da nacionalidade. Apesar de que no poema a pátria é apresentada como uma tricheira a ser vencida em prol de uma perspectiva internacional, sendo o caminho de superação das desigualdades humanas em sua totalidade, ainda permanece como cerne da questão estética da construção literária do Brasil.

O poeta apresenta o problema nacional de um ponto de vista da classe trabalhadora. Contudo, é a perspectiva de uma parcela pequena da classe trabalhadora, a que tem ou que busca entender o processo de luta de classes. O eu lírico busca dialogar de igual para igual com um grupo que compartilha a condição histórica do mesmo lado fraturado da sociedade brasileira, que procura, pela ação política organizada, romper com o mundo da expropriação.

Nessa lógica, a construção poética sempre apresenta um elemento de conhecer a realidade e agir, ou melhor, “interpretar e transformar”. Observemos como isso ocorre nos versos:

Marchar é mais do que andar
 É traçar com os passos
 roteiro que nos leva à dignidade sem lamentos.
 As fileiras como cordões humanos
 Mostram os sinais dos rastros perfilados
 Dizendo em seu silêncio
 Que é preciso despertar
 E colocar em movimento
 Milhões de pés sofridos, humilhados em todo o tempo
 Sem temer tecer a liberdade¹⁸.

A construção do poema nos põe em movimento duplo: um movimento interno, de reflexão sobre o mundo e qual nossa posição diante dessa herança; outro movimento de convite à ação política, a renovar as esperanças de que é possível vencer. Contudo, a ação necessariamente é uma ação de classe e exige que seja

¹⁸ *Ibidem*, p.264.

construída coletivamente, por isso, marchar é diferente de caminhar, este pode se fazer sozinho, individualmente.

Portanto, o ato de marchar por si só exige certa organização coletiva, e isso faz a tensão do poema, uma marcha que nos conduz a luta consciente, que abre a possibilidade de vencer. Ao menos é isso o desejo lírico.

Segundo Marx (2010), vivemos ainda a pré-história da humanidade porque a potencialidade humana ainda não foi realizada em sua totalidade e vivemos no mundo das necessidades, sendo que é preciso viver no mundo da liberdade. A causa desse impedimento da vivência plena são as relações alienadas e fetichizadas criadas de forma objetiva e subjetiva no mundo capitalista.

O conhecimento desfetichizador evidencia o caráter humano da vida social e a arte potencializa esse saber à medida que desmascara as contradições e revela as relações entre os seres humanos e as suas relações com a natureza. Nesta revelação, existe uma possibilidade de tomada de posição no sentido estético. Ao superarmos o desmascaramento das relações fetichizadas, ocorre à possibilidade de passarmos a pensar sobre os sentimentos e sensações.

Aristóteles (1964), ao tratar da poética, fala em purgação dos sentimentos. Lukács (1966) faz a observação de que com a catarse reconheceremos nossa singularidade diante da universalidade do gênero humano e dialeticamente o seu oposto. É possível conhecer, então, o processo de evolução histórica da vida humana, e mais, reconhecendo os problemas de nosso tempo, reformulamos a necessidade de superá-los e desmistificar as relações aparente da coisificação humana.

Segundo Aristóteles (1964), a catarse é o momento da purgação das emoções, quando o apreciador de uma obra de arte passa a pensar sobre seus sentimentos. Para Lukács (1966) a catarse é própria de toda arte realista, pois permite o aprimoramento do ser humano, quando se estabelece um retorno ao mundo cotidiano intensificado pela arte, esta volta à realidade, através da experiência artística, eleva a sensibilidade estética e os sentimentos passam por um processo de “purgação”, “reflexão”.

No processo catártico, o indivíduo se reconhece no gênero humano, sente que sua singularidade está conectada com a universalidade da vida humana, por isso ele se eleva a um grau de conhecimento que lhe permite entender as contradições do mundo histórico. O cotidiano evidencia as necessidades e possibilidades da história social. Nas palavras de Celso Frederico:

Pela catarse o indivíduo obtém a superação de seus limites ao identificar-se com o gênero humano, com a causa da humanidade. Na fruição da obra de arte, o espectador suspende a sua vivência cotidiana alienada e se reencontra com o gênero humano, confrontando-se com os eternos problemas da espécie que o artista conformou num contexto particular. (FREDERICO, 1997, p. 65).

Tendo como referência a evolução do pensamento de Lukács (2010) constatamos que a cotidianidade não é vista como um mundo negativo/inautêntico ou degradado, mas sim como o ponto de partida da arte, para que em seguida ela possa se distanciar do cotidiano imediato e realiza a efetivação artística criando uma particularidade estética, organizando a relação dialética do singular com o universal, ou seja: o artista seleciona da extensividade da vida social os elementos que serão intensificados no mundo poético. Essa escolha não depende exclusivamente da posição de classe do artista, mas é de fundamental importância que seja uma reflexão sincera da realidade concreta em seu tempo histórico.

Assim, a arte busca, na vida cotidiana concreta, no mundo das aparências, os elementos que irão compor uma segunda aparência, que é o todo estético produzido pelo artista, em que se buscará condensar um reflexo da realidade social. Se bem elaborada, pode deixar à mostra o movimento contraditório das ações humanas em determinado espaço e tempo histórico. Quando a arte consegue estabelecer esta relação com a vida cotidiana e isso se torna perceptível por parte do apreciador da obra de arte, podemos concluir que neste momento é vivenciada uma Catarse estética.

Este processo nos leva ao reflexo estético, a dialética entre sujeito e objeto, que, na arte, ocasiona o efeito antropomorfizador, intensificando a percepção do indivíduo como sujeito histórico atuando em determinadas circunstâncias objetivas.

Observemos este trecho do poema de Ademar Bogo:

Marchamos por saber que em cada coração há uma esperança
Há uma chama despertada em cada peito
E a mesma luz é que nos faz seguir em frente
E tecer a história assim de nosso jeito.
A dor, a fome, a miséria e a opressão não são eternas
Eternos são os sonhos, a beleza e a solidariedade
Por estarem ao longo do caminho de quem anda
Em busca da utopia nas asas da liberdade.
As marchas alimentam grandes ideais
Porque grande é o sonho de cada caminhante
Que faz nascer do pranto a alegria
Da ignorância a sabedoria
E das derrotas vitórias triunfantes¹⁹.

O poema “Marchar e Vencer” demonstra que o processo de luta serve como matriz formativa do sujeito, a marcha que pode ser objetiva e subjetiva, compartilhada pela narrativa lírica, tem como horizonte o possível utópico, a formação de uma consciência de classe que reconheça as contradições de uma sociedade que expropria até a possibilidade de sonhar.

No poema, o leitor se encontra com a possibilidade de se reconhecer como sujeito dessa caminhada histórica, mas também perceber os desafios que sua conscientização deverá provocar. É o convite para a luta social pela transformação radical da sociedade capitalista, sair da marcha subjetiva é o grande desafio proposto pelo poema, ao se reconhecer como construtor utópico, o leitor poderá optar pela conciliação ou pela ruptura.

O eu lírico acredita na luta consciente como instrumento de enfrentamento das contradições subjetivas e como possibilidade de realização objetiva, cabe ao leitor fazer na realidade objetiva o que na sua subjetividade, sentiu com o prazer estético do poema.

O processo antropomorfizador ocorre pela relação dialética entre inerência e substância, ou seja, na arte a aparência se contrapõe a essência sem que esta anule a aparência, formando uma unidade estética, ao contrário da ciência que prioriza a essência em detrimento a aparência procedendo ao efeito desantropomorfizador.

¹⁹ *Ibidem*, p. 264.

O poeta estabelece uma relação entre a história, o caminho e a luta. Essa relação está conectada com as nossas escolhas entre o que será preservado e o que será destruído pelas gerações futuras, configurando a existência de todo um processo histórico e de um longo caminho a percorrer para a reordenação social.

O eu lírico é esperançoso, percebe que a marcha é a possibilidade de reconhecer na coletividade a ação como ruptura e transposição da fresta histórica que aliena a vida social. Por isso, “marchar é bem mais que caminhar” não é um momento, são os enfrentamentos das lutas, mas também não é qualquer luta, não é a luta por sobrevivência individual ou de um grupo. É a luta pelo “reino da liberdade”, ou seja, pela realização plena da dignidade e criação humana.

Parece utópico, e é, mas não no sentido de sonho impossível. A Utopia como elemento concreto da luta política e que estabelece uma forma estética na condução da luta, que para o poeta, tem como conteúdo formal a “associação dos livres produtores”.

É um poema otimista com a luta popular, nos apresenta a força dos seres humanos em poder transformar o *status quo*, não apenas conhecer a história, mas de ser sujeito dela. *É traçar com os passos / roteiro que nos leva à dignidade sem lamentos. / [...] Milhões de pés sofridos, humilhados em todo o tempo / Sem temer tecer a liberdade.*

Um das características estruturantes da poética de Ademar Bogo é a construção de metonímias. Em princípio parece só mais um recurso linguístico, mas, ao analisarmos com mais cuidado, vamos percebendo que é a configuração entre forma e conteúdo, entre uma organização externa ao poema, condição social e de luta do poeta, que se relaciona com a dimensão interna do poema, organização semântica e estética, para qualificar e direcionar a voz do eu lírico.

O que o eu lírico busca apresentar é que existe um potencial na luta, porém, o leitor deve entender a dinâmica dessa luta. Lutar de maneira individual pode ser qualquer coisa, mas quando ganha a dimensão da coletividade precisa de características específicas, de objetivos e de princípios que possam ser

incorporados por muitos seres sociais. Isso transforma a qualidade da luta, e no caso do poema, a qualidade está na consciência de classe.

O sujeito lírico deseja compartilhar a Utopia de uma sociedade nova, sem explorados e exploradores, por isso configura a metonímia como uma Mística em que todos possam vivenciar e imaginar a vida se emancipando. *Marchamos por saber que em cada coração há uma esperança / Há uma chama despertada em cada peito.* A liberdade não está dada, é preciso ser construída. Para o eu lírico é a superação das classes, o caminho necessário para o triunfo sobre as condições alienantes de nosso tempo.

As aliterações construídas no poema dão o tom da marcha, mas também soam como hinos no consciente e são formas de manter a sonoridade no mesmo compasso. Esses elementos traçam uma experiência rítmica que não é apenas sonora, mas refere-se também à experiência da vida. Quem se coloca em marcha são pessoas que têm aflições e incertezas. O eu lírico não está à mercê desses sentimentos, é um caminhante que, ao caminhar, vai condensando, na Mística da luta em forma de poemas, a esperança coletiva do horizonte emancipado.

Voltemos à metonímia, ela se constitui como três grandes dimensões na poética de Bogo, uma pela relação do indivíduo como sujeito coletivo, ou seja, o eu lírico se configura como a voz do expropriados e seu canto ecoa como crítica e imaginação, revolta e esperança, contradições e possibilidades.

Outra dimensão é o instrumento de luta como ação coletiva, para isso o importante é conhecer a realidade histórica e sua dinâmica na vida cotidiana, percebendo o processo de transformação em que todas as sociedades passaram ao longo do tempo.

Temos ainda a dimensão do partido como organização popular que busca através da ação política acelerar e antecipar as revoluções possíveis em cada tempo social, fazendo a ligação entre a vida cotidiana dos trabalhadores com suas necessidades imediatas e a luta revolucionária. Isso porque *A dor, a fome, a miséria e a opressão não são eternas. / Eternos são os sonhos, a beleza e a solidariedade.*

O poema vai se desenvolvendo e apresentando uma lógica de superação através das antíteses, a marcha funciona como processo de depuração dos elementos essenciais, que precisam aparecer no campo da luta popular. A marcha ganha assim objetividade e a unidade de classe transforma a causa do indivíduo em movimento organizado e utópico.

A propriedade privada é um dos mecanismos de alienação humana. No poema, ela aparece como centro que desencadeia a necessidade da marcha e da superação das antíteses sociais que é apresentada como entrave da liberdade e da emancipação.

O eu lírico tem uma relação com o “amanhã” como uma dimensão misteriosa e esperançosa, algo distante e próximo ao mesmo tempo. A “construção” do caminho é também a construção desse amanhã que, para o sujeito lírico necessariamente deve ser obra de uma coletividade e que as relações humanas sejam livres e plenas. O ser pleno é o desejo lírico que põe os passos em movimento e os sonhos são ações concretas na cotidianidade da vida compartilhada.

Semelhantemente ao que vimos até aqui discutindo, o professor Mauro Iasi faz uma afirmação capaz de elucidar um pouco mais o conjunto do nosso pensamento. Assim diz ele:

A partir do momento que o trabalhador se apercebe do caráter das relações sociais em que está inserido, coloca-se a necessidade de buscar uma transformação. No entanto, nesse momento do processo de consciência, já não é suficiente saber que é necessário mudar a sociedade, destruir o capitalismo, mas como fazê-lo e o que colocar no lugar. A concepção da potencialidade da classe, a consciência da possibilidade de vitória, é parte integrante da consciência de classe. Essa tarefa exige outro tipo de indivíduo, não o moldado pelos valores burgueses e liberais, correspondentes às representações ideológicas das relações de exploração da sociedade capitalista, ou seja, o individualismo pequeno-burguês e todas as suas matizes. Essa tarefa exige um novo indivíduo capaz de compreender esse esforço como esforço coletivo de sua classe e além dela. A consciência que, ao fazer a segunda negação, expressa o movimento essencial da classe ao se superar como classe. (IASI, 2007, pp.40-41).

É nesse sentido, pensamos nós, que as últimas estrofes do poema vêm reiterar a convicção de classe e sua necessidade de superação. A “marcha” da humanidade precisa ter a consciência de que no caminho a ser construído deve

necessariamente superar a lógica de apropriação privada e que os contrarrevolucionários agem como “abutres”, destroçando o trajeto com expropriações e ilusões que impedem a visão clara do horizonte utópico.

Por certo o conhecimento, o movimento e a luta histórica nos mostram que as relações sociais ganham novas formas à medida que as contradições são enfrentadas e superadas. Por isso, ainda vale a pena manter vivo o sonho comunista, *Pois, se eternos são os sonhos / Eterna também é a certeza de vencer.*

Por fim, “Marchar e vencer” possui uma construção rítmica que convida o leitor a um movimento triplo. Um para o passado: percebemos que as relações humanas e naturais já tiveram outras formas sociais; outro no presente: a nossa forma social nos separa da vida plena, nos individualiza, nos coisifica e transforma até os sonhos em objetos de consumo, e, por último: apresenta-nos uma possibilidade de vivermos outras formas sociais e coloca o sentido dos sonhos e da esperança como elementos da luta de classes, mas mais que isso, nos devolve o desejo humano que escapa, por um momento, da lógica individual, nos mostra uma coletividade social possível de ser construída pela força humana e popular.

Assim se desvela o sentido de marchar, pois é no caminhar e no lutar que todas as injustiças são passíveis de serem reparadas, inclusive a da morte violenta. A marcha não responde as incertezas, mas, ao colocá-las em movimento, abrem-se possibilidades de elevação da consciência pelo sentir. O andar pelas trilhas da luta é com certeza a que mais propicia a concretude da mística no caminho dos “pés descalços e sofridos” que na marcha nutre grandes esperanças de conquista da dignidade humana.

2.4.2 Transfiguração estética do indivíduo ao sujeito coletivo no poema

O segundo poema a ser analisado é “Fidel: comandante da solidariedade”. Ele se estrutura tematicamente em torno da homenagem ao líder cubano Fidel Castro. Contudo, mais do que encomiástico, o poema estabelece a metamorfose sociocultural da individualidade em ação consciente na e para a coletividade através da reorganização da vida comunitária. A experimentação da Utopia como processo objetivo da transformação do indivíduo capitalista em sujeito comunista forjado pelas

circunstâncias da formação e do engajamento político em defesa do ser humano. Eis o poema:

Como não sentir a perda humana
 De quem fez do tempo um testamento
 Que inspirou a juventude dando alento
 E enfrentou os inimigos da História.
 Para os pobres é o símbolo da vitória...
 Para os ricos, um resquício da derrota.
 Mas com Ele o império mudou a rota
 E a utopia veio a ser realidade.
 Implantou o sistema da igualdade,
 Extirpou a humilhação e a mais-valia...
 Fez a estrela brilhar durante o dia
 E os valores penetrar nas consciências.
 Fez o êxito navegar sobre as carências,
 Tudo em nome do amor à humanidade...
 Cultivou o olhar à liberdade
 De quem sonha e acredita no futuro;
 Enviou para o mundo, sobre os muros
 Médicos, voluntários e professores.
 Não deu trégua para os exploradores
 Que exploram com as forças produtivas;
 Com suas mãos fez a obra mais altiva
 De tornar o mundo mais humano...
 Corrigiu das ideias os graves danos
 E os desvios dos vícios imorais...
 Encarnou verdades universais
 E enfrentou as mentiras descabidas...
 Dos exemplos que marcaram a sua vida,
 Desde o abstrato ao mais concreto;
 Que apesar das guerras fratricidas
 Com muita dor e sangue nas feridas,
 O mundo é hoje, mais solidário e menos analfabeto.
 Comandante do tempo e das convicções!
 Que deixa os bons exemplos como herança
 Será verso, no canto das crianças
 E texto, na escrita dos universitários...
 Nos pobres será sempre uma lembrança...
 E esperança entre os camponeses e operários.
 Que a tua voz ecoe no continente
 Que a tua luta nos torne mais conscientes
 E que o teu ânimo encante a liberdade.
 Gratos somos pelo que nos é deixado...
 E o teremos nos corações eternizados:
 Comandante da solidariedade. (BOGO, Apêndice A, p.286).

São 43 versos compostos de muitas assonâncias que figuram um efeito de pulsação, em especial, com maior frequência da vogal 'e'. Esta repetição sonora se junta com algumas aliterações para criar uma harmonia de compasso regular. Talvez por isso a ideia de “comandante da solidariedade”, pois os valores transformados em ações funcionam como o pulsar do poema. O que mantém vivo o homenageado é

que no poema o eu lírico condensa a personagem como canto e discurso, presente e futuro, Mística e Utopia, indivíduo e humanidade.

Esse poema é uma homenagem ao líder cubano, que por 50 anos ajudou a conduzir a resistência do povo cubano contra as tiranias do mundo capitalista e seus algozes. Mas, se olharmos mais atentamente para os versos, perceberemos que, não é Fidel o exaltado, mas sim as ações que fizeram Fidel ser um líder para o povo cubano. As ações que transformam o indivíduo em sujeito histórico são o cerne estruturante da lírica no poema.

Percebemos que o nome de Fidel só aparece no título do poema. Internamente temos ações e valores que são construídas através das imagens que o eu lírico nos proporciona indiretamente, por exemplo: *Como não sentir a perda humana / De quem fez do tempo um testamento / Que inspirou a juventude dando alento / E enfrentou os inimigos da História.*

O poeta percebe os valores que constituíram a vida e as ações de Fidel, e esta é a condição básica da homenagem: a relação do sujeito histórico com a coletividade. Apesar das situações adversas, a solidariedade foi a marca de um lutador que buscou no socialismo o destino de sua comunidade, transformou a individualidade em si na coletividade em si.

O professor Mauro Iasi, ao escrever sobre as formas de consciência e suas contradições, apresenta elementos que podem ajudar a entender como é possível o processo de transformação social e coletiva numa sociedade que exaltava o indivíduo e o consumo. Pelas próprias contradições da vida cotidiana abriu-se espaço para novas relações coletivas e solidárias. Nas palavras do professor:

A ação coletiva coloca as relações vividas num novo patamar. Vislumbra-se a possibilidade de não apenas se revoltar contra as relações predeterminadas, mas de alterá-las. Questiona-se o caráter natural dessas relações e, portanto, de sua inevitabilidade. A ação dirige-se, então, à mobilização de esforços do grupo no sentido da reivindicação, da exigência para que se mude a manifestação da injustiça. É a chamada consciência em si, ou consciência da reivindicação. A forma mais clássica de manifestação dessa forma de consciência é a luta sindical, sua forma de organização mais típica é o sindicato, mas podemos incluir, nessa forma, as lutas populares, os movimentos culturais, o movimento de mulheres e outras manifestações de lutas coletivas de setores, grupos e categorias sociais das mais diversas. O que há de comum nesses casos particulares é a percepção dos vínculos e da identidade do grupo e seus interesses

próprios, que conflitam com os grupos que lhe são opostos. (IASI, 2007, pp.29-30).

Nessa perspectiva, ao olharmos para o poema, podemos dizer que o eu lírico está nos apresentando ações humanitárias de uma consciência que pertence a um grupo social, mas no fundo deseja que essas ações alcançassem a universalidade. O eu lírico deseja que os valores praticados por um sujeito se transforme, agora, depois da morte, em uma referência coletiva.

A contradição é que existe uma força contrarrevolucionária que impede que a solidariedade seja um elemento da cotidianidade da totalidade da vida. *Se Para os pobres é o símbolo da vitória... / Para os ricos, um resquício da derrota. / Mas com Ele o império mudou a rota / E a utopia veio a ser realidade.*

Vejamos que nem os ricos, nem o império deixaram de existir, mas tiveram que desviar e fazer um cerco para impedir os avanços de uma sociabilidade em que as relações humanas não estavam submetidas à lógica do capital.

O eu lírico apresenta a mística como elemento de formação do indivíduo que está na forma e no conteúdo do poema. Existe um processo de transformação que coloca no horizonte os passos a seguir, mas que é no presente, nas ações construídas, que fortalecem a práxis criativa e o desejo de uma nova sociabilidade ou de uma elevação da consciência em si para a consciência para si. Assim, para Mauro Iasi:

Na passagem da consciência em si para a consciência revolucionária, ou para si, abre-se uma importante contradição. Apesar de as alterações da consciência só poderem ser vivenciadas em nível individual, o processo de transformação que irá realizá-la é necessariamente social, envolvendo mais que a ação individual, a de classe. O amadurecimento subjetivo da consciência de classe revolucionária se dá de forma desigual, depende de fatores ligados à vida e à percepção singular de cada indivíduo. Coloca-se assim a possibilidade de haver uma dissonância, que pode ou não se prolongar de acordo com cada período histórico, entre indivíduo revolucionário inserido num grupo que ainda partilha da consciência alienada. (IASI, 2007, p.35).

Nesse sentido, o poema se constrói em torno do exemplo, da capacidade de doar-se pela luta socialista. Aparentemente não há espaço para contradições, contudo, a individualidade também é um fator importante na formação do indivíduo

com suas angústias, limitações e tensões. Temos a impressão de que isso parece não haver na homenagem. O que contrapõe os sentimentos da luta na construção coletiva. As reticências deixam em aberto um espaço para reflexão sobre o futuro do indivíduo. O legado que deixará incluirá também o sujeito com sua subjetividade ou apenas os atos heroicos e concretos de uma liderança histórica. *Será verso, no canto das crianças / E texto, na escrita dos universitários...*

O que está em jogo é a metamorfose do indivíduo em ser social, a vida que se dedica a transformação das relações sociais capitalistas e é a objetividade socialista que vai modificando as relações de uma comunidade, mas não podemos perder de vista a especificidade do sujeito e suas limitações humanas, ainda que se trate de uma vida dedicada à emancipação.

O eu lírico sente a dor de uma perda que representa não só a resistência, mas principalmente a referência de que o socialismo é histórico e social, mas também um processo longo e difícil, embora seja, ao mesmo tempo, necessário e possível.

A homenagem estabelece uma referência ao personagem histórico, que no poema se transforma em símbolo. O homenageado, por ser um sujeito histórico, passa a ter outra função, “comandante da solidariedade”, por isso permanecerá como verso e como estudo. Mais uma vez vale a reflexão sobre a relação entre o símbolo e o indivíduo. Ao se tornar símbolo pode o ser humano perder sua individualidade? Esse seria um último ato de sacrifício para que a Utopia socialista ganhe centralidade na luta política?

Isso pode ser uma limitação não só do poema, mas também do processo em que a luta se depara nos conflitos entre as classes, pois a individualidade burguesa precisa ser superada. Então, como forma de tentar realizar essa superação, a ênfase passa a ser na coletividade.

O eu lírico nos apresenta a solidariedade como valor universal, mas também como construção do socialismo, mas não em um só país. Por isso *Enviou para o mundo, sobre os muros / Médicos, voluntários e professores.*

Estamos diante de uma organização estética que transfigura a realidade objetiva e nos faz refletir as condições históricas do que poderemos chamar de socialismo. Para o sujeito lírico, está clara a convicção da ação estética e política na superação da sociedade capitalista. *Que a tua voz ecoe no continente / Que a tua luta nos torne mais conscientes / E que o teu ânimo encante a liberdade.*

Outro elemento para qual o eu lírico aponta é a consciência de classe. O discurso poético estabelece que a representação simbólica do socialismo, para ser referência, precisa enfrentar os “inimigos da história”. É claro que outras narrativas serão contadas, as quais tentarão desqualificar o ato histórico de busca da dignidade humana, e o próprio Fidel tinha essa certeza ao dizer, em sua defesa após ser preso no assalto ao quartel Moncada, em 16 de outubro de 1953, “Me condenem, não importa. A história me absolverá”.

E absolverá porque a luta de classes se impõe na disputa também pelo discurso, o eu lírico reconhece que outros cantos serão evocados. Contudo, faz a defesa do socialismo, uma vez que toda ruptura exige sacrifícios e solidariedades.

O poema é solidário à causa e ao símbolo que mostrou a possibilidade histórica de que a realidade social é construída com lutas travadas pelas ações dos sujeitos que assumem a tarefa de fazer na vida um monumento pela humanidade.

2.4.3 Organização política e educação dos sentidos na constituição do poema

O terceiro poema a ser trabalhado, “Somos este Movimento”, tem como eixo condutor a configuração dos grupos populares que organizam-se em torno de si uma cultura política e estética que marca uma posição na defesa dos trabalhadores na disputa entre as classes. Observemos o poema:

Quando a gente descobre
que tem um caminho
já não quer ficar sozinho
nem o sofrimento
e ao redor de uma bandeira
e cheiro de fumaça
balançando com a massa se
faz movimento.

E ninguém foge da luta
 Mostrando o que gente é
 Enfrentando a força bruta
 Remando contra a maré
 Somos como o mar revolto
 Que arrasta o pescador
 Somos este movimento
 Por fora e por dentro
 Vermelho na cor
 Que se faz com a bravura
 A força e a ternura
 Do trabalhador.

Todo dia é aniversário nesta
 caminhada
 Porque em cada pegada se
 faz o destino
 Os anos parecem curtos
 mantendo a memória
 Traçamos cada vitória ao
 som de nosso hino.

Olhando para o futuro e
 sempre caminhando
 Cada um vai encontrando a
 razão de ser
 Homem, mulher e menino
 lutando e cantando
 Assim se faz a história
 aprendendo a fazer. (BOGO, Apêndice A, p.270).

O título do poema apresenta-se como o início de uma resposta na qual a pergunta poderia ser “quem é o MST?”. O eu lírico estabelece uma lógica estética em que a reflexão filosófica busca responder a uma inquietação. Será a organização uma estrutura em si mesma ou terá outras condicionantes.

A nosso ver, a organização sonora de que se compõe a resposta também compõe uma autorreflexão e nos leva a perceber a grandeza de uma organização que não pode ou não deveria ser referenciada como algo externo aos sujeitos que fazem parte no processo orgânico de constituição deste ‘Movimento’.

A metáfora centralizada no “caminho”, presente na primeira e na última estrofe, organiza a objetividade do Movimento como algo social. Já a metáfora do “Mar”, na segunda estrofe, figura a tensão subjetiva do Movimento que ordena a consciência do indivíduo e do coletivo. Essa tensão entre a subjetividade e objetividade compõe a esfera da pertença. Ou seja, o poema organiza uma reflexão em que estrutura organizativa e as ações políticas são refletidas pela consciência, e

é isso que vai responder quem é este “Movimento”. Ao mesmo tempo, a unidade dos sujeitos adquire uma expressão, a individualidade deixa de ser a aparência da vida exterior: *Somos este movimento/Por fora e por dentro/Vermelho na cor*. Na organização, uma bandeira, uma cor, uma coletividade passa a ser o símbolo de unidade social.

Existe uma relação entre o interno e o externo, reciprocamente, pois o poema deseja construir uma pertença no processo de formação da Organização, em que os sujeitos possam perceber dentro da organização o sentimento de transformação da realidade social. Mas, para isso, é preciso colocar em transformação a subjetividade individual.

Da mesma forma, a coletividade que forma a estrutura social do Movimento precisa compreender as especificidades de um ser individual. Sem essa compreensão, a luta social e, conseqüentemente, o ‘Movimento’ perde a unidade e se torna um corpo estranho dentro dos sujeitos que compõem a estrutura da Organização.

O poema dá forma a um processo dialético, em que a Organização tem um duplo caráter, externo e interno, em que indivíduo é parte constituinte do coletivo e o coletivo se integra na ação e na consciência do indivíduo. No entanto, a coletividade só poderá ter força social quando a consciência da particularidade refletir o interesse da totalidade.

O Movimento faz parte do processo de tomada de consciência, o grupo social se reconhece reciprocamente e assim vai construindo princípios e objetos que conduzem os passos da organização. Contudo, as contradições não deixam de existir e é preciso reconhecê-las para superá-las. Sobre a consciência, Mauro Iasi faz uma síntese sobre suas formas como categorias históricas e sociais. Assim diz ele:

O processo de consciência é visto, de forma preliminar e introdutória, como um desenvolvimento dialético, em que cada momento traz em si os elementos de sua superação, em que as formas já incluem contradições que, ao amadurecerem, remetem à consciência para novas formas e contradições, de maneira que o movimento se expressa num processo que contém saltos e recuos. (IASI, 2007, pp.11-12).

No poema “Somos este Movimento”, o eu lírico representa a junção entre a individualidade e a coletividade através da organização social. É o Movimento que possibilita a transformação dos valores singulares em valores universais. O sujeito lírico figura o substantivo “gente”, que tem sua concordância no singular, mas que representa um coletivo, ou seja, é o indivíduo que se torna sujeito coletivo. A reflexão do poema é sobre a mediação que possibilita que a luta seja vitoriosa. Uma posição de classe aglutina os instrumentos que ajudam na elevação da consciência política e estética.

Vamos pensar um pouco sobre a ideia de ‘Movimento’ apresentada no poema. Enquanto substantivo, o termo tem a função de sujeito na ordenação do poema, é o núcleo centralizador que estabelece a ligação entre a consciência e a ação, entre o intrínseco e o extrínseco da cotidianidade da vida social, entre as contradições da individualidade e sua superação no coletivo.

‘Movimento’ como Organização social, esse é o canto do poema, mas vejamos que o poeta não a apresenta como algo externo, fora das pessoas. Esta Organização social é a própria “gente” que se faz no processo de luta. Este poema é uma homenagem ao MST, contudo, o desejo do eu lírico é estabelecer uma simbiose entre o ser social e a forma social, o sentimento de pertença que define as relações internas da organização.

Sutilmente, o poema nos coloca dentro deste ‘Movimento’ e nos faz tomar partido, ou seja, a ação se internaliza, torna possível a elevação da consciência numa perspectiva de classe, *Cada um vai encontrando a razão de ser*. Razão que também é sentimento, pois a decisão de pertencer a uma organização não envolve apenas questões racionais como melhorar as condições materiais da vida, envolve também o reconhecimento e aperfeiçoamento da individualidade pela coletividade através dos valores que dignificam a convivência social. Nesse âmbito podemos incluir também a arte.

O próprio poema, como forma, parte da subjetividade do poeta e adentra a subjetividade do leitor. Como objeto artístico cria as condições para a reflexão crítica, mas também como fruição estabelece a beleza em pertencer a algo que é mais do que sua individualidade.

Por isso o movimento que o eu lírico busca entender é do sujeito, da ação e da consciência. Qual o sentimento de pertença dessa gente que passa por dificuldades para está na luta *Enfrentando a força bruta / Remando contra a maré*. A “Organização” possibilita o encontro de indivíduos com problemas parecidos que estavam dispersos e que, através do grupo, podem se reconhecer como iguais e juntar forças para superar os obstáculos que individualmente não conseguiriam. O outro deixa de ser concorrente para ser companheiro. O eu lírico nos apresenta uma forma de consciência que está vinculada ao grupo social, e, ao mesmo tempo, questiona intrinsecamente a postura individual de seus membros, num primeiro momento parece que a contradição individual foi resolvida ao entrar para o MST, contudo, nos perguntamos qual a qualidade do horizonte, por que e por quem lutamos?

A essas questões o eu lírico não responde, mas apresenta o que deveria ser a organização como referência de luta, mas também de comunidade onde as pessoas pudessem conviver com relações em que os valores solidários fossem uma realidade. *Olhando para o futuro e / sempre caminhando*.

O poema figura o MST não como uma instituição, mas como pessoas, através do processo poético da personificação. Constrói-se uma narrativa lírica entorno do símbolo maior que é o ser humano. No entanto, vivemos numa sociedade de classes e o Movimento vai se constituindo, no desejo do eu lírico, por força e enfrentamento dos sujeitos conscientes de seu papel na história. *Que se faz com a bravura / A força e a ternura / Do trabalhador*.

2.5 A mística como forma estética e a arte como conteúdo da utopia

Os três poemas que analisamos são exemplares da hipótese de que a pesquisa poética de Ademar Bogo gira em torno do indivíduo/coletivo, da organização popular, da luta política e da utopia comunista. Cada poema tem sua parcela de autonomia, mas também se liga a outros poemas para constituir um todo poético que revela os limites e a potência da força artística na configuração de um fragmento dos trabalhadores organizados.

Nos poemas analisados neste capítulo, percebemos que a problematização da forma poética estruturava-se em três elementos básicos: a organização política através do Movimento que tem como princípio (ou deveria ter) a revolução comunista, a luta social pelo enfrentamento contra hegemônico, e a transformação do ser individual em sujeito atuante em prol de um coletivo. Esses elementos constituem o cerne formador da organização mística como uma ação que perpassa todas as dimensões da luta de classes.

A poesia como parte histórica da organização humana potencializa a humanização dos indivíduos, porém quando entra como eixo organizador das ações da organização, possibilita o enfrentamento mais elementar de qualquer organização política, a individualidade econômica.

Em geral, os Movimentos sociais propõem lutas específicas, com agendas próprias e quase sempre de enfrentamento em busca de conquistas para um coletivo, que logo são individualizadas pelo caráter econômico das estruturas sociais em que a luta se respalda. Em contrapartida a isso, Bogo defende a ordenação da luta também no campo cultural e artístico. Para ele:

O espaço da luta política é obrigatoriamente conflitivo, mas isto não impede que se tenha alegria, comemorações e manifestações artísticas. A mística revolucionária que alimenta e estimula a energia combativa torna-se parte da cultura quando, de fato, entra como característica constante na vida da militância. (BOGO, 2011, p. 123).

Um exemplo é a luta pela terra, o MST organiza as famílias em prol da reforma agrária, no entanto, os desafios enfrentados pela lógica fundiária do monopólio da terra no Brasil e pela política econômica dos Governos fazem com que a Organização não consiga ir além da conquista de alguns hectares de terra.

Após se conquistar a terra, que antes pertencia a um só proprietário, a fazenda é, quase sempre em sua totalidade, dividida em pequenos lotes e cada família passar a ser proprietária, buscando sobreviver do lote e, então, os vícios da lógica capitalista retornam com força nas relações de posse mediadas pela pequena propriedade.

A Mística, pensada por Ademar Bogo, possui uma conformação estética em duas dimensões, a primeira busca envolver os indivíduos para que eles se sintam parte do processo. Ademais, é na e para a coletividade que o sujeito deve ser forjado. Isso permite a compreensão das contradições da vida cotidiana, dos desejos e perspectivas de quem entra para a Organização. A segunda dimensão é a da Utopia, que está aqui referida ao comunismo.

A Mística tem como característica, nesses termos, o desejo de proporcionar ensaios ou figurações para revolução, o que nem sempre é possível realizar de maneira efetivamente estética e política. Ocorre muitas vezes uma maior preocupação com o conteúdo, o que também não garante uma potência crítica reveladora das contradições latentes no processo de organização e luta popular. Para Bogo (2008):

Todo e qualquer distanciamento da ideologia socialista nos leva a um distanciamento da utopia e da mística socialistas. A mística não pode ser vista como algo independente da construção histórica do processo de transformação. Ela deve estar ligada a cada passo, acompanhar e incentivar a seguir em frente. Mas, para isso, é preciso fazer o possível para que as ideias vejam e antecipem os passos seguintes, com energia, firmeza e continuidade. Quando a teoria começa a ficar para trás, a prática perde a coordenação. Teorizar e praticar, praticar e teorizar, é o alimento que a mística precisa para não cansar e seguir em busca da utopia. (BOGO, 2008, p.221).

Podemos, assim, entender que as relações capitalistas devem ser enfrentadas de todas as formas e em qualquer situação. As ações no cotidiano é também um ato místico. Por isso, a mística não só demonstra a luta pela superação das contradições, mas aponta um horizonte, não distante, em que as relações podem ser diferentes e que na mística, deve-se experimentar um pouco desse extraordinário desejo. Isso seria, em termos estéticos, o mesmo que a experiência catártica.

Voltemos aos poemas de Ademar Bogo, e pensemos neles como reflexo místico e desejo utópico. Sua lírica busca interpretar a vida cotidiana a partir do ponto de vista da luta popular, onde as contradições da sociabilidade capitalista são trabalhadas de maneira inversa. O poeta exalta a possibilidade de outra forma social em que as ações individuais conscientes transformam a realidade subjetiva e objetiva. Pois:

É a convicção de que o capitalismo nada mais tem a dar para a humanidade que norteia as reflexões e desperta o desejo das forças sociais continuarem as lutas para forjarem o próprio caminho. A força que anima as mudanças e estabelece o novo conteúdo dos valores é a mística, aquele que nunca deixa o campo de batalha nem abandona os que ali permanecem e acreditam. (BOGO, 2011, p. 200).

Pensando na lírica como elemento subjetivo e nos poemas de Bogo como uma tentativa de engajamento político objetivo, o poeta tenta ao máximo deixar em segundo plano a sua subjetividade. Seus poemas são, em geral, escritos na terceira pessoa. Assim, afigura-se um discurso, que é dele, mas que perpassa a consciência do leitor, como se este estivesse também produzindo o poema, a voz do poema reverbera como se fosse algo da subjetividade dos leitores.

Ademar Bogo organiza o conteúdo estético como uma conversa, não fala para si o que já tem convicção, estabelece um diálogo com o outro e busca convencê-lo de que a luta é uma ação ética, estética e política. Mas, principalmente de valores coletivos.

Lukács (2011), ao se referir à forma lírica, fala do processo de gestão da realidade como mecanismo de aproximação da obra:

No interior do contexto geral da estética, portanto, a especificidade da forma lírica - deixando aqui de lado as formas de passagem - consiste no fato de que este processo emerge nela como processo também no plano artístico. A realidade representada na lírica se manifesta de certo modo diante de nós *in statu nascendi*; ao contrário, as formas da épica e do drama - também aqui com base na ação da dialética objetiva - representam apenas, na realidade poeticamente refletida, a dialética objetiva de fenômeno e essência. (LUKÁCS, 2011, p. 247).

Pensamos que, na poesia de Bogo, o que se manifesta em forma de gestação é a realidade comunista, desejada pela subjetividade do eu lírico, o que está na possibilidade de elevação da consciência política e estética, ou seja, os poemas partem de uma reflexão da realidade objetiva, porém temos um refinamento poético que expõe e exige do leitor uma posição proativa em defesa de outra perspectiva social ou uma ojeriza, que pode se refletir num sentimento avesso ao desejado pela narrativa lírica dos poemas. Em Ademar Bogo, a Mística é sempre um elemento estético que estabelece uma unidade entre a realidade cotidiana e o que poderia vir a ser outra forma social. Assim diz ele:

A mística da pertença ao sistema terrestre é também inspiração para a pertença no sistema de integração política. A diversidade de formas organizativas e as variações nas formas de luta combinam-se no trabalho cooperativo para a construção da Pátria Grande, onde cabem todas as etnias e povos. Não cabem as classes, porque elas, para existirem, renunciam à igualdade de direitos e afirmam as desigualdades sociais; precisam competir, e a competição é uma atitude desumana, porque, para um ter, precisa fazer faltar ao outro. O princípio da igualdade ensina a repartir sem competição. (BOGO, 2011, pp. 208-209).

A lírica, nos poemas de Bogo, não é a relação entre fenômeno e essência da realidade objetiva em sua estrutura social, mas sim a relação entre a superação da consciência alienada e a luta pela transformação social, que considera a elevação da consciência individual. Estamos numa fase posterior ao que Antonio Candido (1989) chamou de “consciência catastrófica” em relação aos poetas e suas respectivas realidades em meados do século XX. Ademais, a concepção de Bogo acerca da poesia, no início do século XXI, estabelece uma relação entre a tradição, à natureza e a humanidade, para Bogo (2002, p.10): “Somente produz poesia quem sabe sentir e herdar as poesias já produzidas pela vida da natureza e da humanidade” e mais:

As expressões culturais, portanto, não são deixadas de fora da organização popular e da luta política. O ser social quando vai para a luta, com suas características culturais e de identidade, é o mesmo ser político, mas apenas acrescentou em si uma quantidade de tarefas novas. (BOGO, 2011, p. 202).

A Mística, como processo histórico, constituída e forjada dentro de um movimento social compõe-se por elementos estéticos contraditórios, o que não impede a sua atualização constante e que por vezes, sem efeito imediato. Contudo, a reflexão apresentada pelos poemas de Bogo, inicialmente, demonstra um indício de uma poesia participante, representando e interpretando uma realidade brasileira que moderniza e que ao mesmo tempo atualiza e aprofunda a lógica de propriedade privada e arcaica de sua constituição.

Neste momento histórico, o poema de Ademar Bogo busca marcar a força e a resistência da classe trabalhadora, organizada em Movimentos populares, principalmente, mas não exclusivamente, dos povos do campo. Ao que parece,

Bogo busca seguir uma orientação para a qual Marx apontava nos manuscritos de 1844 e que Celso Frederico (2004) expõe da seguinte maneira:

A arte não é observação desinteressada das estrelas vagando pelo firmamento nem contemplação deslumbrada da essência humana em toda parte vista e reconhecida pelo olhar amoroso de um homem eternamente apaixonado. Como atividade prática, a arte é um momento decisivo do processo de autoformação do gênero, de apropriação da realidade e doação de sentido. Não há lugar para o belo natural no pensamento marxiano. A realidade humana, criada e ampliada pelo trabalho, pela arte e pelas demais objetivações exige do artista algo mais do que a reprodução mecânica das "aparências amigáveis" do mundo exterior. (FREDERICO, 2004, p. 21).

Nesse sentido, ao concluirmos este capítulo, podemos afirmar que a Mística e os poemas de Ademar Bogo caminham em direção à reflexão das contradições do mundo capitalista, a apresentação de uma alternativa comunista e a formação política e estética do ser humano. Isso é feito pela figuração da utopia crítica, em que a projeção imagética de uma forma social comunista traz em si uma crítica da forma social capitalista.

Assim, a Utopia se afirma como crítica e projeção em que a fabulação histórica de uma comunidade universal, constituída por singularidades, antecipa a realização plena do ser humano como agente de relações da "associação dos livres produtores". Uma vida que vale a pena sonhar com as forças da luta popular.

CAPÍTULO 3

3. ADEMAR BOGO E A TRADIÇÃO POÉTICA: MEDIAÇÕES ENTRE INTERVENÇÃO POLÍTICA E CRIAÇÃO ESTÉTICA

*[...] Como brotos da cepa dos direitos
Surgirmos, para marcar o fim da tempestade
Em que as idas e vindas teceram a liberdade
Esculpindo na consciência o ser de um novo jeito [...]
Ademar Bogo.*

Neste Capítulo temos como objetivo apresentar uma tradição crítica acerca da poesia participante da literatura brasileira com exemplares do movimento modernista e contemporâneo realizando uma leitura crítica de poemas de Carlos Drummond de Andrade, “Operário do mar” e “Morte do leiteiro”; João Cabral de Melo Neto, “Morte e vida Severina”; Ferreira Gullar “Açúcar” e Ademar Bogo, “Terra sertaneja”. Nossa intenção é analisar as configurações sociais que dão forma estética às obras.

Nessa perspectiva, buscaremos entender como a posição e consciência política dos poetas pôde transfigurar esteticamente as relações sociais específicas de um tempo histórico do progresso contraditório brasileiro. Iremos estudar a literatura como tentativa de expressão da nação brasileira e de seu povo, buscando compreender como a voz subjetiva e a voz pública do poeta articulam os problemas sociais de diferentes maneiras, configurando personagens que tencionam as relações entre identidade nacional-popular, pessoal-subjetiva e cultural.

Essa será uma chave para compreendermos a poética de Ademar Bogo, como poética inserida numa tradição da literatura brasileira em que as questões relativas ao engajamento político estão inseridas na relação da obra, da temática e do estilo que buscam representar, através da configuração poética, a problemática da nação periférica e sua modernização conservadora através da reordenação do Capital e do trabalho.

3.1 Entre a história e a política: Crítica e construção estética

Erico Veríssimo, em 1944, fez a seguinte afirmação: “Nenhum escritor pode escapar à história. Ou ajuda a fazê-la ou sofre-a, mesmo quando pensa que está inteiramente desligado de questões políticas e sociais”. (VERÍSSIMO, 1944, p.134).

É com essa proposição que apresentaremos uma pequena análise de um recorte do que poderíamos nomear como “poesia participante brasileira”, selecionando alguns poemas do período Modernista e Contemporâneo. Os poemas escolhidos possuem especificidades no conteúdo e na forma que os caracteriza, a nosso ver, uma tentativa de interpretar e participar da vida nacional. Cada um a seu modo, os poemas nos proporcionam por vias estéticas as configurações políticas e históricas de um tempo social que reflete uma realidade em processo de desenvolvimento contraditório, cuja tentativa de intervenção se apresenta de maneira artística.

Os poetas escolhidos para dialogarmos sobre estética e política são Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar e Ademar Bogo.

Discutiremos a partir dos poemas como se configura a posição social do poeta, como acontece a narrativa do eu lírico e como a poesia transfigura a realidade efêmera e se constitui como crítica de determinado período histórico. Refletiremos sobre determinados momentos de continuidade e ruptura da vida nacional, que exigiram dos poetas não só uma interpretação da realidade, mas uma posição política.

Tendo em vista que estes dois elementos, interpretação e posição política, são indissociáveis, nossa perspectiva adota como princípio norteador a questão do trabalho tanto na vida cotidiana como na criação artística desempenhada pelos poetas.

De certa forma, o que os poetas buscam através de suas obras é apresentar de forma crítica a realidade social. Mas, para terem êxito, é necessário transfigurar seus pontos de vistas acerca do mundo objetivo e subjetivo.

Isso quer dizer que não apenas devem buscar representar o mundo tal como ele verdadeiramente é, e sim, dentro das possibilidades subjetivas dos poetas, perceber o desenvolvimento contraditório do modo de produção da vida material e cultural. É a partir desses elementos que buscaremos identificar o caráter crítico histórico dessas elaborações.

Lukács (1975), tendo como referência o pensamento de Marx, expõe a perspectiva categórica de análise da sociedade capitalista sob o ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas e suas contradições que, necessariamente, exigem da sociedade uma constante superação da forma social. Essa é uma condição histórica.

Uma característica do sistema capitalista é a redução do “ser” ao “ter”, uma sociedade que fomenta a apropriação privada e que não estimula o desenvolvimento dos sentidos humanos, reduzindo a vida ao trabalho alienado para produção de bens consumíveis e coisificantes, transformando as potencialidades humanas em ações contínuas de reificação.

Por isso, Lukács (1975) percebeu que a formação estética não é desvinculada da formação política. Na verdade, estética e política são indissociáveis e suas configurações dependem das especificidades de cada forma. No texto literário, por exemplo, é necessário que o elemento estético determine e condense a forma política para que este atinja a potência reveladora das contradições objetivas e subjetivas no mesmo instante de sua configuração e fruição estética.

Este caráter estético e políticos são perceptíveis na produção intelectual de Marx, pois a dimensão dos sentidos humanos em suas produções envolvia o estudo da arte como elemento de conhecimento da vida objetiva. Não é à toa que, diversas vezes, ele utiliza reflexões críticas retirada de grandes obras literárias que nos apresentam momentos fundamentais de processos que envolveram a vida social.

Para Lukács (1975), a formação dos sentidos é crucial na luta pela revolução dos modos sociais da lógica capitalista. Assim diz ele, ao comentar sobre a perspectiva do jovem Marx:

O jovem Marx, por exemplo, viu no domínio da categoria do "ter" o perigo central. Não é um acaso que, para ele, a luta de libertação da humanidade culmine na perspectiva segundo a qual os sentidos humanos deverão se transformar em elaboradores de teorias. Assim, tampouco certamente é casual o fato de que, ao lado dos grandes filósofos, Shakespeare e os trágicos gregos tenham desempenhado um papel tão importante na formação espiritual e na conduta de Marx. (Nem tampouco a admiração de Lênin pela Apassionata é um episódio casual.) Aqui podemos ver como os clássicos do marxismo, ao contrário dos seus epígonos, todos dominados pela ideia da manipulação exata, jamais tenham perdido de vista o tipo particular de realizabilidade do reino da liberdade, embora tenham sabido avaliar - de modo igualmente claro - o indispensável papel de fundamento desempenhado pelo reino da necessidade. (Lukács, 1975, p. 20).

Com essa reflexão, percebemos o quanto a formação humana está vinculada à formação dos sentidos humanos, e, para tal, a literatura compõe o arcabouço estético que nos ajuda a compreender os nexos entre realidade factual e suas dimensões históricas e políticas.

Assim, ao longo da formação da literatura brasileira, os poetas contribuíram na interpretação de nossa realidade e puderam configurar uma tradição poética. Como diz Antonio Candido (2000), houve um longo processo até consolidarmos a formação do nosso "Sistema Literário", na qual se produziram obras que apresentam os elementos estéticos consorciados ao elemento político participante, no qual as forças subjetivas do poeta nos revelam seu ponto de vista e de classe. Inegavelmente, também nos apresentam possibilidades de conhecimento que pertencem ao reino sensitivo da objetividade e formação humana.

Dito isso, a apresentação dos poemas e dos poetas será organizada tendo como referência o momento histórico de suas criações, considerando-se questões socioeconômicas e culturais da sociedade brasileira, mas também a perspectiva do "projeto poético" referente a formação da literatura brasileira, para que seja possível o estabelecimento de uma relação entre a poesia e a realidade brasileira, observando aspectos da dimensão da luta política, da identidade nacional, da cultura e da subjetividade individual e social.

Nessa perspectiva, estudaremos de Drummond os poemas: "Operário do Mar" e "Morte do leiteiro"; de João Cabral: "Morte e Vida Severina"; de Gullar: "Açúcar" e de Bogo: "Terra Sertaneja". Com essas leituras, o objetivo seria o de analisar alguns momentos importantes da (re) configuração da poesia participante

no Brasil e, ao mesmo tempo, sublinhar as diferenças e semelhanças entre Ademar Bogo e a tradição modernista.

Porém, antes de adentrarmos as análises dos poemas, gostaríamos de citar um comentário que Antônio Houaiss faz na introdução do livro “Reunião – 10 livros” de Drummond acerca do conjunto da obra do poeta itabirano, mas que pensamos ser aplicável também aos poemas selecionados para este trabalho de análise. Diremos, então, sobre os poemas escolhidos, o mesmo que Houaiss diz sobre Drummond:

Esta não é obra agregada de poemas agregados de versos, poemas ou versos cujas significações possam ser apreendidas na sua isolabilidade. Mesmo quando pague tributo ao poema como unidade fechada autossuficiente, ou ao verso como unidade fechada rítmica ou autoconceptualizante, esta Obra vale essencialmente como um unipoema, ou melhor, como um universo, construído num poetar de várias décadas, poetar que deve ter sido que foi condição sem a qual uma vida não teria sentido.

Carlos Drummond de Andrade é homem – quero dizer, poeta – do seu tempo, para qual confluem os tempos pretéritos naquilo que são conhecidos ou naquilo em que perduram, como presenças ou resíduos, reais, imaginários ou fantásticos, o que faz de seu tempo presente, *ipso facto*, uma realidade, uma imaginação, uma fantasia, lançados no futuro. Sua poesia é expressão disso em vários sentidos, que sem veleidades exaustivas, são aqui lembrados: é poeta do seu tempo no fato de que a matéria prima do cotidiano se aflora a todo instante, não havendo como distinguir, quase sempre, o que é deliberadamente circunstancial do que é contingente temporal, como pressão motivadora imediata de certos instantes do seu poetar. (HOUAISS In: DRUMMOND, 1973, p. xv).

Essa perspectiva, na qual a obra poética forma um todo que dialoga com as partes é muito interessante para pensarmos como cada poeta reflete sobre o processo histórico de seu tempo. Assim também pensamos acerca dos quatro poetas que iremos estudar.

Nesse sentido, seguiremos a seguinte hipótese: a relação entre forma e conteúdo estético está relacionada ao ponto de vista e à posição de classe de cada poeta que busca transfigurar artisticamente sua participação política em determinado contexto social. Contudo, nem sempre vai prevalecer a consciência de classe do poeta, pois muitas vezes uma grande obra escapa ao partidarismo de seu produtor.

Apresentando uma poesia lírica e contundente, os poetas modernistas e contemporâneos da sociedade brasileira se inserem numa tradição histórica em que

as transformações sociais exigem uma postura adequada ao momento. Isso irá configurar uma produção poética carregada por uma subjetividade crítica que busca refletir, com certa especificidade, uma visão crítica de mundo à maneira de seu autor.

A forma estética é um reflexo de um tempo histórico e os poetas não podem ir além das suas condições materiais. Mas, dentro dos limites históricos, podem condensar elementos textuais que sintetizam e intensificam momentos humanos que dão sentido ao conjunto de valores de uma sociedade.

Este embate entre a objetividade social e subjetividade do poeta é o que potencializa uma nova perspectiva material realizada com a objetividade do poema. O poeta materializa uma concepção de mundo e de sentidos dentro da lógica estabelecida historicamente e dentro desses limites, propõe, insere, persuade e tenta impor um modo de sentir e repensar as condições socioculturais de nossa existência.

Ao escolhermos os poetas, para provar nossa hipótese, estamos querendo apresentar um universo sistemático entre o mundo do poeta e sua realidade social.

A posição do poeta e do eu lírico adotada em sua participação política é a da classe dos privilegiados, contudo, esse privilégio vai aparecer como um incômodo na produção estética. Drummond, por exemplo, tem plena consciência de que o seu diálogo com o outro de classe, desprovido de privilégios, está comprometido pela sua posição social e isso faz com que na sua reflexão e crítica das relações sociais apareçam como mediação entre coisas que alienam os seres humanos e conseqüentemente também aliena os poemas.

Para o poeta, isso suspende a possibilidade de estreitar os laços com o outro de classe. Assim os poemas estão sempre no limiar entre a obscuridade e a claridade, entre o isolamento e a tentativa de rompê-lo, entre se recolher a sua individualidade e expor uma determinada coletividade.

São essas relações que condicionam o poeta a refletir criticamente sobre a condição humana sem rebaixar o outro de classe, tendo como resultado uma participação política configurada numa interpretação estética que aponta elementos

humanizadores num mundo reificado a partir de um olhar crítico na sociabilidade humana caracterizada por transformações contínuas.

O incômodo que Drummond sente, acontece de maneira diferente em João Cabral de Melo Neto. O tempo histórico da produção estética deste localiza-se entre as décadas de 1940 e 1950.

Em especial, no poema/auto “Morte e Vida Severina” temos a percepção de que a propriedade privada da terra expõe a degradação dos seres humanos. O poeta assume explicitamente a defesa das classes expropriadas e o poema busca explicar aos sujeitos expropriados a fatalidade de suas vidas em processos cíclicos de expropriação do mundo das coisas, primeiro no campo depois na cidade.

O eu lírico dos poemas de Cabral expõe de maneira professoral os elementos coisificadores, que tornam as vidas humanas um constante emigrar em busca de um lugar onde os homens e o mundo possam compartilhar seus frutos. Entretanto, a propriedade privada das coisas impede aos seres humanos a realização de sua plenitude, por isso os ciclos poéticos mostram degradações trazidas por progressos sociais que são excludentes, tanto no campo, considerado primitivo atrasado, como na cidade, cenário hipotético de progresso e civilização.

O poema de João Cabral configura a peregrinação do sertanejo em busca de uma vida melhor e que em vez de encontrar uma salvação na cidade, acaba por vezes ficando a margem, na pária social.

Em Ferreira Gullar, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970, temos inicialmente uma tentativa de usar técnicas poéticas para dizer aos trabalhadores como se comportar e com isso Gullar perde um pouco da realização estética em algumas obras.

O poeta também é um privilegiado pertencente à classe média que deseja participar da vida política do país, atuando no campo político e artístico. Gullar tem um desafio íntimo: deseja ser “homem comum”. E para isso busca, através de muita experimentação, romper as barreiras que separavam os intelectuais dos trabalhadores. Seu desejo não era somente a formação política dos trabalhadores, para que estes lutassem pela superação das desigualdades. O poeta queria ser

também esse trabalhador que luta junto e que supera a segregação cultural e econômica que divide o país entre os privilegiados e os despossuídos.

No poema “O açúcar”, Gullar consegue conciliar o desejo do político e do poeta, pois, ao refletir sobre sua própria condição, pôde transfigurar esteticamente um determinado momento histórico, fazer crítica política e condensar as contradições de uma determinada sociabilidade que alienavam as vidas humanas e degradava os despossuídos de mercadoria

A partir da década de 1980, temos na poesia de Ademar Bogo uma intencionalidade escancaradamente participativa. O poeta, militante do MST, deseja formar politicamente os indivíduos para que estes tomem consciência de sua posição perante a classe trabalhadora.

Filósofo e militante ativo, seu universo poético está ligado a uma tradição camponesa oral, mas que no Movimento ganha novas características, que vão além dos elementos reivindicativos da luta por reforma agrária, perpassa a reordenação sociocultural de valores coletivos como a solidariedade.

Ademar Bogo é não somente um interlocutor para as massas que começam a se inserir na organicidade política e social que formam o MST, mas também um “homem comum” que, entre outras coisas, milita, filosofa e cria poemas para que sejam compartilhados. Ao menos é isso que deseja o poeta.

A poesia militante de Ademar Bogo ganha terreno entre os iguais, porque são as lutas políticas que permeiam os diálogos entre o poeta e o eu lírico e entre ambos e os desprovidos de direito, que lutam para reverter esse quadro de desigualdades.

A primeira vista, temos a impressão de que o desejo participativo dos poemas de Ademar Bogo é o da comunicação com a classe trabalhadora, necessitada material e culturalmente dos bens historicamente produzidos. Todavia, isso nem sempre será possível.

Nessa direção, estudaremos os poetas inseridos num contexto social e histórico, no qual criam suas obras na dinâmica social do processo de evolução da divisão social do trabalho em um país capitalista periférico. No entanto, suas

atividades criativas puderam possibilitar o reconhecimento da alienação em que todos estão inseridos, inclusive os privilegiados de classe. Nesse sentido, perceber a lógica de funcionamento que forma o ser social é fundamental para nossa análise.

Na poesia lírica temos uma unidade dialética entre a subjetividade do artista e a objetividade da vida social, que ele configura esteticamente. O movimento que o poeta faz na criação artística se efetiva quando sua obra alcança um processo de reflexo artístico da realidade pautado nas determinações contraditórias do mundo objetivo.

O poeta busca apresentar e interpretar o mundo, ao menos deseja, na sua subjetividade cotidiana, mostrando elementos da vida em transformação de maneira intensificada.

A busca pela representação da totalidade artística de se integrar ao núcleo da vida e por fazer uma crítica que revele aos sentidos humanos a possibilidade de conhecer e superar a realidade social, nas quais os indivíduos e a sociedade historicamente estão inseridos. Isso faz do poema uma criação que condensa o singular e o universal historicamente ordenado.

Em relação à posição dos poetas e suas relações com a criação de suas personagens líricas podemos sintetizar, ao nosso ver, da seguinte forma: em Drummond, o poeta apresenta seus personagens pela impossibilidade do diálogo, age como um crítico observador buscando no leitor essa aproximação que se estabelece pela consciência de classe, mas que materialmente são distintas.

Em João Cabral, a voz do personagem popular é quem estabelece a distância entre a posição de classe do intelectual erudito e a vida cotidiana dos trabalhadores em meio à modernização conservadora. A forma poética criada por Cabral busca aproximar o poeta e o leitor de uma compreensão de mundo que atravessa as palavras e ganha materialidade através da “vida Severina”.

No caso de Ferreira Gullar, temos um retorno a subjetividade do poeta e a reflexão de sua condição de poeta distante, em primeiro plano, do personagem que cria. Contudo, ao refazer o caminho poético de figuração da mercadoria, apresenta a vida amarga do trabalhador despido do fetiche da produção da mercadoria. O leitor

se depara com a subjetividade de um sujeito lírico que já não observa, nem da voz ao outro. Apenas constata a que arte e o poeta são a outra ponta da alienação do trabalho.

Em Ademar Bogo, vamos perceber que a distância de classe não existe. O personagem e o sujeito lírico estão no mesmo universo social e que o diálogo se estabelece de uma maneira mais próxima do que acontece com Drummond, Cabral e Gullar. A problemática que Bogo enfrenta está em organizar a reflexão sobre arte e política de forma que os poemas não sejam panfletários, no sentido vulgar, mas que possam dialogar, além de sua classe, com a tradição poética nacional.

Ao olharmos a semelhança entre os poetas e poemas, que referenciamos, percebemos que existe para além da relação que os convergem: a figuração do trabalho e do trabalhador na produção e apropriação de bens sociais. Há também uma ação de fundo autorreflexiva sobre a condição do trabalho poético e do bem cultural, a arte de maneira geral, em meio à hostilidade da forma social capitalista.

3.2 Suspensão do diálogo em Drummond

No poema “Operário no mar”, do livro *Sentimento do mundo*, escrito entre os anos de 1930 e 1935, é perceptível que o poeta e o eu lírico tomam a perspectiva de observador da vida aparentemente alheia a eles. Em uma posição privilegiada, mas desconfortante, observa a vida através de uma janela e começa a refletir sobre a vida do homem que caminha pela rua. Assim é o poema:

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse

privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei? (ANDRADE, 2012, p.23).

Na medida em que vai narrando às ações sistemáticas do caminhar do homem, o poeta através do eu lírico vai refletindo os discursos e as coisas que configuram sua posição de classe em relação ao outro de classe. E o operário, quase sempre, mediado por coisas que não lhe pertencem. Muitas vezes, refletido de maneira coisificada.

Com efeito, o eu lírico vai tomando consciência e percebe que o homem despossuído de bens, que, quase sempre, é estereotipado pelos discursos oficiais e por outras estéticas, não é substancialmente diferente dele. O grande problema é a distância e as condições sociais que os separam.

Drummond escolhe configurar o poema em forma de prosa, talvez isso nos mostre a inquietude do poeta, de tentar criar algo que possa aproxima-lo do outro, e de quebrar com o tradicional e de se fazer entendido. No entanto, o poeta toma consciência de que não basta mudar a forma para alcançar o outro.

O eu lírico desconhece o outro de classe na sua singularidade, mas agora já não o estigmatiza nem o endeusa, tenta compreendê-lo a partir do que é possível constatar e refletir do seu ponto de vista.

O poeta não consegue ser onisciente e saber o que o trabalhador pensa, não pode dizer pelo outro, apenas reflete sobre o homem e sobre as coisas que o cercam e constata o quanto os discursos são alheios à postura do homem que mantém sua rotina cotidiana, na qual o trabalho alienante lhe impede de perceber a lógica social a qual está inserido de maneira reificante, pois a reflexão sobre a condição humana, para o poeta, também é uma posição de privilégio.

O eu lírico percebe que existe um distanciamento, no mundo do trabalho, entre os que pensam e os que executam e também que, na sociedade dividida em classes, não é possível haver conciliação apenas pela consciência. Por isso o outro e ele mesmo não são inocentes nem culpados e não podem ser endeusados, pois a situação social é composta por mecanismos estruturais e tanto o poeta como o eu lírico se constroem diante do operário.

O privilégio de classe os impede de uma aproximação, apesar de o poeta tomar partido em favor da classe trabalhadora e desejar romper a barreira objetiva e subjetiva que os impossibilitam de dialogarem. Assim continua o poema:

Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha.

Em nosso ponto de vista, a chave interpretativa do poema “Operário no mar” é a reflexão acerca da alienação do tempo social representada pelo trabalho.

A alienação não só atinge o trabalhador que caminha sem perceber que as coisas estão desagregadas; também o poeta, em seu ofício, se aliena das relações efetivamente humanas. Por isso a persistência do eu lírico em querer saber quem é e para onde vai o operário. Por um instante chega a idolatrar o trabalhador como se ele fosse o responsável pelo milagre, pela salvação da humanidade, como muitos pensam, mas o poeta sabe também que, sem consciência de classe, sem luta política, o trabalhador continuará reproduzindo a sociabilidade reificante.

Entretanto, nem o poeta nem a poesia fogem deste contínuo reproduzir social, apesar de que a participação social na luta política seja necessária para mudar o mundo. Em seu ofício de poeta, existe um “mar” que o separa do mundo dos homens comuns e ambos se desconhecem ou, ao menos temporariamente, estão desconectados da totalidade da vida que é fetichizada.

A grande questão intrínseca ao poema está em colocar em evidência a eficiência da coisificação em que todos estão imersos. Porém, no mundo das coisas,

a segregação da divisão social do trabalho leva uns a condição de privilegiados e outros a condição de expropriados.

Mesmo com esta constatação, o poeta não pode simplesmente descer de seu “apartamento” e explicar o mundo para o trabalhador. Ao eu lírico torna-se impossível o diálogo entre os desiguais, mesmo que adquira consciência de sua condição no mundo, o diálogo está suspenso temporariamente entre duas coisas que se alienam cotidianamente ao executar seus ofícios.

Não obstante, o eu lírico nos enche de perguntas e questiona ao leitor sobre sua posição, qual serão os passos seguintes, “para onde vai o operário?” e o leitor o que tem a dizer sobre tudo isso? Lutar ou se enclausurar? Reconhecer o potencial esclarecedor da aurora ou retrair ao cotidiano reprodutivista de uma lógica expropriadora.

Nem o poeta, nem o eu lírico, nem o operário sabem a resposta, mas, se não houver um diálogo sincero entre os intelectuais e a massa trabalhadora, infelizmente, a distância provocará apenas *um sorriso úmido* sem consistência prática na luta pela superação da vida mercantil.

Apesar disso, felizmente, pelo fato de o eu lírico ser honesto na tentativa de compreender o outro com sua especificidade e, ao mesmo tempo, perceber sua própria alienação, pôde abrir um fio de esperança na possibilidade de se entenderem. Com isso, o poema possibilita uma leitura desalienante das relações sociais. O poema prossegue.

Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?²⁰

Como defende Antonio Candido, a poesia de Drummond apresenta uma inquietude e esta inquietude contamina o leitor a tal ponto que é impossível ficar indiferente ao cotidiano transfigurado esteticamente como uma reação política à

²⁰ *Ibidem*, p.23.

lógica alienante de uma sociabilidade dividida em classes. Para Candido, existe na poesia participante de Drummond:

O desejo de transformar o mundo, pois é também uma esperança de promover a modificação do próprio ser, de encontrar uma desculpa para si mesmo. E talvez esta perspectiva de redenção simultânea explique a eficácia da poesia social de Drummond, na medida em que (Otto Maria Carpeaux já o disse faz tempo) ela é movimento coeso do ser no mundo, não um assunto, mediante o qual um vê o outro. O seu cantar se torna realmente geral porque é, ao mesmo tempo, profundamente particular. (CANDIDO, 1965, pp. 80-81).

Seguindo essa lógica, outro poema com uma carga estética que condensa uma ruptura social e alienante da vida cotidiana transformada em mercadoria é “Morte do leiteiro”, presente no livro *A Rosa do povo*. Se em “O operário do mar” o poeta se encontra no conforto do seu apartamento e observa as coisas e o homem em sua condição de privilegiado, em “Morte do leiteiro” o poeta desce à rua e se depara com a peripécia do operário, agora leiteiro, que mesclado entre coisas se dissipa e pode ser confundido com qualquer coisa, inclusive ser lido apenas na aparência coisificante de sua profissão. Vejamos o poema:

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro.
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto
Com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo

vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmunga e torna a dormir.

Mas este entrou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada

liquidaram meu leiteiro.
 Se era noivo, se era virgem,
 se era alegre, se era bom,
 não sei,
 é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
 de todo, e foge pra rua.
 Meu Deus, matei um inocente.
 Bala que mata gatuno
 também serve pra furta
 a vida de nosso irmão.
 Quem quiser que chame médico,
 polícia não bota a mão
 neste filho de meu pai.
 Está salva a propriedade.
 A noite geral prossegue,
 a manhã custa a chegar,

mas o leiteiro
 estatelado, ao relento,
 perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada.
 no ladrilho já sereno
 escorre uma coisa espessa
 que é leite, sangue... não sei
 Por entre objetos confusos,
 mal redimidos da noite,
 duas cores se procuram,
 suavemente se tocam,
 amorosamente se enlaçam,
 formando um terceiro tom
 a que chamamos aurora.

(ANDRADE, 2010, p. 178).

“Há no país uma lenda, que ladrão se mata com tiro”: por isso, é preciso revidar qualquer suspeita, mesmo que inconsciente e inconsequente. Isso é o resultado de uma alienação da vida social. A este respeito, o eu lírico narra a consequência da lenda na vida do leiteiro, intensificada pela lógica das mercadorias em que as relações humanas ficam truncadas em meio ao sonambulismo de uma noite que se esvaia em um dia que não aparece de todo.

O poeta encara as mercadorias e distingue as vidas humanas em meio ao ofuscamento das propriedades. No entanto, o diálogo ainda não acontece, o leiteiro é brutalmente assassinado para que seja salva a propriedade. O eu lírico busca explicações, mas o que encontra são apenas objetos fetichizados que não possibilitam a compreensão imediata dos processos sociais, mas que fazem mediações na vida cotidiana. Vejamos este trecho do poema:

Então o moço que é leiteiro
 de madrugada com sua lata
 sai correndo e distribuindo
 leite bom para gente ruim.
 Sua lata, suas garrafas,
 e seus sapatos de borracha
 vão dizendo aos homens no sono
 que alguém acordou cedinho
 e veio do último subúrbio
 trazer o leite mais frio
 e mais alvo da melhor vaca
 para todos criarem força

na luta brava da cidade²¹.

O poeta narra os acontecimentos a partir do ponto de vista do privilegiado, por isso desconhece o trabalhador, e utiliza como referência, ao falar do leiteiro as mediações entre coisas, as quais possuem mais vida que o “operário”. Este, por sua vez, tem, literalmente, seu sangue esvaído pela lógica mercantil. Talvez por isso, a tragédia tenha possibilitado ao eu lírico o reconhecimento do ser diante do objeto, pois, ao se tocarem, leite e sangue, puderam fundir-se aos olhos do narrador, possibilitando a ele e ao leitor reconhecer o outro de classe em processo de degradação humana.

A mercadoria, que ofusca as relações sociais, foi desmascarada pela incongruência do branco leite e do vermelho sangue, meios a que o poeta, do seu lugar de classe pôde conferir na relação coisificadora do trabalho que atende as necessidades humanas e sua apropriação privada. Tal relação é transfigurada esteticamente no poema como elementos intrínsecos a vida cotidiana e que são sistematicamente formas da estrutura social na qual o poeta pôde condensar no poema.

Desse modo, o eu lírico narra os fatos que desembocam na trágica morte do leiteiro, que por sinal, é mais adjetivado do que substantivado, demonstrando a impossibilidade do diálogo entre seres que não se reconhecem, a não ser mediados por objetos. Eis mais um trecho do poema.

Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.
Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom

²¹ *Ibidem*, p. 178.

a que chamamos aurora²².

A propriedade privada determina as relações no mundo capitalista. Esta configuração impõe ao leiteiro, que é nomeado apenas pelo substantivo que indica a profissão, a condição de ser mais uma mercadoria em meio as outras. No entanto, delicadamente o eu lírico contrapõe a diferença essencial entre objeto e sujeito na criatividade humana.

A aurora criada pela trágica junção entre sujeito e objeto serve de alerta de que há possibilidade de superação, mas que o caminho não será romântico. Será preciso uma ruptura em que o sujeito tenha sua condição humana diferenciada dos objetos que ele próprio produz.

Com essa reflexão, observamos que a produção poética de Drummond, especialmente em *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do povo*, possuem como estrutura uma participação política característica de um tempo histórico particular da realidade brasileira inserida num contexto ímpar da ordem mundial (Guerras e reorganização do Capital financeiro), que exigiam um engajamento mais efetivo. A essa necessidade o poeta respondeu a partir de um ponto de vista em que sua consciência social implicava questionar a função da poesia e do poeta em meio aos processos de enfrentamento políticos que a época exigia.

Antonio Candido explica da seguinte maneira essa configuração poética de Drummond:

A poesia social de Drummond deve ainda a sua eficácia a uma espécie de alargamento do gosto pelo cotidiano, que foi sempre um dos fulcros de sua obra e inclusive explica a sua qualidade de excelente cronista em prosa. Ora, a experiência política permitiu transfigurar o cotidiano através do aprofundamento da consciência do outro. Superando o que há de pitoresco e por vezes anedótico na fixação da vida de todo o dia, ela aguçou a capacidade de apreender o destino individual na malha das circunstâncias e, deste modo, deu lugar a uma forma peculiar de poesia social, não mais no sentido político, mas como discernimento da condição humana em certos dramas corriqueiros da sociedade moderna. (CANDIDO, 1965, pp. 81-82).

²² *Ibidem*, p. 178.

Destarte, a tensão entre um sentimento íntimo, individual, de classe prestigiada em querer se posicionar diante do outro de classe expropriada condicionou uma estrutura lírica e o diálogo ficou suspenso. No entanto, o poeta questiona a própria lógica da expectativa poética no mundo das mercadorias.

O resultado crítico desse processo é um alto grau de consciência social que enxerga nas relações humanas, para além da sociabilidade mercantil, a esperança de uma objetiva e subjetiva superação da coisificação, a qual impede as potencialidades humanas de se desenvolverem, inclusive, nos diálogos uns com os outros.

3.3 Severinos: Entre substância e adjetivação, uma consciência dilacerada

Ao observarmos o poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, constatamos uma progressão lírica sistemática, em que o personagem Severino traça do sertão ao mar, do campo à cidade, da paisagem seca e árida à lama do manguezal, um ciclo em que o progresso capitalista e a propriedade privada são condicionantes da expropriação social.

O auto de natal pernambucano se compõe de dezoito seções, que se iniciam com a apresentação do personagem/narrador Severino, depois sua peregrinação até a cidade e culmina com o nascimento de uma criança no manguezal, na periferia da capital, onde viviam os mais pobres.

Em sua trajetória, Severino encontra muitos personagens com quem dialoga e tenta compreender o sentido da vida peregrina. Pelo caminho, Severino pôde observar a questão da morte como profissão e não natural, a história sendo repassada através dos enterros, na dor da ladainha e na mira dos jagunços.

Além da morte causada por circunstâncias sociais, Severino se depara com uma imensa concentração latifundiária, que reflete a realidade da propriedade da terra e o desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, a relação com a organização do trabalho e a distribuição da riqueza. a qual sempre lhe empurra para a margem da vida e do acesso aos bens materiais.

Na cidade também se depara com divisão geográfica e social. O progresso tão desejado e imaginado pelo caminhante não está disponível a todos, existe um abismo entre os proprietários e os expropriados. Sendo assim, mesmo na cidade, símbolo ilusório de modernização, o que fica evidenciado é a mesma estrutura oligárquica de exploração.

No fim de sua peregrinação, Severino duvida de tudo em que acreditava e tinha certeza, desejando por fim ao seu próprio sofrimento. Ao conhecer as mazelas da vida e sem forças para enfrentá-las deseja ser sugado pelas águas do rio, mas tal como a representação do nascimento de Jesus traz esperanças, o nascimento do menino “setemesinho” devolve o fio condutor e a força das vidas severinas que teimam em pular para dentro da vida.

Observemos um trecho do poema:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra. (MELO NETO, 1968, p.204).

A narrativa de “Morte e Vida Severina” é contada pela “voz” do personagem popular, uma perspectiva diferente da poética de Drummond, contudo, o que Cabral faz é uma aproximação de sua consciência de classe da alienação ligada à dimensão do progresso contraditório.

O eu lírico narra um processo de alienação da condição humana, mas, ao narrar essas estruturas sociais do sistema capitalista, não lhe é permitido superar essa condição apenas pela consciência. O narrador busca demonstrar que na essência das contradições, somente os seres humanos podem modificar a história, porém sem consciência e luta de classes, o caminho será apenas cíclico.

A narrativa lírica do poema estabelece uma intimidade entre o leitor e o eu lírico configurado em um diálogo seco em que a perspectiva da naturalidade das coisas e da vida retirante vai se desfazendo. Por exemplo:

E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
— Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.

[...]

e o que havia ele feito
contra a tal pássara?
— Ter um hectare de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada
que cultivava. (MELO NETO, 1968, p.206).

O eu lírico dá o tom e vai, progressivamente, mostrando ao leitor as implicações de uma vida retirante, na qual os seres humanos, ao serem expropriados dos bens materiais, igualmente são retirados do seu ambiente cultural.

O arcaico convive com o moderno, mas com uma cisão social em que o avanço tenta destruir os elementos culturais sem supera-los numa perspectiva integradora, pelo contrário, usa a expropriação como elemento de progresso.

O próprio poema se impõe organizando a forma popular como exemplo de permanência num momento que a própria literatura também se transforma. A sua temática também vai expor essa relação entre o erudito e o popular, mas, no caso do poema, de forma integradora e não excludente como a “vida Severina”.

Pensando assim. O conteúdo social é condensado e ordenado para criar uma estética que cumpre uma trajetória de conhecimento envolvendo a organização de uma fratura civilizatória. Severino começa sua narrativa e sua viagem ignorante da dinâmica da vida política do país. No trajeto o personagem vai se deparando com situações objetivas, que transformam seu conhecimento diante da vida natural e social. Vejamos como isso ocorre neste trecho:

Nunca esperei muita coisa,
digo a Vossas Senhorias.
O que me fez retirar

não foi a grande cobiça;
 o que apenas busquei
 foi defender minha vida
 de tal velhice que chega
 antes de se inteirar trinta;
 se na serra vivi vinte,
 se alcancei lá tal medida,
 o que pensei, retirando,
 foi estendê-la um pouco ainda.
 Mas não senti diferença
 entre o Agreste e a Caatinga,
 e entre a Caatinga e aqui a Mata
 a diferença é a mais mínima.
 Está apenas em que a terra
 é por aqui mais macia;
 está apenas no pavio,
 ou melhor, na lamparina:
 pois é igual o querosene
 que em toda parte ilumina,
 e quer nesta terra gorda
 quer na serra, de caliça,
 a vida arde sempre com
 a mesma chama mortíça. (MELO NETO, 1968, p.218).

Se as terras são diferentes, por que a miséria é a mesma na Caatinga, na Zona da Mata e também no Recife? Aos poucos, o contato com a realidade revela que o problema não é natural e Severino continua sua caminhada reconhecendo o caráter social da riqueza e da pobreza ligadas a formas políticas de organização social. A personificação da terra, também é a personificação do capital, que cria a antítese entre “terra gorda” e “serra de caliça”, mas que não cria entre essas e as que são consumidas nessa relação: “vida que arde como a mesma chama mortíça”. Pelo contrário, é essa unidade que formam a síntese dos elementos sociais agirem na configuração da divisão de classes.

O professor Antonio Candido faz uma bela reflexão geral acerca da poesia de João Cabral, que penso também valer para *Morte e vida Severina*, mas com especificidades por se tratar de um auto de natal, para ele:

Na obra de João Cabral de Melo Neto, por exemplo, vemos uma espécie de reeducação do metro pelo ritmo, ao contrário do que antes se dava. Criador de unidades, este não obedece mais agora a injunção de um certo número previsto de esquemas para cada metro. Ele estabelece a variedade relativa do metro para a unidade do ritmo, como se vê no uso de sete e oitossílabos alternados de João Cabral e o último de Murilo Mendes. Ou, neste, usos ainda mais irregulares com sensação de unidade. Surge um universo formal de extrema liberdade, no qual os ritmos se constroem a vontade, e se esbate ou anula a noção de melodia do verso. (CANDIDO, 1996, p.58).

A melodia social do cântico, que envolve as ladainhas e a composição métricas em redondilha popular cria um universo cultural que impõe ao poema uma força de permanência e continuidade de um som que resiste e os impasses da modernização não podem resolver. É nesta perspectiva, sobre o conteúdo social da condição humana, que estudamos a construção humana do personagem Severino, numa tentativa de resistência a uma expropriação que vai além dos bens materiais e naturais. Temos ali a expropriação de relações humanas também pela ordenação cultural porque a questão da modernização conservadora não integrou o campo e a cidade e sim, inseriu pela lógica do capital industrial a segregação do trabalhador também pela negação dos bens culturais.

Severino nos apresenta a resistência diante da iminência da morte, não só física, mas principalmente sociocultural, não só porque desiste de por fim a sua vida, mas porque José Ihe mostra que a vida também se renova e ali abre novas possibilidades, que na visão das ciganas podem ser contraditórias em si mesmo, talvez sem rupturas drásticas, mas com alguma mudança.

Essa construção do poema em forma de redondilha, em metro popular se contrapõe a um momento histórico de euforia pela imagem do progresso e modernidade. A forma do poema já nos levar a pensar sobre a ilusão de que o novo não teria resquício do passado, ainda mais numa sociedade de passado escravocrata.

A narrativa do poema, composta com características do universo religioso, envolve as questões do sofrimento humano. Contudo, o processo em que Severino se envolve Ihe traz uma purgação dos sentidos e o sofrimento é organizado ou produzido não por forças superiores, como forma de punição, mas por forças sociais ou de classe, através da apropriação privada. A narrativa é uma experiência material e não há intervenção divina, por mais que pareça haver uma tensão entre o religioso e o social, tendo a acreditar que existe uma maior tensão entre as mudanças da forma social capitalista e a cultura brasileira, que no poema é figurado pelo traço nordestino. Região que também não se integrou ao sul do país modernizado.

A modernização conservadora que industrializou o país ao mesmo tempo mantinha a questão fundiária intacta, preservava a oligarquia rural e transformava as

idades em grandes aglomerados populacionais. Essa mesma modernização desintegrou boa parte da cultura popular e não a integrou na nova condição social industrial deixando as margens o bem estar social que poderia promover.

Apesar de apresentar uma dose de esperança, com a figuração do nascimento de Jesus no final do poema e o término do rosário, ali também se encontra uma certa constatação pessimista, pois com o nascimento fecha-se um rito que sempre se repete, e, nessa repetição, a preservação do arcaico na nova fase que se inicia nas relações serão mediadas por novas mercadorias que não serão socializadas igualmente num novo ambiente social, e a ladainha se refaz.

vou completar a figura.
 Outras coisas que estou vendo
 é necessário que eu diga:
 não ficará a pescar
 de jereré toda a vida.
 Minha amiga se esqueceu
 de dizer todas as linhas;
 não pensem que a vida dele
 há de ser sempre daninha.
 Enxergo daqui a planura
 que é a vida do homem de ofício,
 bem mais sadia que os mangues,
 tenha embora precipícios.
 Não o vejo dentro dos mangues,
 vejo-o dentro de uma fábrica:
 se está negro não é lama,
 é graxa de sua máquina,
 coisa mais limpa que a lama
 do pescador de maré
 que vemos aqui vestido
 de lama da cara ao pé.
 E mais: para que não pensem
 que em sua vida tudo é triste,
 vejo coisa que o trabalho
 talvez até lhe conquiste:
 que é mudar-se destes mangues
 daqui do Capibaribe
 para um mocambo melhor
 nos mangues do Beberibe. (MELO NETO, 1968, p.228).

A métrica é popular, mas a composição de conteúdo propõe um incômodo entre a tradição e a modernidade, faces de um mesmo processo de expropriação. Vale ressaltar que o trecho acima parece ironizar o destino do menino que viverá entre um mangue e outro. Mesmo modificando o modelo de produção econômica, pela industrialização do país, o trabalhador não melhorará sua condição de vida, será mantido às margens da riqueza produzida socialmente. A promessa de

prosperidade, advinda das falácias do progresso, não será vivenciada pela grande maioria da população brasileira.

Para o grupo de Pesquisa Literatura e Modernidade Periférica²³, “Morte e vida Severina” possui a seguinte característica:

Severino é um ente fantasmal que emerge do atraso e, na dualidade vida/morte que rege a narrativa de sua vida, encontramos as fraturas do avanço do cosmopolitismo burguês global sobre o ambiente periférico, o qual ainda não conseguiu superar o atraso. Por isso Severino ainda vive, apesar de estar sempre no limiar da morte. Sua existência assombra e fere a aparência gloriosa da modernidade. (CORRÊA, *Et al.*, 2004, p. 37).

A escolha do substantivo “Morte” antes de “vida”, no título do texto, tem um impacto forte no decorrer do poema. A trajetória social de degradação humana coloca Severino numa condição de reconhecimento da realidade factual, seu processo é um processo de elevação de uma individualidade em si para o reconhecimento da classe em si, mesmo que para Severino, ainda não seja possível a organização de classe. O que por outro lado, expõe a impossibilidade da periferia do capital resolver sua herança colonial como oração principal de sua estrutura.

Já para o Grupo LMP, a lógica é seguinte:

Em Morte e Vida Severina, a forma do auto presta-se a encenar não exatamente uma história, mas uma condição de classe, que o autor chamou de severina. Entretanto, os Severinos são feitos de privação, não têm vez, não têm voz, nem terra, nem trabalho, nem lugar. Têm, apenas, "coisas de não: fome, sede, privação." Por esse motivo, Severino não pode ser um nome próprio, mas, antes, um adjetivo, uma qualificação que põe à mostra a desqualificação, a indignação do que não é possível nomear sem alterar, mas também a severidade de resistência que faz lembrar Euclides da Cunha: o Severino é, como o sertanejo, um Hércules-Quasímodo. (CORRÊA, *Et al.*, 2004, p.39).

²³ O Grupo Literatura e modernidade periférica consta do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq e é coordenado pelo Prof. Dr. Hermenegildo José de Menezes Bastos, da Universidade de Brasília. Integram-no professores da UnB e alunos do programa de pósgraduação em literatura. Atuando nas áreas de crítica materialista e histórica e enfocando, primordialmente, as relações entre o sistema literário e o projeto modernizador ocidental, o grupo tem produzido dissertações de mestrado e teses de doutorado. Tem, ainda, publicado livros e artigos em periódicos especializados e participado de congressos de amplitude nacional e internacional. O presente trabalho foi escrito em conjunto pelos pesquisadores: Profa Dra . Ana Laura dos Reis Corrêa; Drnd° André Matias Nepomuceno; Prof. Drnd" Alexandre Pilati; Profa Drnd". Deane Maria Fonseca de Castro e Costa; Prof a Drnda Maria Izabel Brunacci; Profa Drnda Germana Henriques Pereira de Sousa e Grnd° Thiago Chacon.

Tendo a pensar um pouco diferente. Vejamos que a primeira parte do auto é justamente a afirmação e apresentação de um sujeito, que, apesar de não ter liberdade de escolha, reconhece em outros trabalhadores características comuns que possibilitam o reconhecimento de uma classe, mesmo que sem unidade política, mas substanciadas na mesma estrutura sociocultural.

A sua adjetivação é o ofuscamento que o poeta busca demonstrar, não pelo discurso, e sim dando ao narrador/personagem a objetividade necessária que revela a alienação em sua forma cotidiana, no exato momento que trabalho e trabalhador se expressam criando uma tensão entre o ser, o ter e o estar no mundo das mercadorias, que, no Brasil, principia-se pela posse privada da terra. O poema é um autorreconhecimento e enfrentamento da coisificação humana e artística.

— Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita:
há muito no lamaçal
apodrece a sua vida?
e a vida que tem vivido
foi sempre comprada à vista?
— Severino, retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.
— Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?
— Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida. (MELO NETO, 1968, p.232).

Severino, que aparentemente narra sua própria decadência material e espiritual é na verdade, o narrador de uma tragédia coletiva, vai conhecendo as consequências e as possibilidades de um mundo em desequilíbrio, não somente das secas prolongadas, que afeta o trabalho laboral dos pobres, mas que a seca natural não atinge, pelo menos, não com a mesma força, as grandes propriedades.

Como diz o Grupo LMP:

O mundo do progresso, para o qual estão voltados os investimentos e os projetos da elite do Brasil nos anos 50 (época da elaboração do poema), a partir de alianças com os investidores externos e acompanhando uma tendência que, hoje sabemos, se solidificaria sob a fórmula de uma globalização contraditória, jamais será alcançado pelos Severinos. Percebemos, dessa forma, o caráter conflituoso que está na base do processo modernizador, encenado em todo o percurso do retirante e, de modo especial, no encontro com a rezadeira. O leitor vê o fechamento de todos os acessos ao mundo do trabalho e da produtividade para o Severino, embora o discurso inicial da mulher na janela seja o de que "trabalho aqui nunca falta/ a quem sabe trabalhar". Essa é uma sentença que, aliás, sempre fez parte do jargão conveniente e retórico da classe dominante. (CORRÊA, *Et al.*, 2004, p.43).

Ao longo poema, a questão do trabalho e da propriedade vai moldando a configuração das comunidades e suas relações sociais. Em cada ciclo poético, temos uma forma social que organiza de maneira conflitiva a lógica de expropriação no modo de produção material e simbólica da vida individual e social. O poema demonstra que no progresso civilizatório de nossa sociedade, o trabalho ainda mantém a estrutura arcaica de exploração da vitalidade humana.

Não obstante, o eu lírico também encontra resistências e lutas que fazem muitos Severinos perderem as vidas em “emboscadas antes dos vinte”. Observemos o trecho a seguir:

— Mas então por que o mataram,
irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?
— Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.
— E agora o que passar?
irmãos das almas,
o que ? que acontecerá contra a espingarda?
— Mais campo tem para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer voar
as filhas-bala.
— E onde o levais a enterrar,
irmãos das almas,
com a semente de chumbo
que tem guardada? (MELO NETO, 1968, p.207).

O universo vocabular em que o eu lírico descreve a atrocidade, cometida contra o camponês, que se revolta em meio às injustiças vivenciadas no campo brasileiro, nos apresenta a relação entre o mundo da propriedade e o mundo natural.

As “aves-balas” são as consequências para quem ousa enfrentar uma lógica perversa de exploração do ser humano em um mundo alienado que esconde as relações de propriedade e que, no espaço sertanejo, é amenizado. De algum modo, tenta-se justificar as desigualdades sociais como consequências naturais e as mediações estabelecidas ligam-se a coisas que fazem a classe desprovida ser fatalmente atingida pelas “aves-bala” ou pelo êxodo rural.

Por conseguinte, Severino continua sua trajetória, ou poderíamos dizer sua peregrinação, que passa por muitas peripécias até reconhecer o sentido da existência e das contradições sociais. Assim será a trajetória de Severino: aparentemente, e em princípio, é o fenômeno da seca que o leva a emigrar, porém, diante de tantas mortes, ele se depara com a atrocidade de uma que foi consequência do conflito social e a naturalidade da vida começa a se desfazer.

Isso nos leva a desconfiar do destino natural e a reconhecer as forças “ocultas”, por trás da apropriação privada dos meios de produção da vida social.

Vejamos mais um trecho do poema:

— Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
— é de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.
— Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida. (MELO NETO, 1968, p.218).

Os conflitos agrários no Brasil sempre resultaram em violência e assassinatos contra os camponeses pobres. Um país que mantém a estrutura do latifúndio, agora restruturado pelo capital transnacional e nomeado como agronegócio, é responsável por transformar as relações de trabalho no campo e na cidade a partir da concentração da terra.

Isso é uma questão histórica, num país que por mais de trezentos anos teve sua organização econômica centrada na monocultura de bens primários e de base escravocrata. Mesmo depois de alforriar a população negra, a propriedade da terra

mantém-se centrada nas mãos de poucos senhores que também ajudaram a financiar a industrialização da nação.

Severino, aos poucos, vai elevando sua consciência acerca do mundo que o circunda, sua vida retirante a um destino que não será objetivamente tão diferente de sua condição atual. Em contrapartida, a viagem modificará radicalmente sua visão de mundo. Acerca disso, o grupo LMP faz o seguinte comentário:

O canto de enterro dos trabalhadores segue a lógica metafórica da identidade entre homem e terra. Tal identificação, entretanto, dá-se como pura negatividade. Os parcos bens que a vida negou ao Severino (terno, chapéu, vestido) transformam-se na coberta de terra que recebe o corpo morto. E a concretude das coisas que confere uma ironia cáustica ao tom do discurso de classe, como no já célebre trecho: "a terra que querias ver dividida". A exploração, base do processo modernizador capitalista, é, pois, aquilo que estabelece o destino fúnebre do Severino. (CORRÊA, Et al., 2004, pp.44-45).

O processo de reconhecimento é contínuo e gradual. O eu lírico reflete sem ranço e com uma sabedoria que vai ampliando seu modo de reconhecer as relações humanas e naturais. Em sua trajetória, Severino questiona a morte, se inquieta com ela, quer saber suas causas, suas consequências, busca descobrir como foi a vida da pessoa e descobre uma lógica cíclica nos acontecimentos.

A morte Severina pertence, ou acontece com mais força, à classe desprovida de recursos. As privações e os assassinatos são as principais causas da pobreza sertaneja, mas, ao contrário do que se apresenta, o clima não é principal motivo da miséria do povo, pois Severino constata que até mesmo em "terras mais macias" as vidas sertanejas são bem parecidas. Não são os fatores naturais e sim os sociais o principal motivo da condição de miséria e violência vivida pelos mais pobres.

Contudo, a vida Severina torna-se um elemento de resistência, ao chegar o seu destino, não tão diferente socialmente de onde partiu. Severino questiona a vida e seu caminho lhe abriu possibilidades de pensar, "Morte e Vida" quebrando a sequência natural das coisas, que seria "Vida e Morte". O retirante estava envolvido no seu mundo de forma obscura e isso o impossibilitava de reconhecer o mundo para além do seu universo cotidiano.

Sobre esse aspecto, o grupo LMP faz a seguinte reflexão:

A viagem dos Severinos é a daqueles que, na contradição das classes sociais e do modo de produção capitalista periférico, já nasceram atrasados, nunca vão chegar à etapa modernizada para onde se dirigem. É esse o saber adquirido pelo retirante, um saber traumático, que não é acessível pela formalização do instrumento tradicional do método pergunta/resposta, mas como uma experiência equívoca, da qual se pretendia fugir. É uma experiência daquele que vê o que não era para ser visto e ouve o que não era para ser ouvido. (CORRÊA, *Et al.*, 2004, p.45).

Isso é uma especificidade do capitalismo periférico, manter ao máximo uma exploração primária e primitiva, ou seja, expropriar o trabalho, a propriedade privada da terra, os recursos naturais de maneira que se impeça o mínimo de distribuição da riqueza e de igualdade social.

O poeta organiza o poema de maneira que apresenta a consciência de classe de fora, o narrador explicita sua concepção política, sua tese, mas sem a impor. É o processo estético que vai elevando a consciência da realidade singular, que também expressa um elemento universal.

O caminho que Severino faz o transforma, o faz questionar a razão e o sentido da existência. Viver é lutar e nascer. No poema, é o resultado da esperança e da resistência, é uma possibilidade de que algo está germinando, a história caminha e as contradições se enfrentam.

O trecho a seguir do poema busca quebrar uma sequência cíclica, é a possibilidade de uma transformação, contudo as condições materiais ainda não estão dadas e o futuro é incerto. Os vários personagens que presenteiam a criança recém-nascida nos mostram a solidariedade como uma força de classe e a divisão dos bens sociais é possível diante de outra forma social. Essa possibilidade existe na vida objetiva, mas não está dada, é preciso ser construída. Essa construção é figurada pela renovação da esperança através do nascimento da criança severina, que pode ocorrer pela alusão messiânica representada pelo nascimento de Jesus, mas que também pode ser outra coisa, incerta ou uma utopia desconfiada e representada pela “explosão da vida Severina”.

Severino, por si mesmo, não consegue romper com a lógica de segregação e exploração, mas mostra que a roda da história continua com o nascimento de uma criança que unifica as contradições de muitas vidas severinas. Como diz o trecho do poema:

— De sua formosura
deixai-me que diga:
É tão belo como um sim
numa sala negativa.

— É tão belo como a soca
que o canavial multiplica.
— Belo por que? uma porta
abrindo-se em mais saídas.
— Belo como a última onda
que o fim do mar sempre adia.
— É tão belo como as ondas
em sua adição infinita.

— Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria.
— Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
— Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
— Ou como o caderno novo
quando a gente o principia.

— E belo porque com o novo
todo o velho contagia. (MELO NETO, 1968, p. 240).

Do Sertão ao Capibaribe, muitas coisas acontecem, mas o determinante é que a narrativa nos apresenta, através de um rito aparentemente religioso, as mazelas causadas pela lógica da propriedade privada, que expropria da grande massa trabalhadora a possibilidade de uma vida plena. O poema, assim, revela a força e a resistência de um processo histórico em que se enfrenta a lógica do capital; e esta é uma necessidade histórica, assim como nascer para uma nova vida Severina.

Conhecer a realidade objetiva e revela-la através de seus processos de contradição é o que o poeta busca demonstrar. O poeta não endeusa a vida Severina, mas ao criar seu personagem consegue nos apresentar um momento de possibilidade de transformação social no Brasil.

A vida sertaneja é transfigurada no poema como uma condição estrutural e integrante de uma modernização conservadora, que mantém a configuração do atraso social para a classe trabalhadora, seja ela do campo ou da cidade.

Para o grupo LMP, a forma estética escolhida pelo autor demonstra esta impossibilidade de superação ao manter a estrutura arcaica de manutenção da propriedade privada.

Peça literária arcaica num Brasil que exalava modernização e internacionalismo, Morte e Vida Severina não poderia estar mostrando a presença do atraso a corroer o sorriso do projeto modernizador da elite tropical? O destino do Severino não seria o destino do próprio país: seguindo o próprio enterro enquanto o capital encena seu teatro futurista e espetacular? O projeto nacional em marcha no país nunca é o que parece. O projeto literário tem profundas ligações com esse projeto nacional. Assim como Severino, o Brasil está em busca de identidade, após a queda da ditadura Vargas. Assim como a identidade é impossível ao personagem, a identidade é impossível a um Brasil que abriu as portas para uma globalização de capital especulativo. Assim como o Brasil, Severino avança, mas não supera o arcaico que o marca com o estigma da morte. (GPLMP, 2004, p.46).

Insisto na afirmação de que Severino é sujeito, justamente porque o capital não pode destruir aquela condição, sem correr o risco de sua autodestruição, por mais que as condições históricas rebaixem o trabalhador a uma coisificação, o que Severino afirma no primeiro verso, resiste até o último, “Meu nome é Severino, não tenho outro de pia”. Este é o amargo que a modernização tenta camuflar e aniquilar, mas não pode. Severino é teimoso e vive “saltando para dentro da vida”.

Por isso, ao nos apresentar um momento social em movimento, o eu lírico nos convida a participar e reconhecer a força e a possibilidade de se identificar como parte integrante desta “Morte e Vida Severina”, e com isso, reforçam a necessidade de que é preciso resistência e força.

A construção poema/auto é uma reação à fragmentação da vida humana, por isso, podemos considerar que os elementos estéticos condensados em sua estrutura elevam a consciência social numa dimensão catártica. Não é apenas a história de um retirante nordestino que foge das amarguras da seca.

É a força de um povo que enfrenta as peripécias de uma estrutura social de forma alienada, mas que ao condensar as disparidades de um aglomerado de seres desprovidos, expropriados de bens materiais e culturais, Cabral através de Severino, ou Severino por meio do eu lírico, nos proporcionou pensar e refletir nossos sentimentos diante de uma sociedade que se transforma, mas que ainda nos separa das nossas potencialidades materiais e culturais.

Reagir contra o estado das coisas, essa é a lição de Severino, sem a ilusão de que sozinho poderá mudar o mundo. Nem o poeta nem o eu lírico tem essa fantasia e quem reflete sobre isso é José.

Severino, retirante,
 deixe agora que lhe diga:
 eu não sei bem a resposta
 da pergunta que fazia,
 se não vale mais saltar
 fora da ponte e da vida;
 nem conheço essa resposta,
 se quer mesmo que lhe diga
 é difícil defender,
 só com palavras, a vida,
 ainda mais quando ela é
 esta que vê, Severina (MELO NETO, 1968, p.241).

“É difícil defender só com palavras, a vida”. Isso é a limitação da própria arte literária. Tem o potencial de revelar contradições de nossa realidade social, mas não consegue ir além disso. Contudo essa também é grandeza da arte, figura nossa humanidade em processos de ruptura e conservação. Severino ao começar sua peregrinação não tinha ideia dos conhecimentos que iria adquirir no caminho e o quanto doloroso seria reconhecer as causas de tanta privação.

Embora a realidade objetiva transfigurada no poema nos devolva a esperança de que o novo está em gestação, é preciso coragem e conhecimento da vida social e suas contradições para fazê-lo nascer em uma nova perspectiva. Severino perpassa todo um processo para reconhecer a precária condição de classe, mas tem dúvidas do seu futuro, por isso o desejo de abreviar a vida. Sem respostas para seus dilemas, a própria vida lhe mostra sua resistência e a comunidade solidária, que divide a miséria, pode também dividir a riqueza. Talvez esse seja o caminho apresentado ao Severino e ao leitor. A comunidade como força transformadora.

Na visão do grupo LMP:

Para as engrenagens da globalização espoliadora, vida e morte severina são uma única e mesma coisa: os Severinos já nascem atrasados para embarcar no trem do progresso e estão sempre adiantados no que se refere ao seu próprio enterro. Nesse tempo fora dos eixos, o texto de João Cabral encena a profunda contradição de classe, da qual não escapa o discurso literário. Consequentemente, a representação de um auto tradicional, positivo, já não é mais possível, pois o contexto mudou. E impossível a positividade na vida do Severino, que só é vida quando é mirrada. Só pode, portanto, ser encarada dialeticamente, como o avesso da morte. A pergunta do Severino remete à do autor e à do leitor: o que é morte, o que é vida? Tudo é vida-e-morte severina. (CORRÊA, *Et al.*, 2004, p.47).

Por essa contradição antagônica, os opostos que lutam entre si, que a persistência do eu lírico em percorrer um processo alienante e coisificado nos deixa

a força da resistência, nessa luta entre capital e ser humano só existe um sujeito, apesar da sua coisificação, a essência do poema politicamente estética dilacera a consciência e reflete a necessidade histórica de superação do Capital.

Assim, “Morte e vida Severina” figura a lógica de modernização conservadora de nosso país pela visão do pobre sertanejo. É a revelação de um progresso que mantém as contradições de classe, a miséria, a propriedade privada e a exploração com uma roupagem cultural de civilidade.

Para o GPLMP:

Entre a positividade e a negatividade, portanto, estabelece-se a narrativa-viagem de Morte e Vida Severina, que nada mais faz senão testemunhar, numa mescla muito peculiar de arte culta (instrumental crítico moderno) com arte popular (matizada, visceralmente, por elementos e formas do arcaico genuíno), o avanço do capital global, impondo diferenciações inarredáveis sobre as contradições tradicionais locais. Avanço este que atinge as dimensões políticas, econômicas e sociais de um país, cuja elite sonha com o desenvolvimento, mas, ao acordar, dá de cara com o avesso-pesadelo de seu projeto: uma existência setemesinha, severina, que nem a religião, nem a modernização, nem a poesia podem redimir. (CORRÊA, Et al., 2004, pp.50-51).

A arte resiste porque Severino também resiste, é a vida humana compartilhada que aparece como condição necessária de superação da lógica capitalista e a classe trabalhadora precisa assumir a função principal, apesar de ser sujeito, ainda se submete a exercer uma atividade secundária.

mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva. (MELO NETO, 1968, p.241).

É esta presença viva que confronta a lógica capitalista, pois está na luta política a condição de superação e de emancipação humana. A arte confirma nossa humanidade e nos mostra um horizonte, com muitas incertezas e grandes possibilidades, tal como evidencia o poema “Morte e Vida Severina”.

O personagem popular revela a força e a resistência como dinâmica na organização de um processo de transformação. O diálogo com o produtor erudito acontece sem imposição deste. João Cabral dá voz aos personagens para que eles possam apresentar uma visão crítica de mundo em que, a partir dos elementos

culturais, sejam revelados a expressão dos fatores econômicos e políticos na ordenação do campo e da cidade organizadas de forma a segregar os seres humanos e produzir pobreza para a maioria.

Assim, João Cabral resgata do universo popular a especificidade da forma e da cultura para intervir de maneira estética num momento em que a reorganização do capitalismo periférico incorporava novas formas de exploração do trabalho e apropriação e da riqueza social.

3.4 Engajamento: Um processo político no estético

Continuando a reflexão acerca da construção estética e engajamento político, especialmente na relação entre autor, eu lírico e personagem popular na poesia brasileira do moderno ao contemporâneo, temos em Ferreira Gullar uma nova configuração dessa problemática. Podemos dizer que, na trajetória de Gullar, houve um sentido de experimentação formal um pouco mais radical. Entre as décadas 1950 e 1980, Gullar elaborou artisticamente, o que Lafetá (2004) chama de pesquisa poética, tendo como expressão reflexiva as categorias do ‘tempo’, da ‘linguagem’ e da própria identidade. Em sua trajetória poética podemos considerar a reflexão do nacional-popular, da subjetividade pessoal-social e da cultura inserida em experimentações estéticas que iniciam pela tentativa de rompimento do projeto modernista da “Geração de 45” que aflui numa lírica mais equilibrada entre os sentimentos subjetivos e a reflexão crítica do mundo social depois da década de 1964.

As primeiras expressões artísticas de Gullar, em especial nos livros *A Luta corporal* e *Vil metal*, formam uma espécie de decomposição extrema da linguagem. Em seguida, Gullar perpassa fases da poesia concreta e neoconcreta (década 1950) com uma busca pela objetividade extrema da forma e da linguagem; depois passa pela fase cordelista e de engajamento político através dos “Centros Populares de Cultura – CPC” (década de 1960) com uma busca mais didática na inserção das lutas populares.

Logo depois de 1964, a partir de *Dentro da noite veloz* há um afinamento na conjugação entre “voz pública” e “Toque íntimo” com uma elaboração de lírica social

com críticas mais equilibrada, onde se inseri o poema “O Açúcar”, que iremos analisar.

“O Açúcar” é representativo na perspectiva da lírica social. Composto por 33 versos, que apresenta um componente de reflexo da realidade moderna em processo de contradição. O poema aborda a questão da produção de uma mercadoria, “o açúcar”, explícito no título. Porém, numa reflexão um pouco mais densa, o personagem ou eu lírico, que é o próprio poeta, caminha em duas direções complementares: primeiro, numa reflexão acerca da alienação do trabalho e do trabalhador na produção de bens materiais. Depois, ou ao mesmo tempo, expõe a alienação também do trabalho poético e do poeta na criação de bens culturais.

O poema se apresenta da seguinte forma:

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema. (GULLAR, 2004, p.165).

Com certa atenção, podemos perceber nele a configuração estética consorciada a uma reflexão crítica da vida social, que o transforma num poema engajado politicamente por causa de uma estrutura artística que concentra em sua força estética um núcleo desalienante da realidade objetiva e subjetiva.

O poeta, Ferreira Gullar, no poema “O Açúcar”, consegue transfigurar a lógica formal de produção poética para a formação política e produzir um poema radicalmente lírico e autorreflexivo, que é capaz de mostrar ao leitor atento um ordenamento social de alienação não só do trabalho, mas da vida humana em que todos, irremediavelmente, estão inseridos na atual sociabilidade. Isso possui um potencial formador, a partir do qual o poema se configura como altamente político sem deixar de ser, ou graças a isso, essencialmente artístico. Observemos este trecho do poema:

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre²⁴.

Para o professor Hermenegildo Bastos, no poema “O Açúcar”, existe um movimento de dupla reflexão: primeiro, refaz o caminho da produção capitalista de bens materiais em que, a partir da alienação do trabalho, ofusca as relações de exploração e de expropriação.

O segundo movimento é do reflexo estético, o eu lírico percebe que a arte é o último estágio da lógica do capital, o poema também é mais um produto de consumo. Todavia, ao perceber essa dinâmica da etapa capitalista dos bens culturais, o poema abre uma possibilidade de reconhecimento crítico da vida humana. Assim nos diz o professor Hermenegildo:

O leitor de “o açúcar” de Ferreira Gullar acompanha retrospectivamente o processo de produção de bens de consumo, Poema e Açúcar são produzidos segundo as leis do capitalismo avançado e são também prazerosos. A pureza do açúcar (como também do poema) esconde a exploração presente em toda produção. O poema é o doce (prazer) final da produção capitalista, como tal pode terminar legitimando-a. Mas o poeta se

²⁴ *Ibidem*, p. 165.

recusa a ser cúmplice da escamoteação, procura contaminar o leitor com sua recusa. Ao mesmo tempo, tem consciência de que está comprometido com ela. O seu poema não pode se colocar fora do universo cujo horizonte é o da indústria cultural. O trabalho do poeta é, então, duplamente problematizado: por um lado, ele se vale do privilégio da arte (que é um privilégio de classe), mas o faz para defender um espaço crítico, em primeiro lugar, da própria poesia enquanto atividade que se beneficia da divisão moderna do trabalho e, nessa linha, crítico da sociedade de classes. (BASTOS, 2002. pp. 86-87).

O poema é uma reflexão acerca da produção da mercadoria açúcar, na qual, o poeta, em sua privilegiada posição social de possuidor de bens materiais e culturais, na tentativa de ser um “homem comum”, busca fazer uma retrospectiva dos processos e etapas de produção que uma mercadoria percorre até chegar à mesa do consumidor (ao menos dos que podem usufruir da mercadoria).

Na figuração do poema temos um distanciamento entre o eu lírico, que consome a mercadoria, e o personagem, os trabalhadores que vivem e trabalham nas usinas escuras produzindo a mercadoria que será consumida pelo eu lírico.

O mesmo não acontece com a produção do poema. Mesmo refletindo sobre a condição da arte como último estágio de alienação do trabalho, o poeta pode criá-lo e de certa forma, reconhecer-se nele como produto de sua própria criação. O que em última instância, o separa ainda mais do trabalhador “comum”.

Observemos esta parte do poema:

Mas este açúcar
 não foi feito por mim.
 Este açúcar veio
 da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia²⁵.

Açucareiro, mercearia, usina, canavial. Em cada verso do poema temos a sensação de desvelamento das relações sociais pelas quais o trabalho humano transforma as necessidades em possibilidades, e que na sociedade capitalista, as relações humanas são ofuscadas pelas relações entre mercadorias, por isso, fetichistas.

²⁵ *Ibidem*, p. 165.

No primeiro verso do poema temos o verbo no futuro “adoçará”. O eu lírico, diante da reflexão, suspende o ato corriqueiro e automático da ação imediata e de forma teleológica refaz o caminho da mercadoria açúcar. Com efeito, antes de percorrer o caminho de volta, o eu lírico adjetiva, caracteriza a mercadoria, e em cada processo de produção, reitera a qualidade da mercadoria. “branco, puro, afável” que em seguida o contrapõe com a vida dos trabalhadores que, em última instância, é quem produz a mercadoria, *homens de vida amarga e dura*.

A organização verbal da primeira parte do poema reflete uma oposição negativa entre o poeta e o produto. *Não foi produzido por mim / não foi feito por mim. / tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia. / e tampouco o fez o dono da usina.*

Na segunda parte do poema, existe uma relação entre os que produzem os bens materiais e a consequência de sua desapropriação. Olhemos este trecho:

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar²⁶.

O poema nos revela uma lógica estrutural das relações de produção na sociedade capitalista, mas mais que isso, o poema nos mostra o quanto estamos todos, inclusive os que possuem condições de privilégio, como o próprio poeta, não só inseridos nessa lógica reificadora, mas que reproduzimos e alimentamos essa forma social em cada ato de consumo estabelecido pelas relações entre mercadorias.

O poema termina com o verbo no presente “adoço”. Isto é: mesmo tendo consciência da forma mercantil, o poeta verifica que o seu trabalho não é suficiente para mudar as estruturas objetivas do sistema capitalista. A última estrofe reafirma a consciência crítica do eu lírico, vejamos:

homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar

²⁶ *Ibidem*, p. 165.

branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema²⁷.

O poeta depara-se com uma dura realidade: fazer poesia política não é necessariamente fazer propaganda ideológica, porque poesia política nos revela as contradições de uma realidade social em ação.

No poema “O açúcar”, as ações nos mostram processos contraditórios das relações humanas em meio ao fetiche da mercadoria, e que ainda, a sociedade se delicia com o puro, branco e doce consumo de mercadorias, mesmo tendo consciência disso. No caso do poema, nem todos podem produzir e até seu consumo é limitado, mesmo entrando na lógica da mercadoria.

Ainda, para o professor Hermenegildo (2002), o poema:

Gira em torno do eu. Os acontecimentos narrados são vividos e filtrados por um eu, e é assim que o texto se impõe ao leitor. Não é uma narrativa de acontecimentos, mas a expressão dos efeitos desses acontecimentos na subjetividade do poeta. Contudo, o poema vai se mover em direção ao mundo dando a ver uma condição problemática do eu. (BASTOS, 2002. p. 88).

Mesmo em outra posição, o poeta também faz um trabalho alienado, pois convive com relações sociais alienadas. Seu ofício está inserido na estrutura social e isso faz com que ele se limite a expor seu ponto de vista, bastante crítico, em relação à condição do trabalho na sociedade a qual está inserido, mesmo que numa situação de privilégio.

Por isso, o poema, “O açúcar”, tem em sua estrutura estética um núcleo central, que são as relações humanas e sua produção vital através do trabalho.

Marx (2010) diz que o Trabalho é a categoria fundante do ser social, pois é pelo trabalho que os humanos transformam e dominam a natureza e a utilizam para atender necessidades essenciais para a vida. No entanto, o trabalho, sob o modelo burguês, retira do produtor de bens sociais a possibilidades de se reconhecer no produto do seu trabalho e de se apropriar das riquezas socialmente produzidas.

²⁷ *Ibidem*, p. 165.

No poema, “O Açúcar”, o poeta exibe a consciência dos limites de seu trabalho: ele não pode ir além da reflexão, de nos mostrar esteticamente a lógica social do trabalho alienado. Mas faz isso se inserindo de tal modo nele, que seu trabalho de poeta não pode modificar as estruturas sociais apenas pela reflexão.

Em contraste, ao fazer uma crítica profunda dos modos de produção capitalista, o poeta deixa para o leitor uma possibilidade de reconhecer-se inserido nessa estrutura, possibilitando a elevação da consciência social. Isso pode fazê-lo pensar sobre sua condição alienante e buscar superá-la na vida real, objetiva, tendo em vista que o poema nos mostra a possibilidade de conhecer as relações sociais que estão inseridas na produção de mercadoria. Cabe aos seres humanos revolucionar a estrutura social que os torna coisificados.

O contraste entre os possuidores e despossuídos de bens materiais e culturais é estabelecido, no poema, pela perspectiva social. A mercadoria possui qualidades e características que seduzem e ofuscam as características de quem produz os bens sociais. O açúcar é branco, puro, afável doce. Os seres humanos que o produzem são de vida amarga e dura, vivem em lugares escuros e expropriados.

Concordando com a análise de Hermenegildo (2002), reiteramos sua reflexão acerca do poema “O açúcar” de Ferreira Gullar, apresentando as palavras do professor como síntese de nossa reflexão, tendo em vista os processos que fomentaram uma tradição de poetas e poemas que tinham como pano de fundo a intenção de participar politicamente dos momentos específicos da realidade brasileira e que, cada um a seu modo, interviram de forma estética, deixando-nos um legado na literatura que conciliam arte e política como elementos intrínsecos do núcleo e crítica da vida.

Assim é a reflexão de Bastos:

O leitor, acompanhando a produção d' "O açúcar", tem a rara oportunidade de ver a fabricação da ilusão. Nesse sentido, o poema caminha em duas direções opostas, mas ao final convergentes: a primeira é que é um texto de alta qualidade estético-literária; a segunda é que impõe ao leitor o amargo do poema, o poema não-comestível, indigesto, que implica um questionamento dessa alta qualidade estético-literária. O leitor pode ficar com o poema altamente bem realizado, mas cuja excelente qualidade estético-literária é parte do universo da produção capitalista, ou ficar com

sua autocrítica. Em ambos os casos, porém, terá que digerir um impasse. (BASTOS, 2002, p. 93).

Com essa reflexão, podemos afirmar que o poema se insere na tradição de lutas políticas tendo como princípio a elaboração estética, conscientemente, o poeta se coloca como militante político e busca através da poesia, e com êxito no poema “O açúcar”, fomentar a formação política a partir de um ponto de vista de classe, tendo como horizonte a superação do capital.

Mas, reconhecendo os limites do seu momento histórico, o poema realiza esteticamente sua função: apresenta-nos o núcleo da vida, as relações humanas por trás das mercadorias e critica a lógica social sem ilusões nem saídas fáceis. Isso nos revela o quanto ainda é preciso lutar para superar o modelo convencional do sistema capitalista.

Ao analisarmos a tradição e especificidade da poesia participante de Gullar em relação à de Carlos Drummond e João Cabral, podemos verificar a postura que diferencia os poetas, não só na construção da forma estética, visivelmente diferente, mas também na configuração dos personagens que compõe cada poema em sua relação com o eu lírico. No caso de Gullar, a tensão entre o eu lírico e o objeto é o que promove a subjetividade reflexiva que vai ao encontro do personagem de vida amarga, mas que serve também para expor seu isolamento alienante a partir da própria produção literária.

Em Drummond podemos dizer que existe uma tensão entre o eu lírico e operário, e o leiteiro, que é mediada pelas coisas, objetos que os afastam da possibilidade do diálogo, mas a perspectiva da alienação parte do eu lírico que se vê impossibilitado de superar o abismo que lhe afasta dos personagens que o cercam.

Em Cabral, a narrativa lírica de Severino também perpassa as relações entre os objetos, principalmente, a propriedade, mas o eu lírico é a voz do expropriado que se encontra alienado na perspectiva do trabalhador. É o próprio personagem que nos direciona nos processos de exploração e expropriação das vidas severinas.

Assim, os três poetas se assemelham na construção de personagens que se identificam pela condição socioeconômica e cultural, revelando contextos históricos

que mostram momentos específicos da realidade brasileira, mas que, de certa forma, mantém explícita a ligação substancial entre nossa modernização conservadora e a exploração do trabalhador. As obras poéticas que analisamos figuram também a problemática envolvida no próprio trabalho poético como reflexo artístico da vida cotidiana. Isso significa que, na produção da alienação, a criação poética também está contaminada pela lógica social que envolve a divisão social do trabalho.

3.5 Configuração política da estética: Um poema de Ademar Bogo

Faremos agora a análise de um poema de Ademar Bogo e buscaremos demonstrar como se relacionam os elementos estéticos e políticos na estrutura formal e na transfiguração do conteúdo numa perspectiva de classe, defendida pelo poeta, e tendo por contexto um momento histórico mais atual. Para isso, tomaremos como referência, a concepção de Lukács acerca da noção de “partidarismo”. Para este autor:

A realidade refletida e plasmada pela arte, tomada em seu conjunto, implica já, desde o primeiro momento, numa tomada de posição em face das lutas históricas do presente no qual vive o artista. Sem esta tomada de posição, não lhe seria possível escolher como objeto do trabalho artístico, como particular característico, precisamente este e nenhum outro momento da vida. (LUKÁCS, 1970, p. 196).

Nesse sentido, consideramos que não há neutralidade na arte e que, no caso da poesia, a visão de mundo do poeta e sua perspectiva de classe serão confrontadas na ordenação estética e disso resultará a transfiguração do conteúdo em potencial artístico. A subjetividade do poeta vai refletir-se nas escolhas, desde o universo vocabular até a ordenação da forma, que irá compor uma posição que pode ou não ser reflexo crítico do momento e das relações que busca testemunhar.

Por exemplo, nos casos de Drummond, Cabral e Gullar a posição de classe é figurada na relação que estabelecem com os personagens populares que criam. Além disso, os poemas dão a ver como a reflexão artística condensa a crise e a impossibilidade da arte de fugir da realidade histórica que compõe a sua estrutura como objeto social inseridos nas problemáticas da vida cotidiana. E mais, tomam o

partido da vida humana em fragmentação alienante ao refletir sob que condições a obra e o trabalho artístico se inseriram na singularidade da cultura periférica.

Tendo em vista essas reflexões, podemos dizer que o contexto sociocultural que penetrará na visão de mundo e constituirá o poema “Terra sertaneja”, que analisaremos nesse tópico, é composto por relações culturais estruturadas. Inicialmente, pela organização do MST e sua simbologia na luta política. Entretanto, devemos penetrar nas intersecções ideológicas desse universo cultural e político da classe trabalhadora organizada para além de sua aparência imediata. Existe uma configuração crítica que compõe os personagens populares apresentados em sua dimensão humana, ou seja, para além da ideologia do MST. Não obstante, nos deparamos com a própria figuração da arte como objeto artístico inserido e autorreflexivo no seio da luta política.

Lukács (1970), ao falar da consciência do artista diante a sua criação, tem como referência a totalidade da obra, a qual, depois de acabada, sempre terá em si uma dimensão da visão de mundo do criador. Mas a obra não ficará presa a isso, pois as particularidades da vida cotidiana e a ordenação formal da obra agirão nas singularidades e se transfigurará a realidade. Nas palavras do filósofo húngaro:

A arte, contudo, jamais representa singularidades, mas sim - e sempre - totalidades; ou seja, ela não pode contentar-se em reproduzir homens com suas aspirações, suas propensões e aversões, etc.: deve ir além, deve orientar-se para a representação do destino destas tomadas de posição em seu ambiente histórico-social. (LUKÁCS, 1970, pp.199).

Nessa perspectiva, cada obra de arte comporta em si subjetividades e objetividades estéticas que organizam a dimensão singular e universal que figuraram a totalidade artística representada pelos elementos históricos sociais da vida humana.

Como forma de sublinhar proximidades e distâncias em relação à tradição estética política até aqui apresentada, e considerando a posição ideológica de classe do autor, vamos analisar o poema “Terra sertaneja”. Nesse texto, Ademar Bogo nos apresenta o cotidiano da luta popular característica dos movimentos do campo, a marcha como elemento de mobilização e reivindicação e as ocupações de terras como forma de pressão e luta política.

Com efeito, temos a impressão de que estes elementos de fundo, a marcha e a ocupação, são para demonstrar a ligação íntima do poeta com sua classe, mas, além disso, o que temos no poema é uma profunda reflexão acerca do papel da cultura, em especial da arte, na transformação estética da vida social.

O poema vai enveredar na relação da arte com a luta e o poeta busca interpretar o seu papel ou a sua função nessa jornada de mobilização. É o povo trabalhador que segue em luta, mas o poeta e o eu lírico tentam compreender a lógica social e política deste caminhar e qual a sua relação com a literatura. O poema busca expressar a ordenação estética como processo socializante da vida humana em todos os contextos históricos, inclusive aquele da luta econômica política.

Por isso, os elementos objetivos e subjetivos condicionam o poeta na sua marcha pessoal, a arte é um elemento fundamental no processo de formação da consciência de classe. O poeta se insere neste universo da luta social e busca compartilhar com os seus iguais de classe um elemento a mais nesta marcha e nesta ocupação – as categorias do estético como potência de luta.

Temos, no poema “Terra sertaneja”, a configuração de uma imagem que configura um momento importante da vida militante, na percepção do poeta. Esse todo ideológico/estético é constituído por ações objetivas de enfrentamento social, que, no poema, são metaforizados por uma objetividade poética. A marcha ganha a imagem poética do caminhar utópico. “as forças em movimento” constroem na prática a ruptura dos processos de alienação e ajudam na formação da consciência subjetiva dos sentidos: *que os hinos elevem nossas consciências e que a luta redima nossas pobreza*s.

Essas configurações estão presentes nos primórdios da construção poética, a organização sonora é uma potencialidade da estrutura que compõe o gênero poético em sua formação histórica e a tomada de posição pelo artista é uma questão intrínseca a composição estética. No caso de “Terra sertaneja”, podemos perceber sua construção no arcabouço que gira na figuração da terra: *buscando a libertação da terra* / *em um país onde a terra vale ouro* / *cantadores filhos da terra e da esperança* / *lutadores sem terra* / *A terra no seu suspiro nos abençoa e agradece* /

Na poesia do cantador se misturam o desejo da terra / Assim a terra se converte em causa.

A partir dessas construções, o poema vai alternando a melodia narrativa, mas com um toque lógico, que em primeiro plano apresenta a luta dos sem terra pela conquista da terra. *Somos milhões de companheiros e companheiras buscando a libertação da terra.*

Em segundo plano, a arte aparece como organizadora da resistência de uma humanidade que parece ter perdido suas bases materiais: *Na arte de resistir às tentativas da destruição dos nossos sonhos, trincheiras da criatividade, se revela a rebeldia dos poetas e dos cantadores filhos da terra e da esperança.* Essa alternância não é apenas um jogo de sons e significados, mas também um elemento da particularidade do poema e do poeta que se alterna entre o significado objetivo e subjetivo do sentido da intervenção política como centralidade da arte.

O leitor de poesia lírica primeiramente se depara com o texto objetivo, no qual a subjetividade do poeta foi transfigurada de maneira estética. No texto se concentram duas dimensões da vida objetiva, a dialética entre o poeta e o mundo que ele busca descrever artisticamente. As duas dimensões, ao se configurarem em um determinante artístico, passam a existir objetivamente em uma segunda realidade, agora marcada pelas leis da arte.

Isso quer dizer que a relação entre aparência e essência da vida real é representada pelo reflexo artístico, ou seja, o poeta fez escolhas que envolvem elementos políticos e ideológicos inseridos em determinado contexto social e histórico. “Terra Sertaneja” foi criado na década de 1990, época em que a o capital financeiro avançava, por meio do agronegócio, na reestruturação da produção agrícola e na concentração da propriedade da terra por grandes corporações bancárias e industriais. Período em que aumentaram os conflitos de agrários desembocando no Massacre de Eldorado dos Carajás, em que dezenove trabalhadores rurais foram brutalmente assassinados pela polícia militar do Pará.

No poema, em questão, o poeta organizou as palavras do universo vocabular da organização popular e dos elementos objetivos da luta política para organizar a aparência do poema. Na essência o poeta expõe a arte como centralidade no

questionamento subjetivo do eu lírico narrativo, ou seja, existe uma questão que precisa ser respondida: qual o significado da poesia para quem está destituído dos bens materiais e culturais? A resposta é a resistência da arte como força íntegra e intensificadora da vida humana.

Não só a terra é motivo de luta e pode devolver a dignidade perdida, mas também a própria arte poderia devolver essa dignidade, antes mesmo da conquista material. Se o amanhecer ainda não chegou à vida objetiva, a arte a antecipou, mostrando não como as coisas são, mas como elas deveriam ser.

Isso faz com que o poema reflita em primeiro plano, na aparência, a subjetividade do eu lírico, mas que ao aprofundar a análise, nos revela a tensão do cotidiano entre a conformação da lógica capitalista e a luta pela sua superação, ou seja, de maneira intensificada, temos a possibilidade de reconhecer os elementos de nossa condição histórica.

Por isso, a criação artística é fundamental no desenvolvimento e na formação social, porque nos conduz a totalidade da sociabilidade humana sem nos desligar da nossa subjetividade individual.

Iremos adentrar nesses aspectos, pois temos, em Ademar Bogo, um intelectual da vertente Materialista Histórico, um filósofo que pensa nas relações sociais a partir da luta de classes e busca produzir uma literatura com conteúdos que se colocam em relação com a ideologia proletária.

Bogo está ciente de que a forma estética condensa uma visão de mundo, que, em princípio, é a do poeta, a qual, no entanto, artisticamente, representa a visão histórica de um determinado tempo e espaço, podendo, configurar uma defesa da vida humana para além das classes sociais e, sobretudo, para além do tempo histórico de sua produção.

Antonio Candido assim se refere ao sujeito que faz versos:

Antes de mais nada, devemos registrar que ele é dotado de um senso especial em relação as palavras, e que sabe explorá-las por meio de uma técnica adequada a extrair delas o máximo de eficácia. Só a tais homens ocorre o fenômeno chamado inspiração, que é uma espécie de força interior que o leva para certos caminhos da expressão. (CANDIDO, 1996, p.64).

Esse equilíbrio entre teoria, poética e filosofia é o que buscaremos apresentar como estrutura fundamental do poema “Terra sertaneja”, então, eis o poema:

Somos milhões de companheiros e companheiras buscando a libertação da terra, de homens e mulheres em um país onde a terra vale ouro e os seres humanos, alguns gramas de chumbo moldados em balas que fazem sangrar o destino do nosso povo sofredor!

Na arte de resistir às tentativas da destruição dos nossos sonhos, trincheiras da criatividade, se revela a rebeldia dos poetas e dos cantadores filhos da terra e da esperança no palco imaginário para onde marcham as colunas dos grandes guerreiros e lutadores sem terra.

A terra no seu suspiro nos abençoa e agradece através das nuvens de poeira provocadas pelos rígidos pés descalços que seguem destemidos, construindo esta grande irmandade de companheiros em busca da dignidade perdida. Seguimos cantando.

Na poesia do cantador se misturam o desejo da terra de homens na grande sinfonia da esperança que aponta o horizonte e o longe fica perto quando se caminha adiante.

As cordas movem paixões. O sentimento, as pulsações, o sonho de vencer, os corações. Cantar pois é mais que um prazer quando as vozes brotam de forças em movimento que ao som suave de belas melodias elevam foices e facões rompendo cercas, retirando morões para ver nascer o novo dia.

Assim a terra se converte em causa, a liberdade se converte em sonho, o grito forte se converte em guerra e o povo todo segue um só caminho na trilha estreita plantando futuro.

Que a noite escura da dor e da morte passe ligeira, que o som dos nossos hinos anime nossas consciências e que a luta redima nossa pobreza, que o amanhecer nos encontre sorridentes festejando a nossa liberdade. (BOGO, Apêndice A, p.266).

O leitor mais atento, ao ter contato como o poema, tem a impressão de tratar-se de um discurso político, a própria estrutura do poema em prosa, que foge das características clássicas da métrica e rima, nos dá a nota de que se trata de um texto em prosa rigorosamente político. No entanto, temos uma lapidação estética que confere alto grau de transfiguração do conteúdo social em forma artística.

O poema é composto com traços da experiência poética moderna. Temos latente um ritmo interno que vai conduzindo o leitor, como se estivesse em uma marcha e o sujeito lírico, ao narrar os fatos, vai esclarecendo uma determinada situação. Tal situação, em princípio, refere-se à condição da classe trabalhadora do campo, ou melhor, refere-se aos Sem Terra, o que justificará a finalidade da marcha. Isso, entretanto, é a aparência, o que está mais visível num primeiro momento.

A marcha é símbolo de luta. Ela promove a elevação da consciência de classe dos trabalhadores em movimento, tornando-se sujeitos do processo que proporcionará a superação das condições de exploração em que vivem os trabalhadores. Contudo, o poeta acrescenta a essa libertação o elemento estético. A formação política ou consciência de classe só será completa se abarcar também a dimensão artística.

Esta é a segunda dimensão do poema: apresentar a questão da arte não só como processo humanizador, mas como algo tão decisivo na transformação da realidade quanto as ações políticas. Na verdade, o poema “Terra sertaneja” nos ensina que a arte é indissociável da ação política, pois toda estética é, em si, uma ação política. O discurso político no poema “Terra sertaneja” é composto por um elemento utópico que só terá razão de ser mediante a atividade social que os sujeitos se identificarem. O leitor poderá estabelecer uma relação com o poeta de conflito ou de empatia, mas não poderá ficar apático.

O que o eu lírico faz no poema é estabelecer um ordenamento estético das ações cotidianas da classe trabalhadora organizada, ao tempo em que busca refletir primeiro a condição da arte nesse universo da organização política.

Por isso o contexto do poema deve ser trabalhado também pelo contexto de classe do leitor. Os versos provocativos compõe uma atmosfera de embate. A marcha segue, mas deverá ser incorporada por aqueles que estão à margem. O narrador lírico desafia e enfrenta o leitor, busca mostrar que o que parece utópico é possível de ser realizado. Em contrapartida, é preciso que o caminho seja feito de forma consciente e objetiva.

Diferente do poema “Operário no mar” de Carlos Drummond, no qual o poeta observa de seu apartamento o trabalhador caminhando entre os objetos de forma isolada e alienada. Resguardada as devidas especificidades históricas e estéticas, no caso do poema “Terra sertaneja”, de Ademar Bogo, o poeta não só narra a história como participa dela, está na fileira da marcha e sente o pulsar dos corações que clamam por liberdade.

Em “Terra sertaneja”, o diálogo é possível porque o ambiente, o poeta e a classe estão no mesmo contexto de luta. O que os diferenciam são os níveis de

consciência de classe, justamente o que o poeta procura socializar ao cantar que a luta e a poesia fazem parte do mesmo campo semântico, ou melhor, da totalidade da vida social.

No poema, a ordenação das palavras que formam a rima interna, que poderiam facilmente ser elencadas como versos curtos, nos dão a dimensão do universo social em que a arte se estabelece como mediação das ações, e coloca em movimento uma convocatória junto ao leitor, os versos longos nos mostram que o caminho proposto pelo eu lírico também será difícil caso não se aglutinem na luta social o elemento estético,

“Terra – ouro – chumbo – povo sofredor” essas cinco palavras estabelecem a lógica da propriedade privada da terra e sua dinâmica nas relações e conflitos de classes. Por trás da concentração da terra temos uma sequência de exploração e violência ocasionada pela expropriação da riqueza social. A nosso ver, o eu lírico as apresentam como núcleo condutor em que a partir da mediação da arte, poderemos estabelecer uma transfiguração das possibilidades de elevação da consciência social.

O eu lírico busca envolver o leitor para que esse perceba a dimensão dos conflitos ainda pertinentes na sociedade brasileira. Com isso, procura elevar a consciência da luta de classes. No poema está presente a situação que uma organização social enfrentará ao tentar romper com a lógica da propriedade privada. O eu lírico compartilha essa luta e convida o leitor a aderir a ela. Vejamos este trecho do poema:

Somos milhões de companheiros e companheiras buscando a libertação da terra, de homens e mulheres em um país onde a terra vale ouro e os seres humanos, alguns gramas de chumbo moldados em balas que fazem sangrar o destino do nosso povo sofredor!²⁸

Os riscos da luta estão dados e o poeta, no segundo quadro do poema, insere o elemento da criatividade como ordenação da luta consciente e, assim, o sentimento estético compõe o quadro que estabelece a esperança como força de luta.

²⁸ *Ibidem*, p. 266.

“arte – criatividade – rebeldia – esperança – lutadores Sem Terra” são mais que palavras, são forças que movimentam as consciências, que estabelecem uma relação de oposição aos mecanismos de exploração e contrarrevolucionários que compõem a luta popular. Observemos este trecho do poema:

Na arte de resistir às tentativas da destruição dos nossos sonhos, trincheiras da criatividade, se revela a rebeldia dos poetas e dos cantadores filhos da terra e da esperança no palco imaginário para onde marcham as colunas dos grandes guerreiros e lutadores sem terra²⁹.

Aqui temos a centralidade da arte como defesa da vida, em tempos de aniquilamento da humanidade pela voracidade do capital. A arte surge como trincheira, como resistência de um processo de alienação. O que o eu lírico nos ensina é que, quando tudo aparece como violência, a poesia pode nos mostrar possibilidades.

No poema, a arte também aparece como contraponto a lógica mercantil da propriedade da terra. A conquista da terra não poderá ter a mesma finalidade que no Capital, de exploração e apropriação. Pela arte, a terra ganha uma configuração subjetiva de reordenação da sua função social. Os personagens populares “poetas e cantadores” projetam o desejo de vê-la repartida, mas pela forma comunista.

No terceiro quadro, o eu lírico se personifica no objeto de disputa e a terra revela sua admiração pelos lutadores, não qualquer lutador, mas os que se propõe a cuidar dela. Numa relação fraterna, a terra reconhece os sacrifícios e as necessidades dos que marcham. Além disso, “terra – pés descalços – dignidade”, coloca a questão da propriedade privada como entrave de uma sociedade justa.

O eu lírico estabelece relações que nos levam a refletir as conexões entre um elemento e outro. O sentido da existência de um depende da lógica que é condicionada sua dinâmica social. A propriedade privada condiciona uma classe a viver sem propriedades e isso gera necessidades e compromete a subjetividade criativa.

²⁹ *Ibidem*, p. 266.

Porém, o eu lírico não estabelece uma relação de conformidade, e sim aponta uma possibilidade através da luta popular. Isso é possível porque a arte e a luta, no meio do caos social, nos devolve a dignidade que o capital alienou em nome da apropriação privada dos meios de produção da vida social.

O poema “Terra sertaneja”, guardada as devidas particularidades históricas, se diferencia de “Morte e Vida Severina” de João Cabral pelo fato de que em Severino o caminhar é solitário em sua peripécia gradativa em reconhecer o símbolo da santíssima trindade da lógica capitalista: a propriedade privada, o Estado e a mercadoria, mas que não pode enfrentá-las, por se encontrar em outra circunstância.

No caso de “Terra sertaneja” o eu lírico é coletivo, não é um caminhar solitário, é a marcha de muitos e o horizonte é o enfrentamento da propriedade privada da terra como mecanismo de luta e superação da pobreza. Se Severino precisa ir até a cidade para reconhecer que nada mudará sem a ruptura da lógica da propriedade privada, em “Terra sertaneja” os muitos Severinos se reconhecem como os não possuidores e juntos buscam quebrar a hegemonia da propriedade, iniciando pela tentativa de retomar o elo com a terra, mas o que ganham primeiramente é a dignidade que foi perdida pelo afastamento material e cultural de suas raízes.

No reconhecimento desse sujeito coletivo e consciente, a arte possui um papel importantíssimo, e é isso que o poeta fomenta como princípio de formação política. Observemos o trecho a seguir:

A terra no seu suspiro nos abençoa e agradece através das nuvens de poeira provocadas pelos rígidos pés descalços que seguem destemidos, construindo esta grande irmandade de companheiros em busca da dignidade perdida. Seguimos cantando.

Seguir cantando é mais que uma forma de animar a organização: é a possibilidade de reconhecimento da dimensão da luta em sua dimensão utópica como elemento místico que contribui para a formação da sensibilidade. O eu lírico solicita a cumplicidade do leitor, pois sempre utiliza o verbo na primeira pessoa do plural, quer que o leitor identifique-se com a causa, por isso apresenta uma perspectiva que busca superar as classes.

A arte como elemento que humaniza e devolve a dignidade, e a luta como mecanismo que redime a pobreza, essa é a trajetória do poema que começa sua caminhada a partir do universo popular da classe da trabalhadora, mas que na medida em que a configuração artística ganha força, o elemento humano eleva-se acima das disputas de classe, e o que temos é a possibilidade de elevação das consciências numa perspectiva de superação da propriedade privada.

No quarto quadro, percebemos as possibilidades que o estético busca estabelecer entre a formação política e formação estética tendo como elemento estrutural o processo de luta. “Poesia – Terra – Sinfonia – Esperança – Horizonte” “paixões – sonhos – corações” “movimento – melodias – foices – facões – cercas – morões – Novo dia”, o cantar nunca é solitário nem o caminhar que se transforma em marcha.

A marcha é um momento de resistência, e o eu lírico, ao trazer a arte transfigurada em marcha, traz à tona a necessidade de compreensão da resistência estética. A arte também está em perigo neste mundo capitalista. Compreender o poema como um ato de resistência da própria arte é reconhecer que a lógica mercadológica está em todas as dimensões e que é preciso superá-la. Vejamos como o poema reflete a questão da resistência.

Na poesia do cantador se misturam o desejo da terra de homens na grande sinfonia da esperança que aponta o horizonte e o longe fica perto quando se caminha adiante.

As cordas movem paixões. O sentimento, as pulsações, o sonho de vencer, os corações. Cantar pois é mais que um prazer quando as vozes brotam de forças em movimento que ao som suave de belas melodias elevam foices e facões rompendo cercas, retirando morões para ver nascer o novo dia³⁰.

O poema “Terra sertaneja” possui uma aparência determinista, tendo em vista que o horizonte no qual se apresenta é o da vitória certa, da libertação dos povos, da igualdade social. No entanto, o poeta coloca alguns condicionantes que precisam ser levados em consideração para que a libertação seja conquistada, tal como: a organização política, a luta por reivindicações consolidada através das marchas e as ocupações das propriedades privadas.

³⁰ *Ibidem*, p. 266.

Esses são alguns elementos práticos da luta imediata e objetiva. No entanto, é preciso ir além, o sujeito lírico apresenta como elementos estruturantes da luta política a formação subjetiva e a elevação da consciência. É aí que a arte como mediação da subjetividade humana quebra o determinismo. É a criatividade dos seres humanos que torna a marcha um ato utópico. O eu lírico exprime um desejo dentre muitas possibilidades.

Com uma leitura mais cuidadosa, podemos perceber que o eu lírico busca conciliar a luta objetiva com a luta subjetiva. O caminhar precisa transforma-se em marcha, para que o indivíduo tenha como referência a Organização política. A propriedade privada só poderá ser desapropriada se o indivíduo tiver como referência a coletividade; a consciência ganhará os corações na medida em que os caminhantes (militantes) se unirem em prol de uma mesma causa que é a socialização dos bens materiais e culturais que dignificam a vida humana.

A arte e a subjetividade política têm um papel relevante na formação do indivíduo, a organização é um caminho viável para que o ser tome conhecimento da diversidade e das potencialidades humanas que nos são negadas numa lógica individual de expropriação alienante e reificadora da dimensão humana.

Lukács (2011) ao falar sobre a condição da arte como processo que busca transfigurar o singular e o universal de um momento específico da vida cotidiana, nos dá uma chave interpretativa para análise crítica dos elementos estéticos. O qual utilizamos para compreender o poema em questão, assim diz o filósofo:

A verdadeira arte visa ao maior aprofundamento e a máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onidirecional. A verdadeira arte, portanto, sempre se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, ou seja, suprimindo os fenômenos ou contrapondo-os à essência; ao contrário, ela apreende exatamente aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência. Por outro lado, esses momentos singulares não só contêm neles mesmos um movimento dialético, que os leva a se superarem continuamente, mas se acham em relação uns aos outros numa permanente ação e reação mútuas, constituindo momentos de um processo que se reproduz sem interrupção. A verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento. (LUKÁCS, 2011. p. 105).

Neste sentido, podemos dizer que os seres humanos se apropriam do mundo objetivo de muitas maneiras, seja pela ciência, seja pela arte. Esta busca a totalidade da vida com formas específicas e diferenciadas daquela.

Assim, no quinto, e último quadro, o poema apresenta a finalidade da luta organizada política e esteticamente. “terra – causa; liberdade – sonho; Noite escura: dor – morte; amanhecer sorridente: luta – Liberdade”.

Com isso, o eu lírico faz uma autorreflexão e uma representação da sua função em relação ao mundo objetivo, concreto. Busca apresentar ao leitor que a dinâmica da luta precisa irremediavelmente está ligada ao mundo subjetivo e a formação política passa necessariamente pela formação estética. Observemos este trecho final do poema:

Assim a terra se converte em causa, a liberdade se converte em sonho, o grito forte se converte em guerra e o povo todo segue um só caminho na trilha estreita plantando futuro.

Que a noite escura da dor e da morte passe ligeira, **que** o som dos nossos hinos anime nossas consciências e **que** a luta redima nossa pobreza, **que** o amanhecer nos encontre sorridentes festejando a nossa liberdade.

O poeta Ademar Bogo é organicamente ligado ao universo da luta popular, tem sua posição de classe bem definida e consciente, conhece o contexto sócio-espacial em que sua poética é produzida. Sendo assim, deseja criar uma poesia que se alimente das circunstâncias da luta dos trabalhadores.

Deseja que sua poesia seja apropriada na e pela formação intelectual dos agentes da luta popular, os militantes. Por isso, a preocupação do poeta passa pelo elemento estético, inserindo-se assim, também na tradição dos poetas que buscaram intervir politicamente na realidade social. Quando o eu lírico do poema estabelece uma correlação entre o político objetivo e o estético subjetivo, não está apenas fazendo uma justaposição, está condensando o conteúdo da vida cotidiana em forma artística, abrindo possibilidade de um autoconhecimento de nossa condição humana.

Por exemplo, no último quadro apresentado acima, pensando no conjunto de palavras organizadas entre os objetivos concretos e os desejos subjetivos do eu

lírico, temos os conectivos “**que**”, usados para fazer a ligação entre a realidade objetiva, cotidiana e uma perspectiva futura de reordenação social.

Nesse momento, temos a singularidade de um momento ímpar da vida social que transfigura em universalidade, pois o eu lírico, nesse momento condensa um fenômeno da nossa condição histórica, que é a alienação, que está na essência da estrutura social capitalista, e eleva a aparência, nisso temos o reconhecimento, ou um momento catártico, em que essência e aparência colocam-se numa mesma totalidade.

Assim, o poema “Terra sertaneja” nos passa a convicção de que a luta por uma nova sociabilidade, para ser vitoriosa, necessariamente, precisa se apropriar da diversidade histórica dos saberes produzidos pela humanidade. Nesse sentido, a arte terá um papel extremamente importante.

Como diria Lukács (1970), a arte intensifica nossa humanidade, e Ademar Bogo, nesse poema intencionalmente político, busca devolver aos expropriados dos bens materiais e culturais, a percepção de que a luta política organizada, consorciada a uma formação dos sentidos, além de nos devolver nossa humanidade, possibilita criar outra sociabilidade em que a vida humana seja essencialmente livre para desenvolver suas potencialidades, tendo em vista que na atual sociabilidade a reificação nos separa do reino da liberdade em todas as dimensões, inclusive na arte.

Para Marx (2011), a configuração da sociedade capitalista proporcionou um grande avanço no desenvolvimento das forças produtivas, passando do reino da carência para o reino da abundância, no entanto, com a lógica da apropriação privada, toda a abundância não é suficiente para geri à lógica da ganância do possuir, do se apropriar, que faz do sistema burguês uma forma social alicerçada pela mercantilização da vida.

Nesse ambiente, não só o trabalho, mas também a própria arte se apresenta de maneira hostil ao ser humano, pois a divisão social do trabalho capitalista produz cada vez mais uma vida em que indivíduos são conduzidos pela linguagem da mercadoria. Lutar pela transformação das relações capitalistas é, assim, uma maneira de garantir a plena liberdade e desenvolvimento da criatividade humana.

A literatura, em nossa sociedade periférica, em especial, nos últimos 90 anos, vem demonstrando uma consolidação estética que nos permite afirmar uma particularidade típica das contradições do modo capitalista periférico: a contradição entre trabalho e desenvolvimento das forças produtivas; modernização e socialização do estado de bem estar social.

A promessa de civilização e progresso não só não se realizou como demonstra nitidamente sua incapacidade de realização pela lógica do Capital. Por isso os poemas escolhidos são categóricos em apresentar essa distorção entre a promessa de civilidade e a barbárie da divisão social do trabalho como estrutura alienante.

Os poemas se ligam pela abordagem estética que estruturam o trabalho e o trabalhador numa representação e interpretação da segregação das classes em um contraditório progresso periférico. Assim também se justificam as ações que os poetas, no enfrentamento de sua própria alienação, e que cada contexto poético exigiu, tiveram que se posicionar diante da realidade de seu tempo. Os “sujeitos-líricos” responderam a altura, e proporcionaram um autoconhecimento estético e político da nossa particularidade em quase um século de produção poética.

Neste sentido, o poeta Ademar Bogo é também um herdeiro da tradição poética, no molde brasileiro, um combatente da boa poesia, um defensor da vida humana, mas como todo ser humano, apenas responde ao seu tempo histórico com as possibilidades que o contexto oferece, por conseguinte, nos mostra que a história sempre está em movimento e as contradições nos abrem possibilidades diversas, reconhecer qual caminho seguir é o grande desafio de nosso tempo e a arte pode nos ajudar nessa escolha.

3.6 Configuração da voz lírica e dos personagens populares

Ao analisarmos a relação dos poetas com seus poemas pudemos perceber que as vozes líricas e os personagens populares vivem dilemas parecidos quanto ao reflexo do mundo cotidiano.

Em Drummond, Cabral e Gullar: as vozes líricas mantém certa distância dos personagens populares. Em “Operário do mar” e “Morte do leiteiro” a voz lírica os

observa, mas não conseguem uma aproximação, são os objetos que permitem a reflexão e aproximação tensa da diferença existente entre os dois.

Em “Morte e vida Severina” ocorre que o personagem popular domina o discurso narrativo e a voz lírica, atenta se reconhece também envolvido nesse mundo de “coisas de não” e da propriedade privada como base da carência humana, refletida com mais força nas vidas severinas.

No poema, “O açúcar”, a voz lírica toma a reflexão subjetiva como meio de distanciamento entre ele e os personagens populares. Ali também são as mercadorias e sua alienação que impedem a aproximação, mas não só os “homens de vida amarga” estão alienados no mundo da mercadoria, a voz lírica se dá conta de quanto isso está entranhado na sua própria condição poética.

Em “Terra sertaneja” ocorre o reencontro da voz lírica com os personagens populares, na verdade, a voz lírica é um dos personagens, isso torna o ambiente de diálogo mais compreensivo. No entanto, as mercadorias e a propriedade privada ainda mantém a produção de alienação.

Todos os poemas analisados neste capítulo são transpassados pela problemática da alienação, da propriedade e dos conflitos de classe e da condição da própria arte nesse mundo de mercadoria. Contudo, a forma como isso foi transfigurado nos poemas partiu da posição e consciência de classe dos poetas que souberam plasmar a realidade histórica das circunstâncias em que viviam e vive.

Aqui finda este capítulo, o que buscamos fazer foi apresentar uma tradição da poesia brasileira em que os poetas se deparam com momentos decisivos para a sociedade brasileira, e que responderam ao seu tempo como o melhor das criações estéticas. Buscou-se ainda, apresentar Ademar Bogo inserido nesta tradição poética que tem como base não só fazer uma crítica da sociedade em conflito, mas que aponta possibilidades históricas de superação.

Assim, apesar de pouco conhecido, a contribuição de Ademar Bogo para reflexão crítica e formação dos sentidos humanos pode facultar a sua inscrição no universo dos escritores e poetas brasileiros que preenchem a história com ações estéticas que alertam para as potencialidades da vida humana.

CAPÍTULO 4

4. ARTE E VIDA COTIDIANA NA POESIA DE ADEMAR BOGO

*[...] Os sacrifícios são dores engolidas pela teimosia
De fazer com as mãos um tempo novo
Nada pois pode medir esta importância
De quem se levantou contra a ignorância
Para polir a alma e os sonhos de um só povo.
(Polir os sonhos) Ademar Bogo*

Neste capítulo, apresentaremos um exercício de análise crítica de seis poemas de Ademar Bogo: “O hino do MST”, “A morte”, “A vida que vale a pena”, “Os nossos olhos ainda verão por ti”, “Cuidado com as sementes” e “Antes que acabe o ano”. O objetivo é articular as discussões realizadas até aqui, como forma de demonstrar a organicidade da poética de Ademar Bogo em relação à perspectiva histórica, considerando especialmente as temáticas: trabalho e propriedade privada, organização popular e luta política, indivíduo e sujeito histórico, criação literária e ética revolucionária, divisão de classes, utopia comunista, cultura e ideologia de classe.

Tentando compreender o fio condutor da estrutura dessa poesia participante, discorreremos sobre o universo composicional dos poemas e examinaremos os nexos entre discurso político, práxis filosófica e criação estética. Pretendemos entender como o conjunto de produção poética de Ademar Bogo pode se caracterizar como um todo artístico. Primeiro, pela organização estética tendo a Utopia crítica como eixo estrutural. Depois, a reorganização da ação ética como princípio formador da luta popular que representa, às vezes problemática e quase sempre esperançosa, elementos literários que compõem fruição lírica da poesia participante.

É nessa perspectiva, em que o poeta busca condensar, pela forma poética, o conteúdo da vida social em contraste com a própria demanda das forças políticas em disputa na realidade histórica. Nossa avaliação é a que, nos poemas estudados, está latente uma configuração da utopia crítica como fundamento da divisão social em classes. Diante disso é que reforçamos nossa hipótese de que o poeta Ademar Bogo, no conjunto de seus poemas, tem como fundamentos da estética a

transformação e a educação humanista do indivíduo, o qual, tanto pela luta popular quanto pela arte, tenta metamorfosear-se em sujeito coletivo.

Um dos elementos que abordaremos no decorrer do capítulo, que pensamos ser também estruturante da poética social de Ademar Bogo, é a questão da ação ética, em especial, problematizando com ações individuais no mundo contemporâneo, que são alicerçadas em valores egocêntricos.

4.1 Consciência estética como princípio de organização política

Iniciaremos com o poema/hino do MST, estudando-o dentro da perspectiva de que a convocação estética configura o lugar social em que principia a luta de classes na visão do poeta. Este apresenta ao seu primeiro público, o camponês brasileiro em processo de organização, uma realidade que precisa ser transformada e a esperança utópica das possibilidades de realizá-la.

A letra do hino foi criada em 1987, por Ademar Bogo, e musicada em 1988, pelo maestro Willy Côrrea de Oliveira. A perspectiva revolucionária é característica desse período, em especial pelas lutas populares desencadeadas na América Latina, o que o poema/hino busca refletir são esses ecos como potencial de formação política.

Eis o hino do MST:

Vem façamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Refrão:
Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Braços erguidos ditamos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Refrão:
Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar

Nossa Pátria livre e forte
 Construída pelo poder popular

Nossa Força regatada pela chama
 da esperança no triunfo que virá
 forjaremos desta luta com certeza
 pátria livre operária camponesa
 nossa estrela enfim triunfará!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
 Nossa Força nos leva a edificar
 Nossa Pátria livre e forte

Construída pelo poder popular. (BOGO, Apêndice A, p.263).

Nossa tradição cultural e estética sempre teve alguma referência externa, isso não é novidade. No entanto, no caso de Ademar Bogo, sua busca nas referências externas refere-se às experiências de luta e da cultura que os povos vão consolidando ao longo da história. No caso do hino, uma experiência da Nicarágua, foi o horizonte da elaboração estética. Sobre essa relação na construção do hino, Bogo vai dizer que:

Quando, em 1988, elaboramos a letra do hino do MST, acreditávamos que a luta e a organização edificariam uma “pátria livre e forte, construída pelo poder popular”. Refletiam em nós os raios da revolução nicaraguense que se apresentava como um ensaio do que seria em cada país da América Latina. Lá, em 1979, as massas populares tinham assumido seu próprio destino ao se inserirem na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Era o projeto popular que triunfava e nos cativava para que fizéssemos o mesmo; apesar de termos ainda ideias dispersas e os conceitos em estágio embrionário de formulação e assimilação. (BOGO, 2008, p.151).

O universo do trabalho camponês impregna a estrutura do poema-hino e o trabalho é apresentado no poema como elemento transformador da vida social e política. O trabalho é essencialmente criativo e a visão política do trabalho ganha uma conotação diferente da visão arcaica e retrógrada de atraso culturalmente imposta aos brasileiros com o advento da modernização conservadora e do aumento populacional das metrópoles brasileiras.

O Hino retoma uma velha questão não solucionada, que o sistema literário, referenciado pelo mestre Antonio Candido, buscou apresentar. A questão da construção da identidade da Nação brasileira.

A fase da consciência catastrófica, outra expressão de Antonio Candido, é retomada por Bogo, na perspectiva da classe trabalhadora acrescentando o desejo de construir essa Nação que deixou de ser a preocupação central do nosso contexto histórico.

Pensando sobre a organização da vida social capitalista, permeada pela produção fetichista nas relações humanas, nos perguntamos que sentido ou que função possui a arte nesse mundo reificado, tão hostil à vida humana e ao desenvolvimento artístico. De modo que encontramos, na concepção lukacsiana de arte, uma resposta que aponta para o processo de desfetichização como uma das funções centrais da arte, principalmente neste estágio da forma social do Capital.

O poema/hino é organizado com três estrofes de cinco versos, intercalados por uma estrofe/refrão de quatro versos, os quais são repetidos três vezes. Isso dá ao hino uma cadência sonora em forma de espiral que aparece como repetição e avanço.

A primeira estrofe, configurada com cinco versos, caracteriza, em princípio, uma proposição imperativa, porém, o eu lírico se inclui como participante do trabalho a ser desempenhado coletivamente. O verso inicia com uma locução verbal que parece destoar da própria lógica gramatical, a justaposição do “Vir” e “Tecer”, o primeiro, tendo como conjugação o presente do indicativo que estabelece uma relação com o pronome “ele”, já no imperativo a relação é com o “Tu”.

A voz lírica convoca-se a si mesmo e convida “Tu e Ele” para um trabalho que exigirá uma energia fenomenal dos “Nós”, configurada no segundo verbo “Tecer”, conjugado no imperativo afirmativo apresentando em seguida a substância da ação proposta à um coletivo: construir algo que é possível, tendo o trabalho como elemento que humaniza “a nossa liberdade”.

O primeiro verso do poema-hino *Vem tecamos a nossa liberdade* configura a unidade universal do propósito da ação e do trabalho como categoria que direciona a transformação da realidade, na qual o eu lírico também se insere com muita intimidade.

Os versos seguintes são uma analogia poética do cotidiano do trabalho do camponês, que é convidado, pelo eu lírico a preparar, no campo político, uma nova relação de vida social sem perder sua característica transformadora da natureza e da sociedade. *Vem teçamos a nossa liberdade / braços fortes que rasgam o chão / sob a sombra de nossa valentia / desfraldemos a nossa rebeldia / e plantemos nesta terra como irmãos!*

Ademar Bogo apreende o universo concreto do mundo do trabalho e transfigura no poema/hino apresentando uma nova perspectiva em relação ao trabalho alienado contrapondo-o.

Segundo o dicionário online de termos literários de Carlos Ceia a definição de hino é:

Canção de tema religioso, militar, ou histórico, destinada a fazer o louvor de uma figura importante na história das religiões, de uma divindade, de um herói nacional, de um povo sublime, de uma nação valorosa, de um gesto único de nobreza, ou de qualquer acontecimento que tenha marcado uma civilização ou uma comunidade. É um tipo de composição poética muitas vezes acompanhada de música criada como mesmo espírito que motivou o texto poético. (CEIA acesso 2019).

Tendo em vista essa definição da característica do hino, surge uma questão relevante para nossa discussão: um hino pode ser crítico? Problematizador? Se olharmos apenas para a característica de louvação, talvez a resposta fosse não. Mas se olharmos pela perspectiva da pertença a um grupo, poderemos identificar elementos que fogem da característica de exaltação e apresenta-se como elemento formativo, e isso implica uma posição problemática na configuração do tema político que é proposto.

No “Hino do MST”, talvez a problematização possa estar na relação entre trabalho e liberdade que a voz lírica sugere como ação política. É uma convocação no qual trabalho e liberdade podem se reconhecerem e se reencontrarem, em princípio, de forma poética, mas com possibilidades concretas de realização, pois, se é o trabalho que funda o ser social, não é menos verdade que ele transforma a forma social de produção das relações.

O que fica oculto nessa proposição é o elemento contrarrevolucionário do próprio trabalho fetichizado na produção de mercadorias sobre lógica capitalista

atuando para que a separação entre trabalho e trabalhador seja cada vez mais alienada.

A centralidade do poema/hino está em colocar a realidade brasileira como estratégia de problematização contraditória. Não aparece no poema, mas está implícito na tonalidade da convocação e “tecer” é construir o que ainda não está acabado. As perguntas são: Que país é esse que precisa ser construído, a quem é negado o direito a liberdade? Que horizonte está proposto pelo poeta, é apenas desejo ou tem algo de concreto se realizando nos cernes das lutas populares?

Retomando uma concepção aristotélica sobre a poética de que, não cabe à arte narrar esteticamente apenas o que aconteceu, pois isso seria tarefa das ciências historiográficas, (Aristóteles, 2003). A arte precisa potencializar o que poderia ter acontecido, segundo a necessidade e o necessário, para que se condense, nessas construções, a generalidade humana em seu processo contraditório de desenvolvimento material da vida social.

Ou seja, a arte configura uma particularidade em que as ações humanas são intensificadas de maneira que o processo da singularidade congrega-se com a universalidade. Atentos, nós leitores poderemos perceber, ao mesmo tempo, nossa individualidade e nossa generalidade como elementos constitutivos de nossa humanidade, ou seja, o que é típico de cada individualidade pertence ao típico do que é toda a história humana enquanto Gênero. Assim, tornamo-nos seres historicamente formados no movimento contraditório do desenvolvimento humano.

Analisando o poema/hino nesta perspectiva, observamos que o trabalho e a luta de classes são mediações implícitas ao poema/hino, que compõe o universo simbólico da organização política que o poeta propõe e que está na organização das estrofes.

No primeiro verso o poeta já estabelece como ponto inicial o objetivo ao qual o poema-hino será direcionado, a “liberdade” como forma social a ser construída numa perspectiva coletiva e processual. Por isso o “tecer” (analogia ao trabalho artesanal), e o “cultivo” (analogia ao trabalho do camponês com a terra) são propostos como elementos constituintes de processos que precisam de tempo para se realizar. Por outro lado, a dicotomia entre campo e cidade são reconfiguradas

como sistemas sociais de produção que pertencem ao mesmo processo alienante da divisão social do trabalho que precisam ser recriados com uma nova lógica cooperativa.

A segunda estrofe que serve de refrão ao poema/hino conclama a luta como mediação importante na construção de uma pátria livre. “Pátria” como um substantivo coletivo abstrato que serve para caracterização de diversas situações de pertencimento e sendo algo do imaginário coletivo. No caso do poema/hino serve como condicionante utópico, pois a “liberdade” proposta no primeiro verso ganha um terreno que serve como base para sua construção que é a *Pátria livre e forte / construída pelo poder popular*.

A repetição da estrofe-refrão intercala sempre uma nova estrofe que reforça a proposta coletiva do eu lírico que tem como horizonte a perspectiva de superação das contradições históricas do trabalho alienado ao mesmo tempo em que percebe que o trabalho livre e consciente é fundamental para a superação das condições sociais da divisão de classes. *Braços Erguidos ditemos nossa história / sufocando com força os opressores / hasteemos a bandeira colorida / despertemos esta pátria adormecida / o amanhã pertence a nós trabalhadores!*

A configuração do poema/hino busca compor um todo artístico que rerepresente a dinâmica da luta como potencial de conquista e o coloca numa condição histórica em que a ação precisa ter como referência a consciência de classe. Nesse sentido, apresenta-se uma reflexão que pode nos ajudar a compreender a lógica de composição em que o poeta está inserido ao criar esteticamente uma obra literária.

Ao pensarmos no hino como um reflexo artístico, pelo qual o poeta constitui uma interpretação da realidade objetiva, ao mesmo tempo em que propõe transformações para a mesma, estaremos concebendo o poema como uma totalidade estética que se propõe estabelecer uma conexão entre a luta e a organização popular.

Tendo em vista a concepção de Lukács (2011), que trata do comportamento do poeta diante da realidade que deseja retratar, podemos inferir que o hino cumpre

com a dinâmica da reflexão e autorreflexão do agir eticamente diante das potencialidades da realidade. Assim diz o filósofo:

O comportamento do poeta lírico é, indissociavelmente, ativo e passivo, ou seja, ele ao mesmo tempo cria e reflete. Com efeito, o caminho que leva do fenômeno à essência, da superfície à lei, só pode ser percorrido de modo ativo. Mas esta atividade não suprime de modo algum o caráter fundamental de todo o processo, ou seja, o de ser um reflexo da realidade objetiva. Ao contrário, trata-se da forma mais profunda e autêntica deste reflexo. Mas é preciso levar sempre em conta que tanto a essência e a lei quanto o fenômeno e a superfície são realidades objetivas. Assim, a totalidade do real só pode ser apreendida (gradualmente) por nós quando a dialética objetiva de fenômeno e essência e a dialética subjetiva de nossa penetração na essência são concebidas como indissolúvelmente ligadas uma à outra. (LUKÁCS, 2011 p. 247).

Refletindo sobre isso, o poema/hino nos apresenta em sua superfície os elementos de uma organização popular. É uma exaltação e uma convocação em que o compasso propõe um avanço na perspectiva da consciência política. Está implícito o desejo de ultrapassar os limites da organização e o eu lírico discute a necessidade de transformar a nação.

O hino retoma a centralidade da literatura brasileira e busca interpretar a dinâmica de uma sociedade em que o progresso é cheio de contradições num tempo em que pensar a nação brasileira já não está na ordem do dia.

Em termos técnicos e formais, o poema/hino possui predominantemente como recurso estilístico a metonímia, *teçamos a nossa liberdade, braços fortes que rasgam o chão, pátria livre e forte, despertemos esta pátria adormecida*. Pois o poeta estrutura-o relacionando elementos e desejos utópicos com necessidades objetivas e subjetivas.

No primeiro verso, o eu lírico faz uma proposição, nos versos seguintes temos as etapas que são construídas no poema de forma subjetiva, mas que na realidade precisam ser objetivadas. Na última estrofe nos é apresentada a perspectiva histórica da Utopia crítica, de que a liberdade se conquista e se constrói com luta, organização e consciência de classe.

O refrão é um recurso anafórico, pois reforça sistematicamente de modo imperativo a necessidade histórica de organização popular. Ao cantar o refrão, as

pessoas levantam o braço esquerdo e de mão fechada balançam-no para frente e para trás.

Esse ato transgredir a lógica solene dos hinos e coloca os sujeitos e o eu lírico em uma harmonia estética que sublinha a organização coletiva. A simbologia do gesto põe em movimento o desejo de transformar a realidade objetiva, já que subjetivamente o refrão reforça esse desejo, pois nele o sujeito sai do ato contemplativo, ao menos simbolicamente.

A organização rítmica quanto à qualidade é predominantemente de rima pobre, organizada na primeira estrofe com substantivos; no refrão/estrofe de verbos e adjetivos; na segunda estrofe com substantivos e adjetivos e na terceira, com substantivos e verbos.

Sua sonoridade rítmica compõe-se de forma consonantal e a disposição das rimas obedece ao esquema “ABCCB” nas estrofes e “ABCA” no refrão. Na composição métrica o poema/hino possui uma variação entre decassílabos e alexandrinos, porém predominam os hendecassílabos. No refrão/estrofe são intercalados octossílabos e decassílabos.

A predominância de substantivos é curiosa, se pensarmos gramaticalmente, porque sua função é ser núcleo, é o centro das ações. No poema, tudo gira nessa perspectiva, a nação que não se realizou nem política nem culturalmente volta a ser central na construção de uma sociedade igualitária. O eu lírico aponta o sujeito histórico para a realização dos desejos adormecidos. Propõe que os trabalhadores retomem a reconstrução das relações efetivamente humanas.

O eu lírico pode até exagerar nesse desejo, ou pode parecer que não está na ordem do dia a questão do projeto nacional, ou que o projeto foi derrotado pela elite dominante, que impôs ao país a dinâmica neoliberal mais retrograda e ortodoxa. Entretanto, existe um impasse que é evidenciado no poema, pois ainda é possível realizar outro projeto para o Brasil e o eu lírico nos enche de esperança, apesar de está cada vez mais difícil fazer as transformações na realidade objetiva em nosso tempo.

O poeta suprime a primeira pessoa do singular e compartilha com o leitor a perspectiva de construção do desejo utópico de liberdade. O eu lírico propõe uma leitura compartilhada, estabelece a primeira pessoa do plural no discurso e fomenta a socialização da possibilidade de construir uma sociedade livre.

O poeta utiliza doze vezes o pronome possessivo, “nossa” como intensificador do desejo compartilhado, além de uma progressão morfosintática que levam questões reflexivas sobre como se relacionam, em nossa sociedade, questões que envolvem liberdade, trabalho, propriedade privada e organização social.

Marx e Engels (2004) apontam em suas teorias, que o sistema capitalista aliena o trabalhador do bem socialmente produzido, criando uma rede de desigualdades. O poeta, consciente dessa análise, propõe a retomada, a reconfiguração do trabalho como eixo transformador. Assim propõe que a desalienação do trabalho precisa ser construída de maneira coletiva, isso está implícito na terceira estrofe, *Nossa Força resgatada pela chama /da esperança no triunfo que virá / forjaremos desta luta com certeza /pátria livre operária camponesa / nossa estrela enfim triunfará!*

O poeta se apresenta como otimista e esperançoso porque o futuro utópico tem raízes no trabalho coletivo que quebra a dicotomia entre o trabalhador e os meios de produção. A pátria livre é uma construção socialista na medida em que une a classe trabalhadora em torno de um projeto de mundo em que as relações de trabalho não sejam reificadoras da condição humana. A “pátria livre” como elemento abstrato serve como substância universal na construção de uma nova sociabilidade. A construção dessa pátria, não é somente uma construção nacionalista, defendida pelos românticos, é correspondente a uma perspectiva popular e internacionalista.

O trabalho, necessariamente, precisa superar a forma capitalista para que, de fato, retome a essência de livre produção criativa de uma humanidade que aplica suas potencialidades no mais alto grau de organização e criatividade.

Esse é o ponto de vista do poeta e este será o horizonte estético construído em sua obra poética. O tom filosófico de sua narrativa encontra a simplicidade da linguagem na tentativa de apresenta aos seus pares de classe uma identidade coletiva e uma causa que direcione um horizonte de luta para além dos elementos

econômicos. Um horizonte utópico, mas com possibilidades concretas de realização. “Pátria livre! Venceremos!”.

Nesse sentido, a arte é uma criação com potencialidades de intensificação do que é humano, e serve de modelo de liberdade, pois, a arte possibilita aos seres humanos planejar uma humanidade sem reificação. Mesmo num mundo regido por uma lógica individual e consumista, temos exemplos de ações éticas individuais que nos apontam novas perspectivas.

Pensando assim, vemos na poesia de homenagem e participante, de Ademar Bogo, um ‘eu lírico’ que age conscientemente na tentativa de representar um processo que eleve a consciência ética e convoca para que essa consciência estabeleça uma ação ética no mundo concreto conduzido por sujeitos conscientes de sua tarefa histórica. Essas ações éticas são transfiguradas em estruturas estéticas, constituindo um todo artístico.

A arte literária constrói uma ligação dialética entre o efêmero e o necessário, ultrapassando as coisas episódicas da vida cotidiana e mostrando conexões humanas entre sujeito e objeto, nos possibilitando conhecer e entender a unidade histórica da totalidade humana. Isso significa que o singular e o universal são mediados por contradições históricas, o que na literatura chamamos de particular estético.

Na atualidade, configurada na lógica do regime capitalista, vivemos envoltos na aparente relação mercantilista que ocultam as relações entre os seres humanos. Ou seja, existe uma condição fetichista que interpõe ilusórias necessidades desumanizadoras à vida humana.

Nestas relações fetichizadas, o trabalho, na concepção marxista, torna-se estranho aos seres humanos. Estes não se reconhecem na sua ação criativa, em que se transforma diuturnamente através do intercâmbio com a natureza sua própria humanidade. O trabalho, na nossa sociedade, aliena a vida social e o humano aparentemente se torna um mero objeto em meio ao mundo coisificado.

Com isso, o processo de estranhamento do trabalho nas relações capitalistas é a expropriação do trabalhador com o bem que ele mesmo produziu, retirando do ser as potencialidades de sua humanidade.

Contudo, uma das funções da arte é possibilitar o conhecimento de nossa realidade histórica revelando uma humanidade que estava ocultada por forças fetichizadas.

Pensando assim, o poema faz uma progressiva problematização da realidade apresentando antíteses implícitas, na estrofe inicial. Na primeira estrofe coloca-se a questão da emancipação, contraposta à lógica capitalista de reificação, o que nos faz pensar sobre a lógica de sociabilidade em que vivemos. Temos na primeira estrofe, a terra como possibilidade de bem comum.

Na segunda estrofe, temos a questão do trabalho como potência de transformação social e natural nos levando a questionar a forma social do trabalho na contemporaneidade. Ainda temos na segunda estrofe, uma antítese implícita em que se apresenta sobre a condição reflexiva do sujeito histórico relacionado na práxis social consciente e na perspectiva de que os trabalhadores realizem a transformação radical da sociedade por ser fundamentalmente a classe universal revolucionária.

Na terceira estrofe, o poema nos faz refletir sobre a relação desigual da modernização conservadora do campo e cidade, na qual tanto os camponeses quanto os operários são marginalizados pela lógica capitalista de progresso. A unidade entre camponês e operário enquanto trabalhadores busca fortalecer a identidade de classe.

Com essa reflexão, o poema/hino que é configurado pela metonímia, nos leva a pensar a parte que está inserida no todo, ou seja, uma singularidade da classe que deseja lutar pela libertação de todos. Isso demonstra a aspiração do eu lírico de estabelecer um ponto de partida para sua realização política.

Contudo, a lógica fetichista perpassa por todos os lócus sociais, inclusive, o camponês. E o que o poema/hino busca exprimir é a possibilidade histórica de luta e enfrentamento das contradições que nos são dadas nesse contexto social. Como diz

Marx (2009, p.35) “A ‘libertação’ é um ato histórico, não um ato de pensamento, e é efetuada por relações históricas”.

Isso significa que as condições objetivas precisam ser criadas para que a emancipação seja uma condição real. O poema/hino contribui para que nos eduquemos nessa perspectiva de superação das classes, o desejo de que a classe trabalhadora se organize e marchem em prol de sua própria libertação é o que existe de potencial desfetichizador na formação dos artesãos da sociedade comunista, proposta pelo eu lírico.

4.2 A transfiguração da morte em símbolo da ética revolucionária

A voz lírica da poesia compartilha com o indivíduo/leitor uma intersubjetividade em que vivencia uma visão de mundo condensada e transfigurada numa experiência que se movimenta do individual ao coletivo e vice-versa. O eu lírico, a partir de uma subjetividade estética, configura o reflexo de determinada particularidade social, estabelecendo uma ordem lógica, provida de verossimilhança, conectando-se à vida pela dimensão singular e universal. Isso porque nas ações cotidianas apresentadas estabelecem relações dialéticas entre a aparência e essência do sujeito e do objeto. Relações históricas, estéticas e políticas indissociáveis e interpretadas a partir da particularidade sociocultural disponível na forma literária.

Tomemos como exemplo dessas questões o poema “A morte”.

Quando a morte leva embora militantes;
 Nos perguntamos se não haveria um jeito,
 Uma saída, de impedir que isto tivesse acontecido?
 É o carro que bateu e
 Atingiu os viajantes...
 Uma bala, um acidente, uma fatalidade...
 E lá se vão anos e anos de preparação
 De treinamentos, de práticas feitas e refeitas.
 E nesta hora prometemos cuidar mais...
 Zelar mais dos corpos que carregam a ideologia
 O Saber e a sabedoria.

Morrer é sempre desastroso
 É uma transformação violenta
 Despedaça-se o que foi feito
 Em um relance de instante.
 Mas depois do susto
 Nos encorajamos novamente...

Porque sabemos que da morte alguma coisa sobra.
 Alguma coisa escapa...
 Alguma coisa vive.
 E mais ainda: há coisas e coisas que revivem!
 Revolvem mansamente no retorno.

Aí então aparece o que era para sobrar
 O bom que deveria ficar...
 Fica ainda mais valorizado.
 Então definimos entre lágrimas
 Quem fora, quem foi.

Aí é que descobrimos o que a morte nos tirou
 E depois nos deu de volta
 Um ser mais qualificado
 Mais valorizado de valores.
 E assim vamos repetindo
 Sempre perdendo e readquirindo
 Exemplos de lutadoras e lutadores. (BOGO, Apêndice A, p.265).

O poema é ordenado em 34 versos divididos em 04 estrofes. De maneira mais objetiva/racional, explora bastante o sentido denotativo dos termos usados, principalmente em relação à morte. Contudo, a reflexão que o poeta faz sobre as consequências do processo ganha uma organização subjetiva, numa configuração consciente dos efeitos formativos que uma ruptura pode ocasionar na práxis social.

Ao utilizar antíteses na relação entre o que se ganha e o que se perde com a morte, o eu-lírico nos coloca em processo de constante autocrítica. *Porque sabemos que da morte alguma coisa sobra./ Alguma coisa escapa... / Alguma coisa vive./ E mais ainda: há coisas e coisas que revivem!; Quem fora, quem foi; Aí é que descobrimos o que a morte nos tirou / E depois nos deu de volta.*

Essa organização formal é quase um canto de despedida, de corte elegíaco, e, ao mesmo tempo, um desejo do eu lírico em buscar forças nos seres que não podem mais lutar, a não ser no plano imaginário. A morte leva o corpo físico do militante, mas o que o poema busca reforça é a vivência e como isso pode ser potencializado como força motora para quem fica. A morte serve como transfiguração da matéria em símbolo.

Em relação à harmonia, o poeta busca na assonância a organização interna como elemento que impulsiona o refletir: *Uma saída, de impedir que isto tivesse acontecido? / Um ser mais qualificado / Mais valorizado de valores.* A cadência de ritmos internos com frequente composição de assonância interna e final, a rima é

composta aleatoriamente com sonoridade entre algumas vogais finais intercaladas. Quanto à qualidade dos vocábulos, predomina a substantivação e os adjetivos. A relação métrica é organizada com versos livres.

Existem, no universo ficcional da construção poética de Ademar Bogo, relações cheias do que poderíamos chamar de antíteses ou de matriz dialética. A configuração do ambiente social está intrínseca a uma ação individual. No entanto, a ação do indivíduo fortalece valores coletivos. O poeta, num desejo de transfigurar a individualidade, às vezes deixa transparecer que o fundamental é o coletivo, colocando o indivíduo como um instrumento para ações coletivas.

Entretanto, ao olharmos com mais cuidado, temos na individualidade uma grande força motriz. Os poemas de homenagem representam a figuração da valorização do indivíduo que, em muitos casos, não foi valorizado pelas suas ações e postura em vida. Sendo apenas reconhecido depois do fim. Talvez este seja o limite do poema, ao tentar resaltar a beleza dos valores e ações em prol do coletivo, acaba, por vezes, apagando a subjetividade do homenageado. Essas contradições também são impulsos para pensarmos a ação ética do eu lírico, que busca configurar ação e consciência no plano subjetivo e objetivo.

Nos poemas de homenagem temos um desdobramento que se instala a partir do elemento “morte”. A morte é o catalisador que liga a subjetividade do poeta à configuração da objetividade do símbolo como orientação utópica. *Quando a morte leva embora militantes; Nos perguntamos se não haveria um jeito, Uma saída, de impedir que isto tivesse acontecido?*

Diante da situação trágica e da impossibilidade de impedir tal fatalidade, o eu lírico se posiciona numa dualidade emocional: sentir profundamente a dor da perda e refletir sobre o que a morte interrompeu tanto na vida do indivíduo quanto nas suas funções políticas organizativas. O luto não é só de lamentações, mas também avaliações. *E lá se vão anos e anos de preparação / De treinamentos, de práticas feitas e refeitas.*

Mas, ao rememorar dolorosamente o que foi a vida e o que a morte interrompeu, o eu lírico começa um processo de transfiguração dos indivíduos. *Morrer é sempre desastroso / É uma transformação violenta / Despedaça-se o que*

foi feito / Em um relance de instante. / Mas depois do susto / Nos encorajamos novamente...

Existem duas conseqüências que vão se configurando concomitantemente pelo eu lírico. Uma delas é o universo da memória: o homenageado que pela circunstância da morte, tem uma síntese do que foi a sua vida na sociedade, dos valores e ações praticados. A outra é conseqüência da transformação do indivíduo em símbolo como exemplo a ser seguido e valores a serem praticados. *Mas depois do susto / Nos encorajamos novamente... / Porque sabemos que da morte alguma coisa sobra. / Alguma coisa escapa... / Alguma coisa vive.*

Esse universo percorrido pelo eu lírico, entre a morte e as ações desempenhadas pelos militantes populares vai ocorrer pela transfiguração do indivíduo em sujeito histórico coletivo. É a partir do elemento da memória coletiva e da ética revolucionária que se compõe a simbologia que configurará o *corpus* dialético da poesia participativa de Ademar Bogo.

A morte, apesar de dolorosa e desastrosa para a luta política que interrompe a tarefa desempenhada pelo militante, traz em si uma valorização da luta. O ser ganha uma nova tarefa, transforma-se depois de morto em exemplo, em símbolo de comportamento e ação. *Aí então aparece o que era para sobrar / O bom que deveria ficar... / Fica ainda mais valorizado.*

Nesse sentido, para o eu lírico, a morte não é somente o fim, é também o recomeço, ainda mais que o recomeço possui algo que a morte já não pode mais tirar, o sujeito histórico na sua totalidade ética. *Aí é que descobrimos o que a morte nos tirou / E depois nos deu de volta / Um ser mais qualificado / Mais valorizado de valores.*

Assim, a poesia social engajada se estabelece por uma tensão intrínseca em que o eu lírico busca enfrentar a morte física e para isso recorre à memória coletiva e práxis ética. O triunfo diante do que poderia ficar perdido pelo caminho é a transformação do indivíduo homenageado em exemplo de luta e persistência. Como último ato de rebeldia, o eu lírico reapresenta um ser mais qualificado, agora como símbolo de resistência.

Ai está o limite do poema de homenagem, a transformação do ser em símbolo, pode, em determinadas situações, apagar as contradições que são partes da singularidade do indivíduo. Caso não seja bem organizada, a forma estética pode desencadear num determinismo que foge aos desejos do eu lírico.

A tentativa que o eu lírico busca para fugir de um determinismo vulgar é a tentativa da superação ética do sujeito em relação a sua condição de gênero humano buscando estabelecer pela ação humana, a integralidade da vida socializada. Nesse caso, a ética e a estética estabelece a ordenação formal dos sentimentos humanos oculto pelo individualismo fetichista e tão predominante na individualidade capitalista.

No poema “A morte” O próprio eu lírico se transforma, expande da categoria de primeira pessoa do singular e engloba a primeira pessoa do plural. Aparece uma qualificação processual na condução da reflexão. O que em princípio era apenas trágico e desastroso, aos poucos vai se transformando até ser lapidado no que é necessário como exemplo.

Então, ao tomar a morte como processo histórico, a função social da homenagem se estabelece no plano da ação. Não é somente o indivíduo que é exaltado, ou somente a morte que é lamentada. É principalmente a transformação qualitativa do ser social, no qual o eu lírico nos apresenta como memória e símbolo de resistência e luta. *Sempre perdendo e readquirindo / Exemplos de lutadoras e lutadores.*

O contraponto da individualidade capitalista é que no poema esse indivíduo volta a condição de ser e não mais de coisa, como acontece nas relações mercantis de nossa contemporaneidade. A valorização do ser precisa estar reordenada na valorização da coletividade.

Apesar do título do poema “A morte”, temos no conjunto dos 32 versos uma lapidação dos indivíduos que sofrem a ação de morrer. Nos 11 primeiros versos temos a lamentação, a tristeza e até mesmo a culpa. Neste conjunto de versos, a morte, como sujeito da ação, é o fim trágico de uma vida militante, por isso o inconformismo com a perda, um luto melancólico.

Por outro lado, do 12º verso ao 22º, o eu lírico começa a refletir sobre o ato de morrer e chega à conclusão de que a morte não é somente o fim, mas também princípio, que a morte é um processo dialético. Mais por certo, ainda estamos no terreno da dúvida, e busca-se entender o que poderia permanecer da morte.

Nos últimos versos, o eu lírico conclui a lapidação, o que deve ficar de uma vida militante são os valores e os exemplos. A dor passa a dar lugar à esperança, a ética objetiva de um indivíduo se transfigura subjetivamente num ideal a ser seguido. Dialeticamente a morte se transfigura em vida, *um ser mais qualificado*.

As reticências são elementos constitutivos do poema, nelas temos a impressão de que algo ainda falta ser dito, de que alguma coisa está inacabada. Com isso podemos inferir a própria luta de classes, que, no fundo, é o que se tenta resgatar da morte. O que foi interrompido, mas que retorna numa nova perspectiva, o que era ação individual transformasse em ética coletiva.

Com versos livres e rimas internas, a construção poética do poema “A morte” apresenta uma cadência de sintonia que ora se alonga com versos compridos buscando refletir o acontecido, *nos perguntamos se não haveria um jeito, uma saída, de impedir que isto tivesse acontecido? / ai é que descobrimos o que a morte nos tirou e depois deu de volta*. Ora os versos são secos e curtos, como se descobrisse ou afirmasse uma posição, uma constatação. *quem fora, quem foi / exemplos de lutadoras e lutadores*. Além disso, o poeta constrói o poema contrapondo substantivos e verbos. “morte x morrer”, “saber x sabedoria”, “morrer x reviver”, “perdendo e readquirindo”.

A morte está localizada no espaço poético como elemento de conhecimento, elevada ao grau subjetivo se transforma em orientação política, a perda do militante é dolorosa. No entanto, o eu lírico a coloca como um processo de transfiguração, pela qual o indivíduo torna-se mais qualificado, o poeta busca transformar a dor em coragem, o que aparentemente poderia causar desânimo e desistência da luta popular diante da falência dos corpos torna-se o ponto de partida para renovação da Utopia.

Um poema construído na primeira pessoa do plural sugere que a leitura não seja solitária. A tentativa do eu lírico é, no caso, de potencializar a matriz de

coletividade: a perda foi do indivíduo, porém, suas ações são divididas coletivamente. É como se o poeta redistribuísse não só as tarefas que antes eram de um só ser e que foi bruscamente interrompida, mas deseja compartilhar a própria vida.

Tanto no poema “A morte” como em outros poemas de homenagem de Ademar Bogo tem-se como aparência temática a qualidade finita do corpo. Todavia, o poeta vai enveredando pelos sentidos humanos e depurando a qualidade ética da ação histórica.

A morte é uma consequência triste e dolorosa, senti-la é uma condição humana e é preciso do luto como reflexão para supera-la. Porém, o que o poeta explora é a capacidade e o potencial de vida que o ser cultivou, as quais devem ter continuidade na coletividade, pois as próprias contradições do indivíduo são depuradas e o que é elevado ao grau de exemplo é a potencialidade da luta e da ação ética. *Aí então aparece o que era para sobrar / O bom que deveria ficar... / Fica ainda mais valorizado.*

O poeta utiliza como estratégia estilística e com certa frequência o elemento sufixal “RE” *Relance, Revivem, Revolvem, Retorno, Readquirindo*. A construção linguística do poema “A morte” eleva os sentidos a uma reflexão sobre os ciclos da vida, no caso do poema, os ciclos são a trajetória de uma vida militante. O que nos é apresentado são valores e práticas que pertenciam a um sujeito e que com sua morte passa a pertencer à coletividade.

Porém, é preciso fazer uma reflexão sobre o que se pode aproveitar da vida que se finda. Vejamos que o prefixo “RE” tem a função de enfatizar que algo é feito novamente. No entanto, o homenageado do poema não pode mais conduzir as tarefas e os valores que cultivava em vida. Essas tarefas e valores ganham novos significados, são transformados em Utopia e por isso, disponíveis a todos os militantes que assumem a tarefa do falecido.

O poema tem uma construção que parte da ideia de um processo de ruptura, conservação e superação dialética. A morte é uma substância que age como princípio da ruptura, pois provoca *uma transformação violenta* e desencadeia uma

sucessão de reflexão dos sentidos humanos. A perda de um militante é sempre algo que deixa a luta socialista desfalcada.

Em contrapartida, abre-se a possibilidade para uma nova organização tática, mas para que isso aconteça, é preciso lapidar as experiências transitadas conservando as pertinentes e superando as equivocadas. Mas mais que isso, a superação da morte passa pela elevação ideológica do conteúdo social que classifica a posição de classe do ser homenageado, sendo necessária uma transfiguração que ultrapasse a classe e ganhe a humanidade. Por isso, são exemplos a serem seguidos.

Neste sentido, a construção morfossintática do poema “A morte” configura o ciclo da vida que continua mesmo depois da morte. Quer dizer, a morte transforma o ser material em ser espiritual, no sentido de que as ações éticas são mais qualificadas e servem como referência na continuidade da formação política e da luta popular, além de que no poema, proporciona uma experiência estética, os sentidos são convocados a refletir sobre uma perda que é ao mesmo tempo um ganho.

Filosoficamente nos deparamos com o grande dilema da humanidade. O que fazer diante da transitoriedade da vida? O poeta propõe uma possibilidade de continuar a luta dos que não podem mais fisicamente. Seguir lutando e transformá-los em elementos que dão suporte a Utopia.

A arte, de certa maneira, nos mostra, ao longo da história, modelos de liberdade, insistindo na necessidade vital de nossa humanização. Cabe à ação humana intensificar essa humanidade na vida cotidiana e superar as mediações fetichistas que nos impedem de viver plenamente as potencialidades humanas no reino da liberdade.

Sendo assim, percebemos que o eixo estruturador tanto das poesias de homenagem como das participantes acha-se em tentativas de construção estética a partir de um ‘eu lírico’ que tenta agir de maneira ética no seu tempo histórico. Ao fazer o que é possível dentro dos limites circunstanciais de suas ações, busca formar política e esteticamente seus companheiros de classe (o leitor) para a ação transformadora numa perspectiva socialista. Tentativas que mostram possibilidades

sociais em que sujeitos históricos ousam enfrentar na vida real e que o poeta pretende condensar em poesia.

4.3 Ação ética na poesia de Ademar Bogo

A estrutura social se estabelece como base para a configuração ética das sociedades. Historicamente, as sociedades vão configurando os preceitos nos quais formam organizações sociais fundadas por ações práticas e teóricas que consolidam o sentido histórico de determinadas visões de mundo.

No sistema capitalista, as configurações éticas, nas ações práticas, possuem três elementos que organizam o modo de produção social e que funcionam como pilares que regem a lógica social. São elas: a propriedade privada dos meios de produção, a família monogâmica, o trabalho assalariado e o Estado. Ou seja, as relações éticas são referendadas por instituições sociais que organizam a estrutura social.

Nesse sentido, o individualismo burguês é compatível com a lógica capitalista, pois as relações sociais são estabelecidas conforme a sua posição e a sua consciência na estrutura social. Sendo assim, típica do regime burguês é a luta pela apropriação, quanto mais cada indivíduo se apropriar individualmente de bens sociais produzidos por essa sociedade, mais este sujeito confirma eticamente o sistema.

Marx (2007), ao estudar a sociedade capitalista, faz a seguinte afirmação:

À primeira vista, a riqueza da sociedade burguesa aparece como uma imensa acumulação de mercadorias, sendo a mercadoria isolada a forma elementar dessa riqueza. Mas, cada mercadoria se manifesta sob o duplo aspecto de valor de uso e de valor de troca. (MARX, 2007, p. 49).

Assim, existem elementos característicos que compõem cada sociedade em particular ao longo da história. A característica principal da sociedade capitalista é a produção de mercadorias e a apropriação privada. Tudo é transformado em mercadoria, inclusive os seres humanos que são lançados ao mercado social e trocados pela mercadoria universal, dinheiro.

Nas palavras de Marx (2010):

O trabalhador tem a felicidade de ser um capital vivo e, portanto, carente, que, a cada momento em que não trabalha, perde seus juros e, com isso, sua existência, a sua vida, se torna e é sabida como oferta de mercadoria, tal como qualquer outra mercadoria. O trabalhador produz o capital; o capital produz o trabalhador. O trabalhador [produz], portanto, a si mesmo, e o homem enquanto trabalhador, enquanto mercadoria, é o produto do movimento total. O homem nada mais é do que trabalhador e, como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital, que lhe é estranho. (MARX, 2010, p.91).

Pensando assim, podemos inferir que, nas sociedades em que existe a apropriação individual dos bens sociais, as relações sociais são divididas em duas classes essenciais, os que possuem bens e os que não possuem. Na sociedade capitalista, a função dos trabalhadores é a produção da riqueza social, que será expropriada pelos que detêm a propriedade privada dos meios de produção.

Com esta compreensão, ao nos relacionarmos com a literatura e com a arte de maneira geral, podemos concluir que a construção artística é um reflexo do tempo histórico e pode revelar elementos da vida social que passam despercebidos na rotina da cotidianidade. Por isso, ela é um modo específico de conhecer o mundo em suas íntimas e intrincadas contradições. Vejamos o que a filósofa Marilene Chauí nos apresenta acerca da compreensão poética:

A poesia, ao contrário da filosofia, não é um conhecimento teórico da natureza humana, mas imita, narrativa ou dramaticamente, ações e sentimentos, feitos e virtudes, situações e vícios dos seres humanos. No entanto, a poesia é diferente da história, embora esta também seja uma narrativa de feitos humanos e de situações, das virtudes e dos vícios dos humanos narrados. A diferença está no fato de que aquela visa, por meio de uma pessoa ou de um fato, falar dos humanos em geral (cada pessoa não é ela em sua individualidade, mas é ela como exemplo universal, positivo ou negativo, de um tipo humano) e falar de situações em geral (por meio, por exemplo, do relato dramático de uma guerra, fala sobre a guerra), enquanto esta se refere a individualidade concreta de cada pessoa e de cada situação. A poesia trágica não fala de Édipo ou de Eletra, mas de um destino humano; a epopeia não fala de Helena, Ulisses ou Agamenon, mas de tipos humanos. A história, ao contrário, fala de pessoas singulares e situações particulares. Por isso, diz Aristóteles, a poesia esta mais próxima da filosofia do que da história, já que esta nunca se dirige ao universal. (CHAUI, 2005, pp. 336-7).

A arte, de maneira geral, vai nos apresentar e problematizar a relação entre o indivíduo e sua comunidade numa determinada situação histórica desempenhada pelo ser social revelando ações éticas no âmbito estético.

Por exemplo, na Idade Antiga e Média, a ética estava ligada ao misticismo, à magia e à religião. Pela ética se justificavam as relações escravistas, na Idade Antiga; e feudal, na Idade Média.

No capitalismo, os padrões éticos são calcados por fundamentos jurídicos e a organização social do trabalho é consolidada a partir do contrato jurídico e o direito ganha primazia e preponderância junto com o Estado que estrutura e formaliza a lógica da propriedade privada. Conseqüentemente, a ética passa a ser estabelecida por instituições burocráticas reguladoras da posse através de leis e normas que passam a regulamentar a vida social.

Pensemos na poesia de homenagem e observemos como estas relações são estabelecidas no poema “A vida que vale a pena” de Ademar Bogo. Eis o poema:

Quando a humildade entrou na militância,
Antônio se fez ação.
Aceitou o desafio de ser um rio
E por si mesmo fez a navegação.

Fez o ritmo e o compasso
Entregando os anos, passo a passo...
Fazendo a cada dia
(Com seu desprendimento)
A sabedoria do engajamento.

Fez-se também pela simplicidade
(ora massa, ora fermento)
Sem exigir nem reclamar...
A sua própria identidade
Tornando a militância o próprio lar,
A própria casa e moradia.
Sofreu a dor e o temor
Da escura madrugada
Sem deixar de acreditar que raiaria o dia.

Cultivou com seu jeito simples a utopia
A esperança e os valores;
Como a semente que surge com as flores
Soube despojar-se de todas as pretensões.
Sonhou e fez sonhar os corações
Como parte acompanhante de um projeto.
Fez-se, com o estilo mais discreto
Um grande exemplo de amigo e companheiro.

Na carência, foi celeiro;
Na penúria, sempre foi solidário.
Na missão, foi como um missionário
Que cresceu e viveu em todos os espaços...
Foi alento nas horas de cansaço
E festivo na hora da alegria.
Como o Sol que nasce a cada dia

Transmitiu energia o tempo inteiro.
 Será sempre para as novas gerações
 Que haverão de lembrá-lo para as multidões
 Um exemplo, de pai, irmão, amigo e companheiro. (BOGO, Apêndice A,
 p.280).

O poema é composto por 37 versos divididos em 05 estrofes, com traços metonímicos e características de prosopopeia: *Quando a humildade entrou na militância / Antônio se fez ação./ Aceitou o desafio de ser um rio / E por si mesmo fez a navegação.* Como organização da harmonia, usou como recurso a assonância: *Fez o ritmo e o compasso / Entregando os anos, passo a passo... / Fazendo a cada dia.*

O poeta utiliza da comparação para reforçar a ideia de transformação que o sujeito sofre e enfatizar as qualidades que precisam ser referenciadas: *Como o Sol que nasce a cada dia / Transmitiu energia o tempo inteiro./ Será sempre para as novas gerações / Que haverão de lembrá-lo para as multidões / Um exemplo, de pai, irmão, amigo e companheiro.*

No quesito de organização sintática, o poema tem uma forte tendência à anáfora, e, às vezes, utiliza de forma aleatória determinados termos para, ao longo do poema, estruturar a lógica da homenagem. Como nestes exemplos: *Na carência, foi celeiro; / Na penúria, sempre foi solidário. / Na missão, foi como um missionário; Fez o ritmo e o compasso (1ª estrofe); Fez-se também pela simplicidade (2ª estrofe); Fez-se, com o estilo mais discreto (4ª estrofe).*

Assim como na composição, o poema está organizado com uma cadência de assonância interna e utiliza como rima o predomínio dos vocábulos substantivados e adjetivados, o que reforça a ideia de sujeito qualificado, tendo em vista uma métrica livre, o poema está organizado numa forma em que o desenvolver das rimas consoantes, às vezes intercalam-se, outras se alteram.

O título do poema é uma expressão que sugere uma autorreflexão, mas que ao logo do poema tenta persuadir o leitor de como encarar a vida numa perspectiva militante. O conteúdo como forma social é o elemento que o eu lírico busca inserir na argumentação estética de uma vida que foi qualificada, no poema, como exemplar.

Este poema, “A vida que vale a pena”, possui um forte vínculo com a classe trabalhadora, porém, não deixa de configurar que, no universo da luta popular, as singularidades são importantes no fortalecimento da causa e que a emancipação humana é construída pelas ações coletivas e individuais.

No poema podemos perceber como é forte a singularidade, Antônio Araújo é o militante que dedicou sua vida à luta pela reforma agrária e no fortalecimento dos assentamentos da Bahia. Não foi nenhum mártir, nem escreveu teorias, nem dirigente nacional. No entanto, contribuiu nas conquistas dos assentamentos, ajudou os assentados na formação política, no planejamento da produção ecológica e na bioconstrução das próprias casas.

Antônio exerceu atividades aparentemente simples, mas que exigem organização e dedicação. Ele foi um dos muitos sujeitos anônimos que assumiram as tarefas de conscientizar os trabalhadores na construção de uma nova possibilidade de vida. Esse sujeito, após a sua morte, em um trágico acidente de carro, foi homenageado pelo poeta.

Em “A vida que vale a pena”, o que se destaca são os valores que pertenciam ao Antônio, porém, a criação poética confere a ele qualidades essenciais para todos os que se identificam com a causa social. Humildade, simplicidade, paciência (tendo em vista que valores são construções históricas e sociais). O poema transfigura ações individuais em deveres coletivos. O indivíduo Antônio, em sua singularidade e materialidade transforma-se em coletividade e espiritualidade, passa a ser exemplo de Utopia a ser cultivada e seguida.

O eu lírico do poema traz elementos que constituem a centralidade do caráter do homenageado: Antônio não estava pronto e acabado, ele foi se construindo na medida em que o caminho era percorrido na militância. O poeta elencou como primeiro traço de caráter a humildade, palavra de origem no latim³¹ "Humus" = Terra, significando: aquele que está em contato com a terra, que tem os pés no chão.

³¹ A palavra "humildade" vem do latim humilitas e isso vem da raiz humus que significa "terra". In: <http://etimologias.dechile.net/?humildad> acessado em 29/03/2017

A relação que o eu lírico mantém com o homenageado é de muita familiaridade, mas, além disso, no poema, humildade transforma-se em sujeito e é responsável pela prática da ação. *Quando a humildade entrou na militância, / Antônio se fez ação*. Não é a individualidade que é exaltada em primeiro plano, mas a capacidade formativa que se soma na construção do que se pode tomar como exemplo. *Fazendo a cada dia / (Com seu desprendimento) / A sabedoria do engajamento*.

Além disso, e de maneira geral, a poética de Ademar Bogo possui uma linguagem direta, adequada aos padrões gramaticais, suas criações têm uma rima interna e crescente com características que permeiam entre o moderno e o contemporâneo, sua temática é deliberadamente, ou politicamente a partir do ponto de vista da classe trabalhadora consciente.

O poeta busca contrapor a ordem vigente ao reordenar a lógica do individualismo burguês e propor ao indivíduo a valorização da solidariedade, pois, na sociedade capitalista, a lógica é a apropriação de mercadoria, isso vai gerar um conflito social entre os possuidores de mercadoria e os não possuidores. Este conflito possibilita o enfraquecimento das instituições que organizam a vida social. Diante disso, o Estado toma para si o poder de mediador dos conflitos entre os que denominamos classes sociais.

Como a lógica social tem como parâmetro a propriedade privada, a ação do Estado será comprometida por essa referência e isso implicará na tomada de decisão para a resolução dos conflitos, isso porque o parâmetro do contrato social estabelece a participação social conforme a posse de mercadorias que as classes detêm na sociedade, isso configura a não neutralidade do Estado e sua clara tendência à conservação do modelo social burguês.

Por isso, as formas das sociedades divididas em classes geram interesses antagônicos: uma, pela manutenção do sistema, outra, pela superação. Isso inclui um arcabouço ideológico que tem por base as estruturas sociais. Nisso, a ética se constitui como ação prática e teórica estabelecida conforme o contexto histórico e social. Acerca dessa ideia, Sergio Lessa (2002) faz a seguinte reflexão:

A ética atende a uma função radicalmente distinta da política. Todo processo social, seja ele mais universal seja mais particular, tem nos atos humanos singulares, de indivíduos concretos (historicamente determinados), seus elementos básicos. Tais atos possuem sempre uma dimensão de escolha entre necessidades a serem atendidas através de possibilidades e necessidades historicamente construídas. Entre outras coisas, essa relação entre os atos singulares e a totalidade social requer, com necessidade absoluta, que sejam avaliados tanto as escolhas como as consequências de sua objetivação. É para atender a essa necessidade de avaliação que surgem os complexos valorativos, entre eles a ética e a moral. (LESSA, 2002, p.105).

De maneira geral, são os filósofos que desenvolvem uma teoria da ética, isso não significa que a sociedade pratica essa teoria. O que os filósofos fazem é uma reflexão crítica do seu tempo e busca demonstrar limites históricos das relações sociais e os bons poetas condensam estas ações dispersas na vida cotidiana e intensificam de maneira que o leitor sinta-se provocado a refletir sobre sua situação no mundo das mercadorias.

O professor Sergio Lessa, baseado nos estudos marxistas, defende que existe uma incompatibilidade entre a ética e a forma social capitalista, nas palavras dele:

O mundo burguês, em suma, ao criar um gênero humano socialmente posto, efetiva a base material indispensável para a gênese de valores efetivamente éticos, quais sejam, aqueles que tornam socialmente visíveis as necessidades e possibilidades que dizem respeito a toda a humanidade. Contudo, essa articulação objetiva, cotidiana, material, de todos os homens ao mesmo processo histórico é imediatamente fragmentada pelo fato de ter por mediação universal a propriedade privada, é isso que, hoje torna ontologicamente impossível aos valores éticos penetrarem em nossa vida em escala social. Em outras palavras, o desenvolvimento do capitalismo coloca a humanidade diante de necessidades e possibilidades que são efetivamente ético-genéricas, contudo; enquanto perdurar a regência do capital estas mesmas necessidades e possibilidades autenticamente genéricas compõem na vida cotidiana, são sempre miseravelmente reduzidas a possibilidades de negócios, oportunidades de lucro etc. A vida burguesa cria as bases materiais indispensáveis à gênese de valores éticos e, ao mesmo tempo, é ontologicamente incompatível com a vigência cotidiana desses mesmos valores. (LESSA, 2002, p. 106).

Tendo em vista a reflexão de Sergio Lessa, podemos considerar que os poemas de Ademar Bogo tendem a apresentar os indivíduos numa contradição interna, ao mesmo tempo em que vive no mundo coisificado, tenta, pelo um ideal de ética, quebrar a lógica de individualidade existente no mundo moderno.

Apesar de o professor Sergio Lessa acreditar na impossibilidade de uma existência verdadeiramente ética na nossa sociedade, o que vemos na poética de Bogo é uma tentativa esperançosa e utópica das realizações éticas, mesmo que elevadas, pelo eu lírico, ao campo da subjetividade, o seu reflexo tem início nas ações objetivas.

Contudo, não sentimos nos poemas de Ademar Bogo nenhuma apologia gratuita ou fatalista dos trabalhadores como salvadores inalienáveis. Os trabalhadores são os sujeitos centrais, mas estão sempre numa situação de tentativa de superação, de movimento e de contradição, que, por vezes, é interrompida pela fatalidade da morte.

Por exemplo, no poema “A vida que vale a pena”, o poeta vai construindo a identidade de Antônio com características que são fundamentais para a consolidação de um agente da luta popular, essas características possibilitam a transfiguração do indivíduo em exemplo universal.

Isso porque, para o eu lírico é na ação ética que o sujeito transforma-se num novo ser mais qualificado, e que, por isso, poderia assumir qualquer tarefa com o mesmo entusiasmo, um exemplo a ser seguido por toda a militância. *Fez-se também pela simplicidade / ora massa, ora fermento / Sem exigir nem reclamar... /A sua própria identidade / Tornando a militância o próprio lar, / A própria casa e moradia.*

Em relação ao poeta, suas produções são carregadas de comparativos entre os seres humanos e a natureza. Isso marca, além de uma defesa da vida em sua totalidade, a militância e, nela, a fatalidade da morte como ciclos, como processos que estão em transformação. Assim como a natureza transforma-se ao superar um ciclo ganhando novas qualidades, o militante, que dedica a sua vida pela causa libertária, também vence o ciclo da vida, se qualifica e no poema assume uma tarefa universal: promover a Utopia. *Como a semente que surge com as flores / Soube despojar-se de todas as pretensões. / Sonhou e fez sonhar os corações / Como parte acompanhante de um projeto.*

Assim, existe uma diferença na concepção teórica da ética e de sua ação no plano prático, na vida social. O que uma sociedade estabelece como ideal nas relações sociais não é exatamente como ela se comporta no modo de produção e

nas relações práticas. O que podemos perceber é que existe na dimensão poética uma reflexão sobre a ética que está inserida no reflexo estético.

Quando Aristóteles escreveu a *Ética a Nicômaco*, suas formulações teóricas não eram um relato fidedigno da realidade grega, escravocrata e patriarcal. Suas reflexões e concepções de ação ética dialogam com o plano da ação prática, porque havia possibilidades históricas de suas realizações, para isso precisavam supera o modelo de organização da vida social.

Por isso, Aristóteles vai dizer que a ética é um ato, uma atividade da vida social e que o Estado como mediador da vida social teria uma responsabilidade na condução das ações éticas na polis, distribuidor da equidade dos bens sociais ao atendimento das necessidades culturais conforme a situação da prática social, que é um elemento indispensável na busca da felicidade.

Para o autor da *Ética a Nicômaco* as ações éticas era uma virtude e conduzia à plena felicidade, no entanto, não podemos confundir felicidade com apropriação de propriedade, como é na forma capitalista. Segundo Aristóteles, ações éticas estão ligadas com situações concretas da vida social, as necessidades de cada indivíduo deverão ser atendidas conforme as condições ideais para cada contexto. Atender necessidades humanas não é o mesmo que distribuição igualitária.

Dando um salto histórico, no século XIX, o teórico Karl Marx vai estudar profundamente as estruturas da sociedade capitalista e propor uma ação política para transformação das bases materiais desta sociedade que produz reificação, propondo uma reorganização social através da “livre associação dos produtores”.

O que Marx vai falar sobre o comunismo tem raízes em Aristóteles: distribuir a cada um conforme a capacidade e conforme a sua necessidade. Ou seja, é a situação concreta que dirá a forma de intervir na realidade para o bem comum de todos.

Nas reflexões de Lessa (2002) sobre a ética, na concepção do materialismo histórico, existe um paradoxo criado pela sociabilidade capitalista, ao mesmo tempo em que ela possibilitou a plena realização dos valores éticos criou os entraves de

sua realização efetiva, através da ordenação da propriedade privada, do Estado, da política e do direito. Para o professor:

“Todavia, diferente de todas as concepções éticas anteriores ou posteriores, Marx jamais concebeu a efetivação dos valores éticos como uma pré-condição para a superação do capital, pela simples razão de que esta efetivação é ontologicamente impossível sem a própria superação do capital. Desenvolver plenamente uma ética marxista, portanto, apenas é possível como reflexo de um processo histórico real, efetivo, de superação da regência do capital – processo de transição que indique as efetivas tendências históricas pela quais a ética poderá vir a se converter em uma dimensão cotidiana da vida humana. Sem esse solo histórico, toda tentativa de desenvolver uma “ética revolucionária” termina na melhor das hipóteses, prisioneira dos mesmos limites históricos que tornam a sociabilidade burguesa e a ética incompatíveis entre si. (LESSA, 2002, p.109).

Havíamos comentado sobre os conflitos sociais que se estabelecem no seio de cada sociedade, justamente pela oposição entre os proprietários e não proprietários. No sistema capitalista, esses conflitos são acirrados quando as classes sociais se organizam em “Instituições Cívicas” ou “Movimentos Sociais” e enfrentam a classe opositora com objetivos de conservação ou superação do modelo de sociabilidade dominante.

É nesse movimento de enfrentamento que nascem as possibilidades históricas do progresso humano, Marx chama isso de motor da história, ele diz que a história de todas as sociedades até os dias atuais é a história das lutas de classe, ou seja, são as contradições humanas e a luta para superá-las que abrem a possibilidade do que ainda está por vir.

Por isso que a vida de militância não significa abdicar ou estarem imunes às necessidades básicas, mas é como agir diante dos obstáculos que a própria luta proporciona. As escolhas éticas são os elementos qualitativos que o poeta destaca no poema, o que justifica a escolha do título “A vida que vale a pena”. Qual é a vida que vale a pena? O poeta responde é aquela que *Na carência, foi celeiro; / Na penúria, sempre foi solidário. / Na missão, foi como um missionário / Que cresceu e viveu em todos os espaços... / Foi alento nas horas de cansaço / E festivo na hora da alegria.*

A estrutura deste poema “A vida que vale a pena” está centrada no exemplo, porém, o exemplo não é somente do indivíduo homenageado, pois, apenas o

segundo verso faz referência a ele, *Antônio se fez ação*, no restante do poema o sujeito da frase aparece ora como oculto ora como indeterminado: *Fez-se também pela simplicidade / ora massa, ora fermento / Soube despojar-se de todas as pretensões. / Sonhou e fez sonhar os corações / Como parte acompanhante de um projeto.*

Em outros versos são os próprios valores que se materializam nas ações praticadas com a finalidade de objetivar o compromisso com a utopia socialista, *Cultivou com seu jeito simples a utopia / A esperança e os valores*, que, na visão do poeta, se constrói com exemplos de humildade e simplicidade.

A organização dos verbos no pretérito perfeito, mais que perfeitos e imperfeitos enfatizam as ações praticadas ao longo da vida pelo homenageado, mas que, como disse anteriormente, ao mesmo tempo em que o poeta dedica a homenagem a alguém determinado, individual, a organização sintática do poema vai apresentando uma indeterminação que faz com que outros indivíduos possam se compadecerem ou se reconhecerem no poema.

Entretanto, nos últimos versos, o eu lírico coloca os verbos no futuro organizando os sentimentos de que a vida vence a morte quando uma obra tem continuidade pelos militantes descendentes. *Será sempre para as novas gerações / Que haverão de lembrá-lo para as multidões / Um exemplo, de pai, irmão, amigo e companheiro.*

De maneira geral, podemos reconhecer nos poemas de homenagem um reconhecimento e uma continuidade. Reconhecimento de que em um mundo cheios de perversidades existem pessoas dispostas a melhora-lo, assim, de forma radical, lutam pela transformação social numa perspectiva socialista, mesmo fazendo ações aparentemente sem notoriedade.

A continuidade está em princípio, como às pessoas lembrarão o homenageado, como continuarão as ações e os sentimentos desempenhados por ele, segundo, a continuidade eternizada pelos poemas de homenagem transcende a perspectiva individual, tendo em vista dois elementos: um seria o fato de que muitos poemas não apresentam em seu corpo o nome da pessoa homenageada, o que

pode ocasionar uma coletivização encomiástica, pois o mesmo poema pode ser declamado em outras situações como processo de formação sensitiva ideológica.

Outro elemento é a valoração da vida militante, da vida numa perspectiva humanitária. A morte ocupa um momento da vida, como se fosse uma passagem, e no poema, esse momento, essa passagem serve para qualificar ainda mais o ser humano. Isso porque a morte, por um lado, trás sofrimento e perda do indivíduo, por outro lado, o transforma em Utopia, em horizonte a ser seguido. Por certo, como muitos poemas não possui o nome da pessoa homenageada, podemos inferir que o horizonte imediato é a luta de classes por causa do seu caráter coletivo e da colocação dos verbos, quase sempre no plural.

Isto significa que são os indivíduos sociais, organizados politicamente, que ao longo da história vem buscando resolver problemas estruturais colocados pela própria humanidade. Isso pressupõe que no atual estágio social em que nos encontramos existem sujeitos sociais que dedicam suas vidas em ações éticas para que as estruturas sociais atendam as necessidades históricas de todos os seres humanos.

Os sujeitos que dedicam suas vidas para que as estruturas sociais se transformem e atendam ao bem comum são dignos de homenagem, na perspectiva do poeta, pois são referências concretas da possibilidade de converter a filosofia da ética em experiências concretas de éticas sociais.

Aristóteles, no mundo grego, faz uma bela reflexão acerca do que chama de consciência do louvor, ele diz:

Tudo que é louvado parece merecer louvores por ser de certa espécie e relacionado de um modo qualquer com alguma outra coisa; porque louvamos o justo ou o valoroso, e, em geral, tanto o homem bom como a própria virtude, devido às ações e funções em jogo, e louvamos o homem forte, o bom corredor, etc., porque são de uma determinada espécie e se relacionam de certo modo com algo de bom ou importante. Isso também é evidente quando consideramos os louvores dirigidos aos deuses, pois parece absurdo que os deuses sejam aferidos pelos nossos padrões; no entanto assim se faz, porque o louvor envolve uma referência, como dissemos a alguma outra coisa. Entretanto, se o louvor se aplica a coisas do gênero das que descrevemos evidentemente o que se aplica às melhores coisas não é louvor, mas algo de melhor e de maior; porquanto aos deuses e aos mais divinos dentre os homens, o que fazemos é chamá-los felizes e bem-aventurados. E o mesmo vale para as coisas: ninguém louva a felicidade como louva a justiça, mas antes a chama de bem-aventurada, como algo mais divino e melhor. (ARISTÓTELES, 1957, p. 25).

Portanto, e tendo como referência a reflexão aristotélica, os poemas de homenagem de Ademar Bogo buscam estabelecer uma conexão entre a ação ética do indivíduo e a possibilidade de sua transfiguração em subjetividade ética, agora realizada no plano estético.

Sendo a ética uma realidade histórica, devemos pensar que, numa sociedade ordenada em classes antagônicas, haverá uma linha tênue entre ética social concreta e filosofia da ética.

Na contemporaneidade, a estrutura social capitalista desenvolve um padrão ético ligado ao funcionamento da sociedade para que ela se mantenha tal como estar. Ou seja, o fundamento ético dessa sociedade é a apropriação mediante relações jurídicas: diferentemente de outras sociedades passadas, na atual, somos iguais apenas perante a lei e a lei é uma estrutura histórica e está em consonância com os antagonismos de classe.

Isso significa que qualquer ação que venha questionar a estrutura social capitalista estará indo contra a ética social concreta burguesa. Por isso, a filosofia da ética é uma possibilidade crítica do atual modelo social, e quem possui as condições históricas e deve ter interesse em mudar as estruturas sociais do sistema capitalista é a classe trabalhadora.

4.4 Imagem e ideologia

A história tem nos mostrado que o capitalismo é o mais perverso modo de produção material da vida social, mas também é o que criou as bases para a superação de classes ao criar a classe trabalhadora, protagonista do antagonismo entre as classes.

Nestes tempos de incertezas ideológicas e culturais, a arte literária atua como sinalizador das possibilidades de autoconhecimento humano. A arte precisa, em sua potência artística, criar substâncias que viabilizem o conhecimento da realidade concreta, sem que esta seja desvirtuada por ideologias ou imagens que não reflitam

as contradições de um sistema que produz imagens em excesso para atrofiar o pensamento crítico.

Inventar possibilidades futuras a partir das experiências do presente, uma unidade a ser criada pelas imagens em que a ideologia comunista ganha força de persuasão para enfrentar as contradições de um tempo reificante. Esse é, em nossa análise, o horizonte místico em que Bogo interage.

O indivíduo, na contemporaneidade, necessita de referências que ultrapasse a lógica consumista. Por isso, ao retornar ao passado podemos obter elementos exemplares de reações e combates, que no nosso tempo, estão cada vez mais difíceis, porém, urgentes e necessários.

A poesia participante busca projetar no futuro as realizações coletivas que no presente ficam a cargo de experiências cotidianas de certos indivíduos, que em última instância estão inseridas num contexto político e em movimentos populares que dão suporte e por vezes, torna possível escapar a estrutura hegemônica e apresentar em suas fissuras as contradições latentes de um mundo em ruínas.

Isso é o que, na aparência, deseja o poeta militante. Temos a presença de uma lógica poética em que as palavras são as expressões da materialidade da vida objetiva, por isso, são fundamentais na formação dos sentidos e os exemplos buscados no passado ou na ação individual são portadores de uma ação utópica que necessita de novas experiências tanto no presente como no futuro.

É por isso que Ademar Bogo dá tanta importância para as palavras, elas condicionam a postura ética e ação política, para ele:

Quando as palavras perdem a força, é porque as ações estão perdendo a radicalidade. [...] Se a massa dos trabalhadores quiser desempenhar tarefas práticas específicas e criadoras, ela tem de se apossar primeiro de certas palavras-chave (que não podem ser compartilhadas com outras classes, que não estão empenhadas ou que não podem realizar aquelas tarefas sem se destruírem ou sem se prejudicarem irremediavelmente)³². Esse deve ser o sentido da unidade e luta dos contrários na formação política de toda a

³² Fernandes, F. clássicos sobre a revolução brasileira, p.57.

militância. É a identidade da classe que garante a identidade das palavras. (BOGO, 2008, pp.197-198).

Com esse pensamento, podemos perceber que a poética de Ademar Bogo, segue a mesma coerência, pois o poeta articula as palavras de maneira que sua apropriação corrobora com a identidade de classe, a organização formal dos poemas estabelece uma conexão entre a ação e a consciência política de que as relações sociais do mundo capitalista necessitam de mudanças radicais.

Vejamos como isso aparece no poema “Os nossos olhos ainda verão por ti”:

Quando a morte fria e traiçoeira
Faz um estrago em nossas fileiras
Lembremos que pela vida inteira
A força apaixonada e militante
Ergueu com a mística de um amante
O símbolo colorido da bandeira.

Agora, já não vê, mas ainda sente...
O barulho dos passos ainda quentes
O trilhar da disciplina do fazer...
Comportado como um soldado exposto
Ocupou com humildade cada posto
Sem com tudo apossar-se do poder.

Fique companheiro! Fique!
Nas palavras delicadas das crianças...
Nas histórias dos adultos e suas lembranças...
E na terra, nas raízes dos ervais.
Fique companheiro! Fique!
No lamento da boca entristecida
Na beleza das coisas construídas...
No cantar dos canários e dos pardais.
Fique como um marco na fronteira
Demonstrando que as divisas e barreiras
Não impedem as relações cordiais.

Agora, o descanso é merecido...
Obrigado por um dia ter nascido
E se tornado o nosso companheiro.
E se algo ficou para ser feito
Não se lastime, daremos um jeito
De transplantar as mudas dos canteiros.

Fica conosco o que tocou a tua mão,
A condução da cooperação...
E a construção da consciência humanista.
O agir intenso sem desconfiança
O alimento do sonho e da esperança
De ver um dia a pátria socialista!

A história segue e nós também seguimos
Levando em mente, e a ti insistimos:
Olhai por nós, com força incendiária.

Que nossos olhos possam ver por ti
A terra inteira livre e a florir
Pela conquista da reforma agrária. (BOGO, Apêndice A, p.282).

Neste poema, Ademar Bogo apresenta uma perspectiva de classe em duas dimensões, a primeira é na apropriação do conhecimento da realidade cotidiana da classe trabalhadora, valorização da individualidade que se projeta como reflexo da ação coletiva que pertence a vida humana.

A segunda é o conteúdo que representa a consciência de classe, no qual apresenta não só as contradições da divisão social do trabalho alienado, mas que aponta para um horizonte utópico, em que a luta potencialize a realização da mística socialista.

No entanto, a digressão utópica apontada pelo eu lírico vai desaguar num processo que o próprio sujeito lírico queria ultrapassar, o “Estado democrático de direito”, ao referendar que o fim último da ação é pela “Reforma agrária”.

Entretanto, a utopia é um elemento que nutre o conteúdo ideológico e a ação coletiva reflete a formação da consciência que precisa ser elevada. O poeta segue a máxima de Lenin: “Sem teoria revolucionária, não há prática revolucionária e vice versa”, por isso, o poeta busca nas experiências da luta o conteúdo que dará forma ao poema participante. Isso se refletirá também nas condições sociais e históricas que a objetividade da luta proporcionará nas possibilidades concretas de conquista.

Essas configurações estabelecem as imagens em que o poeta deseja compor numa perspectiva política. *O alimento do sonho e da esperança /De ver um dia a pátria socialista!* As relações entre a imagem criada e o discurso político configuram um importante traço estético em Ademar Bogo.

A imagem final do discurso é a possibilidade utópica de superação das condições materiais atuais, não porque a mudança esteja no horizonte, mas porque é no presente que ela germina e cultiva-se as ações que possibilitam imaginar um novo horizonte.

Pensando nessa perspectiva, Lukács (1970) apresenta a seguinte ponderação:

O verdadeiro conteúdo desta generalização, que aprofunda e enriquece objetiva e subjetivamente a individualidade, mas sem jamais conduzi-la para fora de si mesma, é precisamente o caráter social da personalidade humana. Este caráter já era conhecido por Aristóteles. Somente o idealismo subjetivo da época burguesa mistificou, das mais variadas maneiras, o substrato social da criação estética e de sua eficácia. O conteúdo da obra, e conseqüentemente o conteúdo de sua eficácia, é a experiência que o indivíduo faz de si mesmo na ampla riqueza de sua vida na sociedade e - através da mediação dos traços essencialmente novos das relações humanas assim reveladas - da sua existência como parte e momento do desenvolvimento da humanidade, como seu compêndio concentrado. Nesta elevação, a subjetividade meramente particular não é levada para fora de si mesma, para um universal puramente subjetivo: ao contrário, a individualidade é aprofundada, precisamente na medida em que é introduzida neste reino intermediário do particular. (LUKÁCS, 1970, p. 270).

A generalização que o poeta tenta expressar são os valores de uma prática humana em que a vida é mais importante que a propriedade. A ação individual é transfigurada e torna-se potência de singularidade quando o ser deixa de existir, então, o poeta busca universalizar essa experiência, nos apresentando de maneira estética a dimensão da singularidade de uma história que pode pertencer ao gênero humano. *Fique companheiro! Fique! / Nas palavras delicadas das crianças... / Nas histórias dos adultos e suas lembranças... / E na terra, nas raízes dos ervais.*

Nesse sentido, no poema em análise, o discurso apresenta o presente: são as ações presentes que produzem as transformações futuras, no entanto, ao adentrarmos um pouco mais no poema, podemos perceber que ele retoma uma questão muito cara à nossa literatura, a questão da identidade nacional.

O sistema literário brasileiro, como bem estudou Antonio Candido, conheceu, em seus grandes expoentes, a tentativa de interpretar o Brasil e suas configurações sociais. No poema acima, guardada as devidas diferenças estéticas e históricas, também podemos perceber essa angústia do poeta. Que nação é esta que ainda expropria de seus filhos o direito de uma vida digna, os quais, por isso, precisam morrer lutando por uma sociedade justa.

No poema, “Os nossos olhos ainda verão por ti”, o discurso poético fica marcado pelo predomínio de metonímias populares, que são organizadas de maneira que a relação natureza/cotidiano humano sejam sínteses do trabalho e da luta popular.

A tentativa do poeta é a de apresentar a possibilidade da religação entre a natureza e a vida humana, numa nova perspectiva de sociabilidade. A utopia, marcada pelo projeto socialista, será possível através da organização e da luta consciente da classe trabalhadora numa sociedade que produz constantemente alienação.

Apesar de propor uma pátria socialista, o último verso retoma a ideia de reforma agrária. Será isso uma sutil desesperança ou será parte do processo para avançar nas transformações sociais? Talvez as condições históricas da luta e a perda de um militante possa ocasionar na realidade objetiva uma fratura que não se recupera tão facilmente, porém, é pela força simbólica que a voz lírica reintroduz a nova função social do homenageado transformado em referência: manter viva a esperança na luta popular.

Fica conosco o que tocou a tua mão,
A condução da cooperação...
E a construção da consciência humanista.
O agir intenso sem desconfiança
O alimento do sonho e da esperança
De ver um dia a pátria socialista!³³

Nesse trecho a imagem construída pela voz lírica figura a elevação do indivíduo à símbolo que enriquecerá as consciências das tarefas imposta pela necessidade revolucionária. Essa é a expressão da força subjetiva do imaginário lírico.

O sujeito é visto em sua singularidade, ao mesmo tempo em que o eu lírico vai se metamorfoseando numa experiência coletiva e o leitor se depara com essa dimensão humana, que é utópica. Um ser humano transformado em valores de referência e possibilidade concreta: *Fique companheiro! Fique! / No lamento da boca entristecida / Na beleza das coisas construídas... / No cantar dos canários e dos pardais / Fique como um marco na fronteira.*

Os versos expressos no poema “Os nossos olhos ainda verão por ti” expressam a cadência de uma experiência cotidiana, não é algo extraordinário. As

³³ *Ibidem*, p. 282.

ações narradas pela voz lírica são simples e cotidianas, mas são eficazes na medida em que se desprende da lógica da apropriação privada. O trabalho, no poema, ganha uma perspectiva de solidariedade e o trabalhador não se aliena do fazer. Observemos a estrofe a seguir:

Agora, já não vê, mas ainda sente...
O barulho dos passos ainda quentes
O trilhar da disciplina do fazer...
Comportado como um soldado exposto
Ocupou com humildade cada posto
Sem com tudo apossar-se do poder³⁴.

O eu lírico nos conduz a um sentimento de pertença, onde a vida humana se liga na plenitude de sua existência, uma vida que é vivida sem lamentos e consciente de sua efemeridade.

A organização discursiva do poema leva o leitor a uma autorreflexão, mas o próprio eu lírico busca vivenciar esta experiência do fazer poético como experiência de valor humano.

Ademar Bogo possui uma sensibilidade estética carregada de reflexão filosófica e a forma de criação dos poemas é sempre carregada de uma observação da vida e do comportamento militante na luta popular, por isso o desejo profundo que o poeta tem em transformar a objetividade da luta popular em força artística.

As imagens do cotidiano criadas no poema estão carregadas de elementos ideológicos calcados na solidariedade, o eu lírico busca convencer o leitor de que sua simplicidade é um valor acessível a todos, que são ações diárias e conscientes que possibilitam superar a lógica individualista, no entanto, o que parece simples é na verdade muito mais complexo, o sujeito precisa ter consciência de que a sociedade precisa ser transformada, a busca do eu lírico é para esse convencimento e enriquecimento da consciência coletiva. Obervemos o trecho a seguir:

A história segue e nós também seguimos
Levando em mente, e a ti insistimos:
Olhai por nós, com força incendiária.

³⁴ *Ibidem*, p. 282.

Que nossos olhos possam ver por ti
A terra inteira livre e a florir
Pela conquista da reforma agrária³⁵.

O poeta costuma utilizar-se do eufemismo como método de formação interna dos poemas e como elemento de argumentação, principalmente nos poemas de homenagem, pois busca uma linguagem que possibilite a comunicação e a persuasão.

Ao utilizar, como elemento de construção sintática, a figura de elipse, busca sempre relacionar o sujeito individual na configuração de ações que o coloca em vínculo social com os outros de classe, buscando transfigurar concomitantemente o eu lírico, o poeta e o leitor em sujeitos potencialmente coletivos e de classe.

Ao figurar o sujeito, como expressão plural, na atualidade histórica, potencializa a formação de identidades coletivas na construção social futura, ou seja, o poeta busca, sempre que possível, demonstrar, política e esteticamente, que os indivíduos, na sociedade contemporânea, só conseguem se configurar numa identidade humana ao estabelecer uma ação ética que vise à emancipação.

Em outras palavras, o indivíduo transformado em coisa pelo sistema capitalista só poderá se encontrar com sua verdadeira identidade numa sociedade em que as relações humanas não sejam mediadas pela lógica da mercadoria. No entanto, ao compreender a cultura do grupo em luta, a ação ética revolucionária ganha objetividade e contrapõe o individualismo burguês através da práxis social, apresentando uma singularidade que antecipa uma possibilidade universal.

A retórica lírica do poema relaciona o indivíduo sendo reconhecido por outro, mas ambos só se reconhecem mediados por uma tarefa dentro de um grupo social. *Obrigado por um dia ter nascido / E se tornado o nosso companheiro. / E se algo ficou para ser feito / Não se lastime, daremos um jeito.*

³⁵ *Ibidem*, p. 282.

4.5 Ambiente sociocultural e figuração poética

A configuração do ambiente sociocultural em que o poema de Ademar Bogo cria envolve uma tradição camponesa que incorporou no seu modo de vida práticas de luta política e organização mobilizadora que ganha traços culturais específicos, principalmente no conjunto do MST (em especial, entre as décadas de 1980 e 2000). Assim, o poeta busca demonstrar que a possibilidade do engajamento político, por vezes, aponta uma perspectiva que revela, aparentemente, relações humanas ofuscadas pela alienação social, que podem ser potencializadas na medida em que a luta avança. *Fica conosco o que tocou a tua mão,/ A condução da cooperação.../ E a construção da consciência humanista.*

O eu lírico reconhece o difícil caminho para se afirmar como potência humana, a própria arte vive tempos de estagnação na forma e no conteúdo. A mercantilização chegando ao mais alto grau e a arte também se torna um alvo que precisa ser ela própria um ato de resistência a fetichização.

Tendo como ponto de partida que o conteúdo estabelece a forma, encontramos no poeta de Ademar Bogo o conteúdo ordenado por uma composição métrica com traços modernos. Quase sempre, busca estruturar uma poesia livre, prioriza a harmonia interna e a sonoridade das rimas consoantes, a substância político é o primeiro traço de sua composição estética.

A estrofe a seguir é bem exemplar do que apontamos acima:

Fica conosco o que tocou a tua **mão**,
 A condução da **cooperação**...
 E a construção da consciência **humanista**.
 O agir intenso **sem desconfiança**
 O alimento do sonho e da **esperança**
 De ver um dia a pátria **socialista**³⁶.

As palavras em destaque compõe um campo semântico que figura a ideia da relação de composição ideológica que vai fomentar o princípio das escolhas do poeta em recolocar a ideia da utopia como construção coletiva e de ações éticas

³⁶ *Ibidem*, p. 282.

individuais mediadas pelo espaço cultural em que o grupo se insere e nas lutas que se propõe.

O traço estilístico dos poemas de Ademar Bogo, de maneira geral, apresenta-se na composição fônica, os conteúdos se harmonizam para criar um campo de diálogo com o leitor. Lembrando que os poemas de Ademar Bogo são, na maioria das vezes, apresentados para um público analfabeto, ou semianalfabeto, tanto no letramento como na formação política.

Estas pessoas, camponesas ou das periferias das cidades, as quais possuem historicamente uma relação de ensino/aprendizagem marcado pelo mecanismo da oralidade. É esse elemento oral que Ademar Bogo, na sua escrita, usa para compor o universo social em que os poemas são transmitidos e assim poder contribuir na politização estética também pela oralidade.

Mario de Andrade, em um dos seus escritos, estabelece a perspectiva de que a arte pode, muitas vezes, superar a temporalidade humana, e, na opinião do crítico, isso faz com que ela se torne maior que os seres humanos, pois possui uma forte tendência em expressar a vida humana em essência, o que os humanos, não podem fazer por si sós. Assim ele diz:

Mas as obras valem mais que os homens. As obras contam muitas vezes mais que os homens. As obras dominam muitas vezes os homens e os vigam deles mesmos. É extraordinária a vida independente das obras-primas que, feitas por estas ou aquelas pequenezas humanas, se tornam grandes, simbólicas, exemplares. (ANDRADE, 1972, p. 107).

Penso que, nas construções poéticas de Ademar Bogo, o ser humano é a centralidade da composição. É isso que o poeta busca insistentemente: colocar a vida humana em coletivo como potência de uma sociabilidade digna em detrimento de todas as outras construções humanas, inclusive da arte. Contudo, a arte tem por vezes o poder de nos revelar o desejo e a possibilidade humana pela sua própria composição, tornando-as essenciais para além do tempo histórico de sua composição.

Ao ser criado e colocado à disposição do gênero humano, no momento em que é apropriado pela vida social, um objeto artístico deixa de ser do indivíduo e passa a pertencer ao conjunto da humanidade. Assim, as obras intensificam, mas

não criam a humanidade íntima do ser social, pois esta é intrínseca ao tecido da vida humana.

O problema é que vivemos num estágio da vida social em que estamos separados dessa vivência íntegra com nossa própria humanidade. Talvez seja isso o que os poemas de Ademar Bogo tentam nos dizer: é possível reatar os laços com nossa humanidade; é preciso, através da consciência e da luta de classes superar os entraves que impedem que nossa humanidade esteja no centro de todas as ações humanas. Essa também pode ser a limitação do poema, pois é difícil se fazer entendido em meio à cultura alienante da forma burguesa e sua produção ideológica.

A configuração das imagens, um traço importante na construção poética de Ademar Bogo, pauta-se em analogias dialeticamente construídas para confirmar a formação de uma consciência que restabelece os vínculos entre a natureza e a vida social.

Por exemplo, no cordel “Cuidado com as sementes” podemos perceber que o poeta estabelece um vínculo entre a perspectiva histórica da importância da semente e sua vinculação com a vida prática dos povos que a cultivam, além de alertar para o perigo da transgenia.

O narrador lírico busca envolver o leitor através de momentos cômicos, mas de profunda preocupação social e natural das consequências sobre a privatização das sementes. No cordel, todos os sentidos são provocados para a percepção da totalidade das sensações e das ideias.

O poema/cordel apresenta, com um tom de humor, um tema muito sério, que é o processo de transformação genética que vem ocorrendo na agricultura. Mas, em vez de fazer um discurso político, acadêmico e científico, o poeta mistura conceitos formais com comparações do cotidiano dos agricultores.

Essa lógica de ordenar as palavras numa composição cordelista, apresenta o conteúdo oral como processo de desvelamento das relações entre natureza e produção humana.

O professor Antonio Candido nos apresenta uma boa definição do uso da palavra na composição do poema, para ele:

A palavra, portanto, é a unidade de trabalho do poeta, é a peça que compõe o verso. Palavra como conceito, como ligação, como matiz do conceito, como unidade sonora que desperta um prazer sensorial pela sua própria articulação: durezas de guturais, explosões de labiais, suavidades de linguais. O ritmo cria a unidade sonora do verso; as palavras criam a sua unidade conceitual; a unidade sonora e a unidade conceitual formam a integridade do verso, que é a unidade do poema. (CANDIDO, 1996, p.59).

Candido nos apresenta uma bela reflexão acerca do poder da palavra na composição do texto literário, isso nos leva a inferir que a organização das palavras em forma artística depende da escolha e da ordenação que o poeta utiliza para compor seu universo sensorial e conceitual.

Ademar Bogo, ao criar o cordel sobre as sementes, faz uma ordenação das palavras tal que o desenvolvimento lírico desencadeia uma forma estruturadamente rítmica e cadente, com rimas internas e silábicas alternadas, uma relação sequencial entre o conceito científico e a transfiguração da linguagem simples ao universo metafórico dos trabalhadores do campo.

As metáforas usadas são de frequência e entendimento simples, a sequência harmônica possibilita a apreensão do sentido e dos conceitos. A aprendizagem é absorvida pela técnica poética e o poema ensina através dos sentidos.

São 168 versos divididos em 21 estrofes de 08 versos com rimas pobres e intercaladas/alternadas, divisão silábica poética majoritariamente em heptassílabo. Essa estrutura estilística faz o cordel fluir num ritmo popular e apresentar uma narrativa cadente e contundente.

Isso é uma centralidade do cordel e uma característica dos poemas de Ademar Bogo: apresentar uma substância e qualificá-la, às vezes, apresentando alternativas coletivizadas de valores em potencial que precisam ser cultivados, em outros momentos, fala dos vícios que precisam ser combatidos de forma individual e coletiva, potencialidades entre ação política e criação estética.

Observemos alguns trechos do cordel:

Tudo o que existe no mundo

Desde o animal até a gente
 Não poderia ter nascido
 Se não fosse uma semente.
 Ela é que origina tudo
 Faz a vida continuar
 Por isso é que é preciso
 Da boa semente cuidar.

[...]

A semente e o fogo
 Eram duas preciosidades
 Quem controlasse as duas coisas
 Tinha superioridade.
 Hoje as coisas não mudaram
 Muito pra diferenciar
 Quem controla estas duas coisas
 Tem o poder de mandar.

[...]

Mas o pior disto tudo
 Ocorrerá na semente
 Dizem que vão botar nelas
 Alguns pedaços da gente.
 Já imaginaram se o homem
 No milho a fala botar
 E quando ele for pra roça
 Ouvir a plantação xingar! (BOGO, Apêndice A, p.266).

A construção estética do cordel, com todas as características metafóricas e de aliteração, dá forma a uma perspectiva histórica do cômico e do trágico, ao mesmo tempo em que busca esclarecer as possibilidades de luta pela defesa de um patrimônio que garante a soberania nacional.

A cadência sonora da oralidade vai proporcionando uma volta ao passado apresentando as relações entre posse e cuidado com os bens da natureza que serviam como base material para produção da vida humana, a métrica alternada a sempre relacionar mundo, gente, semente numa relação intrínseca de dependência, o que causaria um forte desequilíbrio social com a apropriação privada e mudanças genéticas.

Neste sentido, temos, na construção do cordel, uma síntese filosófica histórica da defesa do patrimônio social utilizada com todo o aparato mítico do universo popular, bem elaborada tecnicamente, ao ordenar um conteúdo social e um posicionamento político em defesa da vida natural e humana.

O narrador do cordel se posiciona como um contador de causo, por isso se aproxima do leitor e confessa de maneira contundente as consequências de um avanço científico levando em conta apenas o interesse do Capital e sua apropriação privada da água, modificações genéticas, utilização de venenos e destruição da biodiversidade.

O reforço sintático que o cordel apresenta liga o objeto a ser explorado com a transformação da vida, criando assim uma relação de causa e efeito, compartilhando com o leitor a responsabilidade dos atos praticados. Vejamos este trecho do poema:

É uma luta muita grande
 Que tem que levar a sério
 Para que a agricultura
 Não vire num cemitério.
 Onde a vida vai embora
 E só fica no lugar
 Um lajedo seco e duro
 Que nada dá pra plantar.

Portanto agricultores
 Preservemos esta fatia
 Porque quem perde a semente
 Perde a soberania.
 Se da semente vem tudo
 Devemos ficar contentes
 Porque seremos o escudo
 Para os nossos descendentes.

Alertar os governantes
 E todos os trabalhadores
 E dizer que carecemos
 De sementes de valores.
 Se nossos antepassados
 Nos legaram esta riqueza
 Não deixemos as empresas
 Emporcalharem a natureza. (BOGO, Apêndice A, p.267).

Existe uma construção que coloca em contradição as relações entre governantes, trabalhadores, riqueza e natureza. O narrador lírico não propõe nada de revolucionário, no sentido amplo, contudo, nasce um germe de ruptura ao conclamar o leitor para a defesa da semente como patrimônio da humanidade, para isso, usa como argumento a história.

A semente como bem da humanidade diverge da semente como mercadoria. Nesse caso, defender a natureza é defender a integridade humana. Por causa disso, o sujeito lírico vai apontando como as sociedades se comportavam diante de tal

bem, para reforçar sua defesa pelo fim da mercantilização da vida humana através dos patrimônios naturais. A relação orgânica do ser humano e do ser natural é o que mantém as potencialidades de uma vida social em desenvolvimento.

O uso da 3ª pessoa do plural condiciona a relação do poema em corresponsabilizar o leitor e convida-lo a reagir diante dos acontecimentos sociais que lhe envolve. O cordel foi criado com aliterações ritmadas que possibilitam perceber-se uma marcha gradual entre o passado e o presente.

Por acaso, as sementes como patrimônio não foram motivos de guerras, por que, na atualidade, existe uma passividade diante do que nos garante soberania, uma apatia diante das privatizações. É isso a grande questão do cordel, entre a passividade e a luta, o melhor caminho, para o eu lírico, é conhecer as transformações históricas e tomar partido nas fileiras da luta. Afinal:

Se a água for vendida
 Pras empresas do exterior
 Nós vamos morrer de sede
 Pertinho do bebedor.
 Até os animais do mato
 Com sua experiência imensa
 Para poder beber água
 Vão ter que pedir licença.
 [...]
 As empresas vão tomar
 Do povo o conhecimento
 Vão querer ganhar dinheiro
 Sem nenhum constrangimento.
 Só irão querer produzir
 Com hábito interesseiro
 Aquilo que lhes servir
 Pra poder ganhar dinheiro.

Mas quem manteve até aqui
 As sementes preservadas
 Foram os que produziram
 Sem venenos e com enxadas.
 Por isso é que se deve
 Reforçar esta amizade
 E declarar a sementes
 Direito da humanidade. (BOGO, Apêndice A, p.268).

A relação entre o conteúdo social e o engajamento político é uma tradição na poesia brasileira, a exemplo, Ferreira Gullar que também já se enveredou por esse caminho, de usar a técnica do cordel com um conteúdo programático. É um traço

característico do que é periférico em nosso sistema literário, buscar o que mais se aproxima do povo e reordenar num contexto de combatividade política.

O que Ademar Bogo faz é manter viva uma tradição brasileira. A sua singularidade, entretanto, é sua condição de militância orgânica dentro de um Movimento popular no qual as mediações entre o estético e o político serão trabalhadas em conjunto.

Para finalizar a reflexão do elemento político como estrutura e imagem no processo de construção literária, em Ademar Bogo, vejamos o poema “Antes que acabe o ano”, no qual temos uma aparente celebração dos festejos de fim de ano, contudo, o poeta busca como numa metapoesia refletir o tempo como processo que se move com elementos de conservação e ruptura.

Assim, o poeta estabelece uma relação entre o tempo como elemento histórico em progressiva expansividade e a convenção social do calendário em períodos cíclicos. Esses elementos contraditórios, mas que formam “o tecido da vida”, para usarmos uma expressão do professor Antonio Candido.

O desejo do poeta é fazer uma poesia, esse é o elemento com que o eu lírico se confronta, entre o velho e o novo existe o elemento de continuação e o desejo de ruptura e superação de algo que insiste em se perpetuar.

O universo linguístico é a relação entre o ser social e o natural, mas o que permanece é a luta para superar as desigualdades. Como a perspectiva de fim de ano, no imaginário do popular, é a de esquecer as dificuldades e os obstáculos enfrentados no ano que se finaliza, o poeta também é prospectivo, no entanto, sutilmente vai deixando rastros do que ainda não foi superado, do que ainda permanece porque não houve ruptura. Eis o poema:

Antes que acabe o ano
Farei uma poesia
Para dizer em versos
Que iremos renascer
Junto com o ano novo;
De novo...
Mas o ano velho também será lembrado
Ele é a causa presente terminando
Conhece-nos detalhadamente
E nos dá razão.
Continuará em nós

Em sabedoria e experiência
Em lembranças
Em consciência.

Antes que acabe o ano insatisfeito
E venha o ano bom
Farei uma poesia
Para zombar do tempo e da corrupção;
Zombar daqueles que pensam que venceram
Quando apenas se condenaram ainda mais
Por isto não renascerão
Nem terão um ano bom.

Antes que acabe o ano
Farei uma poesia às flores e aos amigos
Porque ambos guardaram as sementes
Para o novo plantio.
Juntos faremos as colheitas.

Antes que acabe o ano
Farei uma poesia aos novos planos
Em nome da continuação. (BOGO, Apêndice A, p. 270).

No poema acima, sentimos a necessidade do eu lírico de estabelecer um processo de conservação do tempo presente, é como se quebrasse o paradigma do mito de que o novo não tenha nada do velho.

O poema apresenta a problemática de uma vida cotidiana, que ainda não superou suas contradições. O que resta ao eu lírico é uma autorreflexão a respeito do que continuará e o desejo que venha o tempo de superar a corrupção de uma vida alienada.

Penso que esse seja o poema, entre todos os analisados do poeta, com menos rebuscamento semântico/estético, mas que tem uma composição teórica em que a questão da arte é colocada com uma sutil problematização. Isso nos faz perguntar: qual a função da arte em um mundo em que o efêmero está cada vez mais valorizado? Como fazer poesia em tempos tão reificados?

A própria arte é a resposta, em tempos de crise, a afirmação do humano como resistência está presente na transfiguração que eu lírico propõe entre o tempo presente e o novo ciclo que virá.

Embora o poeta saiba que a arte também sofre dos mesmos processos contraditórios da vida cotidiana, e quando a estagnação da consciência não permite o avanço da luta, a poesia reflete esta mesma estagnação. Porém, ao não

vislumbrar uma mudança próxima, a arte é ela mesma uma trincheira de resistência em relação às coisas efêmeras.

4.6 Figuração estética da organização e luta popular

Percorremos esse capítulo estabelecendo um processo de análise em que a dimensão da vida cotidiana é figurada nos poemas de Ademar Bogo a partir de um segmento da cultura popular substanciada na forma organizativa dos movimentos populares.

Tentamos demonstrar que a poesia participante/engajada e de homenagem em Ademar Bogo mantém uma centralidade de crítica social, mas no caso deste poeta, as bases da criticidade envolvem sua militância orgânica nos processos de luta dos Movimentos populares, em especial, o MST. É esse conteúdo sociocultural que figura nos poemas, apresentando o discurso político, a práxis filosófica e a criação estética.

O conteúdo da vida social tem uma particularidade que expressa a militância política do poeta desejando atuar na formação da consciência crítica do leitor mediada pelo poema, em que a voz lírica se relaciona com o personagem popular compartilhando o mesmo espaço de luta política e estética.

Nos poemas de homenagem, a voz lírica fala em nome do personagem popular. O que autoriza o eu lírico a falar pelo outro? Essa autorização está no caráter apontado pela relação ideológica do poeta com a individualidade a ser transfigurada esteticamente. Talvez por isso o diálogo se volte para o leitor na tentativa da voz lírica apontar os valores, praticados pelo homenageado, elevados ao patamar de símbolo na luta pela emancipação e ação ética da individualidade para a comunidade transpassada pela ideologia comunista condensada nos poemas.

Assim, considerar Ademar Bogo filósofo, militante popular e poeta, implica dizer que sua elaboração teórica e estética possui o desejo e a perspectiva de uma práxis dialética. Isso significa que os critérios filosóficos e estéticos estão voltados para formação humana e política em meio à contradição da vida cotidiana.

Isso sugere dizer ainda que, ao produzir o seus textos, o autor busca criar imagens que representem ações e valores sociais que colocam em movimento relações progressistas e contraditórios da vida em sociedade a partir do seu ponto de vista, que, em nossa análise, está alicerçado na defesa dos trabalhadores, em conformidade com a consciência de classe do poeta.

Por isso, a composição poética de Ademar Bogo traz uma perspectiva militante voltada para o engajamento político, pois o desejo do poeta é estabelecer uma elevação da consciência social que tenha como princípio a onilateralidade da sensibilidade humana.

O que nos faz lembrar uma passagem em que Lukács (2011) reflete sobre a subjetividade do artista ao compor poesia. Assim diz ele:

A subjetividade do poeta tem na lírica um significado específico, que é o fundamento deste gênero artístico. Mesmo na lírica aparentemente mais objetiva, é precisamente esta subjetividade o que se percebe de modo imediato - e, portanto, ela é o centro sensivelmente poético da obra. A diferença qualitativa em relação aos outros gêneros artísticos é constituída não pela aberta emergência da subjetividade constitutiva, mas, ao contrário, pela específica e visível ação desta subjetividade, pelo seu específico modo de existência, pelo seu papel dinâmico na própria forma da obra. (LUKÁCS, 2011, p. 246).

Nessa perspectiva, em suas produções poéticas, Ademar Bogo cria um discurso lírico com que os sujeitos do campo e a classe trabalhadora possam dialogar, no entanto, mas do que a simples retórica de classe, o poeta propõe uma nova perspectiva de vida humana, e esta consciência condensada pode interessar a todos os seres humanos.

Esse é o grande desafio dos poemas de Ademar Bogo, além de enraizar a arte como estrutura da vida social em prol de uma militância potencialmente mais humana na práxis política e estética, deve ultrapassar os campos populares e militantes para representar uma interpretação de um momento histórico da realidade brasileira, em que o consumo e a individualidade se opõem a solidariedade e valores coletivos.

A perspectiva humana torna a sua composição estética e filosófica situada num padrão linguístico acessível, sem perder as marcas sutis do intelectual. A

preocupação em estabelecer um conteúdo revolucionário em sua forma estética estabelece relações entre a imagem de um mundo do trabalho explorado com valores e consciência em estágios reificantes, mas possíveis de serem superados, nos poemas, pela utopia comunista.

Isso porque, na elaboração dos poemas, temos uma inserção ou uma proposição de que as conquistas sociais só poderão acontecer, a priori, por elementos da luta revolucionária, e, para que essa luta seja concretizada, é preciso que a práxis revolucionária esteja presente intuitivamente nas relações pessoais que implicam em ações coletivas.

Nos poemas discutidos neste capítulo, temos uma elaboração formal e técnica que vem da tradição poética brasileira, mas também internacional, de engajamento social e política, com isso mantém-se forte uma relação com a estética. A poesia precisa, antes de qualquer coisa, ser poesia. Isso implica formar os sentidos humanos, sem finalidades práticas e imediatas, como força formadora e intensificadora de processos humanizadores. Isso não significa dizer que, ao estabelecer como conteúdo uma posição de classe com intencionalidades ideológicas e políticas em defesa de uma classe, o poeta deixa de fazê-lo esteticamente com a finalidade de educar os sentidos para lutar pela emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que as forças produtivas sociais vão se desenvolvendo, os processos culturais sofrem alterações significativas. Com isso, a visão de mundo sobre a realidade histórica em que a humanidade está inserida vai se modificando, juntamente com o modo de produção material da vida social. Assim também, a arte e a literatura apareceram e se tornaram, historicamente, um modo peculiar de conhecer o mundo real com certas especificidades, diferenciando-se da religião e da ciência.

Celso Frederico sintetiza o pensamento marxista apresentando o trabalho e a arte como elementos do processo de humanização do ser social, desenvolvidas ao longo da formação histórica.

Nas palavras de Frederico:

As duas atividades – o trabalho e a arte – inserem-se no processo das objetivações materiais e não materiais que permitiram ao homem separar-se da natureza, transformá-la em seu objeto e moldá-la em conformidade com os seus interesses vitais. Como uma das formas de objetivação do ser social, a arte possibilitou ao homem afirmar-se sobre o mundo exterior pela exteriorização de suas forças essenciais. Liberta da premência da necessidade imediata pela ação do trabalho produtivo, a atividade artística surge em seguida como uma nova forma de afirmação essencial que o homem pode modelar “segundo as leis da beleza”. Ela é um novo campo de atuação que guarda uma relação de continuidade com o processo material, mas possui uma especificidade, “leis” próprias, impondo uma relação determinada entre a ideia e a matéria e exigindo um referencial específico para ser analisada. (FREDERICO, 2013, p. 44).

Sendo assim, conforme as sociedades foram ficando mais complexas a partir do desenvolvimento das forças produtivas pela ação do trabalho humano a arte torna-se uma dimensão intensificadora da forma humana. Pelo trabalho, à medida que foi transformando a natureza e o meio social, o homem foi também abrindo novas possibilidades e tornando possível a construção das bases sociais para o surgimento da arte como elemento estético. Por isso, as estruturas sociais e o seu tempo histórico são fatores fundamentais para a compreensão da totalidade estética e da visão de mundo que a obra de arte almeja compartilhar.

Com a experiência da arte, o ser humano pode abrir possibilidades objetivas e sensitivas que culminam com a ideia utópica de transformação radical da sociedade

capitalista. Através da arte, podemos sentir os desejos e angústias de uma humanidade que reflete sobre seu tempo histórico, e, ao mesmo tempo, projeta tendências de comportamentos sociais que está no horizonte futuro.

Quando um poeta consegue captar esta relação dialética entre presente e futuro no mesmo processo estético, torna-se possível ao ser humano experimentar, num mar de contradições sociais, as relações entre a aparência e substância de determinadas situações socio-históricas.

Vázquez (2011), ao estudar a questão da práxis e da estética em Marx, percebeu que a relação entre trabalho e arte possuem diferenças significativas, mas que ambas são compostas por objetivações que potencializam a intensificação do ser social em seu processo de humanização, apropriação e compreensão do mundo sócio natural. Assim diz ele:

A prática, enquanto fundamento do homem como ser histórico-social, capaz de transformar a natureza e criar assim um mundo à sua medida humana, é também o fundamento de sua relação estética com a realidade. Quando Marx fala da prática, como relação originária entre o homem e a natureza, refere-se à ação real, efetiva, do homem sobre a natureza, a qual se manifesta, sobretudo, como produção material. Essa ação, que é transformação da natureza dada, não é exigida pura e simplesmente pela necessidade de subsistir, mas antes de tudo pela necessidade que tem o homem de afirmar-se como ser humano e de manter-se ou elevar-se como tal. A prática é criação ou instauração de uma nova realidade interior e exterior. O poder de criação do homem explicita-se na criação de objetos humanizados e de sua própria natureza. O homem já é criador desde que produz objetos que satisfaçam necessidades humanas, isto é, desde que emerja de seu trabalho um produto novo, humano ou humanizado, que só exista por e para ele. (VÁZQUEZ, 2011, pp.46-47).

Com essas observações, fica evidente que o ser humano é um criador e que, ao se relacionar com o mundo natural, transforma-o humanamente conforme a suas necessidades. Contudo, ao longo da história, com o desenvolvimento da forma social capitalista, os seres humanos ao transformar a natureza estão se coisificando e alienando-se da potencialidade de humanização inseridas na categoria trabalho e na criação estética. Vivemos hoje, um avanço criativo que produz cada vez mais desumanidades.

É contra essa lógica que a luta comunista faz-se necessária, retomar a dinâmica enriquecedora de criação e humanização no mesmo processo de sociabilidade.

A arte, na medida do possível, pode nos conectar com a vida humanizada, mesmo estando imerso na malha de reificações produzidas pelo Capital. A criação estética é um reflexo da realidade objetiva e subjetiva de um tempo histórico e, ao mesmo tempo, a projeção das possibilidades de outras formas sociais. Se vivemos numa forma social que não corresponde à nossa humanidade, não significa que é o fim das formas e da criatividade humana.

Dito isto, tentamos interpretar a produção poética de Ademar Bogo como uma estrutura estética que aglutina uma disposição política/militante que busca fazer uma interpretação filosófica dos conflitos de classe, mas também condensa uma projeção da Utopia crítica, inserida nas relações periféricas do Brasil contemporâneo.

Essas preocupações são o eixo estrutural em que Ademar Bogo organiza sua produção artística. Assim, ele condensa o conteúdo crítico à sociedade capitalista numa forma em que o contexto sociocultural seja representado pelo núcleo transformador da realidade objetiva pelo poema.

Tanto que sua produção será socializada, pensando no público alvo (trabalhadores do campo e da cidade), de forma que o todo estético possa expressar além de uma posição política e ideológica, um núcleo ordenador que conecta a formação dos sentidos e a elevação da consciência de classe numa dimensão íntegra.

Se aqui for permitida uma analogia com o poeta Gullar, poderíamos dizer que o grande desejo deste era ser “Um homem comum”. Verificamos que o desejo de Bogo é ter “uma poesia comum”, no sentido do que pertence a comunidade. Mas isso não será tão simples de realizar e por vezes, sua poética oscila entre a propaganda política e a figuração artística. Isso demonstra que os limites da arte são inerentes aos limites humanos. Por isso a arte nos ajuda a entender a humanidade, nos limites individuais em meio a limites sociais.

Acreditamos que a sua construção estética é um esforço pela desalienação da vida, ou seja, busca reconectar, pela arte, o que está separado pelo mundo do trabalho. Seu trabalho artístico reapresenta, a partir dos conflitos sociais, a relação da luta popular com os sonhos de emancipação.

Os rigores metodológicos da forma artística são organizados pelo conteúdo político de maneira que o aprimoramento dos sentidos conecta a questão do trabalho como elemento criativo da luta. Nos poemas aqui analisados, apresentam-se o desejo do eu lírico em (re) construir os processos de desenvolvimento da sociabilidade humana, ora separada pela lógica capitalista.

Essa preocupação com a forma para estabelecer um fio condutor na construção artística que organize o equilíbrio entre o estético e o político sempre foi um desafio com o qual grandes escritores brasileiros enfrentaram para constituírem grandes obras.

A história da literatura brasileira confirma os desejos e as realizações que formam o reflexo de nossa realidade social pelo viés da literatura. São exemplos disso: Carlos Drummond de Andrade; com seus livros *Sentimento do mundo* e *Rosa do povo*; João Cabral de Melo Neto, com os poemas “Morte e Vida Severina”, o “Rio” e o “Cão sem plumas”; Ferreira Gullar, com os poemas “O Açúcar” e “Poema sujo”, etc.

Neste sentido é que buscamos entender quais são as qualidades estético/políticas do ‘eu lírico’ configurado na poética de Ademar Bogo e como atuam na defesa da dignidade humana. E duas categorias são essenciais no seu programa estético: A emancipação e a Utopia crítica.

As elaborações estéticas estão sempre em relação dinâmica com o contexto socio-histórico de sua produção, no entanto, se forem organizadas e hierarquizadas com determinações que apresentem como práxis a vida humana em movimento de enfrentamento de contradições, certamente ela ultrapassará os limites circunstanciais e temporais nas quais foram produzidas. Isso porque se caracterizam pelo processo de apropriação do conhecimento humano em relação ao mundo objetivo e pelo intelecto sensitivo constituído historicamente.

Acerca disso, Konder nos explica:

A evolução da percepção sensorial e do modo de intuir dos homens não se fez independentemente do desenvolvimento das faculdades intelectuais especulativas e do raciocínio abstrato. Há, na práxis humana, a par do progresso técnico, uma constante *mise au point* da atividade psíquica do homem, um afetivo desenvolvimento da vida interior dos seres humanos; um movimento anímico de que participam tanto a racionalização conceitual

como os sentimentos, a afetividade e a percepção sensorial. O desenvolvimento da faculdade de pensar por meio de conceitos não acarreta a atrofia da faculdade de sentir: o homem se humaniza tanto no raciocínio como na sensibilidade. Pensando as coisas de maneira mais correta, ele as compreende melhor e pode senti-las com maior profundidade. E, desenvolvendo sua capacidade de senti-las concreta e claramente, enriquecerá a sua reflexão a respeito delas. (KONDER, 2013, p.39).

Sendo assim, podemos citar, como exemplo, obras que são indissociáveis a relação entre racionalidade e sensibilidade, como a *Odisseia* e a *Ilíada* de Homero; *O Fausto* de Goethe; *Ilusões Perdidas* de Balzac. São todas obras que nos colocam em contato com histórias humanas, nos envolvendo na práxis sociocultural de maneira que somos convidados a reviver nosso passado humano de forma íntegra.

Essas obras encantam e emocionam gerações e gerações sucessivamente, isso porque, conforme a concepção lukácsiana, nelas estão condensadas e intensificadas de maneira artística a extensividade e a totalidade da vida cotidiana, transfiguradas em ações humanas que nos possibilitam vivenciar uma particularidade estética, em que a relação dialética entre a aparência e a essência da vida cotidiana, quase sempre ofuscada pela alienação, nos é revelada através da arte autêntica. Isso faz com que nossos sentidos sejam transformados esteticamente. Então, é possível sentir, pela arte, o núcleo da vida, ou seja: perceber relações da vida humana suspensas pela forma da alienação.

Guardada as devidas proporções e especificidades históricas, e não querendo colocar no mesmo patamar desses grandes artistas, mas analisando as obras de Ademar Bogo no contexto da nossa contemporaneidade, diferente de Homero, Goethe e Balzac, que nos possibilitam reviver momentos de nossa história passada, os poemas de Bogo buscam nos projetar para o futuro possível, um futuro que devemos construir pelas lutas do presente, de maneira tal que a sociabilidade e que a dignidade humana esteja no centro das ações criativas. O que está em jogo na arte de Bogo são evidências de forças motrizes da ação humana em desenvolvimento.

Podemos dizer que o poeta que estudamos tem uma profunda compreensão de que as ações humanas são processos históricos e que a emancipação é o resultado das ações consciente dos sujeitos históricos. Por isso, sua preocupação

com a formação da consciência de classe perpassa todas as áreas do conhecimento, em especial a filosofia e a arte.

A luta política e cultural é o campo no qual Ademar Bogo elabora tanto suas produções teóricas como artísticas para auxiliar na formação da consciência crítica dos militantes. Tentamos demonstrar que sua força estética, em certos casos, vai além da militância, sendo, por exemplo, uma obra influenciada pela heterogeneidade da organização popular dos trabalhadores, que é diferente histórica e geograficamente no Brasil.

Por isso o autor não consegue ter controle nem na intenção nem na extensão que sua obra pode delimitar. Uma vez criada, tanto a visão de mundo quanto a intencionalidade do autor ganharão o julgamento público pela autonomia exercida pela totalidade estética da própria obra. A mediação entre leitor e escritor se dará pelo poema. Essa mediação se dará por circunstâncias históricas, culturais e sociais.

Não há dúvidas acerca da posição de classe e do universo social por que transita o poeta e filósofo Bogo: sua perspectiva é a da classe ligada à luta dos trabalhadores, em especial ao dos trabalhadores rurais organizados. Este é o terreno sociocultural em que irá cultivar sua poética participante.

A estruturação poética de Ademar Bogo consolida, portanto, o ponto de vista da realidade brasileira pós-redemocratização. Ademais, reflete sobre as experiências do passado identificando contradições e possibilidades que configuraram o legado histórico e com isso analisa como esses elementos podem servir de base para novos enfrentamentos políticos.

O poeta busca organizar uma visão da realidade tendo como objetivo a formação, ou melhor, a tentativa de apropriação pela classe trabalhadora do acesso aos bens culturais, importantíssimos para a luta política e econômica. Por isso, temos, no conjunto de seus poemas, a forte presença da natureza como um referencial que está relacionado com o universo camponês, mas que também reordena a ligação entre a natureza e a construção social.

Nesse sentido é que a arte, como intensificadora da humanidade, ganha força como práxis, pois permite ao indivíduo se reconhecer como integrante da totalidade do gênero humano. Ela organiza o pensamento e os sentidos, podendo ajudar na formação íntegra da consciência crítica.

Para Lukács (2010), a arte possibilita, além da descoberta do núcleo da vida, uma visão de mundo mais qualificada, uma postura mais crítica diante dos acontecimentos cotidianos da vida, pois o leitor se depara com as ações humanas em desenvolvimento histórico, passa a enfrentar, em outro nível as contradições e tenta, portanto, superá-las.

O leitor, ou o apreciador da arte em geral, é convidado a tomar partido, a se posicionar diante da vida humana. Pela arte, ele pode por um momento experimentar as relações sociais de forma desalienada.

Sem dúvida, não basta a percepção crítica da vida pela arte para que as coisas mudem objetivamente, é preciso que a ação ética na vida concreta realize-se de fato. Por isso, núcleo e crítica são elementos intrínsecos à construção estética autêntica.

Parafraseando Marx (2010), as obras de arte se constituem por relações humanas em progresso contraditório e, quando temos contato com elas, revivemos o processo histórico como se o passado se fizesse presente e, assim, tomamos conhecimento de nossa humanidade. Lukács (1968) sintetiza isso da seguinte forma:

Nas grandes obras de arte, os homens revivem o presente e o passado da humanidade, as perspectivas de seu desenvolvimento futuro, mas os revivem não como fatos exteriores, cujo conhecimento pode ser mais ou menos importante, e sim como algo essencial para a própria vida, como momento importante também para a própria existência individual. (LUKÁCS, 1968, p. 268-269).

Neste sentido, podemos dizer que as obras de arte, e em especial a literatura, possuem uma característica realista quando é intensificada, na simbiose do conteúdo e da forma, uma particularidade estética onde a relação dialética entre o singular e o universal é transfigurada em indivíduos vivenciando situações típicas. Na poesia, por exemplo, isso se daria pelo 'eu lírico', cujas ações sociais configuram

contradições e possibilidades em um tempo histórico, apresentando conseqüentemente aos destinos humanos, pela subjetividade do poeta, as possibilidades existentes para agir conforme a visão de mundo e a necessidade histórica, ou seja, agir, segundo Lukács (1968), de maneira antropomorfizadora³⁷.

O estudo da poética de Ademar Bogo demonstrou que existe uma construção no campo poético de uma ética revolucionária que se estabelece em três momentos da luta popular, envolvendo o indivíduo, a comunidade e a organização social que defende. Esse princípio ético revolucionário vai se contrapor à ética burguesa, na medida em que a práxis comunista é ordenada como crítica da forma mercadoria através da luta política. A configuração lírica na poesia de Bogo demarca o espaço da Organização dos trabalhadores, a partir do universo camponês. No entanto, percebemos que esta figuração particulariza a singularidade da classe trabalhadora de maneira geral, como uma força que se soma a outras demandas populares.

Na atualidade, a partir da tradição modernista, em especial pela poesia, podemos dizer que o engajamento ainda mantém relevância social. Primeiro, porque o projeto de nação ainda não se realizou, mesmo que aparente não ter mais importância, no fundo, a poesia de Bogo deseja projetar essa forma social que nos constitui como sociedade. Segundo, pelas contradições da hegemonia burguesa e a fragmentação das lutas populares, múltiplas visões de mundo desencadeiam análises e críticas do atual modelo societário.

Na poesia, o engajamento parte da subjetividade do poeta inserido no seu universo sociocultural; no caso de Bogo, a Organização do MST atua como princípio ordenador de uma visão crítica da sociedade figurada por uma produção poética participante.

Se retomarmos a questão sobre a promessa do projeto de nação como um eixo que perpassa por toda a poesia engajada, podemos conectar Bogo a reflexão, pois estabelece a Utopia crítica como categoria estética que dá substância a sua poética e o elemento da ética revolucionária como ação da práxis comunista.

³⁷ **Antropomórfico:** *Antro* = Homem; *Mórfico* = Forma. Na literatura a antropomorfização representa a figura humanas individuais em ação apresentado um destino.

Podemos dizer que é por esse caminho que Bogo vai questionar a estrutura do projeto de nação e com isso ampliar o diálogo com outros extratos sociais. A grande questão que Bogo coloca é: Pode existir uma Nação soberana enquanto existirem seres humanos expropriados de sua própria terra?

Como intelectual, influenciado pela organicidade do MST, Bogo não só organiza seu pensamento filosófico, mas também atua na práxis formativa e nas ações concretas das lutas da organização. Isso influenciou suas elaborações poéticas, contaminando sua subjetividade com a singularidade da objetividade cultural do MST. Nesse processo, pudemos analisar as transformações que a relação entre indivíduo e Movimento gerou, resultando conflitos internos e externos que compõem a obra artística.

Tendo em vista que só o projeto de nação não dá conta de retomar a unidade da luta popular, Bogo retoma outra problemática para inserir sua poética nesse debate, que é a questão do projeto social comunista. O comunismo é a figuração que vai questionar as bases estruturais da sociedade brasileira, mas que, de certa forma, questiona a forma capitalista de maneira universal. A interpretação e a problematização da realidade brasileira se dá a partir da utopia, figurada em sua poética como crítica da vida nacional e projeção da emancipação, mediadas pela elevação da consciência de classe e pela luta popular organizadas por princípios revolucionários.

Com estes elementos, podemos concluir que Bogo busca estruturar os poemas em uma linguagem cotidiana, mas não estigmatizada, tentando compartilhar um universo vocabular e simbólico em que seus interlocutores possam sentir a luta e a ação ética em que o eu lírico se envolve.

Sua poesia aponta para a construção estética uma esperança cultivada através da organização política e da luta popular que move às ações, subjetivas no poema e objetivas na vida concreta, com objetivos que vão além do puramente econômico, mas que também passe pela apropriação dos bens culturais produzidos pela humanidade.

Foi possível, ao longo deste estudo, perceber que, para cada conteúdo social das relações humanas, a construção estética impõe uma forma artística. É por isso

que a literatura fala da vida humana e é indissociável das circunstâncias históricas e vivas em que foram produzidas.

Nos poemas estudados de Ademar Bogo, podemos notar a vitalidade da Mística como categoria da práxis em que a projeção de uma sociabilidade que supere a forma Capital e o Estado está na forma social da luta popular na contemporaneidade.

Como diz Lukács (1966), a arte literária envereda pelos campos do cotidiano da vida real, criando uma segunda aparência estética, onde as ações são reveladas de maneira profundamente artística, de maneira que, a vida humana, na sua essência, nos mostre as contradições de um tempo histórico, mas ao mesmo tempo, nos aponte algo novo como potencialidade em gestação e intensifique nossa humanidade, humanidade esta, que, muitas vezes, é ofuscada pela extensividade e diversidade da vida cotidiana.

Sendo assim, esperamos ter demonstrado a especificidade estética de um poeta que recoloca a dimensão da Utopia e da Mística como categorias de análise e retomada das lutas comunistas. Vivemos num tempo sombrio e de muitas derrotas para a classe trabalhadora, mas não custa lembrar que a humanidade só cria problemas que em si já tenham o cerne de sua resolução.

Retomando Aristóteles, a poesia se diferencia da história, pois esta conta como foi o passado e aquela como poderia ser segundo a verossimilhança. Aqui se encontra a poesia de Ademar Bogo. Uma configuração da vida comunista pela subjetividade de um lutador popular.

Que a Utopia e a Mística floresçam na singularidade da vida cotidiana e que os trabalhadores em marcha reconstruam a universalidade da vida no campo da liberdade e que a poesia seja alimento nessa realização histórica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Antologia poética**. 65ª Ed. Rio de Janeiro, Editora Record, 2010.

ANDRADE, Mario de. **Aspectos da literatura brasileira**, 4ª Ed. São Paulo – Ed.martins, 1972.

ARISTÓTELES, **Ética de Nicômaco**. Tradução de Cássio M. Fonseca. Biblioteca Clássica, 3ª Ed. São Paulo, 1957.

BASTOS, Hermenegildo José. A estética da mercadoria no poema “O açúcar” de Ferreira Gullar (Usinas escuras X locus amoenus). *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n.14, 2002, p. 85-93.

BOGO, Ademar. (org.). Gerações – Coletânea de Poesia. Caderno de cultura nº 1 – MST. São Paulo. 2002.

_____. **O vigor da Mística. Caderno de Cultura nº 2 – MST**. 1ª Ed. São Paulo, Associação Nacional de Cooperação agrícola – ANCA, 2002.

_____. **Organização Política e Política de Quadros**. 1ª Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

_____. **Identidade e Luta de Classes**. 1ª Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

_____. **A linguagem das mercadorias em Marx**. 1ª Ed. Rio de Janeiro, Consequência, 2015.

_____. **Marx e a superação do Estado**. 1ª Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2018.

_____. Entrevista concedida a Janderson Silva Santos. Mucuri-BA. Fev. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "B" desta tese]

BORON. Atilio A.; AMADEO. Javier; GONZÁLEZ. Sabrina (org.). **A TEORIA MARXISTA HOJE Problemas e perspectivas**. 1ª Ed. Buenos Aires: CLACSO, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2006.

_____. **Vários Escritos**. Duas Cidades – Ouro sobre azul. 1965.

_____. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações /FFLCH/USP, 1996.

CARVALHO, Luiza Helena Rodrigues de Abreu. **As características do gênero demonstrativo em Cícero, Horácio e Quintiliano**. *RÓNAI: REVISTA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E TRADUTÓRIOS* –V.2 N.1 pp. 41-54 – UFJF – JUIZ DE FORA, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005, p. 336 -7.

CEIA, Carlos. E-Dicionário de termos literários online, 25 jan. 2019. Disponível em <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hino/>, acessado em 25 de janeiro de 2019.

ENGELS, Friedrich. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico (1877)**. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para Ebook, ebook.brasil.com – Fonte digital RocketEdition de 1999 a partir de HTML em WWW.jahr.org

FREDERICO, Celso. **Lukács: um clássico do século XX**. São Paulo: Moderna, 1997.

_____. **A arte em Marx: um estudo sobre Os manuscritos econômico-filosóficos**. In: Revista Novos Rumos nº 42, 2004.

GULLAR, Ferreira. **Toda Poesia (1950-1980)**. José Olympio. Rio de Janeiro. 2004.

HOUAISS, Antônio. Introdução. In: Reunião Drummond – 10 livros de poesia. Livraria José Olympio Editora. 4ª Ed. Rio de Janeiro. 1973.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e Emancipação**. 1ª Ed. São Paulo, Expressão Popular, 2007.

LAFETÁ, Luiz. **A dimensão da noite e outros ensaios**. Antonio Arnoni Prado (org). Editora 34. Livraria Duas Cidades. São Paulo, 2004.

LEITÃO, Luiz Ricardo. **O campo e a cidade na literatura brasileira**. 1ª Ed. ITERRA, Veranópolis, 2007.

LENIN, Vladimir Ilitch. O Estado e a Revolução. Expressão Popular, 2ª Ed. São Paulo, 2010.

LESSA, Sergio. Ética e Marxismo. In.: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/debate33104_merge_d.pdf ano: 2002. Acessado em 30/03/2017.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Marxismo e Teoria da Literatura**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Ensaio sobre literatura.** Coordenação e prefácio de Leandro Konder. Volume 58. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1965.

_____. **Estética. Tomo II. La Peculiaridad de lo Estético. 2. Problemas de Mimesis.** Traducción castellana de Manuel Sacristan. Ediciones Grijalbo, S.A. Barcelona – México, D.F, 1966.

_____. **“Concretização da particularidade como categoria estética em problemas singulares”.** *In: Introdução a uma estética marxista.* Sobre a categoria da particularidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Arte e sociedade: Escritos Estéticos 1932 -1967.** Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. **Cultura, arte e literatura:** Textos escolhidos. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Manifesto Comunista.** Tradução: Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política.** 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **O capital - crítica da economia política - volume i livro primeiro - o processo de produção do capital - tomo 1.** Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Editora Nova Cultural - Círculo do Livro. São Paulo – SP, 1996.

_____. **A Questão Judaica.** Tradução: Sílvio Donizete Chagas. Editora Centauros, São Paulo, 2005.

_____. MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel,** tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus, 2.ed revista, Boitempo - São Paulo 2010.

MELO NETO, João Cabral de. **Poesias completas (1940-1965).** Editora Sabiá. Rio de Janeiro, 1968.

STEDILE, João Pedro. FERNANDES, Bernado Mançano. **Brava Gente – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil.** 1ª Ed. 1999, 3ª reimpressão 2005, Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2005.

TEIXEIRA, Ivan. **Retórica e Literatura.** Fortuna Crítica. CULT Revista. PP. 42-45. São Paulo, Julho de 1998.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

VERÍSSIMO, Érico. **Breve História da Literatura Brasileira.** Editora Globo. 3ª Ed. São Paulo. 1996.

APÊNDICE A – Poemas de Ademar Bogo**HINO MST**

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Braços Erguidos ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Nossa Força regatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Pátria Livre! Venceremos!

POEMAS ENGAJADOS

MARCHAR E VENCER

Abriu-se para nós
 Nesta fresta de tempo ao fim do século
 A possibilidade de dizer:
 Que fome, miséria e tirania não são heranças

Heranças são as obras, são os feitos, são os sonhos
 Desenhados pelos pés dos velhos caminhantes
 Que plantaram na história sementes de esperança
 E nos legaram a tarefa de fazer
 Através da luta, o caminho de vencer.
 Marchar é mais do que andar
 É traçar com os passos
 roteiro que nos leva à dignidade sem lamentos.
 As fileiras como cordões humanos
 Mostram os sinais dos rastros perfilados
 Dizendo em seu silêncio
 Que é preciso despertar
 E colocar em movimento
 Milhões de pés sofridos, humilhados em todo o tempo
 Sem temer tecer a liberdade.
 E nessas marcas de bravos lutadores
 Iniciamos a edificação de novos seres construtores
 De um projeto que nos levará à nova sociedade.
 Marchamos por saber que em cada coração há uma esperança
 Há uma chama despertada em cada peito
 E a mesma luz é que nos faz seguir em frente
 E tecer a história assim de nosso jeito.
 A dor, a fome, a miséria e a opressão não são eternas
 Eternos são os sonhos, a beleza e a solidariedade
 Por estarem ao longo do caminho de quem anda
 Em busca da utopia nas asas da liberdade.
 As marchas alimentam grandes ideais
 Porque grande é o sonho de cada caminhante
 Que faz nascer do pranto a alegria
 Da ignorância a sabedoria
 E das derrotas vitórias triunfantes.
 Venham todos! – Dizem nossas bandeiras
 Que se balançam como chamas nas fogueiras
 E queimam as consciências de nossos inimigos
 Que fazem da pátria galhos onde se aninham
 Abutres que comem:
 Das fábricas os empregos,
 Dos hospitais os remédios e a saúde
 Das escolas as letras que educariam a juventude,
 E da terra o direito de viver a liberdade.
 Assim a pátria passa ser de propriedade

Privada, escravizada e obrigada
 A entregar aos filhos logo ao nascer
 A incerteza de passar o dia e não ver o anoitecer.
 Marchar se faz necessário
 Para espantar os abutres desta estrada
 E construir sem medo o amanhecer.
 Pois, se eternos são os sonhos
 Eterna também é a certeza de vencer.

A MORTE

Quando a morte leva embora militantes;
 Nos perguntamos se não haveria um jeito,
 Uma saída, de impedir que isto tivesse acontecido?
 É o carro que bateu e
 Atingiu os viajantes...
 Uma bala, um acidente, uma fatalidade...
 E lá se vão anos e anos de preparação
 De treinamentos, de práticas feitas e refeitas.
 E nesta hora prometemos cuidar mais...
 Zelar mais dos corpos que carregam a ideologia
 O Saber e a sabedoria.

Morrer é sempre desastroso
 É uma transformação violenta
 Despedaça-se o que foi feito
 Em um relance de instante.
 Mas depois do susto
 Nos encorajamos novamente...
 Porque sabemos que da morte alguma coisa sobra.
 Alguma coisa escapa...
 Alguma coisa vive.
 E mais ainda: há coisas e coisas que revivem!
 Revolvem mansamente no retorno.

Aí então aparece o que era para sobrar
 O bom que deveria ficar...
 Fica ainda mais valorizado.
 Então definimos entre lágrimas
 Quem fora, quem foi.

Aí é que descobrimos o que a morte nos tirou
 E depois nos deu de volta
 Um ser mais qualificado
 Mais valorizado de valores.
 E assim vamos repetindo
 Sempre perdendo e readquirindo
 Exemplos de lutadoras e lutadores.

TERRA SERTANEJA

Somos milhões de companheiros e companheiras buscando a libertação da terra, de homens e mulheres em um país onde a terra vale ouro e os seres humanos, alguns gramas de chumbo moldados em balas que fazem sangrar o destino do nosso povo sofredor!

Na arte de resistir às tentativas da destruição dos nossos sonhos, trincheiras da criatividade, se revela a rebeldia dos poetas e dos cantadores filhos da terra e da esperança no palco imaginário para onde marcham as colunas dos grandes guerreiros e lutadores sem terra.

A terra no seu suspiro nos abençoa e agradece através das nuvens de poeira provocadas pelos rígidos pés descalços que seguem destemidos, construindo esta grande irmandade de companheiros em busca da dignidade perdida. Seguimos cantando.

Na poesia do cantador se misturam o desejo da terra de homens na grande sinfonia da esperança que aponta o horizonte e o longe fica perto quando se caminha adiante.

As cordas movem paixões. O sentimento, as pulsações, o sonho de vencer, os corações. Cantar pois é mais que um prazer quando as vozes brotam de forças em movimento que ao som suave de belas melodias elevam foices e facões rompendo cercas, retirando morões para ver nascer o novo dia.

Assim a terra se converte em causa, a liberdade se converte em sonho, o grito forte se converte em guerra e o povo todo segue um só caminho na trilha estreita plantando futuro.

Que a noite escura da dor e da morte passe ligeira, que o som dos nossos hinos anime nossas consciências e que a luta redima nossa pobreza, que o amanhecer nos encontre sorridentes festejando a nossa liberdade.

<http://nuestravictoria.blogspot.com.br/2012/01/terra-sertaneja-por-ademar-bogo.html> acessado em 26/05/2016.

CUIDADO COM AS SEMENTES

Tudo o que existe no mundo
Desde o animal até a gente
Não poderia ter nascido
Se não fosse uma semente.
Ela é que origina tudo
Faz a vida continuar
Por isso é que é preciso
Da boa semente cuidar.

Desde os tempos mais antigos
Que se conhece a cultura
A semente que alimenta

Inventou a agricultura.
Assim o povo viveu
Fazendo o plantio na terra
E pra garantir a espécie
Muita gente até fez guerra.

A semente e o fogo
Eram duas preciosidades
Quem controlasse as duas coisas
Tinha superioridade.
Hoje as coisas não mudaram
Muito pra diferenciar
Quem controla estas duas coisas
Tem o poder de mandar.

Vejam se não é verdade
Com tanto conhecimento
Tem gente que está querendo
Mudar a semente por dentro.
O petróleo virou fogo
Incendiando o mundo inteiro
Se continuar assim
O mundo vira o braseiro.

Com tanta modernidade
Deram então de inventar
Veneno de todo tipo
Para nas roça jogar.
Matando tudo o que é inseto
Sem ter preocupação
Como se o homem quisesse
Combater a criação.

Atacam de dia e de noite
Todas as espécies de vida
Até a água dos riachos
Está sendo poluída.
Não dá sequer pra beber
Chega até dar calafrios
Porque tem gente falando
Que vão prizatizar os rios!

Se a água for vendida
Pras empresas do exterior
Nós vamos morrer de sede
Pertinho do bebedor.
Até os animais do mato
Com sua experiência imensa
Para poder beber água
Vão ter que pedir licença.

Mas o pior disto tudo
Ocorrerá na semente
Dizem que vão botar nelas
Alguns pedaços da gente.
Já imaginaram se o homem
No milho a fala botar
E quando ele for pra roça
Ouvir a plantação xingar!

Isto já está acontecendo
Não é brincadeira não
Dizem que já tem arroz
Com gosto de camarão.
É tanta coisa absurda
Que tudo vai ser mudado
Daqui a pouco o feijão
Já é colhido temperado!

Estas invenções faladas
Que ferem crentes e ateus
É que as empresas malvadas
Deram pra brincar de Deus.
Vão misturar as espécies
Numa salada total
Daqui a pouco não se sabe
Se é animal ou vegetal!

E se fizerem às pessoas
Com pedaços de animais
Já imaginaram que encrenca
Vão enfrentar os casais?
De noite no quarto escuro
Se a mulher ouvir um latido
E olhar debaixo da cama
O cachorro de seu marido.

Vai ter coração de boi
Batendo em peito de gente
Veias de bodes nas pernas
Pra ficar mais resistente.
Agora, o que preocupa
Se neste ritual louco
Junto com o órgão for
Também o espírito do porco.

Se começar a nascer chifres
Vai ser um gesto polêmico
Ninguém sabe se é traição
Ou se é um produto transgênico!

De qualquer forma é um perigo
Essas mudanças a toa
Porque não usam a ciência
Para fazer coisas boas?

Isto tudo é muito sério
Pra não dizer comovente
Porque vão botar veneno
No miolo da semente.
Ela germina drogada
Que é pra ser mais resistente
Crescerá contaminada
Esta planta diferente.

E quando chegar a colheita
Será a vez de ir pro mercado
Vender a droga produzida
Pra alguém especializado.
Pois mudará a cultura
Não terá mais comerciante
Porque quem droga circula
Só pode ser traficante!

E o lugar de comprar drogas
Não será tão diferente
Vão continuar expostas
Nas bancas do Shopping Center.
Isto é o que irá acontecer
Neste país brasileiro
Simplesmente por deixar
Entrar o invasor estrangeiro.

As empresas vão tomar
Do povo o conhecimento
Vão querer ganhar dinheiro
Sem nenhum constrangimento.
Só irão querer produzir
Com hábito interesseiro
Aquilo que lhes servir
Pra poder ganhar dinheiro.

Mas quem manteve até aqui
As sementes preservadas
Foram os que produziram
Sem venenos e com enxadas.
Por isso é que se deve
Reforçar esta amizade
E declarar a sementes
Direito da humanidade.

É uma luta muita grande
Que tem que levar a sério
Para que a agricultura
Não vire num cemitério.
Onde a vida vai embora
E só fica no lugar
Um lajedo seco e duro
Que nada dá pra plantar.

Portanto agricultores
Preservemos esta fatia
Porque quem perde a semente
Perde a soberania.
Se da semente vem tudo
Devemos ficar contentes
Porque seremos o escudo
Para os nossos descendentes.

Alertar os governantes
E todos os trabalhadores
E dizer que carecemos
De sementes de valores.
Se nossos antepassados
Nos legaram esta riqueza
Não deixemos as empresas
Emporcalharem a natureza.

In: <http://wiki.softwarelivre.org/Sementes/Noticia20050617030912> Acessado em 20/03/2015.

SOMOS ESTE MOVIMENTO

Quando a gente descobre
que tem um caminho
já não quer ficar sozinho
nem o sofrimento
e ao redor de uma bandeira
e cheiro de fumaça
balançando com a massa se
faz movimento.

E ninguém foge da luta
Mostrando o que gente é
Enfrentando a força bruta
Remando contra a maré
Somos como o mar revolto
Que arrasta o pescador
Somos este movimento
Por fora e por dentro

Vermelho na cor
Que se faz com a bravura
A força e a ternura
Do trabalhador.

Todo dia é aniversário nesta
caminhada
Porque em cada pegada se
faz o destino
Os anos parecem curtos
mantendo a memória
Traçamos cada vitória ao
som de nosso hino.

Olhando para o futuro e
sempre caminhando
Cada um vai encontrando a
razão de ser
Homem, mulher e menino
lutando e cantando
Assim se faz a história
aprendendo a fazer.

In: http://levantepopulardajuventudern.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html Acessado em
20/03/2015

ANTES QUE ACABE O ANO

Antes que acabe o ano
Farei uma poesia
Para dizer em versos
Que iremos renascer
Junto com o ano novo;
De novo...
Mas o ano velho também será lembrado
Ele é a causa presente terminando
Conhece-nos detalhadamente
E nos dá razão.
Continuará em nós
Em sabedoria e experiência
Em lembranças
Em consciência.

Antes que acabe o ano insatisfeito
E venha o ano bom
Farei uma poesia
Para zombar do tempo e da corrupção;
Zombar daqueles que pensam que venceram

Quando apenas se condenaram ainda mais
 Por isto não renascerão
 Nem terão um ano bom.

Antes que acabe o ano
 Farei uma poesia às flores e aos amigos
 Porque ambos guardaram as sementes
 Para o novo plantio.
 Juntos faremos as colheitas.

Antes que acabe o ano
 Farei uma poesia aos novos planos
 Em nome da continuação.

In: <http://prestesaressurgir.blogspot.com.br/2009/12/antes-que-acabe-o-ano.html> Acessado em
 25/03/2015

BAHIA – 1998

Poema criado durante a marcha realizada na Bahia

Que diremos aos nossos filhos?
 Quando acabar a comida,
 Quando acabar o trabalho,
 E a esperança de vida?
 Que os governantes são bons?
 Que os policiais são amigos do povo?
 Que caixões de companheiros assassinados
 São a vontade do Criador?

Se assim fizermos
 Um dia faltará
 Comida.
 Já não terá esperança.
 Nem nossos filhos com vida.
 que diremos então?
 Que tudo é dos senhores?
 Que somos todos irmãos?
 E só morrem sonhadores?
 Não!

Já não podemos calar.
 Chega o tempo de vencer,
 Chega o dia de lutar,
 Sem morrer.
 A única forma de vencer a morte
 É enfrentá-la.
 único jeito de vencer é lutar,
 único modo de fazer justiça,

É continuar lutando.
Assim viveremos eternamente.

In:<http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.php?rd=POEMWRIT152&ng=p&sc=2&th=28&se=0>
Acessado em 02/02/2017

A ARTE DE GERAR

A poesia é o suspiro apaixonado que sai naturalmente como o hálito perfumado da boca daqueles que teimam levar o corpo através de passos firmes, para construir o futuro por onde passarão as futuras gerações.

Deixaremos como herança aos que ainda vão nascer, para que sintam através do coração, o perfume de cada passo dado como cicatrizes abertas no tempo de cada existência.

Somente produz poesia quem sabe sentir e herdar as poesias já produzidas pela vida da natureza e da humanidade. É o coração quem alerta o caminhante dizendo que:

Há uma flor desabrochando
há uma árvore dormindo
há uma montanha gritando.
há nuvens e arco-íris
há ternura e paixão
há fome, gente morrendo
há dor dentro da canção.
há lábio aberto sorrindo
há povos em procissão
há guerras no tempo indo
há luar cá no sertão.
há seresteiros cantando
há casais de bicho amando
há sonhos no coração...

A poesia é como o mar, que transforma sua prepotência em humildade, prostrando-se aos pés das montanhas, a esperar que a água doce da serra venha lhe matar a sede. O mar não destrói a montanha, porque sabe que não teria mais onde encostar a cabeça na hora que quisesse descançar do balanço das ondas. Assim como a poesia preserva a Vida para que esta se deixe alimentar por ela.

A beleza, cansada foi embora, descansar nos acampamentos dos Sem Terra, à espera de que a terra devolva-lhes o espaço para deixar nascer sementes de beleza e sensibilidade, para germinar um, futuro de paz e solidariedade.

Neruda, Drummond, João Cabral, Marighella, Casaldáliga... renascem na sombra das lonas pretas e se transformam em sonhos naqueles que aprenderam a amar a vida, olhando para um ponto imaginário do horizonte utópico, onde descansa a hora da chegada.

Nós estamos aqui. Nós queremos sonhar e mostrar as belezas que há nos labirintos de nossa existência.

Um dia entenderemos as flores, quando elas nos dirão que, só pode produzir perfume quem não teve medo de se deixar florescer.

1 "Região pouco povoada do interior [do Brasil], em especial, a zona mais seca que é a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001).

É TEMPO DE COLHER

Há momentos na história
Em que todas as vitórias
Parecem fugir da gente
Mas vence quem não desanima
E busca em sua auto-estima
A força pra ser persistente

Regando o deserto da consciência
Um novo ser nasceu,
É hora de ir em frente companheiro
Você é o guerrilheiro
Que a história nos deu.

Regamos o deserto da consciência
Um novo ser nasceu
É hora de ir em frente, companheira
Você é a guerrilheira
Que a história nos deu.

In: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.phtml?rd=ITSHARVE955&ng=p&sc=2&th=21&se=0> Acessado em 20/03/2015

O NOVO HISTÓRICO

Quando os olhos de Darcy Ribeiro bateram nos vergões da história brasileira
Provocados pelas chibatas e torturas praticadas contra os antepassados
Lamentou como qualquer outro visualizador bem comportado;
Mas, com o pranto nos olhos fez a síntese de algo que estava mal contado.
Olhou por baixo dos massacres, das dores e dos acintes
E encontrou as raízes de um povo feito sem pecado.
Eis a grande diferença das nações castigadoras e egocêntricas
Que moralmente cerziram a crueldade, como um direito da civilização;
O "povo novo" sob a língua ardida das chibatas
Fez o selvagem se tornar sujeito
Fez o amor jorrar sem preconceito
E surgir, mesmo que fosse um cativo, um servente um dominado...
Uma semente de um povo, solidário, solícito e ambientado.

Não tinha medo, pois se fora das senzalas os carneiros
 Não controlavam as selvas nem o espírito criador,
 Onde namorava a biodiversidade com seus ventres e pernas enrijecidas
 E sob os olhos do Capitão do Mato, do feitor e do próprio proprietário enciumados
 Índios, negros e brancos fugitivos, se mestiçavam como as plantas florescidas
 Acasalando o pólen para a fecundação,
 Compartilhando a genética de matrizes coloridas.
 E a mestiçagem corroe com a alegria as entranhas do poder envelhecido
 Mostrando que dançar, cantar e trabalhar era o fluir da mesma atividade;
 Era a cultura da natividade, que nascia com a nação e perdoava o malfeitor
 Por ser ingênuo, fraco, malquisto o invasor...
 Não percebia que as proibições, as torturas e as restrições...
 Não conseguiam fechar os corações e proibir de praticar o amor.
 O princípio, na costa brasileira,
 Quando se defrontaram duas visões de mundo:
 Os Selvagens e os Civilizados.
 Na consoante inicial ficara demarcado
 O que cada uma das visões representava.
 O selvagem: solidário, sensível, sorridente, sábio e servidor...
 O civilizado: cruel, criminoso, carrancudo, carrasco, corrupto e castigador...
 Uns puros, livres e nus; outros pecadores, opressores, vestidos, ali se defrontaram.
 E ninguém naquele instante se dera por vencido,
 Até hoje estes projetos se confrontam
 Mas o novo que os valores dos selvagens ainda apontam, são muito superiores.
 Por isto, nós, os descendentes de todas as gerações de lutadores
 Trazemos a tradição segura e preservada.
 É o novo, é a história reencarnada
 Na memória, nos gestos e nas vivências.
 Darcy, com sua onisciência, vive em cada leitura repetida
 É o novo da história revertida
 Se fazendo na pele renovada da ferida.

In: <http://refletindomuito.blogspot.com.br/2010/10/homenagem-darcy-ribeiro-e-ao-povo-novo.html>
 Acessado em 27/03/2015

OS SONHOS QUE FLORECEM

Enquanto sonhamos, eles arrastam as correntes para que nos mantenhamos acordados.

Enquanto espantamos as moscas do alimento, eles sujam as dependências da terra tornando-a inútil para a vida.

Mas nós nos levantamos e dizemos:

O tempo há de ferver revoltas por todos os lugares
 Os braços empunharão bandeiras e propostas
 E os olhos verão o dia antes da escuridão clarear.

Então as leis serão inúteis

As forças repressoras perderão as funções
Os juizes partirão para os confins escuros e vigiarão as celas de si próprios.

O tempo nos pede resistência
Coragem e muita fé.
Não se deixar vencer é o primeiro compromisso com as gerações que
Ainda não nasceram.

Eles podem martirizar o corpo, mas jamais impedir que desabrochem os sorrisos
que floresçam as ideias e a solidariedade.

Um dia, as dores se tornarão saudades
Os medos se tornarão canções
e os povos dançarão em liberdade.

Força! Coragem! O sol logo virá
E nos encontrará com a cabeça levantada
Olhando nos olhos do opressor
Eles tremem diante de nossa dignidade
Sabem que não podem prender os sonhos
E nem aqueles que os fazem florescer.

PALAVRAS DE ÂNIMO

Quando a dor bater em nossa porta
E sem razão fazer a lágrima surgir;
A fatalidade, momentaneamente triunfou.
Mas a dor que leva embora a alegria
E deixa as faces, pálidas, entristecidas:
Nunca é maior do que a força da vida.
Não é maior porque a vida veio por primeiro
E segue combatendo a dor
Vencendo-a no final.
Porque, por mais que ela nos faça o mal,
Com seus rompantes desequilibrados
Ensina-nos o caminho do verdadeiro amor.

Para quem vive e luta
Batalhas são batalhas em qualquer sentido:
Seja na grande guerra universal
Ou na dolorosa resistência individual.
Em tudo há defensiva e ofensiva...
Avanços e recuos...
Pressa e paciência...
Vence aquele que tem a alma mais altiva,
As forças aliadas, mais sensíveis
Os sonhos e os desejos impossíveis
Trazidos para perto da consciência.

É nas batalhas que se temperam as condutas
 E nas trincheiras se decidem os destinos
 Se um covarde não saboreia nunca o gosto da vitória
 São os heróis que as saboreiam, aos sons dos hinos.

Por isto é que a vida se estende com batalhas:
 Às vezes, insurgindo-se, salva-se um batalhão!
 Às vezes, arrastando-se, salva-se só um soldado...
 Mas é o soldado de um novo batalhão.

E assim a vida segue ao fio da espada
 Nas asas das abelhas e dos beija-flores
 Na mão amiga da mulher amada
 Nos braços solidários de muitos lutadores.
 Feliz é aquele que valoriza a dor
 Que conta e mostra aos outros a dor que sente
 E que acredita, mesmo que machucada
 A vida deve ser levada em Frente!

Em 14/11/2010

Ao companheiro, Wilson Santin, que passa pela provação da intolerável dor, para que tenha ânimo de ultrapassar este penoso tempo. Que seja, nesta hora, ainda mais exemplo, do novo ser humano que já é, para que as futuras gerações se orgulhem de serem, simplesmente, herdeiras de seu testemunho/testamento.

ÁGUA DA RAZÃO

Há lágrima chorada
 Que nunca diz nada...
 É lágrima só, De pena ou dó...
 Lágrima chorada
 Em qualquer idade,
 Pode ser falsidade...
 Pode ser de amizade...
 Ou felicidade.
 Lágrima chorada
 No olhar da criança,
 É sempre esperança.
 Lágrima chorada
 Nos olhos do idoso,
 É esperançoso...
 É também perigoso
 Porque é amoroso,
 E traz confiança.
 Choro a contragosto
 É o coração exposto!
 É a ideia no rosto!

É o protesto ao imposto!
 É a voz da razão.
 É a água sem mágoa!
 É a dor que deságua!
 Desde o coração.
 Se o choro é divino
 Cada gota é um hino
 Tocado no sino
 Da convocação.
 É a força! A verdade!
 O protesto! A piedade!
 É a dor na emoção.
 Mas a lágrima quente
 É quem rega a semente
 Da libertação.
 Solidário de novo
 Pelas palmas do povo
 Tens a gratidão.
 Com olhos aflitos
 Digamos: Malditos!!
 Os que fazem chorar
 Por querer distanciar
 Um abraço entre irmãos.

(Homenagem ao Leonardo Boff pelo impedimento à visita ao Lula)

LADAINHA AO MORO

Pelo seu poder asqueroso e caricato;
 Receba os nossos atos...
 Porque ninguém é grande que não sinta temor,
 Mesmo que tenha o Estado a seu favor.
 Pelos seus ganhos e perdas;
 Receba a unidade das esquerdas...
 Porque, o que o povo uniu,
 Nenhum satanás jamais desuniu.
 Pelas suas segundas intenções;
 Receba as nossas mobilizações...
 Porque, “se a verdade é por nós,
 Quem será contra nós?”
 Pelo seu capricho obcecado;
 Receba os movimentos revoltados...
 Porque ninguém passa sem impunidade,
 Quando as consciências descobrem a verdade.
 Pela sua devoção ao imperialismo;
 Receba esta aula de civismo...
 Porque ninguém pode ser tão pessimista,
 A ponto de não ser mais nacionalista.
 Pela sua doentia parcialidade;

Receba as lições de solidariedade...
 Porque ninguém será injustiçado,
 Enquanto houver o mundo do seu lado.
 Pela sua maléfica arrogância;
 Receba a reação da militância...
 Porque, se ninguém está acima da lei para respeitá-la,
 Ninguém estará acima também para aplicá-la.
 Pela sua roupa preta e nostalgia;
 Receba o vermelho da alegria...

Porque, se a luta a causa enaltece,
 As cores revelam o que o espírito tece.
 Pelo seu espírito rancoroso;
 Receba o nosso grito vitorioso...
 Porque, por cada músculo da face enrijecido,
 Há mil sorrisos sorrindo ou já sorridos.
 Pela sua ignorância radical;
 Receba a unidade internacional...
 Porque, se o mundo é uma unidade,
 A justiça virá pela mão da humanidade.
 Pelas suas inescrupulosas decisões;
 Receba todas as maldições...
 Porque, maldito será o juiz e todos os demais,
 Que acima da justiça colocam os tribunais.
 E, pelo seu ego decadente;
 Receba outra vez, o Lula presidente!

O LUTO NA LUTA

Correram pelos montes
 Criando grandes fontes
 De lama de minérios.
 Enquanto escavavam
 Em silêncio preparavam
 Imensos cemitérios.
 Um manto de rejeitos agora cobre o peito
 Daqueles que não tiveram sorte
 Em desafiar “a própria morte”.
 “Ó pátria amada, idolatrada, salve! Salve!”...quem puder;
 Porque “a terra desce” afogando quem não merece.
 Rejeitos cheios de desrespeito tomam a iniciativa
 E descem pelos vales como as locomotivas
 Aterrando e enterrando, os dado como desaparecidos.
 “Deitados eternamente em berço esplêndido”
 Cobertos por um lençol de 12 milhões de toneladas
 Serão com toda a honra refinada...
 Contados! Lembrados! Não chorados! E esquecidos?
 Lá de fora, agora, nos mandam condolências
 Com as ferragens rondando as residências.
 Ninguém quer abrir mão das benesses da “civilização”.

O meio ambiente de certo é só a metade...
 Deve ficar restrito a algumas reservas florestais.
 Onde existem riquezas minerais
 Não cabem as relações cordiais.
 Mariana e Brumadinho, acasalados
 A espera de serem imitados.
 O lucro em meio à lama
 No lodo se esparrama.
 A vergonha não chorada
 Exposta e privatizada
 Pelos donos da civilização
 Que teimam em continuar e ter razão.
 É a lama da ordem e do progresso
 Que espelha o retrocesso.
 Quem dá mais pelas ações da vale? -
 Perguntavam os privatistas.
 E agora, como culpar os comunistas
 Se a lama é toda dos capitalistas?
 Malditos sejam todos os homicidas!
 Que o martírio provocado
 Lhes seja multiplicado
 No tamanho dos lucros financeiros.
 Quanto a nós, o povo brasileiro;
 (pelos lamaçais ameaçados)
 Melhor é lutar mesmo enlutados
 Do que esperar pelo dia de sermos soterrados.
 A Vale não vale uma vida perdida!!

POEMAS DE HOMENAGEM

A VIDA QUE VALE A PENA

Quando a humildade entrou na militância,
 Antônio se fez ação.
 Aceitou o desafio de ser um rio
 E por si mesmo fez a navegação.

Fez o ritmo e o compasso
 Entregando os anos, passo a passo...
 Fazendo a cada dia
 (Com seu desprendimento)
 A sabedoria do engajamento.

Fez-se também pela simplicidade
 (ora massa, ora fermento)
 Sem exigir nem reclamar...
 A sua própria identidade

Tornando a militância o próprio lar,
 A própria casa e moradia.
 Sofreu a dor e o temor
 Da escura madrugada
 Sem deixar de acreditar que raiaria o dia.

Cultivou com seu jeito simples a utopia
 A esperança e os valores;
 Como a semente que surge com as flores
 Soube despojar-se de todas as pretensões.
 Sonhou e fez sonhar os corações
 Como parte acompanhante de um projeto.
 Fez-se, com o estilo mais discreto
 Um grande exemplo de amigo e companheiro.

Na carência, foi celeiro;
 Na penúria, sempre foi solidário.
 Na missão, foi como um missionário
 Que cresceu e viveu em todos os espaços...
 Foi alento nas horas de cansaço
 E festivo na hora da alegria.
 Como o Sol que nasce a cada dia
 Transmitiu energia o tempo inteiro.
 Será sempre para as novas gerações
 Que haverão de lembrá-lo para as multidões
 Um exemplo, de pai, irmão, amigo e companheiro.

A HUMANIDADE AGRADECIDA

Uma breve pausa e seguimos;
 Que a revolução bolivariana não descansa
 Se ela despertou-nos a esperança
 Também nos manterá em movimento.

Com duros golpes e enfrentamentos
 Forjou o povo o destino e a consciência
 Com seu líder, passo a passo e com paciência
 Criou o socialismo à sua maneira;

Se hoje chora a cordilheira
 É porque muito já foi feito;
 Na história, sabe o povo que para ter respeito
 Precisa impor a própria autoridade,
 Fazer com ela um sonho de liberdade
 E cultivar a confiança dia após dia;

Mas se a morte nos rouba alegria;
 A esperança alenta os corações,
 De que a herança das futuras gerações

Planta-se com as mãos do próprio povo;
Se não faz bem, desmancha e faz de novo

Mas os plantios nunca negam suas colheitas
E em cada ciclo de experiências feitas
Reproduzem as sementes do futuro:
Elas germinam com o escuro
E crescem com a claridade;
Crescidas distribuem a autoridade
Porque a autoridade por elas foi criada
E pode ser agora partilhada
Desde a Cordilheira até o Mar.

Vai, comandante descansar!
A tua parte heroicamente foi cumprida
A humanidade se sente agradecida
Por tê-lo tido como companheiro;
Serás lembrado no futuro o tempo inteiro
Pela sua enérgica teimosia;

Se com lágrimas tecemos a homenagem
Te garantimos que não nos faltará coragem
De seguirmos construindo a utopia.

Vai comandante a teu descanso!
Cultivaremos cada passo, cada avanço...
Com toda força da Via Campesina.
De teus exemplos, seremos seguidores:
Nunca servir aos impérios e aos senhores
E libertar toda a América Latina.

Se com Bolívar aprendestes a lutar
Contigo aprendemos a sonhar
E a construir nossa dignidade.
Vivo estarás em cada reação
Nos sentiremos levados pela mão
Para voar contigo nas asas da liberdade.

acessado em 20/03/2015 <http://refletindomuito.blogspot.com.br/2013/03/a-humanidade-agradecida-poema-de-ademar.html>

OS NOSSOS OLHOS AINDA VERÃO POR TI

Quando a morte fria e traiçoeira
Faz um estrago em nossas fileiras
Lembremos que pela vida inteira
A força apaixonada e militante
Ergueu com a mística de um amante
O símbolo colorido da bandeira.

Agora, já não vê, mas ainda sente...
 O barulho dos passos ainda quentes
 O trilhar da disciplina do fazer...
 Comportado como um soldado exposto
 Ocupou com humildade cada posto
 Sem com tudo apossar-se do poder.

Fique companheiro! Fique!
 Nas palavras delicadas das crianças...
 Nas histórias dos adultos e suas lembranças...
 E na terra, nas raízes dos ervais.
 Fique companheiro! Fique!
 No lamento da boca entristecida
 Na beleza das coisas construídas...
 No cantar dos canários e dos pardais.
 Fique como um marco na fronteira
 Demonstrando que as divisas e barreiras
 Não impedem as relações cordiais.

Agora, o descanso é merecido...
 Obrigado por um dia ter nascido
 E se tornado o nosso companheiro.
 E se algo ficou para ser feito
 Não se lastime, daremos um jeito
 De transplantar as mudas dos canteiros.

Fica conosco o que tocou a tua mão,
 A condução da cooperação...
 E a construção da consciência humanista.
 O agir intenso sem desconfiança
 O alimento do sonho e da esperança
 De ver um dia a pátria socialista!

A história segue e nós também seguimos
 Levando em mente, e a ti insistimos:
 Olhai por nós, com força incendiária.
 Que nossos olhos possam ver por ti
 A terra inteira livre e a florir
 Pela conquista da reforma agrária.

SUSPIROS LUSITANOS

Se um suspiro, leve e lusitano
 Zumbir nas almas das nações imensas
 É o comunista que para além das crenças
 Silenciosamente da vida física se dispensa.

Vai pessoalmente viver a eternidade
 E olhar de perto na tez do criador
 Que pelas criaturas foi subjugado
 E obrigado a justificar o horror.

Irá verificar que as guerras entre os deuses não existem
 Pois são apenas conflitos da existência
 Que os homens criam e põe-se a conflitar
 Pedindo a Deus que tome providências.

E faça sempre o mais forte vitorioso
 Abençoado pelas cruéis vitórias
 Para deixar nos livros registrados
 Os escritos que reflitam a superior memória.

Tudo o que disse são sobre os seus dilemas
 Ficam como dizeres formulados
 Se não dava nem acreditava em conselhos
 É porque queria vê-los por conta experimentados.

Os próprios passos seriam os conselheiros
 E os conselheiros caminantes e aprendizes;
 Se os erros deveriam ser experienciados
 Com os acertos formariam matrizes.

Era a crença de um apaixonado
 Que a si mesmo o saber se concedeu
 Porque acima de todas as verdades
 Acreditava que não existe o absoluto ateu.

Por sobre as oliveiras e as corticeiras
 Versos e letras irradiarão verdades
 A qualquer tempo virarão consciências
 E viverás nos povos em forma de saudades.

Assim abrimos o tempo enlutado
 Para purgar a dor do prejuízo humano
 Se no passado choramos escravizados
 Hoje, nossos suspiros também são lusitanos.

In: <http://www.controversia.com.br/blog/saramago-leia-o-poema-suspiros-lusitanos-de-ademar-bogo/>
 Acessado em 20/03/2015

DESPEDIDA

Para Egídio, que em grego, é “aquele que protege”

A Terra hoje se alegra por receber de volta quem a cuidou e protegeu
 Como um fruto que amadureceu no galho
 Traz a doçura e as sementes para entregar à mãe, aquilo que é seu.
 Mas, se ganha a Terra em doçura e qualidade

A humanidade perde, em ternura e simplicidade.
Perdem os camponeses do mundo
Um criador de gestos tão profundos
Que se guiaram pela solidariedade.
Perdem os movimentos um pouco da paixão;
Perdem os militantes um dedicado irmão
E a classe toda um exemplo de humildade.

Mas não se perde tudo ao morrer
Ganha-se a herança das belas coisas feitas.
O que até aqui pertence somente ao construtor
Agora é de todos em forma de valor.

Ficam lições a serem apreendidas
Ficam memórias a serem recordadas
Ficam virtudes a serem imitadas.
Fica a honra de tê-lo tido como companheiro
Um destacado e pioneiro
Nas relações internacionais.
Viajou o mundo sem saber os idiomas
Levou mensagens trouxe ensinamentos
Trocou sementes, ânimo e alimentos
Mantendo sempre as relações cordiais.

Se os movimentos camponeses têm hoje unidade
Se deve a esta postura de humildade
Que sempre esteve em pauta, mesmo sem discussão.
Deve-se a ti, a herança afetiva
A teimosia e a insistência combativa
De sempre amar e honrar em qualquer parte do mundo
A luta, a liberdade e a revolução.

A história segue; seguimos o cultivo
Você, de algum modo continuará vivo
E acompanhando as gerações de lutadores.
Quando o futuro chegar em meio as flores
E as crianças sorrirem livremente
Saberemos, que através da prática dos valores
Você jamais deixou de estar presente.

In: <http://www.pagina13.org.br/noticias/homenagem-de-ademar-bogo-a-egidio-brunetto/#.VQwNO47F80E> Acessado em 20/03/2015

Ao Fidel
Diz-se pelos lados do Caribe
Que lá morreu um homem lutador;
É fácil de notar pelo esplendor
Que a dor reflete sobre o Mar.
Não é morte, nem é "homem"
É apenas uma estrela que muda de lugar.

FIDEL:COMANDANTE DA SOLIDARIEDADE

Como não sentir a perda humana
De quem fez do tempo um testamento
Que inspirou a juventude dando alento
E enfrentou os inimigos da História.
Para os pobres é o símbolo da vitória...
Para os ricos, um resquício da derrota.
Mas com Ele o império mudou a rota
E a utopia veio a ser realidade.
Implantou o sistema da igualdade,
Extirpou a humilhação e a mais-valia...
Fez a estrela brilhar durante o dia
E os valores penetrar nas consciências.
Fez o êxito navegar sobre as carências,
Tudo em nome do amor à humanidade...
Cultivou o olhar à liberdade
De quem sonha e acredita no futuro;
Enviou para o mundo, sobre os muros
Médicos, voluntários e professores.
Não deu trégua para os exploradores
Que exploram com as forças produtivas;
Com suas mãos fez a obra mais altiva
De tornar o mundo mais humano...
Corrigiu das ideias os graves danos
E os desvios dos vícios imorais...
Encarnou verdades universais
E enfrentou as mentiras descabidas...
Dos exemplos que marcaram a sua vida,
Desde o abstrato ao mais concreto;
Que apesar das guerras fratricidas
Com muita dor e sangue nas feridas,
O mundo é hoje, mais solidário e menos analfabeto.
Comandante do tempo e das convicções!
Que deixa os bons exemplos como herança
Será verso, no canto das crianças
E texto, na escrita dos universitários...
Nos pobres será sempre uma lembrança...
E esperança entre os camponeses e operários.
Que a tua voz ecoe no continente
Que a tua luta nos torne mais conscientes
E que o teu ânimo encante a liberdade.
Gratos somos pelo que nos é deixado...
E o teremos nos corações eternizado:
Comandante da solidariedade.

ALÉM DO TEMPO

Um pouco menos...
Um pouco mais...
Vivem aqueles que não lutam.
Mas os que lutam,
Não são medidos pelo tempo;
Nem mais, nem menos:
São eternos.

Perdem as gerações que no agora choram;
Ganham as gerações que os tomam como exemplo.
Exemplos são inventos;
São construções de crenças;
São invenções intensas
De brigas e utopias.

São demonstrações de rebeldia
Que ninguém impede o surgimento.
São contradições e movimentos
Que levam cada qual a ser sujeito
No destino coletivo,
Onde cada um faz uma parte
Como uma obra de arte
Que fica para ser admirada e continuada.

Quem luta sempre fica
Quando se modifica.
O corpo físico torna-se uma lembrança;
O nome, uma mensagem de esperança;
E a convivência, uma bela saudade.
Como a semente caída
Continuam tendo vida
Os que fazem a liberdade.

O pranto companheiro
Visitará muitas faces
Despencará sem receio
E regará a força que nasce.
Ligará nossos afetos
Sedimentará o concreto
Da construção de um valor;
Que é a solidariedade

Que sustenta a humanidade
Na grande causa do Amor.
Seja por tudo o que há
Hoje a dor do MPA
É também a nossa dor.

Que a passagem pela terra
 De Derli e Isabel
 Seja uma bela mensagem
 Como a doçura do mel.
 Que as crianças saboreiem
 Que os jovens se incendeiem
 Cada qual com seu papel.

Acessado em 20/03/2015 <http://vozcamponesa.blogspot.com.br/2011/05/poema-do-dirigente-do-mst-ademar-bogo.html>

FOTÓGRAFO DO INFINITO

João das lentes inteligentes
 Que dos olhos fez os próprios instrumentos
 E cultivou o belo esculpado
 Escondido dos olhares comuns.
 Extrativista na coleta de fatos
 Escultor das tábuas da memória
 Intruso entre os limites do esquecimento
 E o momento em que a ação se faz história.
 Paciente como o dorso das montanhas
 Consciente como a gema da semente
 Idêntico aos relâmpagos reluzentes
 Que disparam os trovões tornando-os fatos;
 Simples, cordial e sensato...
 Que em matéria humana era despercebido.
 Astuto, rebelde e atrevido
 Lançando imagens nas faces das consciências;
 Se aos olhos não deu trégua nem clemência
 Deu aos dedos toda a delicadeza,
 E rimou com as imagens: rudeza com beleza
 Fazendo-as passear de mãos em mãos;
 Abriu e cerziu o coração de cada ser sensível.
 Terá agora a tarefa mais incrível
 De fazer algo grandioso e mais bonito:
 Com os olhos da sensibilidade
 Viverá por toda a eternidade
 Nas fotos que fará pelo infinito.

In: <https://www.facebook.com/AssentamentoMiltonSantos/posts/412770958802035> Acessado em 20/03/2015

PROFETA DA DIALÉTICA

Como o som no ouvido penetrado,
 Avisa a caça antes que seja abatida;
 Quer espantá-la e salvar-lhe a vida
 Com a mudança de postura em seu estado.

Toca-lhe a pele com um grito humanizado...
 De quem a morte já sente por inteiro...
 Quer que escape renegando o próprio cheiro;
 De um mofo azedo no corpo deslavado.

Se não se importa, a morte virá cedo!
 Se se importar, deve fazer mudanças!
 Alçar as forças bem mais que as esperanças
 E beijar a boca fétida do medo.
 Furar a alma usando o próprio dedo,
 Para extrair o mal do próprio peito
 E dar um novo predicado ao sujeito
 Que o retire do estado de degredo.

Vai Leandro, profeta da dialética!
 Que viverá arranhando o atraso escrito;
 Como o guarda que alerta com o apito
 Sem fazer parte da cena mais patética.
 Com as ideias e a rima bem poética
 Fará apenas dizer o que não cabe
 E o fará porque compreende e sabe
 Que a esperança se sustenta com a ética.

In: http://umpocodenoticias.blogspot.com.br/2014/11/profeta-da-dialetica-uma-homenagem-de_25.html Acessado em 20/03/2015

VENCESTE CARLOS

Se a tarde caiu e não voltaste
 Sem consciência do tempo...
 Nem percebeste que a morte,
 Não significara uma vitória.
 Gélido, calado...
 Pensavam tornarem-no inofensivo.
 Eles são assim!
 Só prestam para a repressão
 Se continuarem vivos:
 Mortos, ficam só, viram pó.
 Ouvistes vós uma lembrança sequer;
 Uma sequer, dos 40 anos de Fleury?
 Nós, voltamos a Alameda
 E sentimos o pulsar dos corações
 Tangendo lágrimas sinceras
 São sentimentos reunidos de várias gerações.
 E lá distante, as crianças entram para a escola
 E a professora, lembra o dia 4 com poesia!
 Fala de Carlos como se fosse o pai,
 O avô, um sábio, um santo, um guia...
 Em outras partes: exaltados debates,

Trazem de volta o ser conquistador
O comandante da Ação usa a palavra
Na voz de um jovem admirador;
Gritos de viva irrompem das janelas
Venceste, Carlos, a causa do amor.
Em mil lugares teu nome aparece
Em preces, aulas, placas e poesias,
Na ponta longa da amável tristeza
Amarram-se os laços da alegria.
Num tempo estranho
Contamos a tua glória
Neste presente de pobre ideologia
Se em nossas veias teu ânimo corre
Em nossas mentes, vives na utopia.

In: <http://marighellavive1969-2009.blogspot.com.br/2009/11/venceste-carlos.html> Acessado em 20/03/2015

COMPANHEIRO ADAO PRETTO

Como soldados em terras perseguidas, trilhamos as mesmas serras e campos. sem estradas. Você, como o mais experiente, foi na frente abrindo as picadas e foi nos alertando dos cuidados. Crescemos, com o mesmo espírito, revoltado, buscando com as massas todas as soluções. Vencemos, tempestades e furacões, sem nunca perder de vista a utopia pendurada no horizonte. Bebemos, a água límpida das fontes, de nossos formadores que plantaram nas montanhas o otimismo.

Defendemos com eles o socialismo, e todas as conquistas verdadeiramente humanitárias. Cerzimos as costuras da reforma agrária, em todos os recantos das belas terras brasileiras. Plantamos, esperanças em todas as trincheiras, sem nunca rejeitar sequer uma missão. Cantamos a revolução, em versos, trovas e poesias, sem nunca tropeçar na métrica das rimas. Cultivamos os valores e a auto-estima, procurando pôr em ordem o comportamento e a coerência. E, juramos com a força da consciência, de jamais se render, vender ou se deixar cooptar. Agora, nesta hora, no momento da partida, não queremos que seja uma despedida, mas uma continuidade.

Continuarás presente em todos os momentos, principalmente em nossos movimentos, que se orgulham de tê-lo conhecido, como um dos filhos mais queridos, que até hoje fez nascer, a humanidade.

In: <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=37251&busca=> Acessado em 23/03/2015.

A ARTE DE SER

Para Dom Paulo, nosso eterno mestre!

A fortaleza da Sé festeja a bela e brava vida
E a generosa natureza se enlaça com os feitos
Os passos coerentes persistem na justiça
E os pobres, a qualquer tempo, saboreiam seus efeitos.

Os mártires ressurgem em contos e memórias
E abraçam com fineza o sábio e os saberes
Nas celas os cadeados balançam deschaveados
Sinais enferrujados dos perversos poderes.

Há nuvens e neblina sobre as utopias
Que brincam de esconder a liberdade
Mas nada intimida nem destrata
Quem soube ultrapassar a tempestade.

No ontem e no hoje as marcas se fecundam
Com o olhar atento, cordial e militante
De um ser que se confunde com bandeiras
No eterno caminhar do justo caminhante.

És Paulo, pátria, peleia pelo povo
Altivo, és confundido com o templo
As gerações futuras sorrirão de orgulho
Por tê-lo tido (entre os melhores), o melhor exemplo.

In:<http://www.cebsuai.org/2011/09/homenagem-especial-dom-paulo-arns.html> Acessado em 25/03/2015.

VIDA E REVIDA

Como a flor cheirosa, do campo se despede;
Dobra-se ao ciclo da eterna evolução
Fica a semente que a mão do vento expede
Com seu murmúrio em forma de canção.

Canção de vida que na morte é revida...
Revida, renascendo em testemunho dado!
Revida, em luta do índio revoltado!
Revida, em marcha do camponês magoado!
Revida, mulher pobre, branca, negra e homem favelado...

Por um instante, desçam do alto dos mastros as bandeiras;
Cale-se a terra concentrada, lamentando a perda...
Juntem-se os pés nas bases das fileiras...
Caia sincera a lágrima da pálpebra esquerda...

Juntem-se as mãos deixando os gestos vão...
 Baixe o olhar em sinal de respeito
 Ergam-se os braços em forma de oração
 Dobre-se o corpo, inclinando o peito.

Não é por dor, tampouco por tristeza!
 Mas pelo brilho da obra e sua grandeza
 Que fez a vida profetizadora...
 Se a natureza a põe interrompida...
 Não haverá nenhuma despedida
 Se cada mão for sua continuadora.

Fica o exemplo firme e militante...
 A crítica e o desprezo aos governantes
 Que não ouviram as suas sugestões.
 Fica um bendito a quem com luta espera...
 A maldição aos que tomam a terra
 E a esvaziam de suas populações.

Fica o chamado para o seguimento...
 Para os valores e o bom comportamento
 Na formação da consciência humanista.
 Vigiai por nós enquanto caminhamos;
 Que aqui ficamos e de ti lembramos
 De punho erguido e fronte otimistas...
 Assim sentimos leve o nosso coração
 Pois com certeza irás ao panteão
 Onde estão os grandes socialistas.

In: <http://www.brasildefato.com.br/audio/movimentos-se-despendem-de-dom-tom%C3%A1s-bispo-da-reforma-agr%C3%A1ria-e-dos-ind%C3%ADgenas> Acessado em 30/03/2015.

APLAUSOS DAS FLORES

Vimos como pequenas sementes
 Trazer-te um abraço diferente
 Daqueles costumeiros, com vigor.
 Trazemos nosso amor, nosso carinho...
 As flores, e junto os passarinhos...
 Que simbolizam: beleza e liberdade.
 Assim o vemos nesta idade:
 Livre e belo!
 Tal qual a foice e o martelo
 Que o tempo não desfigurou
 Nem alterou a força da utopia;
 És tu a nossa estrela guia
 De exemplos, rebeldia e humildade;
 A nossos pais, destes a solidariedade,
 Com traços curvos riscastes os monumentos
 Eles registram os acontecimentos

E nos convidam para a continuidade.

Trazemos flores e alegria
 Vermelhas como a ideologia
 Para aplaudir esta longa viagem.
 Cem anos vividos com coragem
 Torcendo ideias para dar forma ao concreto
 És para nós muito mais que um arquiteto:
 Um símbolo de bravura e resistência.
 Em nossas mentes, os exemplos de coerência
 Fazem-nos querê-lo com total afeto.

Ao caminharmos até vossa presença
 Nos damos conta de uma diferença
 Que há entre nós e que nos entristece:
 Enquanto o vosso Cem é escrito com “C”
 O nosso Sem é escrito ainda com “S”.
 Mas foram estas letras contrariadas
 Que permitiram nas duras jornadas
 Entrelaçarem-se, como o fogo ao palheiro.
 A mesma causa nos une de verdade
 E é por querermos justiça e igualdade
 Que o estimamos como companheiro.

Nesta alegria de festejar contigo
 Como o melhor de nossos amigos
 Trazemos nossos fraternos parabéns.
 E que este marco de longevidade
 Possa encantar toda a sociedade
 Como a beleza do pássaro que voa.
 Que em toda a terra, todas as coisas boas
 De hoje em diante, multipliquem-se por CEM.

(nos 100 anos de Oscar Nyemaier)

CAULES E CANÇÕES

A árvore e o homem:
 Como troncos maduros
 Seguram nos dedos
 Frutos e suspiros.
 Nenhum marginal
 Nem o capital
 Podem segurar
 O florir e a canção.

Pereira da planta
 Pereira de Angola
 Pereira de pé
 Pereira de Fé

Pereira da Viola.

De raízes negras
 De caule caipira
 Árvore do bem
 Peito que não tem
 Um trisco de vergonha.
 Árvore que sonha:
 Subir e sombrear
 Conter o luar
 Na terra a cantar.

Árvore cantor...
 Dos sonhos crescidos
 Nos ventos zumbidos
 Sons de cor e cor.

Cordas esticadas
 Galhos arqueados
 Frutas e canções...
 Folhas, frases, festas:
 Contra as ambições.

Pereira pé!
 Pereira mão!
 Pereira povo!
 Pereira sim!
 Pereira não!!

Se o homem se vende
 Se o caule se rende
 A história adormece.
 Se o homem persiste
 Se o caule resiste
 A história floresce.

ESTRELA DO CRUZEIRO

Na presença da idade espelha-se a historicidade;
 Mas histórico não é um ser teórico
 Nem tampouco um fazer conservador.
 História é movimento para frente
 É um fazer que faz a diferença
 Na vida, na luta e na crença.
 Ninguém faz história sem memória.
 E memória tem quem recorda de alguém;
 Desta forma se faz a tradição.
 Assim como Tomás em grego é irmão;
 Irmão gêmeo por sinal;
 A existência deste ser é tradicional.

Traz em si:
 A ética de Sócrates,
 O bem de Platão
 E a felicidade de Aristóteles.
 Irmão gêmeo do povo;
 Das viúvas dos mártires assassinados;
 Dos mendigos desprezados;
 Dos mal-vistos e dos mal-quistos.
 Tradição de quem é irmão no coletivo
 É ser leal e combativo,
 Caridoso e incisivo,
 Simples e conspirativo,
 Ofensivo e defensivo:
 Tal qual o comportamento de Tupã
 Os mergulhos de Oxossi e Iansã
 E de Deus que ouve os clamores,
 Desce e ataca os exploradores.
 Tomás, no Panteão dos lutadores,
 Em gloriosa idade
 É coroado vivo.
 Que continue altivo
 Fiel, feliz e contestador.
 Que a terra na qual tens a raiz
 Se encha de canteiros e de florestas
 E que neste aniversário façam festas
 Homenageando seu grande defensor.
 Se aos pobres tens sido o Bom Pastor
 Para a classe, sois o grande companheiro;
 Que se abram as igrejas e os terreiros
 As ocas das tribos organizadas
 E em festa façamos alvoradas
 Homenageando a estrela Norte do Cruzeiro.

JOAQUIM MORREU DE AMOR

Joaquim morreu de amor,
 Por acaso sentiu dor?
 Para onde queria ir
 Não poderia sentir!
 A paixão dentro do peito
 Era mais do que respeito
 Era um jeito tão perfeito
 De dizer o seu amor.
 Não queria a despedida
 Por isso abreviou a vida
 E agora se vai também
 A procura de seu bem,
 Que está lá em uma nuvem
 Está bem, está bem...
 Renascerá numa planta

Ressurgirá numa flor
 Mas todos nós saberemos
 Que Joaquim morreu de amor.

PEDRO NOSSO

Pedro: pedra
 Pedro: terra
 Pedro: água, árvore, Amazônia.
 Pedro: povo
 Pedro: Pátria latina
 Pedro: ensina
 Pedro aprende:
 Não se vende!
 Não se rende
 Não se prende...

Pedro: nosso
 Pedro: pastor
 Pedro: amor, humildade, solidariedade.
 Pedro: servidor
 Pedro: animador
 Pedro: comunhão
 Pedro: coração:
 Atento
 Sentimento
 Movimento.

Pedro: irmão
 Pedro: guerreiro
 Pedro: hospitaleiro, selva, celeiro.
 Pedro: indígena
 Pedro: camponês
 Pedro: fez
 Pedro: faz:
 A luta
 a disputa
 Pela paz.

Pedro: agente
 Pedro: valente
 Pedro: ardente, confidente, continente.
 Pedro: tudo, sobre tudo, além de tudo.

Pedro: terno
 Pedro: eterno:
 Camarada!
 Camarada!
 Camarada!

10 ANOS DO JORNAL BRASIL DE FATO

25/03/2013

Como a água límpida do regato
Compara-se o jornal Brasil de Fato;
De fatos verdadeiros
Que formam a consciência
Contrapondo-se à alienação.
É Brasil, porque é nação
É de fato, porque é revelação.

Revela como foi e como deve ser
É o dizer e o fazer no mesmo instante,
É o trabalho solidário e militante
De consciências honestas
Que querem ver frestas
Abertas no essencial;
É jornal e canal
Como o leito do rio
Que no quente ou no frio
Conduz o destino.
É jornal e é ensino
Da crítica boa;
É tormenta e garoa
Chuvisco e Sol forte;
É cultura é arte
Sentimento e paixão;
É jornal, quase humano
Pois já pulsa há dez anos
O seu coração.

É jornal diferente
Solidário e coerente
No seu formular;
É denuncia é notícia
É real sem malícia
É desejo de estar.
Com sua cara elegante
Seu brio instigante
De saber formador;
É o orgulho da classe
É uma força de enlace
É uma obra de amor.

In:<http://www.brasildefato.com.br/node/12428> Acessado em 30/03/2015.

TUDO RENASCE

Se ouvires um grito bem alto
 Cortando o espaço...
 É o comandante Guevara
 Mandando um aviso.
 Que nas asas do tempo
 Sobrevivem os ideais
 Não se morre jamais
 Mas lutar e amar é preciso.
 É a luta do povo
 Fazendo de novo
 O Che renascer
 Pátria ou morte é o grito
 E o gesto bonito
 É lutar para vencer
 De que adiantou o Tio Sam
 Querer ser mais forte
 Pensando que a morte
 Levava consigo a ousadia.
 Achava que um corpo sem mãos
 Perderia o norte
 Esqueceu do suporte
 Que é o coração que alimenta a utopia.
 E o tempo apontou o lugar
 Onde estavam seus ossos
 Denunciando o carrasco
 Que quis lhe vencer.
 Do que lhes valeu
 Matar o comandante
 Se na selva distante
 Renasceu Zapata e o povo quer ver.

In:<http://www.mcpbrasil.org.br/biblioteca/poemas/item/212-ademar-bogo-tudo-renasce#sthash.zYFFRZnC.dpuf> acessado em 01 de maio de 2016.

ELE PREFERIU SÓ SER HUMANO

28/11/2011 Homenagem ao Egidio Bruneto

Nas lutas por conquistas nascera pobremente
 Um fiapo de espírito preso a um corpo torto
 Não pretendia mais do que a frente via
 Nem se apegava ao pouco que juntava.
 Tornou-se ele em si em meio aos outros
 Um figurante, um jovem, um campeador...
 Queria um pouco do muito que importava
 E o que importava tornava-se valor.

Aprendera a sonhar, a sorrir, a fazer graça....

Das próprias deficiências trazidas como herança
 Tornou-se astuto e ao mesmo tempo o fruto
 De uma colheita pelas suas mãos feitas.
 Que belos rastros marcou pelo caminho
 Formando linhas de solas em fileiras
 Se o Céu com lágrimas desmanchar o exemplo
 Cada pisada marcada será uma bandeira.

Tornou-se homem formado em meio ao gênero
 Paciente e calmo plantava nas consciências
 Sobre as barreiras queria formar as sementeiras
 Para os cultivos dos braços combativos.
 Não pretendeu ser mais do que cresceu;
 Cresceu rasteiro como o oceano
 Se em seu lugar comum seria brilhar
 Ele ao passar quis ser somente humano.

Deixa-nos e leva-nos ao raciocínio
 Ao pensamento do tudo praticado
 Como quem diz: tudo o que disse, fiz;
 Mas há fazer ainda por dizer.
 E se amanhã nas fronteiras levantadas
 Brilhar o Sol com raios vencedores
 Brilha por ti por sempre ter estado
 À frente, ao lado, da prática dos valores.

SENHOR ETERNIDADE

Ao Antonio Candido

Antonio, um vôo continuado
 Por ter nas costas as asas do passado.
 Elas sustentam a velha tradição
 Das longas viagens da literatura
 Sem ela não poderia haver cultura
 E nem tampouco, civilização.

Antonio não é um escritor
 Um crítico, poeta ou trovador.
 É um recipiente guardador
 Da memória literária nacional.
 Se outro deve há com tal imensidade
 Empata em grandeza e brilhantismo
 Pois, não há luz com maior iluminismo
 Que aquela elevada ao grau da universalidade.

Antonio é início e conclusão:
 Dois polos unidos em uma só vida
 Em si a literatura é reunida
 Como uma história de múltiplos autores.

Se a literatura hoje brilha com suas cores
 Deve este feito à navalha de sua crítica
 Que corta, mas não mata, fortifica
 Gerando frutos com novos sabores.

Antonio é uma flor de nome masculino;
 Florida nas margens do destino
 Da literatura brasileira.
 Mas a flor morre para virar semente
 Para marcar o tempo no presente
 E germinar pela vida inteira.

Por isso, Antonio, um nome universal
 Deixa de ser individual
 Para tornar-se consciência coletiva.
 As gerações vindouras serão as comitivas
 Que marcharão com literalidade.
 Assim, Antonio, sempre será Antonio
 Ou simplesmente, Senhor Eternidade.

SÁBIO COMUNISTA

Ao Miguel Urbano comunista português.

De longe o fado sonolento,
 Avisa-nos que o sábio adormeceu...
 Tal qual o operário ao fim do dia
 Deixa o cansaço nas mãos da utopia
 E sai somente com o saber que é seu.
 Deixa nas letras as marcas de seus feitos
 Na sua luta contra os preconceitos
 Que passaram por dentro de suas vistas...
 Mas não tiveram uma só condescendência
 Foram golpeados pela força da consciência
 Edificada no sábio comunista.
 (Sua escrita, não dita!
 Grita, agita e faz que se reflita
 Sobre a maldita exploração.
 É fogo que queima
 É paixão que teima
 Mudar a ideia e o coração).
 Deixa, é verdade, a planta da obra ainda por fazer
 Não é a obra apenas do poder
 Dos cravos florescidos e não colhidos...
 Das conquistas parciais e arremedos;
 Das Repúblicas do terror e do medo
 Nem dos frágeis governos de amizade.
 Mas a obra que eleva a humanidade
 Ao mais alto grau do espírito comunista;

Onde o valor de troca é a solidariedade
 E a propriedade, internacionalista.
 Suas ideias como as imigrações
 Seguirão forçando as forças e as fronteiras.
 Em cada porto rompendo uma barreira
 Abrindo portas nas mentes e corações.
 E, no futuro, a História quando olhar
 Verá o passado no presente ainda a instigar
 Em meio aos textos, poesias e canções...
 A permanência das revoluções.

ECO DO ECO

A onda do eco,
 O Eco da onda;
 A onda que roda,
 A roda que ronda.
 A rosa do Eco,
 O Eco da rosa;
 A rosa no verso;
 O verso na prosa.
 A estética escrita,
 A escrita poética;
 A Poética da língua,
 Da língua da ética.
 A crítica da arte,
 A arte da crítica;
 A crítica histórica.
 Da história política.
 O sábio, mais sábio,
 Dos sábios sabidos;
 É o sabido que segue,
 Que segue vivido.
 A obra que fica.
 Que fica e se apegas;
 O apego em quem vive,
 Que vive e se lega.
 O belo do Eco,
 O Eco da beleza;
 A beleza que aplaude,
 Que aplaude a grandeza.
 O filósofo do belo,
 Do belo entendido;
 Entendido do povo,
 Do povo saído.
 Que o eco do Eco,
 Seja eco profundo;
 Profundo e mais eco,
 Dos ecos do mundo.

TEMPO DE VALORIZAR

Cinquenta anos não são nada
Quando a vida passada nada diz;
Mas a história que deixa cicatriz
Muito diz daquilo que faz falta...
Como a pele raspada a dor assalta
Cinco décadas doem como na primeira hora;
Tudo fica mesmo tendo ido embora...
Pois aquilo que vigora traz lembrança;
Se é verdade que “quem luta jamais cansa”
É mentira que o tempo é esquecimento.
Perda é perda, perder é sofrimento,
Muito mais quando a luta retrocede...
Quando o inimigo rancoroso ainda procede
E golpeia no caminho libertário.
Quando o vigor contrarrevolucionário
Desce as serras e nos pântanos passeia...
Já sem causas, as consciências ficam cheias
De confusões e crenças na direita.
Os plantios desanimam as colheitas
E o Sol não brilha sobre ideias divulgadas,
O sereno esfria a madrugada
Fazendo rebaixar as chamas da fogueira...
Calam-se as músicas e as alegres brincadeiras
Clamam os velhos por diretos retirados;
É o tempo que chega mutilado
Rompido pela não continuação...
Mas o fio cortado da revolução
Ainda balança lá na cordilheira...
Subamos e levemos uma bandeira
Para hasteá-la em um mastro socialista;
E, enquanto o Che passar as forças em revista
Cantemos um hino de esperança.
Vencer, então, não será uma vingança
Apenas dar a história um novo destino.
Que neste outubro, badalem forte, os sinos,
Comemorando a presença interativa...
Dos cinquenta anos da ausência combativa
De Che Guevara, o símbolo dos valores.
A ele aclamemos com mil cores...
Por tudo o quanto ainda a nós signifique...
E, com isso tracemos novos planos
Nesta marca vitoriosa dos cem anos
Da bela e jovem revolução dos bolcheviques. (8/10/2017).

O SONHO E O TEMPO (PELOS 15 ANOS DO MST)

Sonho se fez tempo
 Plantado sobre a teimosia que se fez berço
 Para dar vida ao guerreiro que decidiu nascer,
 São quinze anos de tempo e mais de sonhos
 Que a voz do povo buscou chamar a terra
 E se fez força da paz fazendo a guerra.
 Batalhas marcam os dias
 Os livros marcam a história
 Os hinos as alegrias.
 pranto também faz parte deste longo caminhar
 Cumpre o papel de regar o sonho tão valente
 De quem acreditou que plantando sangue renasceria
 E em cada passo que o povo daria...
 Nas vitórias viveria eternamente.

E a terra feito um lençol macio se estende
 Oferecendo seu colo umedecido
 Ainda expondo os destroços da última batalha.

Com marcas de latifúndios entocaiados
 Erguem-se: homens, mulheres e meninos
 Riscando com um sopro a linha do destino
 E marcam as próprias mãos
 Com calos que lhes dão dignidade.

É a terra quem resgata o ser humano
 Plantando na consciência
 Coragem e resistência
 Para fazer nascer a solidariedade.
 E os mantos de lonas escaldantes
 Se desenrolam para formar cidades
 Sem muros nem dor de gente errante
 Cada qual desenhando seu lugar
 Deixando a porta aberta para a linha do horizonte
 Onde está a bandeira envaidecida
 Chamando com sua dança para seguir adiante.

Agora sobre a terra escreve-se com enxadas
 Palavras que formam fartura e unidade
 Não haverá mais fome nem tristeza
 vale ressecado volta a ter beleza
 E a voz entoa louvando a liberdade

Não haverá outras faces mais felizes
 Do que estas penetradas de valores com raízes
 Que nascem da alegria do coração
 Do sonho e da paixão

Que cada um de nós
Planta em nosso peito.

In:<http://www.landless-voices.org/vieira/archive-09.php?ng=p&sc=2&th=28&mt=13&se=0> acessado em 25/04/2018

A TERRA E SEUS GUERREIROS (O DIA DA ABSOLVIÇÃO DE ZÉ RAINHA)

A terra coloca-se frente a frente
Para dizer ao tribunal burguês
Que filho seu sempre é inocente.
No chão "armas" do crime, adormecidas
Foices, facões e enxadas apreendidas
Vão condenar a terra outra vez?
A mais 500 anos de xadrez?
De torturas, mortes e insensatez?
Vão condenar o que?
Nossa vontade de lutar?
Nosso destino de vencer?
Ou nosso direito de sonhar?

Que culpa podem ter as mãos de um povo
Que arma lonas para povoar a terra
Que usa a fome como arma de guerra
E faz da liberdade um canto novo?

Não! As sentenças não vem de canetas douradas
Que dormem preguiçosas nos bolsos magistrados
Os passos dos Sem Terra escrevem as sentenças
E a eles a terra devolve recompensas

E o gosto de comer a liberdade.

Agora a terra em festa quer abraçar seu filho
Que marchará em busca da esperança

Libertaremos a terra e seus viventes
Este será o maior presente
Que ficará escrito na memória.
Vai Zé! Fazer mais luta e criar seus filhos
Vai Zé! Ajudar a colocar os trilhos
Por onde passará o trem da história.

E lá na frente na sombra das bandeiras
Renascera a vida em uma só trincheira
E cantaremos o hino da vitória.

In:<http://www.landless-voices.org/vieira/archive-09.php?ng=p&sc=2&th=28&mt=13&se=0> acessado em 25/04/2018

MÚSICAS

LUZ DA AMÉRICA

América Latina tem uma beleza
 Que não foi a natureza só quem desenhou
 Foi a força da guerrilha nos braços do povo
 Que no dia de ano novo enfim triunfou.
 Ela é muito pequena, mas muito elegante
 Forte como um gigante se mantém por lá
 Desafia o inimigo e não tem receio
 Ignorando o bloqueio desafia o mar.
 Somos desta terra, somos companheiros
 somos brasileiros e também somos Latinos.
 Pátria de Marti e de Che Guevara
 esta história não para enquanto nascer um menino
 É cuba pequena que nos dá o exemplo
 É massa e fermento nesse caminhar.
 Mostra ser possível dar um passo a frente
 Com toda esta gente para triunfar.
 Mesmo que demonstrem ser muito sabidos
 Os imperialistas um dia vão chorar
 Porque a vitória é de quem faz história
 Ficarão por fora vendo o trem passar.
 Nosso continente será diferente
 A não ser que não se tente o caminho fazer
 E esperar que a burguesia nos dê de presente
 Quinhentos anos de história com as mãos no poder
 Não haverá o amanhã se não lutarmos hoje
 Nem haverá novas Cubas se a gente parar
 Somos os coveiros do imperialismo
 Mesmo que a gente não queira tem que cavoucar.

In:<http://www.mcpbrasil.org.br/biblioteca/cantos/item/372-ademar-bogo-luz-da-am%C3%A9rica#sthash.COsmahVG.dpuf> acessado em 01 de maio de 2016.

COMPANHEIROS DE GUEVARA

Se não houver o amanhã
 brindaremos o ontem
 E saberemos então
 onde está o horizonte.
 Aí cantaremos segredos
 E todos os medos
 serão alegrias, veremos,
 que o passo só cansa
 quando não alcança
 sua rebeldia
 E na sombra da verdade

estará a liberdade
 que a gente queria
 Então ouviremos da história
 o grito de glória
 da nossa utopia.
 E quem ficou sem chegar
 sem poder andar
 estará presente
 Grande será nosso espanto
 ao ver o encanto
 do bom comandante
 chegando na hora certa
 com a voz desperta
 nossa rebeldia
 companheiros de Guevara
 trilhando a estrada
 por um novo dia.

In: <http://www.mcpbrasil.org.br/biblioteca/cantos/item/370-ademar-bogo-companheiros-de-guevara#sthash.TpAliY6p.dpuf> Acessado em 01 de maio de 2016.

MANTER A ESPERANÇA

Já negaram tudo que bem pouco resta
 nova teoria já dizem que tem
 Tentam iludir os que tudo fazem pra que se
 acomodem e parem também.

Qualquer discurso já é uma ameaça
 e se for na praça correndo já vem
 Não andamos muito mas sabemos agora
 Já disse o poeta "quem sabe faz a hora"
 e não se espera por quem já não vem.

Refrão
 Já disse o homem que depois
 morreu e ficou na memória.
 Que existe uma coisa na roda da história
 que uma camada pra trás quer rodar.
 Mas estes não servem
 pra pôr suas mãos nesta manivela
 ficarão à margem olhando da janela
 a luta do povo esta roda girar.

O que os outros fizeram já não vale nada.
 Já não sabem mais o que mesmo dizer.
 Querem construir a nova sociedade
 buscando no voto o sonhado poder
 A luta de classes já não existe

Mas quem faz resiste e procura vencer.
Por mais que se queira transformar em nada,
saibam que a história é como a madrugada,
quem acorda cedo faz o amanhecer.

In: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.php?rd=KEEPINGU547&ng=p&sc=1&th=49&se=0>
acessado em 25/04/2018

QUANDO CHEGAR NA TERRA

Quando chegar na terra
lembre de quem quer chegar
Quando chegar na terra
lembre que tem outros passos pra dar

Quando chegar na terra
lembre que tem outros passos pra dar
Mire o olhar na frente
porque atrás vem gente querendo lutar.

Neste caminho obscuro
está o futuro para preparar
Não desanime, caminhe
Trabalhe, se alinhe no passo de andar.

Quando chegar na terra
Lembre que ainda não tem liberdade
Este é o primeiro passo
que estamos dando nesta sociedade
Só a terra não liberta
Este é o alerta
Aumenta a ansiedade
Isto virá no dia que com ousadia ganhar a cidade.

Quando chegar na terra
É preciso fazer produção
Este é o primeiro passo que
Damos na revolução
Com certeza estaremos alegres
Chegando com o chapéu na mão na
Esplanada do Planalto bandeiras bem alto
Cantando a canção.

In: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.php?rd=WHENWEAR210&ng=p&sc=4&th=49&se=0> acessado em 25/04/2018

SONHAR NÃO CANSA

Na vida de hoje • poucos sabem como é
não tem direito o homem • muito menos a mulher
Nesta dura vida • a dor é mais comprida
quando não se sabe por que é
E no entretanto • o sonho se faz canto
quando com coragem a luta é fé.

Levando vida farta • falta sono pra dormir
quem faz por interesse • já tem planos
pra mentir
O mundo do sacana • não vê que a dor é
humana, vai matando o dia sem sentir
E no entretanto • o sonho se faz canto
quando a gente planta faz florir.

No mundo dos senhores • corre dólar
rola ouro • onde existe pobre • pode crer
que aí tem choro
A dor é tão vadia • esperança que um dia
é que a liberdade desça os morros
E no entretanto • o sonho se faz canto
quando a esperança é o tesouro.

Já roubaram tudo • no campo e na cidade
não enche barriga • viver só de saudade
Com sonho de bonança • quem luta jamais
cansa • levante sua mão à liberdade!
E no entretanto • o sonho se faz canto
quando a esperança é uma verdade.

In: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-10.php?ng=p&sc=2&th=23&rd=DREAMING438&mt=49&se=0> acessado em 25/04/2018

APÊNDICE B – Entrevista com Ademar Bogo

QUESTIONÁRIO

Respondido em 16/04/2018.

1) Fale-nos do seu processo de formação intelectual e da militância política.

Ainda no início da década de 1980 quando se retomava a luta pela terra, no Oeste de Santa Catarina havia um posicionamento muito crítico da Igreja Católica e, grande parte da juventude que participava das pastorais se engajava de alguma forma em atividades sociais. Sendo oriundo do campo, envolvi-me com a Comissão Pastoral da Terra que visava inicialmente prestar auxílio às viúvas dos trabalhadores assassinados e também apoiar as lutas concretas. Nesse sentido, tendo em vista a necessidade de formação de lideranças, precisei estudar os temas para contribuir nos cursos, reuniões e demais atividades. Esse processo durou até 1984, quando os conflitos pela terra, provocados pela organização dos movimentos que levou a imprensa a criticar a Igreja de “estar organizando ocupações e terra”. Com o recuo provocado, tivemos que criar o MST e organizá-lo por todo o país. Em 1985, fui deslocado para a Bahia com o objetivo de organizar o Nordeste e o Norte e com isso os estudos e a militância foram associados à luta concreta.

2) Como o senhor definiria a sua produção poética? Comente como desenvolveu os projetos das cartas de amor, as cartas literárias e as poesias de homenagem. Qual o significado de cada tipo de produção no contexto do movimento social?

A produção poética, para quem atua na luta de classes, nem sempre tem a intenção de ser poética. A necessidade de emitir uma mensagem leva a buscar, a formular tal conteúdo dentro de diferentes formas, principalmente àquelas que sejam mais agradáveis.

A princípio iniciei ainda no ensino Médio a caprichar nas redações que as fazia no formato de crônicas; muito admiradas pelos professores. Depois arrisquei-me em produzir alguns Sonetos, mas, ao iniciar a militância e perceber que as massas populares gostavam de cantos, sendo na maioria deles religiosos, passei a compor letras críticas e revolucionárias com indicação melódica que colegas da luta

transformavam em notas e as enquadravam na escala musical. Isso rendeu a gravação de uma Fita K7 com o título “Dor e esperança”.

Deste aprendizado mantive as diretrizes e, em 1987 ao surgir a necessidade de termos um Hino para o Movimento, compus a letra e a inscrevi em um concurso interno, sendo ela vencedora. Posteriormente, ao perceber que a militância tinha dificuldades em manusear textos formativos, embora estivesse organizando a coleção de textos “da teoria da organização política”, publicada pela editora Expressão Popular em quatro volumes, e, por ter, desde o início cuidado dos aspectos da “mística” coletiva, induzi que seria importante produzir pequenos textos, no máximo de uma página, que contivessem, concentradamente, mensagens formativas e que qualquer um pudesse ler com facilidade. Para que o texto fosse atrativo e ao mesmo tempo contivesse conteúdo, a solução foi recorrer a duas áreas do conhecimento que me eram propícias: a filosofia e a poética, com o chamativo de “Cartas de amor”. Tanto a denominação quanto a forma e o conteúdo, visavam também despertar e chamar a atenção para a sensibilidade com diversos temas que na militância passavam despercebidos, ou mal cuidados.

Inicialmente, a intenção era escrever uma carta por semana, o que foi feito, geralmente aos domingos, para iniciar a semana com uma nova mensagem, numerá-las, mas deixá-las avulsas para que, no caso dos leitores não terem a sequência, buscassem ansiosamente as cartas faltantes; mas que isto provocasse discussões etc. No entanto, o Estado Paraná resolveu encaderná-las e aí perdeu um pouco o objetivo, e o “livro” passou a ser quase um manual para a preparação das místicas diárias em cursos e outras reuniões.

As cartas filosóficas e literárias surgiram pelo “descarte” das cartas de amor que, depois de prontas haviam seguido outro estilo puxando mais para a filosofia ou mais para a literatura em forma de contos ou crônicas. Depois ganharam vida própria.

3) Como o senhor definiria a “literatura engajada” como o senhor vê as relações entre Literatura, Cultura Brasileira e os Movimentos sociais?

A literatura engajada é toda e qualquer literatura, isto porque, em todas as épocas busca-se pela forma literária chamar a atenção para os aspectos mais acentuados das contradições sociais. No caso, as literaturas se diferenciam em duas formas; a boa e a ruim. Lembro-me aqui de Arthur Schopenhauer que diferenciava as literaturas em duas: a verdadeira e a aparente. Ou seja, a verdadeira é aquela que dura, e a aparente aquela que é passageira.

O que podemos acentuar um pouco mais, seria a “literatura militante” ou feita com o objetivo de motivar para a ação. O risco desta literatura é, pela rapidez de ter que produzi-la, ficar simplório o conteúdo ou tornar-se muito realista pela dureza dos fatos. Fragiliza-se neste caso pela carência das metáforas, por investir muito diretamente contra as causas e as consequências da brutalidade social.

No entanto, para os sujeitos sociais empenhados nas lutas sociais, a forma literária atinge mais facilmente o estado de consciência do que por qualquer outra forma. Há motivação para que se preste atenção a determinadas informações literárias. É pela convivência social que muitos lutadores passam a ter contato com as produções literárias e expressões culturais.

Um movimento social não é uma organização situada fora da história. Surge por necessidade de cobrar as dívidas sociais por isso, os elementos básicos da cultura brasileira aparecem no decorrer das próprias manifestações políticas, artísticas ou religiosas. Um sujeito que luta é também sujeito da própria cultura que fez e daquela que ainda fará com alguns diferenciadores de qualidade pelo conhecimento que vai adquirindo.

4) Como o senhor enxerga a produção da arte, em especial da poesia, no contexto histórico em que vivemos hoje?

Em geral todas as produções decaíram de qualidade. As crises estruturais refletem sempre um conjunto de crises particulares. É como o apagar as luzes em uma festa, todos sabem como é o ambiente onde estão, no entanto não conseguem mover-se com desenvoltura em qualquer direção. E, a expectativa é que retorne a

luz para que tudo recomece novamente. O ascender das luzes, nesse caso, é o retorno do movimento ascendente das derrubadas e das reconstruções.

Essa visão simbólica faz lembrar o perídio do Renascimento iniciado em Florença e Veneza na Itália no século XIV e depois rapidamente espalhou-se por toda a Europa. Ninguém poderia imaginar durante o longo período da Idade Média denominado de “período das trevas” que a soma dos esforços artísticos, literários, científicos, religiosos, tecnológicos etc., viessem a surgir como forças de um mesmo movimento que destravaria a criatividade humana.

A poesia é muito caprichosa para se fazer presente em festas de pouco brilho ou em períodos de desmoronamento do mundo. Sem motivos ela não aparece e se aparece não é vista e, se for vista, não é compreendida. A poesia atual, principalmente aquela que passa ser musicada, não tem profundidade porque traz em seu sentimento uma força maior que é o valor de troca; ela é feita com o objetivo de ser vendida e não guardada para que amadureça ou entregue a pessoa a quem se direciona. Não chega ser uma carta de intenções, muito pelo contrário é feita para acobertar os tropeços de sua própria construção.

A juventude que compõe ou escreve poesias é filha de um tempo de inspirações acovardadas. É uma juventude que aprendeu a sonhar no sono do consumismo, por isso não tem o tempero do aço nem o corte da navalha para furar e retalhar a mão que a molda e amordaça. É uma juventude que não teme a censura porque vive para alegrar os ouvidos do sistema que a manipula.

A criatividade nasce da força que busca a liberdade. A força que pensa estar livre, não empurra nenhuma parede para rompê-la, nem destranca portas se elas estão abertas. Logo, se bem entendido, na falta de uma causa nobre, assume-se uma causa pobre.

A alienação tal qual a depressão, é uma doença que afeta as tomadas de decisões. O desânimo mental é como a terra degradada, nela a semente nasce, mas a planta nunca chega a dar flores.

Há por certo um distanciamento das gerações passadas, um apartamento histórico que não se caracteriza pela separação entre o velho e o novo, isto porque,

em poesia nada envelhece e também nada há de novo se nada de interessante é produzido. Há exceções, mas no geral são produções que possuem autores, mas nenhuma biografia.

As exceções estão nas forças independentes. Estas criam segundo o próprio andar do tempo. Há menos admiração, mas há maior vitalidade. Os tempos de produção nem sempre os mesmos da avaliação. O que pode ser ruim pois não há autocrítica.

5) Que autores literários contribuíram e contribuem para sua formação poética? Por que? Poderia nos dizer o que aprendeu com cada um?

Desde muito cedo aprendi que a boa literatura é um jogo jogado com as figuras de linguagem. O estado de coisas muda pela intervenção de um criador artístico. No recinto familiar aprendemos em família cotidianamente as produções caipiras que, transmitiam por meio das letras aquilo que hoje denominamos como “moral da história”.

Já no ensino médio no contato com autores literários como José de Alencar, passava horas a copiar páginas dos romances para acostumar a mente com aquele estilo que leva o raciocínio até o ponto de satisfação e surpreende com uma emenda conclusiva. Cecília Meireles e Clarice Lispector pelos contos. Luis de Camões e Patativa do Assaré ensinaram-me a métrica dos versos nas estrofes. Mais tarde tive contato com a literatura de Graciliano Ramos autores estrangeiros como: Fernando Pessoa, Humberto Eco e John Steinbeck; poetas como Agostinho Neto, Nicholas Guillen e outros.

A formação em qualquer área nunca se aprende sozinho. A escola do autodidatismo permite dialogar livremente com todos aqueles que produziram conhecimento. Ler é aconselhar-se e conselhos nunca se deixa de receber. Um bom texto sempre é precedido e acompanhado de boas leituras que ajudam a dizer aquilo que queremos sem sair da linha.

6) Que conceito de sua reflexão o senhor destacaria como o mais representativo de sua posição filosófica e de sua posição teórica sobre literatura? Pediríamos que o senhor nos contasse como surgiu (ou surgiram) em seu trabalho e como os vê hoje? (ex: os livros *Identidade e luta de classe*, *O vigor da mística*, *Organização política e formação de quadros*).

Os conceitos continuam os mesmos desde Hegel: contradição, mediação e totalidade. Saber combiná-los e atualizá-los nada se perde.

A literatura é área da produção intelectual que se faz com beleza. Fazer literatura é produzir um belo especial para entregar a alguém que queira sentir prazer em ler. Literatura é compromisso com as letras para fazê-las dizer o que por si só ou por outras áreas não dizem.

Os livros até aqui escritos são frutos das cobranças conjunturais da luta política e que a militância precisava ouvir alguma mensagem para garantir o ânimo.

O livro sobre O vigor da Mística surgiu por volta do ano 2000 quando o governo de Fernando Henrique Cardoso desencadeara uma violenta repressão contra os movimentos do campo. Era um período de poucas conquistas e as perspectivas políticas não eram suficientes para enfrentarmos aquele momento histórico. Então surgiu a ideia de escrever o livro e motivar a militância com um conteúdo inspirador.

Da mesma forma ocorreu com o livro Identidade Luta de Classes; por volta de 2008 quando as discussões internas sobre a identidade rumava para a filosofia pós-moderna que exaltava o individualismo. Era por demais necessário frear aquela onda individualista e mostrar que a identidade é uma produção social e por isso não se pode deixar de ver que vivemos em uma sociedade de classes.

Todos os livros sobre a teoria da organização política estiveram voltados para o convencimento da necessidade da luta política seguir projetos estratégicos, porque desde 2005 já se anunciava a ruína do projeto pela via institucional.

7) O senhor é um dos principais teóricos que refletiu sobre a Mística para o MST. Ela continua presente? Ainda tem validade? Como se apresenta a sua função na atualidade do movimento?

A mística é a força do ânimo que oscila no tempo, no entanto, ela se transmuta para outro formato. É como dois olhares em épocas diferentes sobre o mesmo símbolo, ou duas leituras sobre o mesmo texto em épocas diferentes, sempre há algo de diferenciador.

A mística teorizada ou não, entendemos que é o ânimo que cada um carrega dentro de si para justificar-se e envolver-se em atividades sociais ou mesmo particulares. No entanto, o teor desse vigor já não é mais aquele que os livros falam.

A mística sustenta-se por três dimensões: a) a causa b) a cultura e c) a consciência. Neste momento, a causa já não é mais a mesma. A mística passada foi construída sobre o conteúdo da transformação social. Cada militante sentia-se um condutor do processo. Agora, isto tudo foi alterado, a busca tornou-se tão reduzida que não passa da próxima eleição. Assim também ocorre com a cultura e o desejo de fortalecê-la bem como com o rebaixamento da consciência. Os cursos de formação, o incentivo à leitura etc., enfraqueceram e o discurso rebaixou as ideias, de modo que o olhar já não toca o horizonte, no máximo toca os pés da montanha, por isso o sujeito ao invés de andar se prostra em adoração; nada vê de distanciado para ser alcançado, é um vulto de cabeça baixa.

8) Quais as principais relações entre a mística e a sua produção literária?

A mística tem tudo a ver com a produção literária. Primeiro porque sempre escrevi pensando em objetivos concretos, leitores certos e motivações direcionadas. Nada daquilo que se escreve no calor das lutas passa ileso às marcas da própria luta.

A expressão literária é expressão motivada para alguma finalidade. A finalidade traz consigo as razões que se sustenta em uma causa maior. De modo que, a finalidade da literatura é alimentar as razões da militância para que se empenhem em realizar a causa definitiva da emancipação, social e humana.

9) Em sua história, a filosofia e a literatura mantiveram uma relação estreita e produtiva com a cultura popular e os movimentos sociais. Como ela se dá na atualidade?

A filosofia é a área do conhecimento que fundamenta a reflexão, a literatura a área que alimenta a criação. Refletir e criar possuem afinidade na mesma dinâmica, seja ela qual for. Se estamos na ação a reflexão procura os elementos que possibilitem explicar teoricamente o que acontece por meio da descoberta das contradições. A criação ou criatividade, apresenta-se como o aspecto da sugestão

ou da proposição, então não importa se o seu conteúdo é metafórico ou real, importa que ele se articule com os sujeitos da ação.

Se não estamos na ação, a preocupação da reflexão e da criação devem objetivar alcançar o sujeito da ação, por isso a diversidade das formas de expressões, como textos, cartas, poemas etc. O principal é saber que quem escreve ocupa um lugar histórico e é por meio dele que os processos se articulam. Para além disso, há sempre que ter um horizonte, em nosso caso sempre foi o socialismo. De modo que, enquanto esse não for alcançado tudo aquilo que é feito, dito ou refletido é, em sua função, como se estivéssemos sempre empenhados em preparar uma festa que acontecerá no mês que vem. Então uma homenagem a um sujeito histórico que morre, tem o objetivo de filosofar e literariamente destacar-lhes as virtudes e a beleza do ser em transmutação, para mantê-lo vivo como um lutador na mesma dimensão.

10) Qual a função da arte na luta de classes?

A arte é uma parte do fazer na luta. Ainda quando era entendida como técnica estava presa às habilidades dos “artesãos”, não deixa de ainda ter o mesmo significado, porém agora associada à arte é portadora da estética ou do sentir. Na luta de classes há que ter habilidades, estas são qualificadas pelas diferentes áreas do conhecimento e dos treinamentos. A experiência é a medida deste aprendizado. Mas, não se usa as habilidades sem beleza. Um indivíduo que fala para as multidões, precisa de habilidades retóricas com argumentos organicamente colocados. Por outro lado, poderá, incluir em sua fala elementos estéticos que dêem ao discurso relances de beleza. Pode recorrer às metáforas, às lendas, aos contos ou às lições morais para que o seu público se sinta embriagado de beleza e poesia.

Por sua vez, existe o Ethos da linguagem que deverá ser exposto com as garantias de veracidade. Isto não se alcança sem a capacidade argumentativa e a comunicação de exemplos produzidos.

Mas há ainda outros aspectos estéticos que permitem, por meio dos símbolos ou signos, ilustrar e colorir os esforços da ação. Nesse caso, pinturas, painéis, vídeos, faixas e, principalmente, a postura e a disposição da força. No caso dos movimentos o aprendizado de que as filas indianas nas marchas dão maior

visibilidade e beleza, fez com que este modelo se tornasse cultura política. No caso das comunidades de assentamentos, muito esforço foi empreendido para garantir a ordenação estética das casas, a implantação de pomares e jardins, bem como o cuidado com a beleza individual do homem e da mulher que na agricultura nem sempre se dá a importância devida.

11) Para que serve a arte dentro dos movimentos sociais?

Em primeiro lugar serve para humanizar e sensibilizar os envolvidos nos movimentos. A luta em si, pura e simples, embrutece quem já vem embrutecido pela exclusão. A arte é o direito reconquistado que se havia perdido pela rejeição dos sujeitos que se perderam na história do capitalismo.

O direito à emoção volta a ter evidência quando a arte atinge a sensibilidade individual. Ao envolver nas místicas sujeitos que jamais pensaram em ser artistas embora todos o fossem na própria vida, eleva a possibilidade de ter novos seres humanos, agora mais sensíveis e solidários.

12) Como o senhor analisa a relação entre produção artística e acesso aos bens culturais historicamente produzidos?

Os bens culturais históricos foram deteriorados pelo capitalismo. Para que se tenha acesso à cultura é preciso em primeiro lugar que haja fontes de propagação da cultura e, em segundo que essas fontes sejam alcançadas pelo valor de uso. Na medida em que não temos acesso as fontes da cultura é porque elas passaram a ser controladas pelo valor de troca.

O valor de troca é a exigência do pagamento ao acesso à fonte da cultura. Logo, se o sujeito social não é um sujeito com direitos acessíveis, ele é alijado da fonte de cultura, então não tem acesso à biblioteca, ao museu, ao teatro, ao cinema, ao monumento, mesmo que alguns sejam públicos, pois mesmo assim terá que ter os recursos para locomover-se.

Os “bens culturais” entendendo como tudo o que manipulamos, ingerimos, ouvimos ou usufruímos como arte, tornaram-se, no capitalismo, mercadorias. A mercadoria satisfaz necessidades vitais ou da imaginação, e, de acordo com o padrão de renda, temos acesso a umas e não a outras.

13) Os Movimentos sociais priorizam produzir seus próprios conteúdos artísticos com vieses sempre ideológicos de classe, como o senhor analisa a questão do conteúdo em detrimento a forma?

A arte precisa ser vista associada ao conceito de liberdade. A “ideologia” neste caso, vista como positiva, porque não acoberta nem esconde a realidade, é a expressão da consciência. Deveríamos pensar então na liberdade das formas e na exigência de elevado nível de conteúdo. Os movimentos buscam exatamente isto, usufruir das formas, misturando-as, mas o conteúdo é garantido por certa linha que preze pela formação da consciência.

As classificações e as censuras não fazem parte do processo de quem produz arte. A liberdade do artista consciente é atingir não apenas os olhares do público, mas as suas consciências e fazê-las, não reproduzirem ou praticarem as formas, mas a valorizarem o conteúdo, as mensagens e torná-las valores no cotidiano.

14) Desde Hegel, no século XIX, trava-se um debate sobre o fim da arte, sobre um possível desaparecimento do fenômeno estético em nossa sociedade. Como o senhor se posiciona em relação a esse debate?

Hegel também previu o “fim da história”, outros intelectuais pós-modernos prevêm o fim do trabalho, ambas as posições estão equivocadas e se juntam com o equívoco do “fim da arte”

Há coisas que se transmutam e ganham novos formatos, por isso deixam de existir tal qual existiram, mas não desaparecem; e há coisas que permanecem com validade constante como se fossem a respiração que ingere oxigênio.

Por acaso um corpo viveria sem respirar, sem comer, sem dormir? Se isto é impossível, como poderíamos viver sem beleza, sem arte, sem estética? São portanto, elementos vitais que embora a eletrônica venha substituindo e invertendo valores históricos. Mas seja pelo mercado das obras de arte cada vez mais valorizado, seja pelos vestígios estéticos colocados nas próprias mercadorias, seja nas motivações para os reparos físicos e corporais, verificamos que a estética continua sendo incorporada assim como é o conhecimento científico nos produtos e nos serviços.

Por outro lado, temos elementos espontâneos que nos mostram que a arte não é um corpo físico ou um lugar onde vamos buscá-la, mas está exposta na energia física e cada sujeito que utiliza e expressa a seu modo. Podemos citar as pichações urbanas que em determinados aspectos são avessas à beleza, mas são tomadas pela criatividade que materializa-se em protestos.

A música é outro exemplo onde o fenômeno estético se manifesta e ganha cada vez mais Expressão em qualquer estilo. De modo que, se não limitarmos a arte às poucas expressões clássicas, veremos que ela permanece viva.

15) A fruição artística é sempre ideológica. Como o senhor analisa essa proposição?

É sempre ideológica principalmente porque não há criação sem intenção. É claro que nem toda intenção tem o mesmo sentido, há aquelas expressões que visam a alienação e outras a conscientização.

16) Como você analisa a questão da política nos movimentos sociais, em especial, o MST? Essa questão fortalece ou enfraquece a estratégia de luta da Organização?

Os movimentos populares surgem para atingir determinados fins, e quem mais sabe disso é a geração que o cria. Na medida que os objetivos são alcançados é natural que o movimento se desfça. Por outro lado, há movimentos que nascem para atingirem um determinado fim e não os alcançam e, por isso, se estendem por longo tempo. O tempo nesse caso é inimigo dos objetivos iniciais e, em determinado momento, por surgirem novas contradições ou por vigência natural de substituir as velhas gerações por novas, é quase certo que esses movimentos perdem a originalidade e se transmutam, muito raramente para uma posição revolucionária, mas sim conservadora e, muitos se desviam descaracterizando-se.

Os projetos políticos possuem também suas próprias naturezas. Quando os projetos estão voltados para as mudanças estruturais, as organizações se empenham em tomar os meios para atingir os fins que deles não abrem mão, quando falsifica os fins para atingir os meios, passa a desviar-se e a não ter mais horizonte, apenas vegeta no meio plano.

O MST cumpriu com a sua função enquanto buscava através da luta pela terra, transformar a estrutura agrária e, por meio dela ir de encontro à transformação da sociedade e do socialismo. No entanto, ao somar-se ao projeto que não queria transformar a sociedade, mas apenas governá-la e foi vitorioso junto com todas as forças, esqueceu dos fins e passou a utilizar os meios como forma de sustentação. Ao perder os princípios, perdeu a causa e com as duas perdas perdeu também a força. Consequências: não pode voltar um passo atrás porque as gerações mais velhas não influem mais, e as gerações novas não têm as mesmas intenções e nem as mesmas as circunstâncias comportam esse passo; o agronegócio é o motor dinamizador do processo produtivo que suplanta as velhas práticas agrícolas. Seguir em frente também não pode mais, porque as massas novas para serem conquistadas são diminutas e, por outro lado não tem capacidade propositiva para elevar novamente o olhar ao topo da montanha de onde despencou o horizonte.

De modo que, há um patrimônio enorme de experiências e invenções nesse movimento que serviram para projetá-lo como um dos movimentos melhores do mundo, mas este patrimônio é como a riqueza de dois idosos diabéticos e hipertensos, que pouco podem comer e quase nada se locomover. Tal patrimônio, poderá ser útil se surgir uma nova força e puder utilizá-lo para qualificar-se, se demorar, perder-se-á como perderam-se os ensinamentos das Ligas Camponesas da década de 1950.

17) Desde a consolidação do MST como movimento de expressão nacional existe uma extrema relação da luta pela reforma agrária e as ações políticas partidárias, Houve alguma mudança nessa relação? Como o senhor analisa o processo histórico da questão agrária em nosso país e a estratégia de luta do MST na atualidade?

A relação com os partidos políticos por circunstâncias históricas ocorreu muito cedo, já em 1986, ou seja a, dois anos após a sua criação. O momento histórico era de luta contra a ditadura militar e a busca de aprovar as eleições diretas e a formação de uma Assembleia nacional Constituinte. E essa campanha já iniciou para a realização das eleições para deputados constituintes em 1986. Com essa preocupação, sem considerar que fosse a forma de luta principal, os movimentos por meio do PT, lançaram candidatos, tendo alguns eleitos. Terminada a constituinte, não só os eleitos teimaram em permanecer no parlamento, como também

incentivaram a outros militantes a candidatarem-se, e este fenômeno nunca mais parou.

Sendo assim, tendo a reforma agrária sido dispensada desde o governo Dilma, a estratégia do MST é eleger Lula na esperança de que ele faça alguma coisa para renovar a base com assentamentos novos. Esta opção mesmo que venha a ser vitoriosa, não desatrela mais os militantes do processo eleitoral que ganha cada vez mais importância nos níveis mais baixos onde vigoram os assentamentos, pois, serve de moeda de troca nas buscas de concessões nas alianças que fazem.

18) O senhor utiliza, constantemente, a questão da “utopia” em sua produção teórica e literária para descrever sua visão de futuro da sociedade humana? Em que constituiria tal utopia no momento atual?

A utopia nos moldes vistos por Thomas Morus é a busca de “um não lugar” para estabelecer e realizar os objetivos do presente. É uma forma de motivação para dizer que jamais alcançaremos tudo aquilo que pretendemos, mas que valerá a pena fazer pelo menos uma parte.

Posteriormente vieram os socialistas utópicos e fizeram os seus experimentos comunitários. A relação com a metafísica os levaram a particularizar as soluções quando elas deveriam prever transformar a totalidade, por isso que sobre esta proposta colocou-se o socialismo científico, que, por estar distante também é utópico e, principalmente porque não há um modelo para todos os países. O que há, são algumas leis forjadas pelo próprio capitalismo, no mais, são medidas políticas a serem decididas em cada situação.

Nesse sentido, a utopia ganha uma carga de sustentação materialista. Ser utópicos não significa ser idealistas, mas disponibilizar-se a fazer parte de algo ainda não concretizado. Algo que ainda virá a ser.

Esse assunto tem os mesmos fundamentos que a mística, vista como mistério e, portanto, com toda a possibilidade de ser uma concepção metafísica. No entanto, o conteúdo do conceito tomado pela cultura e pela filosofia, nos fizeram diferenciá-lo da forma como a igreja vê o “mistério” e as ciências políticas veem o “carisma”.

A mística e a utopia visam atingir a subjetividade individual que no passado fora ignorado. O sujeito para ser militante político deveria despir-se das emoções, dos sonhos e das imaginações. Diríamos que era o formato de ter homens sem coração. Hoje vemos que isto não é mais possível. Um sujeito que luta é um sujeito que pensa, que sente, que ama. O concreto e o abstrato agora se somam no mesmo corpo físico ele é enquanto se entende e se realiza.

19) Nossa sociedade produz incessantemente elementos autodestrutivos com riscos ambientais globais, ameaças de desintegração social em larga escala e alienação cultural em massa. Como o senhor vê tais problemas?

O capitalismo é o modo de produção que mais fez a humanidade avançar em um curto espaço de tempo. Com ele conseguimos liberar a criatividade humana e dar liberdade de invenção a qualquer indivíduo. Os avanços científicos e tecnológicos respondem a muitos anseios do passado que visavam diminuir o esforço humano e dos recursos para curar enfermidades.

Por outro lado, o capitalismo é o modo de produção incontrolável da riqueza que se constitui de três elementos: mercadoria, dinheiro e capital, ou seja, podemos ter os três ou apenas um deles em grande quantidade que seremos sujeitos ricos. Para fazer estes três elementos articularem-se e se reproduzirem é preciso criar problemas como: explorar a força de trabalho por meio da mais valia, exaurir a natureza por meio da extração de matérias primas, concentrar a renda etc., e, no pólo oposto, poluir, gerar lixo, contaminar as terras, as águas, etc.

O capitalismo assim é, porque o sistema de produção é autônomo e anárquico, cada um produz o que bem quer na quantidade que imaginar. Por outro lado, pode possuir a quantidade de bens que conseguir comprar.

Diante de todas as consequências criadas, é coerente pensar que da forma como está esse sistema não pode continuar, pois ele tornará a vida no planeta insuportável. No entanto, como se fossem engrenagens da mesma máquina os setores de produção, circulação, troca e consumo, não podem se desestruturar, pois, desestruturaria a ordem, neste caso não há reformas a serem feitas, e se, em algum setor se possa fazê-lo, não reverteria a natureza destrutiva do capitalismo.

Por outro lado, são as próprias sociedades que criam dentro de si as condições para a sua superação. É nisso que devemos pensar, em como aproveitar as leis do desenvolvimento do capitalismo para superá-lo e entramos no processo de transição para o socialismo.

Na medida que o capitalismo for superado por meio da implementação de outro modo de produção de natureza oposta, onde não há mais a necessidade de comprar e vender força de trabalho, nem tampouco haverá a necessidade de produzir sem limites basta que seja distribuído em igualdade aquilo que se produz planejadamente e sem precisar exaurir, devastar ou contaminar a natureza, o planeta poderia, com o tempo, reverter certas tendências catastróficas.

Em síntese, o capitalismo produziu riqueza em excesso, logo, a meta agora não deveria mais ser a corrida para fazer a economia crescer em 5 ou 10% ao ano, mas sim distribuir a riqueza já produzida que seria suficiente para atender a humanidade.

As tentativas de controle das tendências destrutivas do planeta por meio de medidas emergenciais ou, mesmo com algumas reformas estruturais, como por exemplo, a reciclagem do lixo, não elimina a poluição da natureza por dejetos industriais ou com agrotóxicos, nem reduz a quantidade de produção de mercadorias e o consumo de matérias primas.

Vivemos de tal modo que temos a sensação de um mundo que evolui mas no outro ponto se desmorona. É contra as duas sensações que devemos lutar para que o mundo nem evolua pelo caminho escolhido, e nem se desmorone na barbárie.